



O TREM DOS ÓRFÃOS

CHRISTINA BAKER KLINE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O TREM DOS ÓRFÃOS

O TREM DOS ÓRFÃOS

CHRISTINA BAKER KLINE

Tradução
Júlio de Andrade Filho

Copyright © 2013 Christina Baker Kline

Este livro não pode ser comercializado para outros países
de língua portuguesa além do Brasil

Título original: *Orphan Train*

Preparação: Francisco José M. Couto

Revisão: Gabriela Ghetti

Diagramação: Marcos Gubiotti

Design de capa: © Mary Schuck

Imagem de capa: © Yolande de Kort / Arcangel Images e

© Marcus Appelt / Arcangel Images

Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72t

Kline, Christina Baker

Trem dos órfãos / Christina Baker Kline; tradução Júlio de Andrade Filho. - 1. ed. -
Brasil: Planeta, 2014.

il.

Tradução de: Orphan train

ISBN 978-85-422-0354-7

1. Romance inglês. I. Andrade Filho, Júlio de. II. Título.

CDD GEE: 823

14-10624

2014

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3o andar – cj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para Christina Looper Baker,
que me entregou o fio, e
Carole Robertson Kline,
que me deu o tecido.*

“Ao se transportarem de um rio para o outro, os *wabanakis* tinham que carregar as canoas e todas as suas outras posses. Todos sabiam da importância de viajar com pouca coisa e entendiam que isso exigia deixar outras para trás. Nada sobrecarregava mais a caminhada do que o medo, que era o fardo mais difícil de abandonar.”

BUNNY MCBRIDE, *WOMEN OF THE DAWN*

Prólogo

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Nova York, 1929

Nova York, 1929

Terminal de trens, Nova York, 1929

Union Station, Chicago, 1929

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

O trem de Milwaukee, 1929

Estação Ferroviária de Milwaukee, Minneapolis, 1929

Albans, Minnesota, 1929

Albans, Minnesota, 1929

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Albans, Minnesota, 1929

Albans, Minnesota, 1929-1930

Condado de Hemingford, Minnesota, 1930

Condado de Hemingford, Minnesota, 1930

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Condado de Hemingford, Minnesota, 1930

Condado de Hemingford, Minnesota, 1930

Condado de Hemingford, Minnesota, 1930

Hemingford, Minnesota, 1930

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Hemingford, Minnesota, 1930

Hemingford, Minnesota, 1930

Hemingford, Minnesota, 1930

Hemingford, Minnesota, 1935-1939

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Minneapolis, Minnesota, 1939

Minneapolis, Minnesota, 1939

Hemingford, Minnesota, 1940-1943

Hemingford, Minnesota, 1943

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Spruce Harbor, Maine, 2011

Agradecimentos

Christina Baker Kline conversa com Roxana Robinson
Uma breve história real do Trem dos Órfãos

Acredito em fantasmas. São eles que nos assombram, aqueles que nos deixaram para trás. Em muitas ocasiões na vida eu os senti ao meu redor, observando, testemunhando, quando ninguém no mundo dos vivos sabia ou se importava com o que estava acontecendo.

Tenho noventa e um anos de idade, e quase todo mundo que já fez parte de minha vida agora é um fantasma.

Algumas vezes esses espíritos têm sido mais reais para mim do que as pessoas vivas, mais reais do que Deus. Eles preenchem o silêncio com seu peso, denso e quente, como a massa de pão crescendo sob uma toalha. Minha avó, com os olhos bondosos e a pele empoada de talco. Meu pai, sóbrio, rindo. Minha mãe, cantando uma música. A amargura, o álcool e a depressão são removidos para longe dessas encarnações fantasmas, e elas me consolam e me protegem na morte como nunca o fizeram em vida.

Cheguei a pensar que é assim que deve ser o céu, um lugar em memória dos outros onde vivem os melhores de nós.

Talvez eu seja sortuda... Porque aos nove anos de idade me deram os fantasmas do melhor de meus pais, e aos vinte e três anos, o fantasma do melhor de meu verdadeiro amor. E minha irmã, Maisie, sempre presente, um anjo no meu ombro. Dezoito meses e eu nove anos, treze anos e eu vinte. Agora ela tem oitenta e quatro e eu noventa e um, e ainda está comigo.

Não eram substitutos dos vivos, talvez, mas não me deram escolha. Eu poderia me consolar com sua presença ou então me prostrar, lamentando o que tinha perdido.

Os fantasmas me sussurraram, dizendo-me para ir em frente.

Através da parede de seu quarto, Molly pode ouvir seus pais adotivos falando sobre ela na sala de estar, um pouco além de sua porta.

— Não foi para isso que nós nos inscrevemos — diz Dina. — Se eu soubesse que ela teria tantos problemas, nunca teria concordado.

— Eu sei, eu sei. — A voz de Ralph está cansada.

Foi ele, Molly sabe, quem quis ser pai adotivo. Há muito tempo, em sua juventude, quando ele era um “adolescente problemático”, como disse a ela com franqueza, um assistente social em sua escola o havia inscrito para o programa “Irmão mais Velho”, e ele sempre sentira que seu irmão mais velho, seu mentor, como o chamava, o mantinha no caminho certo. Mas Dina suspeitava de Molly desde o início. E não ajudava nem um pouco que, antes de Molly, o casal tivesse tido um menino que tentara colocar fogo na escola primária.

— Já tenho estresse suficiente no trabalho — continua Dina, aumentando o tom da voz. — Não preciso chegar em casa e ainda encontrar essa merda.

Dina trabalha como operadora de chamadas de emergência na delegacia de Spruce Harbor, e pelo que Molly podia ver, não havia tanto estresse assim, apenas alguns motoristas bêbados, aquele olho roxo ocasional, pequenos furtos, acidentes. Se alguém quisesse checar todo o pessoal atendente em qualquer delegacia do mundo, Spruce Harbor é provavelmente o lugar menos estressante que se possa imaginar. Mas Dina é tensa por natureza, as menores coisas são grandes problemas para ela. É como se ela assumisse que todas as coisas fossem dar certo, e quando isso não acontece, o que evidentemente é muito frequente, ela fica surpresa e angustiada.

Molly é o oposto. Já lhe aconteceram tantas coisas ruins em seus dezessete anos, que ela sempre espera por isso. E quando algo dá certo, ela mal sabe o que pensar.

Foi exatamente isso que aconteceu com Jack. Quando Molly foi transferida para a Mount Desert Island High School, no primeiro ano, a maioria dos outros alunos parecia sair de seu caminho para evitá-la. Eles tinham seus amigos, suas turmas, e ela não se encaixava em nenhum desses grupos. Era verdade que Molly não facilitava as coisas; sabia, por experiência própria, que era melhor ser estranha e durona do que patética e vulnerável, e usava essa persona gótica como se fosse uma armadura. Jack era o único que havia tentado rompê-la.

Foi em meados de outubro, na aula de estudos sociais. Quando chegou a hora de formar grupo para um projeto, Molly, como de costume, bancou a esquisita e ficou de fora. Jack pediu a ela para se juntar a ele e seu parceiro, Jody, ficou claramente desanimado com a ideia. Durante todos os cinquenta minutos de aula, Molly ficou como uma gata acuada. Por que ele estava sendo tão legal? O que ele queria dela? Era um daqueles caras que se divertiam brincando com a menina estranha? Seja qual fosse o motivo dele, ela não iria concordar com isso. Ficou para trás, com os braços cruzados, encostada na cadeira, ombros curvados, o escuro cabelo duro caindo nos olhos. Encolheu os ombros e resmungou quando Jack lhe fez perguntas, mas acompanhou bem o suficiente e fez a sua parte do trabalho.

— Essa menina é estranha pra cacete — Molly ouviu Jody murmurar, enquanto eles saíam da sala de aula após o sinal tocar. — Ela me assusta.

Quando Molly se virou e olhou nos olhos de Jack, ele a surpreendeu com um sorriso.

— Pois eu a acho incrível — disse ele, sustentando o olhar de Molly.

Pela primeira vez, desde que havia chegado àquela escola, ela não se conteve e sorriu de volta.

Ao longo dos meses seguintes, Molly ficou sabendo de pedaços da história de Jack. Seu pai era um trabalhador migrante dominicano que conhecera sua mãe colhendo mirtilos em Cherryfield, engravidou-a, mudou-se de novo para a República Dominicana, para se juntar com uma garota local, e nunca mais olhou para trás. Sua mãe, que nunca se casou, trabalha para uma senhora rica e idosa em uma mansão de frente para o mar. Por todas as definições conhecidas, Jack deveria estar à margem da sociedade também, mas não está. Ele tem algumas coisas importantes a seu favor: movimentação viva no campo de futebol, um sorriso deslumbrante, olhos grandes e cílios absurdos. E mesmo que ele se recuse a se levar a sério, Molly pode dizer que ele é muito mais esperto e inteligente do que admite ser, provavelmente ainda mais inteligente do que pensa.

Molly não poderia se importar menos com as proezas de Jack no campo de futebol, mas a inteligência ela respeita. (Os olhos grandes são um bônus.) Sua própria curiosidade é a única coisa que a impede de sair dos trilhos. Ser gótica afasta qualquer expectativa de ser tradicional, então Molly descobre que é livre para ser estranha de muitas maneiras de uma vez. Lê o tempo todo, nos corredores, no refeitório — em sua maioria romances com protagonistas angustiados: *As virgens suicidas*, *O apanhador no campo de centeio*, *A redoma de vidro*. E copia palavras num caderno, criando um vocabulário, porque gosta do jeito como elas soam: prostituta. Pusilânime. Talismã. Viúva. Enervante. Bajulador ...

Como recém-chegada, Molly gostava da distância que sua persona havia criado, da cautela e da desconfiança que via nos olhos de seus colegas de escola. Mas, embora relute em admitir isso, ultimamente essa persona começou a parecer restritiva. Primeiro, levava séculos para arrumar direito a sua figura, e aquele ritual que antigamente era carregado de significado — tingir o cabelo de um negro acentuado com mechas roxas ou brancas, passar rímel nos olhos, aplicar no rosto pó de vários tons abaixo da cor de sua pele, ajustando e prendendo várias peças de roupa desconfortáveis — agora a deixa impaciente. Ela se sente como um palhaço de circo que acorda em uma manhã e não quer mais colar o nariz de borracha vermelha. A maioria das pessoas não tem que despendar tanto esforço para permanecer no personagem. Então, por que ela deveria? Ela fantasia que, no próximo lugar a que for, porque sempre há um lugar seguinte, outro lar adotivo, uma nova escola, enfim... vai recomçar com uma nova aparência, mais fácil de manter. *Grunge?* *Sensual?*

A probabilidade de que isso aconteça mais cedo do que tarde se torna mais intensa a cada minuto. Dina quis se livrar de Molly durante um tempo, e agora tem uma desculpa válida. Ralph apostou sua credibilidade no comportamento de Molly; trabalhou duro para convencer Dina de que havia uma doce garota se escondendo sob aquele cabelo e aquela maquiagem agressiva. Bem, a credibilidade de Ralph agora vai pela janela.

Molly se agacha no chão do quarto e levanta a borda da colcha. Puxa duas mochilas coloridas que Ralph comprou para ela durante uma liquidação em um *outlet* (a vermelha, com um monograma que diz “Braden”, e a outra, no estilo havaiano com flores laranja e o nome “Ashley” estampado, e que tinham encalhado nas lojas por causa do estilo, das cores ou apenas pela cafonice dos nomes gravados em branco, Molly não sabe). Enquanto abre a primeira gaveta da cômoda, um som de pulsar sob o edredom se transforma em uma versão metálica de “Impacto”, de Daddy Yankee. “Assim você vai saber que sou eu e vai atender a porra do celular”, disse Jack quando comprou para ela o toque do telefone.

— *Hola, mi amigo* — diz ela, quando finalmente encontra o celular.

— E aí, *chica*?

— Ah, sei lá, Dina não está muito contente agora.

— Ah, é?

— É. Bem mal, na verdade.

— Quanto?

— Bem, acho que vou ter que cair fora daqui.

Ela sente a respiração presa na garganta. E isso a deixa surpresa, tendo em vista o número de vezes que viveu uma versão desse problema.

— Não, acho que não — responde Jack.

— É sim — diz ela, pegando uma pilha de meias e calcinhas e despejando tudo na mochila Braden. — Posso ouvir os dois lá fora falando sobre isso.

— Mas você tem que cumprir aquelas horas de serviço comunitário.

— Isso não vai acontecer — Ela pega o colar, emaranhado em uma pilha em cima da cômoda, e esfrega a corrente de ouro entre os dedos, tentando afrouxar o nó. — Dina diz que ninguém vai me aceitar. Que não sou digna de confiança — O emaranhado se solta sob o polegar, e ela puxa as fileiras, para se separarem. — Tudo bem. Ouvi dizer que o reformatório não é tão ruim. E também, são só alguns meses, de qualquer maneira.

— Mas você não roubou o livro.

Prendendo o telefone debaixo do ouvido, ela coloca o colar, se atrapalhando com o fecho, e se olha no espelho acima da cômoda. A maquiagem preta está manchada debaixo dos olhos, como um jogador de futebol americano.

— Certo, Molly?

Na verdade, ela o roubou. Ou tentou, pelo menos. É seu romance favorito, *Jane Eyre*, e ela queria ter esse livro, queria tê-lo para si. A livraria Sherman em Bar Harbor não o tinha em estoque, e ela era muito tímida para pedir ao funcionário que o encomendasse. Dina não daria a ela o número do cartão de crédito para comprá-lo *online*. Ela nunca quis nada tanto assim. (Bem... pelo menos até aquele momento). Então, lá estava ela, na biblioteca, de joelhos no corredor estreito de ficção, com três exemplares do romance, dois livros de bolso e um de capa dura, na prateleira à sua frente. Ela já tinha pegado emprestado aquele de capa dura duas vezes, ido até a recepção e assinado seu cartão da biblioteca. Molly puxou os três volumes da prateleira e pesou-os nas mãos. Colocou de volta o de capa dura, deslizando-o ao lado de *O código Da Vinci*. O de bolso também, mais recente, ela devolveu para a prateleira.

O exemplar que ela enfiou sob o cós da calça jeans era velho e cheio de orelhas, com as páginas amareladas e passagens sublinhadas a lápis. A encadernação barata, com a cola seca, estava começando a se separar das páginas. Se eles tivessem colocado esse exemplar na venda anual da biblioteca, teriam vendido por no máximo dez *cents*. Molly pensou, então, que ninguém perceberia. Havia dois exemplares disponíveis, e mais novos. Mas a biblioteca tinha instalado recentemente nos livros faixas magnéticas antifurto, e quatro voluntárias de certa idade, que se dedicavam apaixonadamente a todas as coisas relacionadas à biblioteca de Spruce Harbor, haviam passado diversas semanas instalando as tiras nas capas internas de todos os onze mil livros da casa.

Então, quando Molly deixou o prédio naquele dia, passando pelo que ela nem percebeu que era uma porta de detecção de roubos, um *bip* alto e insistente fez a cabeça da bibliotecária, Susan LeBlanc, mergulhar sobre ela como um pombo-correio.

Molly confessou imediatamente, ou melhor, tentou dizer que pretendia assinar aquele livro para levar. Mas Susan LeBlanc não estava acreditando nisso.

— Pelo amor de Deus, não me insulte com essa mentira — disse ela. — Estive

observando você. Achei mesmo que estivesse tramando algo.

E pena que suas suposições se provaram corretas! Ela teria gostado de ser surpreendida de uma forma melhor, pelo menos dessa vez.

— Ah, que merda. Sério? — suspirou Jack.

Olhando-se no espelho, Molly corre os dedos pelo colar da sorte enrolado em seu pescoço. Não o usa muitas vezes, mas sempre que alguma coisa acontece e ela percebe que terá que se mudar de novo, coloca-o. Comprou o colar em uma loja de descontos, a Marden, em Ellsworth, e o enfeitou com seus três talismãs: o peixe esmaltado azul e verde, um corvo de estanho e um pequeno urso marrom que seu pai lhe deu em seu oitavo aniversário. O pai morreu quando o carro capotou, algumas semanas depois, enquanto percorria em alta velocidade a autoestrada interestadual I-95 em uma noite gelada. Depois disso, sua mãe, de vinte e três anos, começou uma espiral descendente da qual nunca se recuperou. Em seu aniversário seguinte, Molly já estava morando com uma nova família, e sua mãe estava na cadeia. Aqueles talismãs eram tudo o que restara do que ela fora em sua outra vida.

Jack é um cara legal. Mas Molly já esperava por isso. Com o tempo, assim como todos os outros – os assistentes sociais, os professores, os pais adotivos –, ele também ficará farto dela, se sentirá traído e perceberá que Molly dá mais trabalho do que vale. Por mais que ela queira se importar com ele, e tenha deixado que ele acreditasse nisso, nunca se permitiu. Não que ela esteja fingindo, exatamente, mas uma parte dela está sempre se segurando. Aprendeu que pode controlar suas emoções ao pensar que sua cavidade torácica é uma enorme caixa com um cadeado. Abre a caixa e joga lá dentro todos os sentimentos incontroláveis que ficam vagando por aí, joga lá qualquer tristeza ou arrependimento rebelde, e depois é só fechar e trancar.

Ralph também tentou ver bondade nela. É predisposto a isso; vê a bondade mesmo quando ela não está lá. E, embora parte dela lhe agradeça pela fé que ele tem nela, Molly não confia plenamente. É quase melhor com Dina, que não tenta esconder suas suspeitas. É mais fácil assumir que as pessoas têm você como suspeita do que ficar desapontada quando elas não ficam ao seu lado.

— *Jane Eyre*? — diz Jack.

— O que é que isso importa?

— Eu teria comprado para você.

— Sim, bem...

Mesmo depois de se meter em problemas como esse e provavelmente ser mandada embora, ela sabe que nunca teria pedido a Jack para comprar o livro. Se há uma coisa que ela odeia mais do que estar no sistema de assistência social é essa dependência de pessoas que você mal conhece, a sua vulnerabilidade aos caprichos delas. Ela aprendeu a não esperar nada de ninguém. Seus aniversários são muitas vezes esquecidos, ela nunca é lembrada nas festas de fim de ano. Molly tem que se contentar com o que recebe, e o que recebe raramente é o que pediu.

— Você é teimosa pra cacete! — diz Jack, como se adivinhasse seus pensamentos. — Veja o problema em que se meteu por causa disso.

Uma batida forte na porta de Molly. Ela segura o telefone contra o peito e observa a maçaneta virar. Essa é outra coisa — não há tranca nem privacidade.

Dina enfia a cabeça dentro do quarto, a boca com batom rosa em uma linha fina.

— Temos que conversar.

— Tudo bem, só vou desligar o telefone.

— Com quem está falando?

Molly hesita. Ela tem mesmo que responder? Ora, que merda.

— Jack.

Dina faz uma careta.

— Apresse-se. Não temos a noite toda.

— Estou indo — Molly espera, olhando fixamente para Dina até sua cabeça desaparecer na moldura da porta, e coloca o fone de volta na orelha. — Hora do pelotão de fuzilamento.

— Não, não, ouça — diz Jack. — Tenho uma ideia. É um pouco... louca.

— O quê? — diz ela, com tristeza. — Preciso ir.

— Conversei com minha mãe...

— Jack, você está falando sério? Você contou pra ela? Ela já me odeia.

— Ah, me ouça primeiro. Em primeiro lugar, ela não odeia você. Em segundo, ela falou com a senhora de onde trabalha, e parece que talvez você possa fazer seu serviço comunitário lá.

— O quê?

— É isso aí.

— Mas como?

— Bem, você sabe que a minha mãe é a pior faxineira do mundo.

Molly adora o jeito como ele fala isso, direto, sem julgamentos, como se estivesse relatando que sua mãe é canhota.

— Então essa senhora quer limpar seu sótão, papéis e caixas velhas, essa merda toda, que é o pior pesadelo de minha mãe. E eu vim com a ideia de você fazer isso. Aposto como você mataria facilmente as suas cinquenta horas lá.

— Espere um minuto, você quer que eu limpe o sótão de uma velha?

— Isso aí. Tudo a ver com você, não acha? Vamos lá, sei como você é meticulosa. Não tente negar. Tem todas as suas coisas alinhadas na prateleira. Todos os seus papéis em arquivos. E os livros, não estão em ordem alfabética?

— Você notou isso?

— Eu a conheço melhor do que você pensa.

Molly tem que admitir, por mais peculiar que isso seja, que gosta de colocar as coisas em ordem. Ela é meio que uma pura aberração. Tendo mudado de lugar e de casa tantas vezes como fez, aprendeu a cuidar de suas poucas posses. Mas não tem muita certeza dessa ideia. Presa sozinha em um sótão bolorento dia após dia, arrumando o lixo de uma velha?

Ainda assim, considerando-se a alternativa...

— Ela quer conhecer você — diz Jack.

— Quem?

— Vivian Daly. A tal senhora. Ela quer que você venha para uma...

— Uma entrevista. Tenho que fazer uma entrevista com ela, é isso que você está dizendo.

— Sim, mas isso é parte do acordo — diz ele. — Está pronta para isso?

— Será que tenho escolha?

— Claro. Você pode ir para a cadeia.

— Molly! — Dina late, batendo na porta. — Venha pra cá, agora!

— Estou indo — grita Molly, e depois, para Jack. — Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Vou fazer isso. Vou conhecê-la e fazer a entrevista com ela.

— Ótimo — diz ele. — Ah, sei lá, acho que você podia vestir uma saia ou algo assim, sabe... E talvez tirar alguns brincos?

— E a argola no nariz?

— Eu adoro, mas... — responde ele.

— Entendi.

— Só para esse primeiro encontro.

— Está tudo bem. Ouça... obrigada.

— Não me agradeça por ser egoísta — diz ele. — Só quero você aqui por mais um tempo.

Quando Molly abre a porta do quarto e dá com os rostos tensos e apreensivos de Dina e Ralph, sorri:

— Vocês não precisam se preocupar. Arrumei um jeito de cumprir as minhas horas. — Dina lança um olhar a Ralph, uma expressão que Molly reconhece de anos de leituras dos rostos de pais adotivos. — Mas vou entender se quiserem que eu vá embora. E vou encontrar alguma coisa.

— Não queremos que você vá embora — diz Ralph, ao mesmo tempo que Dina diz:

— Precisamos conversar sobre isso. — Eles olham um para o outro.

— Tudo bem — diz Molly. — Se não der certo, tudo bem.

E nesse momento, com o ar de bravata emprestado de Jack, está tudo bem. Se não der certo, não deu. Molly aprendeu há muito tempo que boa parte do desgosto e da traição que outras pessoas temem a vida inteira ela já enfrentou. Pai morto. Mãe no fundo do poço. Jogada de um lado para outro e rejeitada diversas vezes. E, ainda assim, respira e dorme, e fica mais alta. Acorda todas as manhãs e se veste. Então, quando diz que está tudo bem, o que quer dizer é que sabe que pode sobreviver a praticamente qualquer coisa. E agora, pela primeira vez desde que consegue se lembrar, existe alguém cuidando dela. (Qual é o problema desse cara, afinal?)

Molly respira fundo. A casa é maior do que ela imaginava – uma construção branca e monolítica em estilo vitoriano com arabescos e venezianas pretas. Espiando com cuidado, ela pode ver que a casa está meticulosamente bem-cuidada, sem nenhum traço de pintura descascada ou de madeiras podres, o que significa que deve ter sido pintada recentemente. Sem dúvida a dona da casa, a tal senhora idosa, emprega pessoas que trabalham nela constantemente, o exército de abelhas operárias de uma rainha.

É uma manhã quente de abril. O chão está esponjoso por causa da neve derretida e da chuva, mas hoje é um daqueles dias raros, quase amenos, que dão uma pista do glorioso verão mais à frente. O céu esta luminosamente azul, com grandes nuvens lanosas. Tufos de açafrão parecem ter brotado por toda parte.

— Tudo bem — disse Jack —, o negócio é o seguinte. Ela é uma senhora simpática, mas um pouco tonta. Daquele tipo que não é exatamente um barril de risadas. — Jack estaciona o carro e segura levemente o ombro de Molly. — Apenas acene e sorria, e você estará bem.

— Quantos anos ela tem mesmo? — murmura Molly, irritada consigo mesma por se sentir assim nervosa. Quem se importa? É apenas uma daquelas velhotas de antigamente e que precisa se livrar de suas tralhas tão velhas quanto ela. Molly só espera que não seja nada nojento e fedorento, como nas casas daquela gente que guarda de tudo que se vê na TV de vez em quando.

— Não sei, só sei que é velha. Falando nisso, você está bonita — acrescenta Jack.

Molly franze a testa. Ela está vestindo uma blusa rosa Land End que Dina lhe emprestou para a ocasião.

— Eu quase não a reconheci — disse Dina secamente, quando Molly saiu de seu quarto usando a blusa. — Você parece tão... feminina.

Atendendo ao pedido de Jack, Molly tirou a argola do nariz e deixou apenas dois *piercings*, um em cada orelha. Ela passou mais tempo do que o habitual em sua maquiagem, misturando a base para um tom mais natural do que o fantasmagórico, e pegou mais leve no rímel. Até comprou um batom rosa na farmácia com um nome que a faz rir. Tirou seus muitos anéis e está usando o colar que seu pai lhe deu, em vez daquela robusta coleção de crucifixos e crânios de prata. Seu cabelo ainda está preto, com uma faixa branca em ambos os lados do rosto, e as unhas também estão pintadas de preto, mas é claro que ela fez um esforço para se parecer, como Dina observou, “o mais possível com um ser humano normal”.

Depois da última tentativa de Jack, Dina concordou em dar à Molly outra chance, embora a contragosto.

— Limpar o sótão da casa de uma senhora de idade? — bufou ela. — Sei... Dou uma semana para se encher disso...

Molly não esperava um grande voto de confiança da parte de Dina, mas ela própria tinha algumas dúvidas. Quer dizer, vai mesmo dedicar cinquenta horas de sua vida a uma viúva extravagante, enfiar-se em um sótão abafado, fuçando em caixas cheias de traças e ácaros e quem sabe o que mais? No reformatório, estaria gastando o mesmo tempo em terapia de grupo (sempre interessante) e assistindo a *The View* (bastante interessante). Haveria outras meninas com quem ficar. Do jeito como as coisas estão, terá Dina em casa e, fora, essa velhota observando cada movimento seu.

Molly espiou o relógio. Cinco minutos mais cedo que a hora marcada, graças a Jack, que

a empurrou porta afora.

— Lembre-se, contato visual — diz ele. — E não se esqueça de sorrir.

— Você é uma mãe.

— Sabe qual é seu problema?

— Que o meu namorado está agindo como uma mãe?

— Não. Seu problema é que você não percebe que você está em risco aqui.

— Risco? Risco de quê? — Ela olha em volta, balançando a bunda no banco.

— Ouça. — Ele esfrega o queixo. — Minha mãe não contou a Vivian sobre o reformatório e todas essas coisas. Até onde ela sabe, você está fazendo um serviço comunitário para um projeto da escola.

— Então ela não sabe do meu passado criminoso? Otária.

— *Ay diablo* — diz ele, abrindo a porta e saindo.

— Você vem comigo?

Ele bate a porta e, em seguida, caminha ao redor da parte de trás do carro para o lado do passageiro e abre a outra porta.

— Não, mas acompanho você até a entrada da casa.

— Cara, que cavalheiro. — E desliza para fora do carro. — Ou será que não confia em mim e acha que vou fugir?

— Na verdade, as duas coisas — diz ele.

EM PÉ DIANTE DA ENORME PORTA DE MADEIRA COM SUA DESPROPORCIONAL argola de bronze, Molly hesita. E se vira para olhar para Jack, que já está de novo no carro, com os fones nos ouvidos, folheando o que ela sabe ser um livro, cheio de marcas de manuseio, de histórias de Junot Díaz que ele guarda no porta-luvas. Ela se empina, ombros firmes, coloca o cabelo atrás das orelhas, mexe na gola da blusa (Quando foi a última vez que ela usou uma blusa com gola, ou algo assim? Talvez aquela coleira de cachorro...) e bate na porta com a argola. Não há resposta. Ela bate de novo, um pouco mais alto. Só agora percebe uma campainha à esquerda da porta e a pressiona. O som de sinos percorre a casa em alto volume, e em poucos segundos ela pode ver a mãe de Jack, Terry, voando em sua direção com uma expressão preocupada. É sempre impressionante ver os grandes olhos castanhos de Jack no rosto amplo e suave da mãe.

Embora Jack tenha assegurado que sua mãe havia sido receptiva – “Esse projeto de limpar o sótão já está pendurado há tanto tempo, você nem faz ideia” –, Molly reconhece que a realidade é bem mais complicada. Terry adora seu único filho e faria qualquer coisa para deixá-lo feliz. E, por mais que Jack queira acreditar que a mãe concorda com esse plano, Molly sabe que isso a está angustiando por dentro.

Quando Terry abre a porta, ela olha Molly dos pés à cabeça:

— Bem, você deu uma bela repaginada no visual...

— Obrigada... — murmura Molly. Ela não sabe dizer se a roupa que Terry está vestindo é um uniforme ou se é apenas sem graça: calça preta, sapatos pretos desajeitados e com sola de borracha, uma camiseta bem matronal cor de pêssego.

Molly a segue por um longo corredor forrado com pinturas a óleo e gravuras em molduras douradas, e seus passos são silenciados pela passadeira sob seus pés. No final do corredor há uma porta fechada.

Terry inclina o ouvido contra ela por um momento e bate suavemente.

— Vivian? — Abre uma fresta da porta. — A menina está aqui. Molly Ayer. Sim, certo.

Ela abre a porta que dá para uma grande sala de estar ensolarada, com vista para o mar, cheia de estantes do chão ao teto e mobiliário antigo. Uma velha senhora, vestindo um suéter de caxemira preto e decote careca, está sentada ao lado da janela da sacada em uma poltrona vermelha desbotada, com as mãos de muitas veias dobradas no colo, e um cobertor de lã estendido sobre os joelhos.

Quando as duas estão de pé em frente a ela, Terry diz:

— Molly, esta é a sra. Daly.

— Olá — diz Molly, estendendo a mão, como seu pai a ensinou a fazer.

— Olá. — A mão da senhora, quando Molly a segura, é seca e fria.

Ela parece uma mulher de espírito alegre e informal, tem um nariz fino e olhos penetrantes cor de avelã, tão brilhantes e afiados como os de um pássaro. Sua pele é fina, quase translúcida, e o cabelo ondulado cor de prata está recolhido na nuca em um coque. Sardas claras — ou serão manchas de pele da idade? — se espalham pelo rosto. Um verdadeiro mapa topográfico de veias corre por suas mãos e pulsos, e ela tem dezenas de pequenas rugas ao redor dos olhos. Ela se assemelha, aos olhos de Molly, às freiras da escola católica que ela frequentou brevemente em Augusta (uma parada rápida com uma família adotiva com quem mal se adaptou) e que lhe pareciam antigas em alguns aspectos e fantasticamente jovens em outros. Como as freiras, essa mulher tem um ar um pouco arrogante, como se fosse alguém acostumada a ter as coisas sempre do seu jeito. E por que não seria? Pensa Molly. Ela *está* acostumada a ter as coisas do seu jeito...

— Tudo bem, então. Estarei na cozinha se precisar de mim — diz Terry, e desaparece por outra porta.

A velha inclina-se para Molly, com uma ligeira carranca no rosto.

— Como diabos você consegue esse efeito? A faixa de gambá — diz ela, erguendo a mão e esfregando sua própria testa.

— Hum... Eu — Molly fica surpresa, nunca ninguém lhe havia perguntado isso antes. — É uma combinação de descoloração e corante.

— Como foi que aprendeu a fazer isso?

— Eu vi um vídeo no YouTube.

— YouTube?

— Na internet.

— Ah. — Ela levanta o queixo. — O computador. Estou velha demais para seguir tais modismos.

— Não acho que se possa chamar isso de moda passageira, já que ele mudou a maneira como vivemos — diz Molly, e então sorri contrita, consciente de que já está se colocando em um desentendimento com sua potencial patroa.

— Não a maneira como *eu* vivo — diz a velha. — Deve ser muito demorado...

— O quê?

— Fazer isso com o seu cabelo.

— Ah. Nem tanto assim. Já faço isso há algum tempo.

— Qual é a sua cor natural, se não se importa que eu pergunte?

— Não me importo — diz Molly. — É castanho-escuro.

— Bem, meu cabelo natural é ruivo. — Molly leva um momento para perceber que ela está fazendo uma piada com o fato de estar grisalha.

— Gosto do que você fez com ele — continua a senhora. — Combina com você.

A senhora assente com a cabeça e se acomoda melhor na cadeira. Parece aprovar. E

Molly sente parte da tensão sair de seus ombros.

— Desculpe minha grosseria, mas na minha idade não há nenhum sentido em ficar fazendo rodeios. Você é uma daquelas... Como eles chamam mesmo? Góticas?

Molly não pode deixar de sorrir.

— Mais ou menos.

— Você pegou emprestada essa blusa, suponho.

— Hã...

— Não precisava ter se incomodado em fazer isso. Ela não combina com você. — Dizendo isso, indica a Molly que se sente em frente a ela. — Você pode me chamar de Vivian. Nunca gostei de ser chamada de sra. Daly. Meu marido não está mais vivo, você sabe.

— Sinto muito.

— Ah, não é preciso... Ele morreu há oito anos. De qualquer forma, estou com noventa e um anos. Não são muitas as pessoas que conheci e ainda estão vivas.

Molly não tem muita certeza de como responder, não seria educado dizer às pessoas que não parecem ter a idade que têm? Ela nunca teria adivinhado que a mulher tem noventa e um anos, mas na verdade não tem muita base de comparação. O pai morreu jovem, os pais de sua mãe nunca tinham se casado e por isso ela nunca conheceu a avó. O único avô de quem Molly se lembra, o pai de sua mãe, morreu de câncer quando ela tinha três anos.

— Terry me disse que você está morando com uma família adotiva — continua Vivian. — Você é órfã?

— Minha mãe está viva, mas, sim, eu me considero órfã.

— Tecnicamente você não é, apesar de tudo.

— Acho que, se você não tem pais que cuidem de você, então pode se chamar do que quiser.

Vivian fica olhando para ela por um longo tempo, como se considerando essa ideia.

— Muito justo — diz ela. — Conte-me sobre você, então.

Molly viveu no Maine toda a sua vida. Nunca cruzou as fronteiras do estado. Lembra-se de partes de sua infância na Indian Island antes de entrar no orfanato: o *trailer* cinza onde vivia com os pais, o centro comunitário, com as picapes estacionadas por todos os lados, o Sockalexis Bingo Palace e a Igreja de St. Anne. Ela se lembra de uma boneca feita de espiga de milho, com cabelo preto e um traje tradicional dos índios, que ela mantinha em uma prateleira em seu quarto, embora preferisse as Barbies doadas por instituições de caridade e distribuídas no centro comunitário, no Natal. Claro que as doações não eram das mais populares, como a Barbie Rainha da Beleza ou Cinderela, e sim sempre aquelas esquisitices que os caçadores de descontos encontravam nas liquidações: Hot Rod Barbie, Barbie da Selva. Não importava. Por mais peculiares que fossem os trajes, seus traços eram aqueles de sempre, o que dava a ela segurança do que encontrar: os pés estranhamente pontudos, os seios enormes e a barriga achatada, o nariz bem fino e o cabelo de plástico brilhante...

Mas não é isso que Vivian quer ouvir. Por onde começar? O que revelar? Esse é o problema. Não é uma história feliz, e Molly aprendeu com a experiência que as pessoas ou desistem ou não acreditam nela, ou, pior, sentem pena dela. Então, aprendeu a contar uma versão resumida.

— Bem — responde Molly. — Sou índia *penobscot* por lado de pai. Quando eu era criança, vivíamos em uma reserva perto de Old Town.

— Ah. Por isso, o cabelo preto e a maquiagem tribal.

Molly se assusta. Nunca tinha pensado nessa conexão, seria verdade?

Em algum momento da oitava série, durante um ano particularmente difícil, com pais adotivos irritados e nervosos; irmãos adotivos ciumentos; um bando de meninas perversas na escola, ela pegou uma caixa de tinta para cabelo e delineador ébano e se transformou dentro do banheiro da casa onde vivia. Um amigo que trabalhava no shopping center fez os *piercings* nela no fim de semana seguinte: uma série de furos em cada orelha, até a cartilagem, a argola no nariz e uma argola na sobrancelha (embora esse último furo não tenha durado muito tempo; logo ficou infeccionado, e o *piercing* teve que ser extraído, deixando uma cicatriz que ficou parecendo um pedaço de teia de aranha). Os *piercings* foram a gota d'água que a fizeram ser expulsa daquela casa. Missão cumprida.

Molly continua sua história, contando como o pai morreu e que mãe não pôde cuidar dela, e assim acabou com Ralph e Dina.

— Então, Terry me disse que lhe atribuíram um tipo de serviço comunitário. E veio com a brilhante ideia de que você poderia me ajudar a limpar meu sótão — diz Vivian. — Parece ser um mau negócio para você, mas quem sou para dizer?

— Sou meio louca por arrumação, acredite ou não. E gosto de organizar as coisas.

— Então, você é ainda mais estranha do que parece. — Vivian se recosta na cadeira e apoia as mãos no colo. — Vou lhe contar uma coisa. Por sua definição, eu também era órfã, e quase exatamente com a sua idade. Portanto, temos isso em comum.

Molly não sabe o que dizer. Será que Vivian quer que ela lhe pergunte sobre isso, ou está apenas comentando e mais nada? Difícil dizer.

— Seus pais, eles... — Molly se aventura a perguntar —, eles não procuraram por você?

— Tentaram. Houve um incêndio... — Vivian dá de ombros. — Foi tudo há tanto tempo que mal me lembro... E então, quando quer começar?

Maisie sentiu primeiro. Ela não conseguia parar de chorar. Desde que tinha um mês de idade e mamãe ficou doente, Maisie dormia comigo na minha cama estreita, naquele pequeno quarto sem janelas que compartilhávamos com os nossos irmãos. Estava tão escuro que eu me perguntava, como tinha feito muitas vezes antes, se era isso a cegueira – esse vazio envolvente. Eu mal podia perceber, ou talvez apenas intuisse, as formas dos meninos que se reviravam na cama, mas ainda não tinham despertado. Eram Dominick e James, gêmeos de seis anos de idade, os dois aninhados juntos para se aquecer em um colchão no chão.

Sentada na cama com as costas contra a parede, segurei Maisie do jeito que mamãe tinha mostrado para mim, apoiada sobre meu ombro. Tentei de tudo que me veio à mente para confortá-la, todas as coisas que tinham funcionado antes: passar a mão em suas costas, correr os dois dedos para baixo até a ponta do seu nariz, cantarolar a canção favorita de nosso pai, “*My singing bird*”, suavemente em seu ouvido: “*I have heard the blackbird pipe his note, the thrush and the linnet too / But there’s none of them can sing so sweet, my singing bird, as you*”. Mas ela apenas gritou mais alto ainda, e seu corpo se convulsionava em espasmos.

Maisie estava com um ano e meio, mas seu peso era o de uma boneca de pano. Poucas semanas depois que ela nasceu, mamãe ficou doente e com febre, e já não podia mais alimentá-la, então nós preparávamos água morna açucarada em fogo brando com aveia e leite, este apenas quando podíamos comprar. Todos nós estávamos magros. A comida era escassa; dias e dias se passavam e tínhamos apenas um caldo fraco, aguado de batatas duras. mamãe não era de cozinhar, mesmo em seus melhores dias de saúde, e em certos momentos nem se preocupava em tentar. Mais de uma vez, até que eu aprendesse a cozinhar, comíamos batatas cruas.

Fazia dois anos desde que tínhamos saído de nossa casa, na costa oeste da Irlanda. A vida era dura ali também; nosso pai fora contratado e mandado embora de uma série de empregos, e nenhum deles tinha sido suficiente para nos sustentar. Morávamos em uma pequena casa sem aquecimento e feita de pedra, em uma pequena vila no condado de Galway chamado Kinvara. Todas as pessoas de nossa vizinhança estavam fugindo para a América: ouvíamos histórias de laranjas que eram do tamanho das batatas que cozinávamos; campos de trigo que se agitavam sob o céu ensolarado; casas de madeira, secas e limpas, com água encanada e energia elétrica. Empregos tão abundantes como os frutos nas árvores. Como um último ato de bondade para conosco, ou talvez para se livrarem do incômodo da preocupação constante, os familiares e os irmãos de meu pai juntaram dinheiro para comprar as passagens de navio para nossa família de cinco pessoas, e em um dia quente de primavera embarcamos no *Agnes Pauline*, com destino à Ellis Island. A única ligação que tínhamos com nosso futuro era um nome rabiscado em um pedaço de papel, que meu pai enfiou no bolso da camisa enquanto embarcávamos no navio: um homem que tinha emigrado dez anos antes e agora, de acordo com os parentes de Kinvara, era proprietário de um respeitável restaurante na cidade de Nova York.

Apesar de termos vivido toda a vida em uma aldeia à beira-mar, nenhum de nós nunca tinha viajado de barco, muito menos em um navio no meio do oceano. Exceto meu irmão Dom, que era forte e tinha a constituição de um touro, todos nós ficamos doentes durante grande parte da viagem. Foi bem pior para minha mãe, que descobriu no navio que estava novamente grávida e mal conseguia manter qualquer tipo de comida no estômago. Mas

mesmo com tudo isso, enquanto ficava no convés inferior, fora do nosso escuro e apertado quarto na terceira classe, observando o bater da água oleosa sob o *Agnes Pauline*, eu sentia meu espírito se elevar. Com certeza, pensei, iríamos encontrar um lugar para nós na América.

Na manhã em que chegamos ao porto de Nova York garoava, e estava tão nublado que, embora meus irmãos e eu estivéssemos na passarela do navio, mal conseguíamos distinguir a fantasmagórica forma da Estátua da Liberdade a uma curta distância a partir do cais. Fomos conduzidos em longas filas para sermos inspecionados, interrogados, para recebermos os devidos selos e finalmente liberados entre as centenas de outros imigrantes que, por sinal, falavam línguas que soavam aos meus ouvidos como o zurrar dos animais em uma fazenda.

Ali não havia nenhum campo ondulante de grãos, não que eu pudesse ver, e tampouco as enormes laranjas. Pegamos uma balsa para a ilha de Manhattan e andamos pelas ruas, minha mãe e eu, cambaleando sob o peso de nossos pertences, segurando os gêmeos, que imploravam atenção. Papai, com uma mala debaixo de cada braço, segurava o mapa com uma mão e com a outra o papel rasgado, onde os dados "*Mark Flannery, The Irish Rose, Delancey Street*" haviam sido escritos em letra cursiva por sua mãe ranzinza. Depois de nos perdermos várias vezes, papai desistiu do mapa e começou a perguntar às pessoas qual direção devia tomar. Frequentemente elas se afastavam sem responder; um homem cuspiu no chão com o rosto contorcido de raiva. Mas, finalmente, encontramos o lugar, um *pub* irlandês bem decadente, muito parecido com os piores que víamos em Galway.

Mamãe, os meninos e eu ficamos do lado de fora, esperando na calçada, enquanto papai entrava. A chuva tinha parado; o vapor da rua molhada subia para o ar úmido. Ficamos ali, com nossa roupa úmida, enrijecidos de suor e cobertos pela sujeira, arranhando as cascas de feridas na cabeça (por causa dos piolhos do navio, tão perseverantes quanto os enjoos), com bolhas nos pés devido aos sapatos novos que a vovó tinha comprado antes de viajarmos, mas que mamãe não nos deixou usar até pisarmos em solo americano, e nos perguntando em que tínhamos nos metido. Exceto por essa lamentável reprodução de um *pub* irlandês diante de nós, nada nessa nova terra tinha a menor semelhança com o mundo que conhecíamos.

Mark Flannery havia recebido uma carta de sua irmã e estava nos esperando. Contratou nosso pai como lavador de pratos e nos levou a um bairro como nenhum lugar que eu já tinha visto antes, com edifícios altos de tijolos, um ao lado do outro, em ruas estreitas e cheias de pessoas. Ele sabia de um apartamento para alugar por dez dólares ao mês, no terceiro andar de um cortiço de cinco andares, na Elizabeth Street. Depois que saiu e nos deixou na porta, seguimos o proprietário polaco, o sr. Kaminski, pelo corredor de azulejos e subimos as escadas lutando, no calor e na escuridão, com nossas malas enquanto ele discursava sobre as virtudes da limpeza, civilidade e trabalho duro, tudo o que ele claramente suspeitava que faltava em nós.

— Não tenho problemas com vocês, irlandeses, contanto que fiquem longe de problemas — disse ele em sua voz retumbante.

Olhando para o rosto de papai, vi uma expressão que nunca tinha visto antes, mas compreendi de imediato: o choque pela percepção de que aqui, neste lugar estranho, ele seria julgado com severidade assim que abrisse a boca.

O senhorio chamou nossa nova casa de apartamento ferroviário: cada quarto levava até o outro, como vagões de trem. O minúsculo quarto dos meus pais, com uma janela que dava para a parte de trás de outro edifício, ficava numa ponta. O quarto que eu compartilhava com os meninos e Maisie era o próximo, depois vinha a cozinha e então a sala de estar, que tinha duas janelas com vista para a rua movimentada. O sr. Kaminski puxou uma corrente

de metal pendurada no teto da cozinha, e a luz saiu de uma lâmpada, lançando um brilho pálido sobre uma mesa de madeira cheia de ranhuras, uma pequena pia manchada com uma torneira que pingava água fria, um fogão a gás. No corredor, do lado de fora da porta do apartamento, ficava o lavatório, que compartilhávamos com os vizinhos, um casal alemão sem filhos que se chamava Schatzman, segundo o que o senhorio nos disse.

— Eles são muito silenciosos, e esperam que vocês sejam também — disse ele franzindo a testa ao mesmo tempo que olhava para meus irmãos, inquietos e nervosos, um empurrando o outro.

Apesar da desaprovação do senhorio, do calor sufocante, dos quartos sombrios e da cacofonia dos ruídos estranhos, tão estranhos para os ouvidos, acostumados apenas com o meu país, senti uma nova onda de esperança. Olhando em volta para os quatro aposentos, vi que isso de fato parecia um novo começo, após ter deixado para trás as inúmeras dificuldades da vida em Kinvara: a umidade que nos penetrava até os ossos, a miserável cabana apertada, o vício em bebida de nosso pai – eu já havia mencionado isso? –, que punha em risco cada pequeno ganho que conseguíamos. Aqui, nosso pai tinha uma promessa de trabalho. Podíamos puxar uma corrente presa ao teto para ter luz; e o girar de uma torneira nos trazia água corrente; assim que saíamos pela porta, em um corredor seco, havia um sanitário e uma banheira. Mesmo sendo modesta, era a oportunidade para um novo começo.

Não sei quanto de minhas lembranças desse tempo foi afetado pela minha idade atual e quanto é resultado da idade que eu tinha então – sete anos quando saímos de Kinvara, nove naquela noite em que Maisie não parava de chorar, noite que, muito mais do que marcar a saída da Irlanda, mudou o curso de minha vida para sempre. O som do seu choro ainda me assombra, ainda que sejam 82 anos mais tarde. Se eu tivesse prestado mais atenção no motivo pelo qual ela estava chorando em vez de simplesmente tentar acalmá-la... Se eu apenas tivesse prestado mais atenção nela...

Eu estava com tanto medo de que nossa vida pudesse desmoronar ainda uma vez, que tentei ignorar as coisas que mais me assustavam: o contínuo caso de amor de meu pai com a bebida, que a mudança de um país para o outro não alterou; o mau humor e a raiva de mamãe e as incessantes brigas entre eles. Eu queria que tudo corresse bem. Segurei Maisie no meu peito e sussurrei em seu ouvido: “Nenhum deles pode cantar tão doce, meu passarinho, como você”, tentando silenciá-la. Quando ela finalmente parou, fiquei apenas aliviada, sem entender que Maisie era como um canário em uma mina, sentindo as coisas antes, avisando-nos do perigo, mas já era tarde demais.

Três dias depois do incêndio, o sr. Schatzman me acorda para me dizer que ele e a sra. Schatzman descobriram uma solução perrrfeita (sim, ele diz *perrrfeita*, com seu sotaque alemão; aprendi nesse instante o terrível poder dos superlativos). Eles vão me levar para a Sociedade de Auxílio às Crianças, um lugar tocado por amistosos assistentes sociais que mantêm crianças sob seus cuidados, aquecidas, secas e alimentadas.

— Não posso ir — digo eu. — Minha mãe vai precisar de mim quando sair do hospital. — Sei que meu pai e meus irmãos estão mortos, eu os vi no corredor cobertos com lençóis. Mas mamãe foi levada em uma maca, e vi Maisie se mexendo e choramingando quando um homem de uniforme a levou pelo corredor.

Ele balança a cabeça.

— Ela não vai voltar.

— Mas, então, Maisie...

— Sua irmã, Margaret, não resistiu — diz ele, virando-se para o outro lado.

Minha mãe e meu pai, meus dois irmãos e uma irmã tão querida para mim como se fosse eu mesma, não há palavras para descrever a minha perda. E mesmo que eu descubra palavras para descrever o que sinto, não há ninguém a quem contar. Todas as pessoas com quem eu tinha ligação no mundo – neste novo mundo – estão mortas ou se foram.

Na noite do incêndio, na noite em que eles me levaram, pude ouvir a sra. Schatzman em seu quarto, conversando com o marido em relação ao o que fazer comigo.

— Não criei essa situação — sussurrou ela, em palavras tão distintas para meus ouvidos como se ela estivesse no meu quarto. — Aqueles irlandeses! Com tantas crianças em um espaço tão pequeno. A única surpresa seria se esse tipo de coisa não acontecesse mais.

Enquanto eu ouvia aquilo através da parede, um espaço oco se abriu dentro de mim. *Não criei essa situação.* Algumas horas antes, meu pai tinha voltado do trabalho no bar e trocou de roupa, como sempre fazia depois do trabalho, exalando mau cheiro a cada peça que tirava. Mamãe estava com uma pilha de roupas para remendar que tinha pegado para conseguir algum dinheiro. Dominick descascava batatas. James brincava em um canto. Eu desenhava em um pedaço de papel com Maisie, ensinando letras para ela, com seu peso, como o de uma garrafa de água quente, no meu colo, seus dedos grudentos em meu cabelo.

Tento esquecer o horror do que aconteceu. Ou talvez *esquecer* seja a palavra errada. Como posso esquecer? Como posso avançar ainda que um passo e colocar debaixo do tapete o desespero que sinto? Quando fecho os olhos, escuto o choro de Maisie e os gritos de minha mãe, o cheiro irritante da fumaça, sinto o calor do fogo em minha pele e me levanto do colchão na sala dos Schatzman, embebida em um suor frio.

Os pais de minha mãe estão mortos, seus irmãos estão na Europa a serviço das forças armadas, e não sei como encontrá-los. Mas me ocorreu uma ideia, e falei para o sr. Schatzman: alguém poderia tentar entrar em contato com a mãe de meu pai e sua irmã lá na Irlanda, embora não tenhamos mantido contato com eles desde que viemos para este país. Nunca vi uma carta da minha avó, tampouco vi meu pai escrever para ela. Nossa vida em Nova York foi tão sombria e nos agarramos a ela de forma tão instável que duvido que meu pai quisesse relatar algo sobre isso. Não sei muito mais além do nome de nossa vila e o nome da família do meu pai – embora talvez essa informação fosse o suficiente.

Mas o sr. Schatzman fez uma carranca e balançou a cabeça, e foi então que percebi o

quanto estou sozinha. Não há nenhum adulto deste lado do Atlântico que tenha qualquer motivo para se interessar por mim, ninguém para me levar até um navio ou pagar minha passagem. Sou um fardo para a sociedade, responsabilidade de ninguém.

— VOCÊ... A GAROTA IRLANDESA. Venha aqui.

Uma senhora magra, carrancuda e de gorro branco aponta um dedo ossudo. Ela deve saber que sou irlandesa por causa dos papéis que o sr. Schatzman preencheu quando me trouxe para a Sociedade de Auxílio às Crianças há várias semanas, ou talvez seja pelo meu sotaque, ainda tão carregado.

— Hum... — diz a mulher franzindo os lábios, quando me posiciono em frente a ela. — Cabelo vermelho.

— Infelizmente. — A mulher gordinha ao seu lado diz isso e depois suspira. — E essas sardas. Já é difícil ser colocada na idade dela.

A mulher ossuda lambe o polegar e empurra o cabelo do meu rosto.

— Não quer assustá-los agora, quer? Você deve manter os cabelos para trás, presos. Se continuar limpa e bem-comportada, eles podem não tirar conclusões precipitadas.

Ela fecha os botões das minhas mangas, e, quando se inclina para amarrar cada um dos meus sapatos pretos, um cheiro de mofo sobe de seu gorro.

— É indispensável que você pareça apresentável! O tipo de garota que uma mulher iria querer em sua casa. Limpa e que seja cortês. Mas não muito. — E lançou mais um olhar para a outra.

— Mas não muito o quê? — pergunto.

— Algumas mulheres não aceitam facilmente uma garota graciosa dormindo sob o mesmo teto — diz ela. — Não que você seja assim... Mas... — Ela aponta para o meu colar.

— O que é isso?

Toco o pequeno objeto de estanho, o *claddagh*, crucifixo celta que eu usava desde os seis anos, acompanhando com o dedo o contorno sulcado do coração.

— Um crucifixo irlandês.

— Você não está autorizada a levar lembranças no trem.

Meu coração começa a bater tão forte que acredito poder ouvi-lo.

— Era da minha avó.

As duas mulheres ficam olhando a cruz, e percebo que estão hesitantes, tentando decidir o que fazer.

— Ela me deu quando eu ainda estava na Irlanda, antes de irmos para cá. É... é a única coisa que me resta.

Isso é verdade, mas é verdade também que digo isso para influenciá-las. E funciona.

OUVIMOS O TREM ANTES DE PODERMOS VÊ-LO. UM ZUMBIDO BAIXO, UM estrondo sob os pés, um profundo apito gutural, fraco no início e depois cada vez mais alto, quando o trem se aproxima. Esticamos o pescoço para olhar os trilhos (até mesmo quando uma de nossas tutoras, a sra. Scatcherd, começa a gritar com voz esgançada “Crianças! Crianças!”, e de repente aqui está ele: um motor negro que paira sobre nós, sombreando a plataforma, deixando escapar um silvo de vapor como um grande animal ofegante.

Estou com um grupo de vinte crianças de todas as idades. Estamos todas limpas e com roupas de doação, as meninas de vestido, avental branco e meias grossas; os meninos de calça até abaixo do joelho, camisa branca, gravata e um grosso casaco de lã. É um dia de

outubro excepcionalmente quente, um veranico, como a sra. Scatcherd o chama, e estamos suando na plataforma. Meu cabelo está úmido contra o pescoço, o avental é duro e desconfortável. Em uma mão seguro uma pequena mala marrom que, com exceção da cruz, contém tudo o que tenho no mundo, todos os itens recém-adquiridos: uma Bíblia, dois conjuntos de roupas, chapéu, um casaco preto pequeno para o meu tamanho e um par de sapatos. Na parte interior do casaco está meu nome, bordado por alguma voluntária da Sociedade: Niamh Power.

Sim, Niamh. Pronuncia-se “Ni-iv”. Um nome bastante comum no condado de Galway e não tão comum nos cortiços irlandeses em Nova York, mas certamente não aceitável em qualquer lugar a que o trem possa me levar. A senhora que costurou essas letras há vários dias estalava a língua nessa tarefa.

— Espero que você não esteja muito ligada a esse nome, juvenzinha, porque posso garantir que, se tiver a sorte de ser escolhida, seus novos pais vão trocá-lo em um segundo.

Minha Niamh, meu pai costumava me chamar. Mas não estou tão ligada a esse nome. Sei que é difícil de pronunciar, estranho, desagradável para aqueles que não entendem; uma mistura peculiar de consoantes que não se combinam.

Ninguém tem pena de mim porque perdi minha família no incêndio. Cada um de nós tem uma história triste, senão não estaríamos aqui. O sentimento geral é de que é melhor não falar sobre o passado, que o alívio mais rápido virá na forma do esquecimento. A Sociedade de Auxílio às Crianças nos trata como se tivéssemos nascido no momento em que fomos trazidos, como mariposas que ao sair do casulo deixam a velha vida para trás e, se Deus quiser, logo se lançarão em uma nova vida.

A sra. Scatcherd e o sr. Curran, homem inosso e tímido de bigode castanho, nos alinham pela altura, do mais alto para o mais baixo, o que geralmente significa do mais velho para o mais novo, com os bebês nos braços das crianças com mais de oito anos. A sra. Scatcherd empurra um bebê para os meus braços antes que eu possa me opor; um bebê de pele morena cor de azeitona, estrábico, de um ano e dois meses, chamado Carmine (que, já posso adivinhar, em breve irá responder por outro nome). Ele se agarra a mim como um gatinho apavorado. Com uma mala marrom em uma das mãos, a outra segurando firme Carmine, dirijo-me até os altos degraus para entrar vacilante no vagão do trem antes que o sr. Curran se apresse para pegar minha mala.

— Tenha um pouco de bom senso, menina — repreende ele. — Se você cair, vai quebrar o crânio, e então vamos ter que deixar ambos para trás.

OS ASSENTOS DE MADEIRA NO VAGÃO DO TREM ESTÃO TODOS VIRADOS para a frente, exceto dois grupos, de frente um para o outro, separados por um corredor estreito. Encontro um banco de três lugares para Carmine e para mim, e o sr. Curran solta minha mala na prateleira acima da minha cabeça. Carmine logo quer rastejar para fora do assento, e estou tão ocupada tentando distraí-lo para que não escape, que mal noto quando as outras crianças sobem e o vagão enche.

A sra. Scatcherd fica na parte dianteira do carro, segurando-se em dois encostos de bancos de couro, e os braços de sua capa preta drapeada parecem as asas de um corvo.

— Chamam isto de trem de órfãos, crianças, e vocês têm sorte de estar aqui. Estão deixando para trás um lugar maligno, cheio de ignorância, pobreza e vício, para se dirigir à nobreza da vida no campo. Enquanto estiverem no trem, deverão seguir algumas regras

simples. Devem ser cooperativos e ouvir as instruções. Devem ser respeitosos com seus acompanhantes. Precisam tratar o vagão do trem respeitosamente e não danificá-lo de forma alguma. E deverão incentivar seu acompanhante de assento a se comportar de forma adequada. Em suma, vocês farão com que o sr. Curran e eu possamos nos sentir orgulhosos de seu comportamento — sua voz se eleva à medida que nos arranjamos em nossos lugares. — Quando receberem permissão para sair do trem, ficarão na área que vamos designar. Vocês não poderão passear sozinhos em nenhum momento. E se o comportamento de alguns de vocês se revelar um problema, se não puderem aderir a estas simples regras de decência, então serão enviados diretamente de volta ao lugar de onde vieram e largados na rua, abandonados, e terão que dar conta de suas vidas por si mesmos.

As crianças mais novas parecem perplexas com essa ladainha, mas alguns de nós, de mais de seis ou sete anos, já ouvimos alguma versão dela várias vezes antes, no orfanato em que vivemos antes de partir. As palavras passam por mim e não me afetam. Minha preocupação mais imediata é o fato de que Carmine está com fome, e eu também. Recebemos apenas um pedaço de pão seco e uma caneca de leite no café da manhã, antes que o sol nascesse. Carmine está agitado e mastiga a própria mão, hábito que deve ser reconfortante para ele. (Maisie chupava o dedo polegar.) Contudo, sei que não devo perguntar quando a comida vai chegar. Ela virá quando nossos mantenedores estiverem dispostos a nos dar, e súplicas não vão mudar isso.

Puxo Carmine para o meu colo. No café da manhã, hoje cedo, quando coloquei açúcar no chá, joguei dois torrões no bolso. Agora esfrego um torrão entre os dedos, esmagando-o em grânulos, em seguida lambo meu dedo indicador para que os grãosinhos de açúcar se grudem nele antes de colocá-lo na boca de Carmine. O olhar de espanto em seu rosto, o seu deleite quando percebe a sua boa sorte, me faz sorrir. Ele aperta minha mão com os dois pequenos dedos gordinhos, segurando forte enquanto se prepara para dormir.

Com o passar do tempo, também eu me embalo para dormir com o barulho constante das rodas do trem. Quando acordo, com Carmine se mexendo e esfregando os olhos, a sra. Scatcherd está de pé em cima de mim. Perto o suficiente para que eu possa ver pequenas veias cor-de-rosa, como linhas na parte de trás de uma folha, se espalhando por toda a maçã de seu rosto, o pelo macio de sua mandíbula, as sobrancelhas negras eriçadas.

Ela me olha atentamente através dos seus pequenos óculos redondos.

— Havia crianças em minha casa.

Eu aquiesço.

— Você parece saber o que está fazendo.

Como se estivesse dando uma deixa, Carmine deu um gritinho no meu colo.

— Acho que ele está com fome — conto a ela. Sinto sua fralda de pano, que está seca por fora, mas esponjosa. — E precisa ser trocado.

Ela se vira para a frente do vagão, gesticulando para mim por cima do ombro.

— Então, venha.

Segurando o bebê contra o meu peito, levanto cambaleando do meu assento e me arrasto atrás dela pelo corredor. Crianças sentadas, em pares e em trios, olham para cima com olhar triste conforme eu passo. Nenhum de nós sabe para onde estamos nos dirigindo, e eu penso que, exceto pelos mais novos, cada um de nós está apreensivo e cheio de temor. Nossos mantenedores nos contaram pouca coisa; sabemos apenas que estamos indo para um lugar onde as maçãs crescem em abundância em galhos baixos e vacas, porcos e ovelhas circulam livremente no ar puro do campo. Uma terra onde pessoas boas — famílias — estão ansiosas para nos receber. Eu não tinha visto nenhuma vaca e nenhum outro animal, por

falar nisso, exceto um vira-lata e um pássaro, vez ou outra, desde que deixamos Galway, e percebo que estou ansiosa para vê-los novamente. Mas estou cética. Sei muito bem como é quando as belas visões que alimentamos não correspondem à realidade.

Muitas das crianças deste trem viveram tanto tempo no orfanato que nem se lembram mais de suas mães. Mas podem começar de novo, recebidas nos braços das únicas famílias que conhecerão. Eu me lembro de muitas coisas: os peitos enormes de minha avó, suas pequenas mãos secas, a casa escura com uma parede de pedra em ruínas que cercava o jardim estreito. A névoa pesada que se instalava sobre a baía no início da manhã e no final da tarde, a carne de carneiro e as batatas que vovó trazia para casa quando mamãe estava cansada demais para cozinhar ou não tínhamos dinheiro para os ingredientes. Comprar leite e pão na loja de esquina, na Phantom Street – Sraid a’ Phuca, como dizia meu pai, em gaélico –, que se chamava assim por causa das casas de pedras daquele setor da cidade, construídas em um terreno de cemitério. Os lábios rachados de minha mãe e seu sorriso fugaz, a melancolia que preencheu nossa casa em Kinvara e viajou com a gente através do oceano para fixar residência permanente nos cantos escuros de nosso apartamento em Nova York.

E agora estou aqui neste trem, enxugando o bumbum de Carmine enquanto a sra. Scatherd paira acima de nós, me protegendo com um cobertor para esconder esse procedimento do sr. Curran, dando instruções de que não preciso. Após acabar e deixar Carmine limpo e seco, coloco-o sobre meu ombro e faço o caminho de volta para o meu lugar, enquanto o sr. Curran distribui marmitas cheias de pão, queijo, frutas e xícaras de leite. Alimentando Carmine com pão umedecido em leite, me lembro de um prato irlandês chamado *champ* que fiz várias vezes para Maisie e os meninos: batatas amassadas, leite, cebolinha (nas raras ocasiões em que a tínhamos) e sal. Nas noites em que íamos dormir com fome, todos nós sonhávamos com aquele *champ*.

Depois de distribuir a comida e um cobertor de lã para cada um de nós, o sr. Curran anuncia que há um balde de água e uma concha e, se levantarmos o braço, podemos seguir até lá para beber. Há um banheiro fechado, ele nos informa (embora, como descobri logo em seguida, esse “banheiro” seja um aterrorizante buraco aberto acima dos trilhos).

Carmine, bêbado do leite açucarado e do pão, se estica em meu colo, com a cabeça escura sobre a dobra do meu braço. Espalho o cobertor áspero sobre nós dois. Com os estalidos rítmicos do trem e seu chacoalhar, as pessoas em silêncio no carro, eu me senti num casulo. Carmine exala um adorável cheiro doce, e seu peso sólido é tão reconfortante que me deixa com lágrimas. Sua pele macia, membros flexíveis, cílios escuros como franjas e até mesmo seus suspiros me fazem pensar (e como achar que isso não aconteceria?) em Maisie. A ideia de ela ter morrido sozinha no hospital sofrendo por causa das dolorosas queimaduras é demais para suportar. Por que estou viva e ela morta?

Em nosso cortiço havia famílias que iam de dentro para fora dos apartamentos, partilhando cuidados com as crianças e os ensopados. Os homens trabalhavam juntos em armazéns e ferrarias. As mulheres meio que tocavam indústrias caseiras, fazendo rendas e costurando meias. Quando eu passava por seus apartamentos e as via sentadas juntas em um círculo, curvadas sobre seu trabalho, falando uma língua que eu não entendia, sentia uma pontada aguda.

Meus pais deixaram a Irlanda na esperança de um futuro melhor, todos nós acreditando estar a caminho de uma terra de abundância. Como se viu, eles falharam nessa nova terra, tudo falhou de quase todas as formas possíveis. Poderia ser que eles fossem pessoas fracas, mal adaptadas para os rigores da emigração, das humilhações sofridas e dos

compromissos, das demandas conflitantes de autodisciplina e ousadia. Mas me pergunto como as coisas poderiam ser diferentes se meu pai fizesse parte de um negócio de família que lhe desse uma estrutura e um salário fixo em vez de trabalhar em um bar, o pior lugar para um homem como ele; ou se minha mãe tivesse sido cercada por mulheres, irmãs e sobrinhas, talvez, que lhe oferecessem alívio da miséria e da solidão, um refúgio contra os estranhos.

Em Kinvara, pobres e instáveis como éramos, pelo menos tínhamos uma família por perto, pessoas que nos conheciam. Compartilhávamos as tradições e uma maneira de olhar o mundo. Não sabíamos, até partir, o quanto tudo aquilo tinha valor.

À medida que as horas passam, vou me acostumando com o movimento do trem, as rodas pesadas batendo nos sulcos, o zumbido industrial sob o meu assento. O crepúsculo suaviza as extremidades afiadas das árvores do lado de fora da janela; o céu escurece lentamente, e depois fica escuro em torno da esfera da lua. Horas mais tarde, um azul desmaiado cede aos tons pastel suaves da madrugada, e logo o sol está brilhando de novo, e o anda-e-para-ritmado do trem faz com que todo esse cenário pareça uma série de fotografias, milhares de fotos que, em conjunto, criam uma cena em movimento.

Passamos o tempo olhando para a paisagem em evolução, conversando, jogando. A sra. Scatcherd tem um jogo de damas e uma bíblia, e viro as páginas procurando o Salmo 121, o favorito de mamãe: “Levantarei os meus olhos para os montes, de onde vem o meu socorro. O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra”.

Sou uma das poucas crianças no trem que sabe ler. Mamãe me alfabetizou anos atrás, ainda na Irlanda, e depois me ensinou a soletrar. Quando chegamos a Nova York, mamãe me fez ler para ela, qualquer coisa que tivesse letras: caixas e garrafas que eu encontrava na rua.

— Donner... bebida gass...

— Gasosa.

— Gasosa. Soda-limonada. *Artificial*.

— Artificial. Não pule o “i” depois do “c”.

— Artificial. Ácido *cítrico*... cítrico adicionado.

— Muito bem!

Quando eu já estava mais fluente, mamãe foi até o baú que ficava ao lado da cama e tirou de lá um livro de capa dura de poemas, azul com bordas douradas. Francis Fahy foi um poeta que nasceu em Kinvara, em uma família de dezessete filhos. Aos quinze anos se tornou professor assistente na escola local, antes de ir para a Inglaterra (como todos os outros poetas irlandeses, comentou mamãe), onde se misturou a pessoas como Yeats e Shaw. Ela virou as páginas com cuidado, correndo o dedo sobre as linhas pretas impressas em papel fino, balbuciando as palavras para si mesma, até que encontrou o que queria.

— “Galway Bay” — disse ela. — O meu favorito. Leia-o para mim.

E assim eu fiz:

Tivesse eu outra vez o sangue da juventude, o humor esperançoso e coração de fogo, Nem por todo o ouro do mundo eu sairia de suas praias,

Viveria contente em qualquer lugar enviado por Deus, com vizinhos velhos e grisalhos, E descansaria meus ossos atrás das pedras da igreja, ao seu lado, baía de Galway.

Assim que olhei para cima, para ler a estrofe seguinte, vi duas fileiras de lágrimas rolando pelas faces de mamãe.

— Jesus, Maria e José — disse ela. — Nunca deveríamos ter saído daquele lugar.

Às vezes, no trem, nós cantávamos. O sr. Curran nos ensinou, antes de partirmos, uma canção em que ele nos regia pelo menos uma vez por dia:

Da escuridão da cidade para o interior que floresce,

*Onde as brisas perfumadas suspiram
Das pragas da cidade para o verde resplandecente
Como as aves do verão voam,
Ó crianças, queridas crianças
Jovens, felizes, puras...*

Fazemos uma parada em um depósito para conseguir sanduíches, frutas frescas e leite, mas apenas o sr. Curran desce do trem. Posso vê-lo do lado de fora da minha janela, em seu sapato branco pontudo, conversando com os agricultores na plataforma. Um deles segura uma cesta de maçãs; outro, um saco repleto de pães. Um homem de avental preto empurra uma caixa e desembulha um pacote de papel marrom, revelando um grosso pedaço de queijo amarelo, e meu estômago ronca. Eles não nos têm dado muita comida, algumas fatias de pão, leite e uma maçã para cada um nas últimas vinte e quatro horas, e não sei se é porque eles têm medo de ficar sem ou se acham que é bom para nosso moral.

A sra. Scatcherd caminha para cima e para baixo pelo corredor, deixando dois grupos de crianças de cada vez se levantarem para esticarem as pernas enquanto o trem está parado.

— Balancem uma perna de cada vez — instrui ela. — É bom para a circulação.

As crianças mais novas estão inquietas, e os meninos mais velhos provocam problemas de várias formas, sempre que podem. Não quero ter nada a ver com esses garotos, que parecem tão ferozes quanto um bando de cães. Nosso senhorio, o sr. Kaminski, costumava chamar esses meninos de “árabes das ruas”, vagabundos sem lei que viajam em grupos, batedores de carteira e coisa pior.

Quando o trem sai da estação, um desses meninos acende um fósforo, invocando a ira do sr. Curran, que lhe dá um tapa na cabeça e vocifera, para o carro inteiro ouvir, que ele é um inútil pedaço de terra no mundo de Deus e nunca vai ser nada na vida. Essa explosão não fez nada além de aumentar o *status* do menino aos olhos de seus amigos, que passaram a conceber formas engenhosas de irritar o sr. Curran sem serem descobertos. Aviões de papel, arrotos altos, gemidos fantasmagóricos seguidos por risadinhas abafadas – tudo isso deixa o sr. Curran louco da vida porque ele não pode escolher um garoto e puni-lo por tudo isso. Mas o que ele pode fazer, ameaçar chutar todos eles para fora do trem na próxima parada? O que ele realmente faz, por fim, aparecendo no corredor acima dos assentos de dois meninos particularmente bagunceiros, apenas para ouvir a resposta do mais velho, que ficaria feliz em seguir seu caminho por conta própria, que tem feito isso durante anos sem grandes danos, você pode engraxar sapatos em qualquer cidade nos Estados Unidos, ele pode apostar, e isso deve ser muito melhor do que ser enviado para viver em um celeiro com animais, comendo apenas lavagem de porcos e sendo sequestrados pelos índios.

As crianças começam a murmurar em seus assentos. O que foi que ele disse?

O sr. Curran olha em volta, inquieto.

— Você está assustando um vagão cheio de crianças. Feliz, agora? — pergunta.

— É verdade, não é?

— Claro que não é verdade. Acalmem-se, crianças.

— Ouvi dizer que seremos vendidos em leilões a quem pagar mais — diz outro menino, entrando na conversa.

O vagão fica em silêncio. A sra. Scatcherd se levanta, com sua carranca habitual nos lábios finos e uma touca de abas largas. Ela é muito mais imponente, em seu pesado manto negro, piscando atrás dos óculos de aros de aço, do que o sr. Curran.

— Já escutei o bastante — diz ela com voz estridente. — Estou tentada a jogar todos vocês para fora deste trem. Mas isso não seria... — e olha em volta para nós lentamente,

demorando-se em cada rosto sombrio. — ...cristão, seria? O sr. Curran e eu estamos aqui para escoltá-los até uma vida melhor. Qualquer sugestão em contrário é ignorante e ultrajante. É nossa fervorosa esperança que cada um de vocês encontre um caminho fora da depravação de suas vidas anteriores e, com orientação firme e trabalho duro, possa se transformar em um cidadão respeitável com um bom papel na sociedade. Mas... Não sou ingênua a ponto de acreditar que será esse o caso de todos — Lança um olhar fulminante em um menino mais velho, de cabelos loiros, um dos encrinqueiros. — Mas tenho esperanças, como disse, de que a maioria de vocês veja isso como uma oportunidade. Talvez a única chance que terão de conseguir fazer algo de si mesmos. — E ajusta a capa ao redor dos ombros. — Sr. Curran, talvez o jovem que falou com o senhor tão descaradamente deva ser retirado para um lugar onde seus encantos duvidosos não sejam recebidos tão entusiasmaticamente — ela levanta o queixo, olhando para nós debaixo de sua touca como uma tartaruga em sua casca. — Ah... Temos um espaço ao lado de Niamh — diz ela, apontando um dedo torto em minha direção. — Com o bônus adicional de um bebê se contorcendo.

Minha pele se arrepia. Ah, não. Mas posso ver que a sra. Scatcherd não está de bom humor para reconsiderar. Então deslizo o máximo que posso para perto da janela e puxo Carmine e seu cobertor para o meu lado, no meio do assento.

Muitas fileiras à frente, do outro lado do corredor, o menino fica de pé, suspira bem alto e puxa o boné de flanela azul-brilhante com força na cabeça. Ele se demora em sair de seu lugar, depois arrasta os pés corredor acima como se fosse um condenado se aproximando da corda que vai enforcá-lo. Quando chega à minha fileira, aperta os olhos para mim, depois para Carmine, e faz uma careta para seus amigos.

— Isso vai ser divertido — diz ele em voz alta.

— Você não vai falar, meu caro — estrila a sra. Scatcherd. — Você vai se sentar e se comportar como um cavalheiro.

Ele se atira em seu assento, com as pernas no corredor, então tira o boné e o bate contra o assento na frente de nós, levantando uma pequena nuvem de poeira. As crianças que estão no banco da frente se viram para olhar.

— Diabos — murmura, não para alguém em especial. — Que bode velho...

Ele oferece um dedo para Carmine, que o estuda e olha para seu rosto. O rapaz mexe o dedo, e Carmine enterra a cabeça no meu colo.

— Ser tímida assim não vai levar você a lugar nenhum — diz.

Ele olha para mim, seu olhar passeia pelo meu rosto e pelo meu corpo de uma maneira que me faz corar. O rapaz tem cabelo cor de areia e olhos azul-pálidos e deve ter doze ou treze anos, pelo que posso ver, apesar de seus modos parecerem os de um menino mais velho.

— Uma ruiva... Isso é pior do que uma caixa de engraxate. Quem vai querer você?

Sinto a dor da verdade em suas palavras, mas levanto o meu queixo.

— Pelo menos não sou uma criminosa.

Ele ri.

— Isso é o que eu sou, não é?

— Diga-me você.

— E você acreditaria em mim?

— Provavelmente não.

— Então, não adianta eu dizer.

Não respondo, e nós três ficamos sentados em silêncio, Carmine admirado e imóvel pela

presença do rapaz. Olho a paisagem austera e solitária que passa diante da janela. Tem chovido e parado o dia inteiro. Nuvens cinzentas se penduram em um céu pesado.

— Eles tiraram minha caixa de mim — diz o rapaz após algum tempo.

Volto meu olhar para ele.

— O quê?

— Minha caixa de engraxate. Minha graxa e minhas escovas. Como é que esperam que eu possa ganhar a vida?

— Eles não esperam. Vão encontrar uma família para você.

— Ah, claro... — diz ele com uma risada seca. — Uma mãe para me colocar para dentro de noite e um pai para me ensinar um ofício... Não vejo isso funcionando dessa maneira. Você vê?

— Não sei... Não pensei muito sobre isso — respondo, embora é claro que tenha pensado.

Eu havia recolhido alguns pedaços aqui e ali: os bebês eram os primeiros a serem escolhidos, em seguida os meninos mais velhos, valorizados pelos agricultores por causa de seus músculos e ossos fortes. As últimas a serem escolhidas eram garotas como eu, velhas demais para serem educadas a virar damas, novas demais para serem úteis nos trabalhos domésticos, e sem muita utilidade no campo. Se não fôssemos escolhidas, seríamos enviadas de volta para o orfanato.

— De qualquer forma, o que podemos fazer?

Enfiando a mão no bolso, ele puxa para fora uma moeda de um *cent*. Rola a moeda pelos dedos, prende-a entre o polegar e o indicador, e toca o nariz de Carmine com ela, apertando-a em seguida em seu punho fechado. Quando abre a mão, a moeda não está mais lá. Ele coloca a mão atrás da orelha de Carmine e “*Presto!*”, diz ele, entregando-lhe o *cent*.

Carmine olha para ele, espantado.

— Você pode aceitar isso — diz o rapaz. — Ou pode fugir. Ou talvez tenha sorte e viva feliz para sempre. Só o bom Deus sabe o que vai acontecer, e Ele não está nos contando.

Nós nos tornamos uma família um pouco estranha, o garoto – cujo nome verdadeiro é Hans, e descubro depois que é chamado de Dutchy na rua –, Carmine e eu, em nossa “residência ambulante”, com um assento de três lugares. Dutchy me conta que nasceu em Nova York e seus pais são alemães, que sua mãe morreu de pneumonia e seu pai o enviou às ruas para ganhar algum dinheiro como engraxate, e batia nele com cinto se ele não trouxesse dinheiro suficiente para casa. Então um dia ele parou de ir para casa. Juntou-se a um grupo de meninos que dormiam onde fosse conveniente, na calçada durante o verão, e nos meses de inverno em barris e entradas de prédios, em caixas de papelão descartadas perto da Printing House Square, recebendo o ar quente e o vapor dos motores vindos do subsolo. Aprendeu a tocar piano de ouvido em um salão dos fundos de um bar clandestino, tocando à noite para clientes bêbados, e viu coisas que um rapaz de doze anos não deve ver. Os meninos tentavam cuidar um do outro, embora, se alguém ficasse doente ou aleijado – por pegar pneumonia ou cair de um bonde, ou sob as rodas de um caminhão –, não houvesse muito que fazer.

Alguns garotos da gangue de Dutchy estão no trem conosco; ele aponta para Slobbery Jack, que tem o hábito de babar em si mesmo, e Whitney, menino de uma pele translúcida. Tinham sido atraídos para fora das ruas com a promessa de comida quente e terminaram aqui.

— E a refeição quente? Conseguiu? — disse eu.

— Sim. Rosbife e batatas. E uma cama limpa. Mas não confio nisso. Aposto que eles são pagos por cabeça que nem os índios fazem ao tirar escalpos — disse ele.

— Isso é caridade — disse eu. — Você não ouviu o que a sra. Scatcherd disse? É o dever cristão que eles têm.

— Tudo o que sei é que ninguém nunca fez nada por mim com essa coisa de dever cristão. Estou dizendo isso pelo jeito como eles estão falando, acho que vou acabar trabalhando até os ossos e não verei um centavo por isso. Você é garota. Para você está tudo bem, poderá assar tortas na cozinha ou cuidar de um bebê — responde ele, semicerrando os olhos para mim. — Exceto por seus cabelos vermelhos e sardas, você pode se dar bem. Vai ficar elegante sentada à mesa com um guardanapo no colo. Mas eu não. Estou muito velho para aprender boas maneiras, ou seguir as regras de outra pessoa. A única coisa em que sou bom é fazer o trabalho duro. Isso é a mesma coisa para todos nós, os entregadores de jornal, vendedores ambulantes, coladores de cartazes e engraxates — concluiu, apontando com a cabeça em direção a um menino após o outro no vagão.

NO TERCEIRO DIA CRUZAMOS A DIVISA DO ESTADO DE ILLINOIS. PERTO de Chicago, a sra. Scatcherd se coloca em pé para outro discurso.

— Em poucos minutos chegaremos à Union Station, onde iremos mudar de trem para a próxima parte da nossa jornada — disse ela para nós. — Se fosse por mim, eu os enviaria em uma linha reta até o outro lado da plataforma diretamente para o outro trem, sem um minuto de preocupação que vocês pudessem se meter em problemas. Mas não estamos autorizados a embarcar por meia hora. Rapazes, ponham o paletó; meninas, vistam o avental. Cuidado para não amassá-los agora.

“Chicago é uma nobre e imponente cidade, à beira de um grande lago. O lago faz com que ventem muito, e vem daí sua denominação: a Cidade dos Ventos. Vocês levarão suas malas, claro, e seus cobertores de lã para se envolverem neles, porque ficaremos na plataforma pelo menos uma hora.

“Os bons cidadãos de Chicago, não duvidem, verão vocês como malfeitores, ladrões e mendigos, pecadores sem esperança que não têm a chance de entrar no mundo dos redimidos. Eles têm razão de suspeitar do caráter de cada um. A tarefa de vocês agora é provar que eles estão errados, por isso devem se comportar de maneira impecável; é preciso que se comportem como os cidadãos-modelo que a Sociedade de Auxílio às Crianças acredita que poderão se tornar.”

O VENTO NA PLATAFORMA CORRE ATRAVÉS DO MEU VESTIDO. ENVOLVO o meu cobertor nos ombros, mantendo o olhar atento sobre Carmine, que cambaleia de um lado para o outro, aparentemente indiferente ao frio. Ele quer saber o nome de tudo: *Trem, Roda, sra. Scatcherd*, franzindo a testa para o condutor. O *sr. Curran*, debruçado sobre os papéis com um agente da estação. *Luzes* – e Carmine por sua vez olha com espanto para elas, como se fossem magia.

Contra as expectativas da *sra. Scatcherd* – ou talvez em resposta à sua repreensão –, estamos bem tranquilos, até mesmo os meninos mais velhos. Permanecemos reunidos, complacentes como gado, batendo os pés no chão para nos mantermos aquecidos.

Exceto Dutchy. Para onde ele foi?

— Psiu. Niamh.

Quando ouço o meu nome, eu me volto para vislumbrar seus cabelos loiros em uma escadaria. Em seguida, lá se vai. Olho para os adultos, ocupados com planos e formulários. Um grande rato corre rapidamente ao longo da parede de tijolos, e quando o resto das crianças aponta e começa a gritar, eu aconchejo Carmine, deixando a nossa pequena pilha de malas de viagem, e deslizo para trás de um pilar e de um amontoado de caixas de madeira.

Na escada, fora da vista da plataforma, Dutchy se encosta contra a parede curva. Quando me vê, ele se vira sem expressão e salta escada acima, desaparecendo em uma curva. Dando uma olhada para trás e vendo que não há ninguém, seguro Carmine bem perto de mim e o sigo, mantendo os olhos nos amplos degraus para não cair. Carmine ergue a cabeça e se inclina para trás em meus braços como um saco de arroz flexível. “*Uzz*” murmura ele apontando. Meu olhar segue seu dedo gordinho para o que percebo ser o enorme teto abobadado da estação de trem, guarnecido de claraboias.

Entramos no enorme terminal, cheio de pessoas de todas as formas e cores – mulheres ricas com casacos de pele, assistidas por serviçais; homens de cartola e fraque; senhoritas em vestidos brilhantes. É demais conseguir absorver tudo de uma vez; estátuas e colunas, bancos de madeira de grandes dimensões. Dutchy está no meio disso tudo, olhando para o céu através desse teto de vidro, e então tira o boné e o lança para cima, fazendo-o voar no ar. Carmine luta para libertar-se e, assim que o coloco no chão, corre em direção a Dutchy e agarra as suas pernas. Dutchy se abaixa e o ergue sobre os ombros, e já estou perto o suficiente para ouvi-lo dizer:

— Coloque seus braços para fora, homenzinho, que eu vou girar você.

Ele segura firme com as mãos as pernas de Carmine e o rodopia. Carmine está esticando

os braços e jogando a cabeça para trás, com o olhar fixo nas claraboias, gritando de alegria enquanto eles giram, e naquele momento, pela primeira vez desde o incêndio, minhas preocupações se vão. Sinto uma alegria tão forte que é quase dolorosa – uma sensação de alegria que perpassa a medula.

E então, um apito perfura o ar. Três policiais de uniforme negro correm em direção a Dutchy com o cassete na mão, e tudo acontece muito rápido: vejo a sra. Scatcherd no topo da escada apontando sua asa de corvo, o sr. Curran correndo naqueles ridículos sapatos brancos, Carmine agarrando o pescoço de Dutchy apavorado, quando um gordo policial grita:

— Abaixem-se!

Meu braço é torcido para trás e um homem cospe em meu ouvido:

— Tentando fugir, hein? — Sua respiração cheira a alcaçuz. É inútil responder, então mantenho a boca fechada quando ele me força a ficar de joelhos.

Um silêncio cai sobre o salão cavernoso. Com o canto do olho vejo Dutchy no chão, preso sob o cassete de um policial. Carmine está urrando, seus gritos perfuram o silêncio, e cada vez que Dutchy se move, fica preso de lado. Então Dutchy é algemado, e o policial gordo puxa-o para que ele fique de pé, empurrando-o de tal forma que ele tropeça nos próprios pés.

Nesse momento, vejo que ele já esteve em situações como essa antes. Seu rosto está sem nenhuma expressão, ele sequer protesta. Posso dizer o que os espectadores estão pensando: é um criminoso comum, violou a lei, provavelmente mais de uma. O policial está protegendo os cidadãos de Chicago, graças a Deus temos esses homens.

O policial gordo arrasta Dutchy até a sra. Scatcherd, e o Bafo de Alcaçuz, seguindo o seu exemplo, também me puxa rudemente pelo braço.

A sra. Scatcherd parece ter mordido um limão. Seus lábios estão franzidos em um trêmulo “O”, e ela parece estar tremendo.

— Coloquei este jovem com você — ela me diz com uma voz terrivelmente calma — na esperança de que você fosse uma influência civilizadora. Parece que eu estava gravemente equivocada.

Minha mente funciona rápido. Se eu pudesse convencê-la de que ele não ia fazer nada de mal, eu...

— Não, minha senhora, eu...

— Não me interrompa.

Eu olho para baixo.

— Então, o que tem a dizer em sua defesa?

Sei que nada que eu possa dizer vai mudar a opinião dela sobre mim. E é nessa percepção que eu me sinto estranhamente livre. O máximo que posso esperar é que Dutchy não seja enviado de volta às ruas.

— A culpa foi minha — disse eu. — Pedi a Dutchy, quero dizer, Hans, para me levar, a mim e ao bebê, até as escadas — olho para Carmine, que se contorce tentando sair fora dos braços do policial que o está segurando. — Pensei... que talvez pudéssemos ter um vislumbre do lago. Achei que o bebê gostaria de vê-lo.

A sra. Scatcherd me fitou. Dutchy me olha com surpresa. Carmine diz:

— Ago?

— E então... Carmine viu as luzes. — Aponto para cima e olho para Carmine, que em seguida joga a cabeça para trás e grita:

— Uz!

Os policiais não sabem exatamente o que fazer. O Bafo de Alcaçuz solta meu braço,

aparentemente convencido de que eu não iria fugir.

O sr. Curran fita a sra. Scatcherd, cuja expressão se torna ligeiramente mais suave.

— Você é uma menina tola e teimosa — diz ela, mas sua voz já perdeu a ferocidade e até posso dizer que não está tão irritada como quer aparentar. — Desrespeitou minhas instruções de esperar na plataforma. Colocou o grupo inteiro de crianças em risco e desonrou a si mesma. Pior, você desonrou a mim. E ao sr. Curran — acrescenta ela, virando-se para ele, que se retrai como se dissesse: “Deixe-me fora disso”. — Mas este não é, suponho, um caso para a polícia. Uma questão civil, não uma questão legal — esclarece ela.

O policial gordo faz um show para tirar as algemas de Dutchy e prendê-las em seu cinturão:

— Tem certeza de que não quer que o levemos, senhora?

— Muito obrigada, senhor, mas o sr. Curran e eu vamos planejar um castigo adequado.

— Como queira, senhora — responde ele. Em seguida toca a aba do chapéu e se afasta, girando nos calcanhares.

— Não se enganem — diz gravemente a sra. Scatcherd, olhando para a ponta do nariz de cada um de nós. — Vocês serão punidos.

A SRA. SCATCHERD BATE VÁRIAS VEZES NOS NÓS DOS DEDOS DE DUTCHY com uma longa régua de madeira, porém parece a mim uma penalidade sem entusiasmo. Ele mal estremece, então sacode as mãos duas vezes no ar e pisca para mim. Na verdade, não há muito mais que ela possa fazer. Despojados de família e identidade, alimentados com rações magras, confinados em assentos de madeira dura até não se sabe quando e, como Slobbery Jack sugeriu, vendidos como escravos, nossa mera existência já é um castigo suficiente. Embora ela ameace separar nós três, no final nos deixa juntos — esperando não contagiar os outros com a delinquência de Dutchy, diz ela, e aparentemente tendo decidido que cuidar de Carmine seria o meu castigo. Ela nos diz para não falar ou sequer olhar um para o outro.

— Se eu ouvir um murmúrio sequer, que Deus me ajude... — diz ela, e a ameaça perde força sobre nossas cabeças como um balão de gás furado.

No momento em que deixamos Chicago, já é noite. Carmine senta no meu colo, com as mãos na janela, pressionando o rosto contra o vidro, admirando lá fora as ruas e edifícios, todos iluminados.

— Uzz — ele diz suavemente, enquanto a cidade se distancia. Olho para fora da janela, como ele. Em breve tudo fica escuro, é impossível dizer onde a terra acaba e o céu começa.

— Tenham uma boa noite de descanso — fala a sra. Scatcherd a partir da frente do vagão. — Amanhã cedo vocês precisarão estar no seu melhor. É vital que causem uma boa impressão. A sonolência pode ser interpretada como preguiça.

— E se ninguém me quiser? — pergunta um menino, e todos no vagão parecem prender a respiração. É a pergunta que todos têm em mente, e a questão é que nenhum de nós quer ter a certeza da resposta.

A sra. Scatcherd olha para o sr. Curran, como se estivesse esperando por isso.

— Se acontecer de não ser escolhido na primeira parada, você terá várias outras oportunidades. — Não consigo pensar em um caso... — ela faz uma pausa e franze os lábios. — É incomum que uma criança viaje conosco de volta para Nova York.

— Perdoe-me, senhora — diz uma menina perto da frente. — E se eu não quiser ir com as pessoas que me escolherem?

— E se eles baterem em nós? — diz um menino, chorando.

— Crianças! — fala a sra. Scatcherd, piscando através dos seus pequenos óculos, enquanto vira a cabeça de um lado ao outro. — Não permitirei que vocês me interrompam!

Ela parece prestes a sentar-se sem abordar essas questões, mas depois muda de ideia.

— Vou dizer uma coisa a vocês: não há regra para gosto e personalidade. Alguns pais procuram um menino saudável para trabalhar na fazenda; como todos sabemos, o trabalho duro é bom para as crianças, e vocês teriam sorte se acabassem com uma boa família temente a Deus e que more em uma fazenda, todos vocês, meninos... E algumas pessoas querem bebês. As pessoas às vezes acham que querem uma coisa, mas depois mudam de ideia. Embora tenhamos a profunda esperança de que todos vocês vão encontrar as casas certas na primeira parada, nem sempre funciona assim. Então, além de serem respeitáveis e educados, vocês também devem manter a fé em Deus para guiá-los para a frente, se o caminho não estiver claro. Se sua viagem é longa ou curta, não importa, Ele irá ajudá-los, desde que vocês depositem sua confiança em Deus.

Olho para Dutchy, e ele olha para mim. A sra. Scatcherd sabe tão pouco quanto nós se iremos ser escolhidos por pessoas que nos tratem com bondade. Estamos indo em direção ao desconhecido, e não temos escolha a não ser nos sentar calmamente no assento duro e nos deixar levar até lá.

Caminhando de volta para o carro, Molly vê Jack pelo para-brisa, de olhos fechados, curtindo uma música que ela não consegue ouvir.

— Ei! — diz ela em voz alta, abrindo a porta do passageiro.

Ele abre os olhos e tira os fones dos ouvidos.

— E aí, como foi?

Ela balança a cabeça e entra no carro. Era difícil de acreditar que esteve lá dentro por apenas vinte minutos.

— Vivian é estranha... Cinquenta horas, meu Deus!

— Mas vai dar certo?

— Acho que sim. Nosso plano é que eu comece na segunda-feira.

Jack dá um tapinha na perna.

— Sensacional! Você vai acabar aquelas horas em tempo recorde.

— Melhor não contar com o ovo antes da galinha...

Ela vive fazendo isso, sempre contrariando o entusiasmo dele, o que já se tornara uma espécie de rotina. Ela iria dizer: “Olha, Jack, eu não sou como você. Sou mal-intencionada e rancorosa”, mas fica secretamente aliviada quando ele ri disso. Jack tem uma certeza otimista de que Molly é uma boa pessoa no fundo. E se ele tem essa fé nela, então, bem, deve estar tudo bem, certo?

— Basta continuar a dizer a si mesma... melhor do que no reformatório — diz ele.

— Tem certeza? Provavelmente seria mais fácil cumprir minha sentença e acabar com isso.

— Exceto pelo pequeno problema de ficar fichada...

Ela encolhe os ombros.

— Seria uma espécie de atestado de durona, não acha?

— Você não está falando sério, Molly... está? — diz Jack com um suspiro e ligando o carro.

Ela sorri para que ele saiba que ela está brincando. Mais ou menos.

— Melhor do que o reformatório... Daria uma tatuagem legal — Molly aponta para o próprio braço. — Bem aqui no meu bíceps.

— Não diga isso nem como piada — responde ele.

DINA COLOCA A FRIGIDEIRA COM HAMBÚRGUER NO MEIO DA MESA E senta-se pesadamente na cadeira.

— Ufa! Estou exausta.

— Dia difícil no trabalho, hein, gata? — diz Ralph, como sempre faz, embora Dina nunca lhe pergunte sobre o seu dia. Talvez ser encanador não seja tão emocionante quanto ser operadora policial na emocionante delegacia de Spruce Harbor. — Molly, me dê seu prato.

— Minhas costas estão me matando por causa daquela cadeira de merda em que eles me fazem sentar — diz Dina. — Juro que, se fosse a um quiroprático, poderia entrar com um processo contra eles.

Molly entrega a Ralph o prato, em que ele coloca um pouco de carne. Molly tinha

aprendido a separar a carne, mesmo num prato como esse, onde não se pode dizer o que é o que, porque está tudo misturado, pois Dina se recusa a reconhecer que a garota é vegetariana.

Dina ouve programas conservadores no rádio, pertence a uma igreja cristã fundamentalista e tem um adesivo colado no carro que diz “Armas não matam pessoas, as clínicas de aborto sim”. Ela e Molly são absolutamente o oposto uma da outra, o que seria problema se Dina não levasse todas as escolhas de Molly como uma afronta pessoal. Dina está constantemente revirando os olhos, murmurando baixo sobre as várias infrações de Molly – não arrumar a roupa, deixar o prato sujo na pia, não se incomodar em arrumar a cama todos os dias – que são parte integrante da agenda liberal que está arruinando o país. Molly sabe que deve ignorar esses comentários, “deixar a coisa cair no vazio”, como diz Ralph, mas eles a irritavam. Molly é muito sensível a eles, como a um diapasão muito alto. Tudo faz parte da mensagem inabalável que Dina sempre transmite: seja agradecida; vista-se como uma pessoa normal; não manifeste suas opiniões; coma a comida que está servida em seu prato.

A garota não consegue descobrir como Ralph se encaixa em tudo isso. Ela sabe que ele e Dina se conheceram no colégio, seguiram a previsível história do jogador de futebol americano com a líder de torcida, e estão juntos desde então, mas não sabe dizer se Ralph realmente compartilha das ideias de Dina ou se apenas as aceita para deixar sua vida mais fácil. Às vezes, Molly enxerga um vislumbre de independência, uma sobrançelha levantada, uma observação com palavras cuidadosamente escolhidas, e possivelmente irônicas, do tipo: “Bem, não podemos tomar uma decisão sobre isso até o chefe chegar em casa”.

Ainda assim, depois de tudo considerado, Molly sabe que se deu até muito bem: tem seu próprio quarto numa casa arrumada, pais adotivos sóbrios e trabalhando, um colégio decente, um namorado legal. Não se espera que ela cuide de um bando de crianças pequenas, como teve que fazer em uma das casas em que viveu, ou limpar a sujeira de quinze gatos, como teve que fazer em outra. Nos últimos nove anos, ela esteve em mais de uma dúzia de lares adotivos, em alguns por apenas uma semana. Foi espancada com uma espátula, deram-lhe tapas no rosto, foi colocada para dormir em um terraço sem aquecimento no inverno, foi ensinada a enrolar um baseado por um pai adotivo, a falar mentiras para a assistente social. Sua tatuagem foi feita ilegalmente aos dezesseis anos por um amigo de vinte e três da família de Bangor, um “especialista em tatuagens em treinamento”, como se autodenominava, que na verdade estava apenas começando e fez isso de graça... mais ou menos. Ela não ligava tanto para sua virgindade, de qualquer maneira.

Com os dentes do garfo, Molly tritura o hambúrguer no prato, na esperança de moê-lo no esquecimento. Dá uma mordida e sorri para Dina.

— Bom, obrigada.

Dina franze os lábios e ergue a cabeça, claramente tentando avaliar se o elogio de Molly é sincero. Bem, Dina, pensa Molly, é e não é. Obrigada por me aceitar e por me alimentar. Mas se você acha que pode anular os meus ideais, me forçar a comer carne quando eu lhe disse que não quero, esperar que eu me interesse por suas dores nas costas quando não parece nem um pouco interessada na minha vida, pode esquecer. Posso jogar essa merda desse seu jogo. Mas não tenho que jogar pelas suas regras.

Terry lidera o caminho para o terceiro andar, apressando-se em subir as escadas, com Vivian se movendo mais lentamente atrás dela e Molly fechando a fila. A casa é grande e cheia de correntes de ar, muito grande, pensa Molly, para uma velha que vive sozinha. A mansão tem catorze quartos, e a maioria fica fechada durante os meses de inverno. Durante o esforço narrativo de Terry a caminho do sótão, Molly tem a história completa: Vivian e o marido dirigiram uma loja de departamentos em Minnesota, e quando a venderam, há vinte anos, o casal fez um passeio de barco até a Costa Leste para celebrar sua aposentadoria. Eles viram esta casa, que era propriedade de um antigo capitão de navio, lá da baía e decidiram comprá-la num impulso. E foi assim: fizeram as malas e se mudaram para o Maine. Desde que Jim morreu, há oito anos, Vivian vive sozinha.

Em um patamar no alto da escada, Terry, ofegando um pouco, coloca a mão no quadril e olha em volta.

— Caramba! Por onde começar, Vivi?

Vivian chega ao degrau mais alto, segurando no corrimão. Está usando outro suéter de caxemira, cinza dessa vez, e um colar de prata com um estranho pingente.

— Bem, vamos ver.

Olhando em volta, Molly percebe que o terceiro andar da casa tem uma parte terminada – dois quartos sob a água do telhado e um banheiro bem antigo, com uma daquelas banheiras cujos pés são garras – e uma grande área aberta do sótão com um piso de assoalho bem gasto, meio coberto por um forro de linóleo manchado. São visíveis alguns pedaços de madeira com isolamento entre as vigas. Embora tanto o teto quanto o piso sejam escuros, o espaço é surpreendentemente claro. Há janelas com vitrôs em cada água-furtada, proporcionando uma visão clara da baía e da marina, mais adiante.

O sótão está cheio de caixas e móveis embalados, tudo tão apertado, que é difícil se mover por ali. Em um canto, há um aparador de roupas cobertas por um saco plástico com zíper. Várias caixas de cedro, tão grandes que Molly se pergunta como conseguiram trazê-las para cima, antes de tudo... E estão alinhadas contra uma parede ao lado de uma pilha de baús. Lá em cima, várias lâmpadas nuas brilham como pequenas luas.

Vagando entre as caixas de papelão, Vivian desliza a ponta dos dedos por cima delas, olhando para seus rótulos enigmáticos: “A loja, 1960 – Os Nielsen. Objetos de valor”.

— Suponho que seja para isso que as pessoas têm filhos, não é? — comenta. — Dessa forma, alguém vai se importar com as coisas que deixamos para trás.

Molly olha para Terry, que está sacudindo a cabeça com resignação sombria. Ocorre a ela que talvez a relutância de Terry em assumir esse projeto tenha tanto a ver com evitar esse tipo de momento piegas como evitar o trabalho em si.

Olhando sorratoriamente em seu celular, Molly vê as horas, 4h15, ou seja, passaram apenas quinze minutos desde que chegou. Ela deveria ficar até a seis da tarde de hoje, e então vir duas horas por dia durante os dias de semana e quatro horas a cada fim de semana, até... Bem, até cumprir as suas horas de serviço comunitário ou Vivian cair morta, o que viesse em primeiro lugar. De acordo com seus cálculos, deveria demorar cerca de um mês. Para terminar as horas, não para matar Vivian.

Mas se as próximas quarenta e nove horas e quarenta e cinco minutos forem tediosas assim, Molly não sabe se será capaz de suportar.

Na história americana que eles vinham estudando, ela entendeu como os Estados Unidos foram fundados sob um sistema de contratos de servidão. O professor, o sr. Reed, disse que no século XVII quase dois terços dos colonos ingleses vieram dessa maneira, vendendo anos de sua liberdade pela promessa de uma possível vida melhor. A maioria tinha menos de vinte e um anos de idade.

Molly decidiu pensar nesse trabalho como um contrato de servidão: cada hora trabalhada é mais uma hora perto da liberdade.

— Vai ser bom limpar essas coisas, Vivi — está dizendo Terry. — Bem, vou começar a lavar a roupa. Pode me chamar se precisar de mim! — Acena com a cabeça para Molly, como se dissesse “Ela é toda sua!” e se volta para descer as escadas.

Molly sabe tudo sobre a rotina de trabalho de Terry. “Você é como eu na academia, hein, mãe?”, diz Jack, brincando com ela sobre isso. “Bíceps um dia, quadris no outro...” Terry raramente se desvia de sua agenda autoimposta; com uma casa desse tamanho, ela costuma dizer, você tem que enfrentar uma região diferente a cada dia: quartos e lavanderia na segunda-feira, banheiros e plantas na terça-feira, cozinha e compras na quarta-feira, outras salas principais na quinta-feira, cozinhar para o fim de semana na sexta-feira.

Molly segue com dificuldade em meio às pilhas de caixas lacradas com fita adesiva bege brilhante para chegar à janela e abrir uma fresta. Mesmo aqui em cima, no topo desta grande casa antiga, ela pode sentir o cheiro da maresia.

— Elas não estão em alguma ordem especial, estão? — pergunta para Vivian, voltando-se a senhora. — Há quanto tempo estão aqui?

— Bem, não toco nisso desde que nos mudamos, então deve ser...

— Vinte anos.

Vivian lhe dá um sorriso austero.

— Então você estava me escutando.

— E já sentiu a tentação de jogar tudo isso no lixo?

Vivian franze os lábios.

— Eu não quis dizer... Desculpe. — Molly estremece, percebendo que foi um pouco longe demais.

Tudo bem, é oficial, ela precisa de um ajuste de atitude. Por que está sendo tão hostil? Vivian não fez nada para ela. Ela deve ser grata. Sem Vivian, estaria agora indo por um caminho escuro em direção a nenhum bom lugar. Mas esse tipo de sensação agradável acaba alimentando seu ressentimento, nutrindo-o. É algo que Molly pode saborear e controlar essa sensação de ter sido injustiçada pelo mundo. O fato de ela ter cumprido seu papel como membro da subclasse, das classes inferiores, agora contratada por essa gentil senhora branca do Meio-Oeste, é perfeito demais para acreditar.

Respire fundo. Sorria. Como Lori, aquela assistente social designada pelo juiz que ela encontra duas vezes ao mês, costuma lhe dizer para fazer, Molly decide criar uma lista mental de todas as coisas positivas sobre sua situação. Vamos ver. Um: se ela ficar com este trabalho, todo esse incidente será apagado de seu prontuário. Dois: ela tem um lugar para viver, por mais tenso e frágil que possa ser no momento. Três: se você tem que passar cinquenta horas em um sótão abafado no Maine, a primavera é provavelmente a melhor época do ano para fazê-lo. Quatro: Vivian é idosa, mas não parece senil.

Cinco... Quem sabe? Talvez haja realmente algo bem interessante nessas caixas.

Inclinando-se, Molly verifica os rótulos das caixas ao redor.

— Acho que deveríamos examiná-las em ordem cronológica. Vamos ver, este rótulo diz

“Segunda Guerra Mundial”. Existe alguma coisa antes disso?

— Sim. — Vivian se espreme entre duas pilhas de caixas e vai em direção às de cedro. — A coisa mais antiga que tenho está por aqui, acho. Mas os baús são pesados demais para empurrar. Então vamos ter que começar neste canto. Tudo bem para você?

Molly concorda. No andar de baixo, Terry entregou a ela uma faca serrilhada barata com cabo de plástico, uma pilha de sacos plásticos brancos e escorregadios para colocar o lixo, e um caderno espiral com uma caneta presa a ele para manter o controle do “inventário”, como ela o chamou. Agora Molly pega a faca e a atravessa na fita adesiva da caixa que Vivian escolheu: 1929-1930. Vivian, sentada em uma caixa de madeira, espera pacientemente. Depois de abrir as abas, Molly ergue um casaco de cor mostarda e Vivian franze a testa.

— Céus! — diz ela. — Não posso acreditar que guardei esse casaco. Eu sempre o detestei.

Molly segura o casaco, inspecionando-o. Ele é interessante, na verdade, uma espécie de estilo militar com grandes botões pretos. O forro de seda cinza está se desintegrando. Procurando nos bolsos, pesca um pedaço dobrado de papel pautado, quase totalmente desgastado nas dobras. Ao desdobrá-lo, revela-se a cuidadosa letra cursiva de uma criança a lápis, quase desaparecendo, repetindo a mesma frase várias vezes: “Agindo certo e honestamente, tudo dá certo. Agindo certo e honestamente, tudo dá certo. Agindo certo e corretamente, tudo dá certo...”.

Vivian pega o papel da mão de Molly e o abre em seu joelho:

— Eu me lembro disso. A sra. Larsen tinha a mais bela caligrafia.

— Sua professora?

Vivian assente.

— Por mais que eu tentasse, nunca consegui compor minhas letras como as dela.

Molly olha para as curvas perfeitas encostando exatamente na linha e no mesmo lugar.

— Para mim, parece ótimo. Você devia ver os meus rabiscos!

— Ouvi dizer que não ensinam mais isso.

— Sim, tudo está no computador. — Molly fica subitamente impressionada com o fato de que Vivian escreveu essas palavras sobre esta folha de papel mais de oitenta anos atrás. “Agindo certo e honestamente, tudo dá certo”. — As coisas mudaram muito desde que você tinha a minha idade, não é?

Vivian ergue a cabeça.

— Suponho que sim. A maior parte dessas mudanças não me afeta muito. Ainda durmo em uma cama, sento em uma cadeira e lavo os pratos em uma pia.

Ou Terry lava os pratos na pia, para ser mais exata, Molly pensa.

— Quase não vejo televisão. Você sabe que não tenho computador. De certo modo, minha vida é exatamente como era há vinte ou mesmo quarenta anos.

— Isso é meio triste — diz Molly abruptamente, e logo em seguida se arrepende.

Mas Vivian não parece ofendida. Fazendo um gesto de “quem se importa?” com os ombros, diz:

— Não acho que perdi muita coisa.

— Internet sem fio, fotografias digitais, *smartphones*, Facebook, You-Tube... — Molly bate os dedos de uma mão. — O mundo inteiro mudou na última década.

— Não é o meu mundo.

— Mas você está perdendo muito.

Vivian ri.

— Não creio que o FaceTube – ou que nome isso tenha – faria melhorar a minha

qualidade de vida.

Molly balança a cabeça.

— É Facebook. E YouTube.

— Que seja — diz Vivian despreocupadamente. — Não me importo, porque gosto da minha vida tranquila.

— Mas é preciso haver equilíbrio. Honestamente, não sei como você pode apenas existir nesse... Nesta bolha.

Vivian sorri.

— Você não tem problemas em falar o que vem à mente, não é? É o que sempre dizem a ela...

— Por que você guardou esse casaco, se o detestava tanto? — pergunta Molly, mudando de assunto.

Vivian o pega e o segura em frente a ela.

— Sabe que essa é uma boa pergunta?

— Então, devemos colocá-lo na pilha de doações?

Dobrando o casaco no colo, Vivian diz:

— Ah... Talvez. Vamos ver o que mais tem nessa caixa.

Durmo mal a última noite no trem. Carmine acorda várias vezes durante a noite, irritado e inquieto, e, embora eu tente acalmá-lo, ele chora sem parar por um longo tempo, perturbando as crianças que nos rodeiam. Quando o amanhecer chega, em faixas amarelas, ele finalmente adormece, com a cabeça na perna dobrada de Dutchy e os pés em meu colo. Estou bem acordada, tão cheia de energia nervosa que posso sentir o bombeamento do sangue em meu coração.

Estava usando o cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo bagunçado, mas agora desatei a velha fita e o deixo cair sobre os ombros, penteando-o com os dedos e alisando os cachos ao redor do rosto. E depois puxo-o de volta para trás tão firmemente quanto posso.

Virando-me, pego Dutchy olhando para mim.

— Seu cabelo é bonito. — Aperto os olhos para ele na escuridão, para ver se o menino está brincando, e ele olha para mim sonolento.

— Não foi isso que você disse há poucos dias.

— Eu disse que você vai ter dificuldades.

Minha vontade é afastar tanto a sua bondade quanto a sua honestidade.

— Não tem como você evitar ser o que é, certo? — diz ele.

Estico o pescoço para ver se a sra. Scatcherd poderia ter nos ouvido, mas não há movimento lá na frente.

— Vamos fazer uma promessa — diz ele. — De nos procurarmos.

— Mas como isso vai ser possível? Vamos acabar em lugares diferentes, certamente.

— Eu sei.

— E meu nome será mudado.

— O meu também, talvez. Mas podemos tentar.

Carmine se vira, colocando as pernas debaixo dele e esticando os braços, e nós dois mudamos de posição para acomodá-lo.

— Você acredita em destino? — pergunto.

— O que é isso mesmo?

— Que tudo já está decidido. E que você está apenas, sabe, vivenciando.

— Deus tem tudo planejado com antecedência.

Concordo com a cabeça.

— Não sei. Não estou gostando muito do plano até agora.

— Eu também não.

Nós dois rimos.

— A sra. Scatcherd diz que devemos começar do zero — digo. — Deixar o passado para trás.

— Posso deixar meu passado para trás, sem problemas. — Ele pega o cobertor de lã que caiu no chão e o prende ao redor do corpo de Carmine, cobrindo as partes expostas. — Mas não quero me esquecer de tudo...

FORA DA JANELA, VEJO TRÊS CONJUNTOS DE TRILHOS, MARRONS E prata, dispostos paralelamente àquele em que estamos, e, além deles, extensos campos planos de solo arado. O céu está claro e azul. O vagão do trem tem cheiro de fraldas sujas, suor e leite

azedo.

Na parte da frente do vagão, a sra. Scatcherd se levanta, se abaixa para confabular com o sr. Curran e se levanta de novo. Está usando um chapéu preto.

— Tudo bem, crianças. Acordem! — diz ela, olhando em volta, batendo palmas várias vezes. Seus óculos brilham na luz da manhã.

Em torno de mim, ouço pequenos grunhidos e suspiros daqueles que tiveram a sorte de conseguir dormir e que agora estão esticando os braços e pernas, se espreguiçando.

— Está na hora de se mostrarem apresentáveis. Cada um de vocês tem uma muda de roupa na mala, e estas, como sabem, estão na grade logo acima da cabeça. Os maiores, por favor, ajudem os menores. Não sei como enfatizar suficientemente a importância de uma boa primeira impressão. Caras limpas, cabelos penteados, camisas enfiadas dentro das calças. Olhos e sorrisos brilhantes. Vocês não vão ficar se mexendo nem tocando no rosto. E você, vai dizer o que, Rebecca?

Todos nós já estávamos bem familiarizados com o roteiro:

— Por favor e obrigado — diz Rebecca, sua voz quase inaudível.

— Por favor, e obrigado o quê?

— Por favor e obrigado, minha senhora.

— Você vai esperar para falar até que alguém lhe dirija a palavra, e então vai dizer por favor e obrigado, senhora. Você vai esperar para fazer o que, Andrew?

— Falar só quando me dirigirem a palavra?

— Exatamente. Você não vai ficar se mexendo nem o que, Norma?

— Tocando o rosto. Senhora, senhora.

Risadinhas entram em erupção nos assentos. A sra. Scatcherd olha para nós.

— Divertido, não é? Não acho que irão pensar que é divertido quando todos os adultos disserem, não, obrigado, não quero uma criança desleixada e rude, e vocês tiverem que voltar ao trem e ir para a próxima estação. Você pensa assim, sr. Curran?

A cabeça do sr. Curran se agita e levanta ao som de seu nome.

— Não, na verdade não, sra. Scatcherd.

O trem fica silencioso. Não ser escolhido não é algo que desejamos pensar. Uma menina na fila atrás de mim começa a chorar, e logo posso ouvir fungadas abafadas ao redor. Na parte da frente do trem, a sra. Scatcherd aperta as mãos e enrola os lábios em algo parecido com um sorriso.

— Ora, ora. Não há necessidade disso. Tal como com quase tudo na vida, se você é educado e se apresenta favoravelmente, é provável que tenha sucesso. Os bons cidadãos de Minneapolis estão vindo para a reunião no salão hoje, com a intenção sincera de levar um de vocês para casa, possivelmente mais do que um. Então se lembrem, meninas, de amarrar a fita de cabelo ordenadamente. Meninos, rosto limpo e cabelo penteado. Camisa abotoada corretamente. Ao desembarcar, ficarão em uma fila única e reta. Vão falar apenas quando lhes dirigirem a palavra. Em suma, você vai fazer o que for possível para facilitar que um adulto o escolha. Está claro?

O sol é tão brilhante que me faz apertar os olhos, tão quente que deslizo para o assento do meio, fora do brilho que vem pela janela, pegando Carmine no colo. À medida que avançamos, sobre pontes e pelas estações, lampejos de luz passam pelo vidro da janela, e Carmine faz um jogo de sombras, mexendo a mão por cima de meu avental branco.

— Você vai se dar bem, acho — diz Dutchy em voz baixa. — Pelo menos, não vai ficar com as costas doendo de arar a fazenda.

— Você não sabe se eu não vou — respondo. — E não sabe se vai...

O trem para na estação com um som agudo dos freios e uma grande rajada de vapor. Carmine está calmo, olhando para os prédios, fios e pessoas do lado de fora da janela com os olhos arregalados, após centenas de quilômetros de campos e árvores.

Ficamos de pé e começamos a recolher nossos pertences. Dutchy alcança as nossas malas e as coloca no corredor. Pela janela, vejo a sra. Scatcherd e o sr. Curran na plataforma conversando com dois homens de terno e gravata e chapéu de feltro preto, com vários policiais atrás deles. O sr. Curran os cumprimenta, e depois acena com a mão para nós quando pisamos fora do trem.

Quero dizer alguma coisa para Dutchy, mas não consigo pensar em quê. Minhas mãos estão úmidas. É um tipo terrível de ansiedade não saber em que estamos nos metendo. A última vez que me senti assim foi nas salas de espera da Ellis Island. Estávamos cansados, mamãe não se sentia bem, e não sabíamos para onde estávamos indo ou o tipo de vida que teríamos. Mas agora sei o que se tem como certo na vida: uma família. Eu acreditava que, não importava o que acontecesse, sempre estaríamos juntos.

Um policial sopra um apito e levanta o braço no ar, e compreendemos que temos de entrar em fila. O peso sólido de Carmine pressiona meus braços, seu hálito quente, meio azedo e pegajoso do leite da manhã, aquece minha face. Dutchy carrega as malas.

— Depressa, crianças — diz a sra. Scatcherd. — Em duas filas retas. Isso, muito bem. — Seu tom de voz está mais suave do que o habitual, e me pergunto se é porque estamos com outros adultos ou porque ela sabe o que vai acontecer a seguir. — Por aqui.

Caminhamos atrás dela, subindo uma larga escadaria de pedra, e o barulho dos saltos de nossos sapatos ecoa como um rufar de tambores. No alto da escada, seguimos por um corredor iluminado por brilhantes lâmpadas de gás, e entramos na sala de espera principal da estação, não tão majestosa como a de Chicago, mas impressionante, ainda assim. É grande e brilhante, com imensas janelas de várias folhas. Mais à frente, a capa negra da sra. Scatcherd ondula atrás dela como uma vela.

As pessoas apontam e sussurram, e me pergunto se sabem por que estamos aqui. Então vejo um folheto afixado a uma coluna. Em letras maiúsculas pretas sobre o papel branco, pode-se ler:

PROCURAM-SE

Lares para crianças órfãs

Uma empresa de crianças sem lar do Leste chega à

Estação Ferroviária de Milwaukee na sexta-feira, 18 outubro.

A distribuição se inicia às 10 horas da manhã.

As crianças são de várias idades,

de ambos os sexos, e foram abandonadas.

— O que foi que eu disse? — sussurra Dutchy, seguindo o meu olhar. — Lavagem de porcos.

— Você sabe ler? — pergunto surpresa, e ele sorri.

Como se alguém tivesse girado uma manivela nas minhas costas, sou impulsionada para a frente, um pé à frente do outro. A cacofonia da estação se torna um ruído maçante em

meus ouvidos. Sinto um cheiro doce – de maçãs carameladas? – quando passamos por um carrinho. Meu cabelo atrás do pescoço está úmido, e sinto uma gota de suor descendo pelas costas. Carmine é incrivelmente pesado. É estranho, penso, que eu esteja em um lugar que meus pais nunca viram e nunca vão ver. Como é estranho eu estar aqui e eles terem ido embora.

Toco a minha cruz, *daddagh*, em volta do pescoço.

Os meninos mais velhos já não parecem tão durões. Suas máscaras caíram, e vejo o medo em seus rostos. Algumas crianças estão fungando, mas a maioria vem se esforçando para ficar quieta, e fazer o que se espera delas.

À nossa frente, a sra. Scatcherd está de pé ao lado de uma grande porta de carvalho, com as mãos entrelaçadas na frente. Quando chegamos a ela, nos reunimos em volta, em um semicírculo, as meninas mais velhas segurando os bebês e as crianças mais novas se dando as mãos, as mãos dos meninos enfiadas nos bolsos.

A sra. Scatcherd inclina a cabeça.

— Santa Maria, mãe de Deus, nós vos rogamos lançar um olhar benevolente sobre essas crianças, para orientá-las e abençoá-las enquanto percorrem seu caminho no mundo. Somos vossos humildes servos em nome do Senhor. Amém.

— Amém — respondem rapidamente os mais piedosos, e o resto de nós os segue.

A sra. Scatcherd tira os óculos.

— Chegamos ao nosso destino. A partir daqui, se o Senhor quiser, vocês irão se dispersar, com as famílias que precisam de vocês e querem vocês. — Limpa a garganta. — Agora, lembrem-se: nem todos irão encontrar uma compatibilidade imediata. Isso já é esperado e não há nada com que se preocupar. Se você não for compatível agora, vai simplesmente embarcar no trem com o sr. Curran e comigo, e vamos viajar para outra estação, a cerca de uma hora daqui. E se não encontrar colocação lá, virá conosco para a próxima cidade.

As crianças ao meu lado se movem como um rebanho arisco. Meu estômago está vazio e trêmulo.

A sra. Scatcherd assente com a cabeça.

— Muito bem, sr. Curran, estamos prontos?

— Estamos, sra. Scatcherd — diz ele, e inclina-se contra a porta enorme, empurrando-a com o ombro para abri-la.

ESTAMOS AGORA NA PARTE DOS FUNDOS DE UMA GRANDE SALA SEM janelas, decorada com painéis de madeira, lotada de pessoas zanzando e algumas fileiras de cadeiras vazias. Enquanto a sra. Scatcherd nos conduz pelo corredor central em direção a um palco baixo na frente, um silêncio cai sobre a multidão, e depois um murmúrio se avoluma. As pessoas no corredor se afastam dos lados para nos deixar passar.

Quem sabe alguém aqui vai me escolher, penso. Talvez eu tenha uma vida que nunca me atrevi a imaginar, em uma casa iluminada, confortável, onde haja muita coisa para comer, como bolo tirado do forno e leite com chá com tanto açúcar quanto eu quiser. Mas estou tremendo ao me encaminhar até a escada do palco.

Estamos alinhados na fila por altura, do menor para o maior, algumas das meninas ainda segurando os bebês. Embora Dutchy seja três anos mais velho que eu, sou bem alta para a minha idade, então estamos separados apenas por um menino na fila.

O sr. Curran limpa a garganta e começa a fazer um discurso. Olhando para ele, observo

suas faces coradas e os olhinhos de coelho assustado, o bigode castanho caído e as sobrancelhas eriçadas, e o estômago, que se projeta a partir da parte inferior do colete como um balão mal-escondido.

— Uma simples questão de papelada — diz ele ao bom povo de Minnesota —, é só isso que se coloca entre vocês e uma dessas crianças aqui no palco... Fortes, saudáveis, boas para o trabalho nas fazendas ou para ajudar em casa. Você tem a chance de salvar uma criança da miséria, da pobreza e, acredito que a sra. Scatcherd concorda que não é exagero acrescentar, do pecado e da depravação.

A sra. Scatcherd assente, concordando.

— Então, vocês têm a oportunidade tanto de fazer uma boa ação quanto de conseguir alguma coisa em troca — continua ele. — Espera-se que alimentem, vistam e eduquem as crianças até a idade de dezoito anos, e forneçam uma educação religiosa, é claro, e é nossa esperança mais profunda que vocês acabem sentindo não só carinho por essas crianças, mas que venham a acolhê-las como sendo suas.

— A criança que você selecionar é sua graciosamente — acrescenta — por um período de teste de noventa dias. Após esse período, se preferir, pode enviá-la de volta.

A menina a meu lado faz um barulho baixo como o gemido de um cão e desliza a mão na minha. Está tão fria e úmida quantos as costas de um sapo.

— Não se preocupe, vamos ficar bem... — começo a falar, mas ela me dá um olhar de tal desespero que minhas palavras desaparecem na boca.

Enquanto observo as pessoas fazendo fila e subindo os degraus para o palco, sinto-me como uma das vacas na exposição agrícola que meu avô me levava em Kinvara.

Na minha frente está agora uma mulher loira, jovem, magra e pálida, e um homem sério com um pomo de Adão latejante na garganta, usando um chapéu de feltro. A mulher dá um passo à frente.

— Posso?

— Desculpe...? — respondo, sem entender.

Ela estende os braços. Ah, ela quer Carmine.

Ele olha para a mulher antes de esconder o rosto na curva do meu pescoço.

— Ele é tímido — digo a ela.

— Olá, menino — diz ela. — Qual é o seu nome?

Ele se recusa a levantar a cabeça. Eu o balanço.

A mulher vira-se para o homem e diz baixinho:

— Os olhos podem ser corrigidos, não acha?

E o homem responde:

— Não sei. Acho que sim.

Outro homem e uma mulher estão nos observando. Ela é corpulenta, com uma sobrancelha franzida e um avental sujo, e ele tem tiras finas de cabelo na cabeça calva.

— E quanto a essa? — diz o homem, apontando para mim.

— Não gosto do jeito dela — diz a mulher com uma careta.

— Ela também não gosta do seu jeito — diz Dutchy, e todos nos viramos para ele, surpresos. O menino atrás de nós recua alguns passos.

— O que você disse? — O homem vem e planta-se na frente de Dutchy.

— Sua mulher não deve falar assim. — A voz de Dutchy é baixa, mas consigo ouvir cada palavra.

— Fique fora disso — diz o homem, levantando o queixo de Dutchy com o dedo indicador. — Minha mulher pode falar sobre vocês, órfãos, do jeito que quiser.

Há um ruído, o farfalhar de uma capa preta, e como uma cobra através da vegetação rasteira a sra. Scatcherd está junto a nós.

— Qual é o problema aqui? — Sua voz é calma e contundente.

— Esse menino respondeu para meu marido — diz a mulher.

A sra. Scatcherd olha para Dutchy e, em seguida, para o casal.

— Hans é... muito vivo — diz ela. — Nem sempre pensa antes de falar... Desculpe-me, não entendi seu nome...

— Barney McCallum. E esta aqui é a minha mulher, Eva.

A sra. Scatcherd assente.

— O que você tem a dizer ao sr. McCallum, então, Hans?

Dutchy olha para os pés. Sei o que ele quer dizer. Acho que nós todos sabemos...

— Desculpe — murmura ele, sem olhar para cima.

Enquanto isso se desenrola, a mulher loira e magra na minha frente fica acariciando o braço de Carmine com o dedo, e agora, ainda aninhado contra mim, ele está olhando para ela por entre seus cílios.

— Que coisa mais doce que você é, não?

Ela faz cócegas na barriga dele com o dedo, e ele lhe dá um sorriso hesitante.

A mulher olha para o marido.

— Acho que é ele.

Posso sentir os olhos da sra. Scatcherd sobre nós.

— Uma boa senhora — sussurro para Carmine. — Ela quer ser sua mamãe.

— Mamãe — diz ele, lançando seu hálito quente no meu rosto. Seus olhos são redondos e brilhantes.

— O nome dele é Carmine.

Ergo os bracinhos dele, que estão ao redor de meu pescoço, segurando-os firmemente na minha mão.

A mulher cheira a rosas – como as flores brancas exuberantes ao longo da entrada da casa de minha avó. Ela é tão delicada quanto um pássaro. A moça coloca a mão nas costas de Carmine e ele se apega a mim com mais força.

— Está tudo bem — começo a falar, mas as palavras desmoronam na minha boca.

— Não, não, não — diz Carmine. Sinto que vou desmaiar.

— Você não precisa de uma garota para ajudar com ele? — passo a falar descontroladamente. — Eu poderia... — penso rapidamente, tentando me lembrar no que sou boa — Costurar roupas... E cozinhar.

A mulher me lança um olhar de pena.

— Ah, menina — diz ela. — Desculpe, mas... não podemos sustentar dois... Viemos aqui só para procurar um bebê... Tenho certeza de que você encontrará... — a voz dela se apaga. — Só queremos um bebê para completar nossa família.

Seguro as lágrimas. Carmine sente a mudança em mim e começa a choramingar.

— Você deve ir com sua nova mamãe — digo a ele, e o afasto de mim.

A mulher o pega de um modo estranho, empurrando-o nos braços. Não está acostumada a segurar um bebê. Estendo a mão e dobro a perna dele debaixo do braço dela.

— Obrigada por cuidar dele — diz ela, agradecendo a mim.

A sra. Scatcherd conduz os três para fora do palco, em direção a uma mesa coberta com formulários, e a cabeça escura de Carmine repousa no ombro da mulher.

UMA A UMA, AS CRIANÇAS À MINHA VOLTA SÃO ESCOLHIDAS. O MENINO ao meu lado se afasta com uma mulher baixa e redonda, que lhe diz que finalmente ela tem um homem em casa. A menina que geme como um cachorrinho se vai com um elegante casal de chapéu. Dutchy e eu estamos de pé juntos, conversando silenciosamente, quando um homem se aproxima, com a pele tão bronzada e desgastada como um velho sapato de couro, seguido por uma mulher com uma aparência azeda. O homem para na nossa frente por um minuto, e depois estende a mão e aperta o braço de Dutchy.

— O que está fazendo? — pergunta Dutchy, surpreso.

— Abra a boca.

Posso ver que Dutchy quer avançar e acertá-lo, mas o sr. Curran está nos observando de perto, e ele não se atreve a fazer isso. O homem coloca um dedo de aparência suja dentro da boca dele. Dutchy sacode a cabeça.

— Já trabalhou como enfardador de feno?

— pergunta o homem.

Dutchy olha para frente.

— Você está me ouvindo?

— Não.

— Não, você não está me ouvindo?

Dutchy olha para ele.

— Nunca trabalhei como enfardador de feno. Nem sei o que é isso.

— O que você acha? — O homem olha para a mulher e diz: — Esse é durão, mas podemos usar um moleque desse tamanho.

— Acho que ele vai entrar na linha — ela completa, parando na frente de Dutchy. —

Nós domamos cavalos. Os meninos não são tão diferentes.

— Vamos colocá-lo na carroça — diz o homem. — Temos um bom caminho à frente.

— Está tudo pronto? — diz o sr. Curran, vindo em nossa direção com um sorriso nervoso.

— É. É este aqui.

— Bem, tudo bem! Se me seguirem por aqui, podemos assinar os papéis.

Exatamente como Dutchy tinha previsto. Gente grosseira do campo à procura de ajuda na fazenda. Eles nem sequer o levaram ao descer do palco.

— Talvez não seja tão ruim assim — sussurro.

— Se ele puser a mão em mim...

— Você pode ser colocado em outro lugar.

— Sou apenas mão de obra — diz ele. — Isso é o que eu sou.

— Mas eles têm que enviar você para a escola.

Ele ri.

— E o que vai acontecer se não fizerem isso?

— Você vai fazer com que eles enviem. E então, em poucos anos...

— Venho procurar você — diz o menino.

Tenho que lutar para controlar minha voz.

— Ninguém me quer. Terei que voltar ao trem...

— Ei, moleque! Pare de vadiar aí — chama o homem, batendo palmas tão alto que todo mundo se vira para olhar.

Dutchy anda pelo palco e desce os degraus. O sr. Curran cumprimenta o homem e dá um tapinha no ombro dele. A sra. Scatcherd acompanha o casal para fora da porta, e Dutchy se arrasta atrás. Na porta, ele se vira e encontra meu rosto. E então se vai.

É difícil de acreditar, mas ainda não é meio-dia. Duas horas se passaram desde que entramos na estação. Há cerca de dez adultos vagando pelo salão, e meia dúzia de crianças do trem deixadas para trás, eu entre elas, depois alguns adolescentes com aparência doentia, e algumas crianças desnutridas, de olhos esbugalhados, taciturnas. É óbvio por que não fomos escolhidos.

A sra. Scatcherd sobe ao palco.

— Tudo bem, crianças. A jornada continua — diz ela. — É impossível saber qual a combinação de fatores que torna uma criança adequada para uma determinada família, mas, para ser sincera, vocês não gostariam de estar com uma família que não queira recebê-los de todo o coração. Então, embora isso possa não parecer o resultado desejado, digo a vocês que é o melhor. E se, depois de várias tentativas mais, tornar-se claro que... — sua voz oscila. — Por enquanto, vamos apenas nos preocupar com nosso próximo destino. As boas pessoas de Albans, Minnesota, estão à nossa espera.

É o início da tarde quando chegamos a Albans, que, percebo assim que paramos na estação, não se pode chamar de cidade... O prefeito está de pé na plataforma ao ar livre, e assim que descemos do trem somos conduzidos numa fila desorganizada até um edifício a um quarteirão da estação. O azul brilhante do céu da manhã está esmaecido, como se tivesse sido deixado muito tempo ao sol. O ar parece mais frio. Não estou mais nervosa nem preocupada, só quero acabar logo com isto.

Há menos pessoas aqui, cerca de cinquenta, mas enchem o pequeno edifício de tijolos. Não há palco, então caminhamos para a frente e viramos o rosto para a multidão. O sr. Curran faz uma versão menos florida do discurso de Minneapolis, e as pessoas começam a avançar lentamente. No geral, parecem ser mais pobres e mais gentis; as mulheres usam vestidos do campo e os homens se mostram desconfortáveis em roupas de domingo.

O fato de eu não ter nenhuma expectativa faz com que toda a experiência seja mais fácil de suportar. Acredito totalmente que vou acabar no trem de novo, para ser descarregada na próxima cidade, desfilar com as crianças restantes e sermos depois transportados de volta ao trem. Aqueles de nós que não forem escolhidos provavelmente retornarão a Nova York, e vão crescer em um orfanato. E talvez isso não seja tão ruim. Pelo menos eu saberia o que esperar: colchões duros, lençóis ásperos, diretoras rigorosas. Mas também amizade com outras meninas, três refeições por dia, e escola. Eu posso voltar para essa vida. Não preciso encontrar uma família aqui, e talvez seja mesmo melhor que isso não aconteça.

Enquanto penso isso, percebo uma mulher olhando para mim de perto. Ela tem mais ou menos a idade da minha mãe, o cabelo castanho ondulado cortado rente e traços fortes e simples. Usa uma blusa branca de gola alta com pregas verticais, um lenço escuro estampado e uma saia cinza-clara. Sapatos pretos pesados calçam seus pés. Um grande medalhão oval está pendurado numa corrente de ouro em seu pescoço. O homem em pé atrás dela é forte e corado, de cabelo ruivo desganhado. Os botões de seu colete estão apertados e confinando a circunferência de sua cintura.

A mulher chega bem perto de mim.

— Qual é o seu nome?

— Niamh.

— Eve?

— Não, Niamh. É irlandês — respondo.

— Como se escreve isso?

— N - I - A - M - H.

Ela olha para o homem, que se abre em um sorriso.

— Fresquinha do navio — diz ele. — Não é mesmo, senhorita?

— Bem, não exat... — começo, mas o homem me interrompe.

— De onde você é?

— Do condado de Galway.

— Ah, certo. — Ele assente com a cabeça, e meu coração pula. Ele conhece!

— Minha gente é do condado de Cork. Veio para cá há muito tempo, durante a Grande Fome.

Esses dois são um par peculiar, ela cuidadosa e reservada, ele saltando na ponta dos pés,

cantarolando com uma energia acumulada.

— O nome teria que mudar — diz ela ao marido.

— O que você quiser, minha querida.

Ela gira a cabeça para mim.

— Quantos anos você tem?

— Nove, senhora.

— Você sabe costurar?

Concordo com a cabeça.

— Sabe fazer ponto-cruz? Bainha? Pesponto à mão?

— Muito bem.

Aprendi a costurar sentada em nosso apartamento na Elizabeth Street, ajudando mamãe quando ela arrumava serviço extra de conserto e remendo e, vez o outra, um vestido para criar, de uma peça inteira de tecido. Muito de seu trabalho veio das irmãs Rosenblum, do andar de baixo, que preferiam fazer o trabalho de acabamento de bom grado e repassavam à minha mãe as tarefas mais tediosas. Eu ficava ao lado dela enquanto traçava alguns padrões com giz em cambraia e chita, e aprendi as costuras mais simples para fazer as guias do vestido que ia surgir.

— Quem a ensinou?

— Minha mãe.

— E onde ela está agora?

— Faleceu.

— E seu pai?

— Sou órfã — Minhas palavras pairam no ar.

A mulher acena para o homem, que põe a mão nas costas dela e orienta-a para o lado da sala. Eu observo enquanto eles conversam. Ele balança a cabeça e esfrega a barriga. Ela toca o corpete da blusa com uma mão espalmada, fazendo gestos em direção a mim. Ele se inclina, mãos na cintura, se curva para mais perto e sussurra no ouvido dela. Ela me olha de cima a baixo. Então eles vêm de volta.

— Sou a sra. Byrne — diz ela. — Meu marido tem uma loja de roupas femininas, e empregamos várias mulheres locais para fazer roupas sob encomenda. Estamos à procura de uma garota que seja boa com uma agulha.

Isto é tão diferente do que eu estava esperando que não sei o que dizer.

— Serei honesta com você. Não temos filhos e não temos interesse em sermos pais substitutos. Mas se você for respeitosa e trabalhadora, será tratada de forma justa.

Concordo com a cabeça.

A mulher sorri, e sua expressão muda. Pela primeira vez, ela parece quase amigável.

— Ótimo — e aperta minha mão. — Vamos assinar os papéis, então.

O sr. Curran, que estava pairando sobre nós, pausa, e somos levados até a mesa onde os formulários necessários são assinados e datados.

— Acho que a senhora vai achar Niamh madura para sua idade — diz a sra. Scatcherd. — Se for criada em um ambiente familiar estrito e temente a Deus, não há nenhuma razão para acreditar que ela não possa se tornar uma mulher de substância. — Levando-me de lado, ela sussurra: — Você tem sorte de ter encontrado uma casa. Não decepcione nem a mim nem à Sociedade. Não sei se terá outra chance.

O sr. Byrne leva minha mala marrom no ombro. Sigo-o e à sua esposa para fora do edifício, descendo a rua tranquila, e virando uma esquina onde seu Ford Modelo A preto está estacionado, em frente a uma modesta loja com cartazes escritos à mão: “SARDINHAS

NORUEGUESAS NO AZEITE, 15 CENTAVOS; ALCATRA, 36 CENTS/LIBRA”. O vento sussurra através das altas árvores esparsas à margem da rua. Depois de colocar minha mala no porta-malas, o sr. Byrne abre a porta traseira para mim. O interior do carro é preto, o banco de couro é frio e escorregadio. Eu me sinto muito pequena, aqui sozinha no banco de trás. Os Byrne tomam seus lugares na frente e não olham para trás.

O sr. Byrne se estica e toca o ombro da esposa, e ela sorri para ele. Com um estrondo alto, o carro ganha vida e partimos. O casal está tendo uma conversa animada no banco da frente, mas não consigo ouvir uma palavra.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, O SR. BYRNE PARA NA ENTRADA DE AUTOMÓVEIS de uma modesta casa bege com detalhes marrons. Assim que ele desliga o carro, a sra. Byrne olha para mim e diz:

— Decidimos por Dorothy.

— Você gosta do nome? — pergunta o sr. Byrne.

— Pelo amor de Deus, Raymond, não importa o que ela pensa — ralha a sra. Byrne enquanto abre a porta do carro. — Dorothy é o que escolhemos, e Dorothy ela será.

Brinco com o nome em minha mente: *Dorothy*. Tudo bem. Sou Dorothy agora.

As paredes estão lascadas e a pintura, descascando um pouco. Mas o vidro das janelas está brilhando de tão limpo e o gramado é aparado e arrumado. Vasos bojudos, com crisântemos cor de ferrugem, estão colocados em ambos os lados da escada.

— Uma de suas tarefas será varrer a varanda da frente, os degraus e a passagem até a rua todos os dias, até a neve chegar. Chova ou faça sol — diz a sra. Byrne enquanto eu a sigo pela porta da frente. — Você vai encontrar a pá e a vassoura dentro do armário do corredor à esquerda. — Ela se vira para me encarar, e eu quase trombo nela. — Está prestando atenção? Não gosto de ter que repetir.

— Sim, sra. Byrne.

— Me chame de senhora. Senhora será suficiente.

— Sim, senhora.

O pequeno saguão é sombrio e escuro. As sombras das cortinas de crochê brancas penduradas em cada janela lançam formas rendadas no chão. À esquerda, através de uma porta entreaberta, consigo vislumbrar o papel de parede vermelho, a mesa e cadeiras de mogno de uma sala de jantar. A sra. Byrne aperta um botão na parede e luzes se acendem acima de mim, quando o sr. Byrne aparece na porta da frente, trazendo a mala que estava no carro.

— Pronto? — pergunta ela, e abre a porta da direita, que dá para uma sala que, para minha surpresa, está cheia de pessoas.

Duas mulheres de blusa branca estão sentadas em frente de máquinas de costura pretas com a palavra *Singer* pintada em ouro ao longo do corpo, bombeando um pé na peça de treliça de ferro que move a agulha para cima e para baixo. Elas não olham para cima quando entramos, apenas continuam observando a agulha, colocando a linha e pressionando o tecido para que fique liso. Uma jovem roliça de cabelos castanhos e crespos está de joelhos no chão, na frente de um manequim de roupas, costurando pequenas pérolas em um corpete. Uma mulher de cabelos grisalhos se senta em uma cadeira marrom, perfeitamente ereta, fazendo a bainha em uma saia de chita. E uma menina que parece ter apenas alguns anos a mais do que eu está cortando um molde de papel sobre uma mesa. Na parede acima de sua cabeça se vê um bordado emoldurado que diz, em pequenas letras amarelas: “Me mantenha ocupada como uma abelha”.

— Fanny, você pode parar um minuto? — diz a sra. Byrne, tocando a mulher grisalha no ombro. — Diga às outras.

— Intervalo — diz a velhota. Todas olham para cima, mas a única que muda de posição é a garota, que coloca a tesoura na mesa.

A sra. Byrne olha ao redor da sala, comandando com o queixo.

— Como vocês sabem, já precisamos de ajuda extra há algum tempo, e estou feliz em informar que conseguimos encontrá-la. Esta é Dorothy — e levanta a mão na minha direção. — Dorothy, diga olá a Bernice — a mulher com cabelo crespo —, a Joan e Sally — as mulheres nas Singers —, a Fanny — a única que sorri para mim — e a Mary. Mary — continua, dirigindo-se à garota —, você vai ajudar Dorothy a se familiarizar com as coisas por aqui. Ela pode fazer alguma coisa de seu trabalho de recorte e liberá-la para outras coisas. E Fanny, você vai supervisionar. Como sempre.

— Sim, senhora — diz Fanny.

A boca de Mary se enrugou, e ela me lança um olhar duro.

— Tudo bem, então — diz a sra. Byrne. — Vamos voltar ao trabalho. Dorothy, sua mala está no saguão. Vamos discutir os arranjos de dormir durante o jantar. — Ela se vira para sair e em seguida acrescenta: — Mantemos horários rígidos para as refeições. Café da manhã às oito, almoço ao meio-dia, jantar às seis. Não há lanches entre as refeições. Autodisciplina é uma das qualidades mais importantes que uma jovem pode possuir.

Quando a sra. Byrne sai da sala, Mary sacode a cabeça para mim e diz:

— Vamos, depressa. Você acha que eu tenho o dia todo? — Obediente, vou até lá e fico atrás dela. — O que você sabe sobre costura?

— Eu costumava ajudar a minha mãe com os consertos.

— Você já usou a máquina de costura?

— Não.

Ela franze a testa.

— A sra. Byrne sabe disso?

— Ela não perguntou.

Mary suspira, claramente irritada.

— Eu não esperava ter que ensinar o básico.

— Eu aprendo rápido.

— Espero que sim. — Mary segura uma frágil folha de papel de seda. — Isto aqui é um

molde. Já ouviu falar nisso antes?

Aceno com a cabeça, confirmando, e Mary continua, descrevendo as várias características do trabalho que farei. As próximas horas são gastas fazendo tarefas que ninguém mais quer fazer — cortar pontos, alinhar, varrer o chão, recolher os alfinetes e coloca-los nas almofadas. Acabo picando os dedos o tempo todo e preciso ter cuidado para não deixar cair sangue nos tecidos.

Durante a tarde, as mulheres passam o tempo com conversa fiada e um zumbido ocasional. Mas, na maior parte do tempo, ficam em silêncio. Depois de um tempo, digo:

— Desculpe-me, preciso usar o banheiro. Você pode me dizer onde fica?

Fanny olha para cima.

— Acho que eu vou levá-la. Meus dedos precisam de um descanso. — Erguendo-se da cadeira com alguma dificuldade, faz um gesto em direção à porta. Eu a sigo pelo corredor até uma cozinha impecável e pela porta dos fundos. — Aqui fica o nosso. Nunca deixe a sra. Byrne pegá-la usando aquele que fica dentro da casa.

No fundo do quintal, com tufo de grama espalhados como se fossem cabelos escassos numa cabeça careca, há um barraco cinza, machucado pelo tempo, com uma fenda cortada para fora da porta. Fanny acena com a cabeça em direção a ele.

— Vou esperar aqui.

— Não precisa.

— Quanto mais tempo você ficar aí, mais tempo os meus dedos têm uma pausa.

O barraco é mal-acabado, e posso ver uma pequena parte da luz do dia através da fenda. O assento preto do vaso sanitário, usado até a madeira em alguns lugares, está colocado no meio de um banco tosco. Tiras de jornal se penduram de um rolo na parede. Eu me lembro de nosso banheiro, nos fundos da casa em Kinvara, por isso o cheiro não me choca, apesar do assento frio. Como seria aqui fora no inverno, durante uma nevasca? Do mesmo jeito, suponho, só que pior.

Quando termino, abro a porta, puxando para baixo o vestido.

— Você é muito magrinha — diz Fanny. — Aposto como está com fome. Ela está certa. Meu estômago se parece com uma caverna.

— Um pouco... — admito.

O rosto de Fanny é vincado e enrugado, mas seus olhos são brilhantes. Não consigo dizer se ela tem setenta ou cem anos. Está usando um vestido bonito, com flores roxas e um corpete, e me pergunto se foi ela quem o costurou.

— A sra. Byrne não nos dá muita coisa no almoço, mas deve ser provavelmente muito mais do que você já comeu. — Procura no bolso lateral do vestido e puxa uma pequena maçã brilhante. — Sempre que dá, guardo alguma coisa para mais tarde, caso venha a precisar. Ela tranca a geladeira entre as refeições.

— Não!

— Ah, sim, ela faz isso. Diz que não quer nenhuma de nós andando por lá sem a permissão dela. Mas geralmente eu consigo salvar alguma coisa — e me entrega a maçã.

— Não posso.

— Vá em frente. Você tem que aprender a aceitar o que as pessoas estão dispostas a dar.

A maçã tem cheiro tão fresco e doce que me dá água na boca.

— É melhor comer aqui, antes de voltarmos. — Fanny olha para a porta da casa, em seguida para as janelas do segundo andar. — Por que não come lá no banheiro?

Por mais desagradável que isso pareça, estou com tanta fome que não me importo. Volto para dentro do pequeno barraco e devoro a maçã até o fim. O suco escorre para baixo do

meu queixo, e enxugo com as costas da mão. Meu pai costumava comer até as sementes “onde estão todos os nutrientes, é muita ignorância jogar isso fora”, dizia ele. Mas, para mim, comer aquela cartilagem dura é como comer os ossos de um peixe.

Quando abro a porta, Fanny acaricia o queixo. Olho para ela, intrigada.

— Evidências — diz ela, e passo a limpar meu queixo pegajoso.

Mary faz uma carranca quando volto para a sala de costura. Empurra uma pilha de roupas para mim e diz:

— Pregue todos esses.

Passo a hora seguinte costurando as bordas o mais cuidadosamente possível, mas a cada vez que coloco uma roupa pronta na pilha, ela pega, inspeciona apressadamente e a atira de volta para mim:

— Isso está desleixado e malfeito. Faça novamente.

— Mas...

— Não discuta. Você deveria ter vergonha desse trabalho.

As outras mulheres olham para cima e, silenciosamente, retornam à sua costura.

Desfaço a costura com as mãos trêmulas. Então refaço tudo lentamente, medindo cada passo com uma régua de costura de metal. Sobre a lareira, um relógio ornamentado de ouro com frente de vidro abobadado bate alto. Prendo a respiração quando Mary inspeciona meu trabalho.

— Isso tem alguma irregularidade — diz ela finalmente, segurando a peça no alto.

— O que há de errado com ela?

— Está desigual — diz ela, sem me olhar nos olhos. — Talvez você seja... — e sua voz se apaga.

— Seja o quê?

— Talvez você não sirva para este tipo de trabalho.

Meu lábio inferior treme, e pressiono os lábios com força. Fico pensando se alguém — Fanny? — Vai entrar em cena, mas ninguém faz isso.

— Aprendi a costurar com minha mãe.

— Aqui você não está remendando um rasgo na calça de seu pai. As pessoas estão pagando um bom dinheiro...

— Eu sei costurar — retruco. — Talvez melhor do que você.

Mary olha para mim de olhos bem abertos.

— Você? Você é nada — ela estala. — Nem família tem!

Meus ouvidos estão zumbindo. A única coisa que posso pensar em dizer é:

— E você não tem boas maneiras.

Eu me levanto e saio da sala, fechando a porta atrás de mim. No corredor escuro, avalio minhas opções. Poderia fugir, mas ir para onde?

Depois de um momento, a porta se abre, e Fanny desliza para fora.

— Meu Deus, menina — sussurra ela. — Por que você tem que ser tão tagarela?

— Essa menina é má. O que eu fiz para ela?

Fanny põe a mão no meu braço. Seus dedos são ásperos, calejados.

— Não fará bem nenhum a você brigar e...

— Mas a minha costura estava em linha reta!

Ela suspira.

— Mary está apenas prejudicando a si mesma, mandando-a fazer o trabalho de novo. Ela recebe por peça, então não sei o que ela acha que está fazendo. Mas você, bem, deixe-me perguntar-lhe isto. Eles estão lhe pagando?

— Me pagando?

— Fanny! — Uma voz ressoa acima de nós. Olhamos para cima e vemos a sra. Byrne no topo da escada. Seu rosto está vermelho. — Que diabo está acontecendo aqui?

Não sei dizer se ela escutou o que estávamos falando.

— Nada com que se preocupar, senhora — diz Fanny rapidamente. — Uma pequena discussão entre as meninas, é tudo.

— Sobre o quê?

— Honestamente, minha senhora, não acho que gostaria de saber.

— Ah, mas eu quero saber.

Fanny olha para mim e balança a cabeça.

— Bem, a senhora já viu aquele menino que entrega o jornal da tarde? Elas chegaram a discutir sobre se ele tem namorada ou não. A senhora sabe como as meninas são...

Expiro lentamente.

— Tolices, Fanny — diz a sra. Byrne.

— Eu não queria lhe contar...

— Vocês duas, voltem para dentro. Dorothy, não quero mais ouvir uma palavra sobre esse absurdo, entendeu?

— Sim, senhora.

— Há trabalho a ser feito.

— Sim, senhora.

Fanny abre a porta e entra na minha frente na sala de costura. Mary e eu não trocamos mais palavras pelo resto da tarde.

À noite, no jantar, a sra. Byrne serve picado de carne, salada de batatas manchadas por beterraba e repolho borrachudo. O sr. Byrne mastiga ruidosamente. Posso ouvir cada ruído de sua mandíbula. Sei colocar o guardanapo no colo, vovó me ensinou a fazer isso. Sei também como usar faca e garfo. Embora a carne tenha um sabor tão seco e insípido quanto papelão, estou com tanta fome que tento não enfiar tudo de uma vez na boca. Vovó me dizia, pedaços pequenos, como uma dama.

Depois de alguns minutos, a sra. Byrne coloca o garfo no prato e diz:

— Dorothy, é hora de discutir as regras da casa. Como já sabe, você deve usar o banheiro dos fundos da casa. Uma vez por semana, nas noites de domingo, vou preparar um banho para você na banheira fora da cozinha. Domingo também é dia de lavar a casa, e você vai ter que ajudar. A hora de dormir é às nove da noite, com as luzes apagadas. Há um colchonete para você no armário do corredor. Você vai trazê-lo para fora à noite e enrolá-lo ordenadamente na parte da manhã, antes de as meninas chegarem, às oito e meia.

— Eu vou... Dormir no corredor? — pergunto, surpresa.

— Ora, você não espera dormir no segundo andar com a gente, não é? — diz ela com uma risada. — Deus me livre.

Quando o jantar acaba, o sr. Byrne anuncia que vai dar um passeio.

— E eu tenho trabalho a fazer — diz a sra. Byrne. — Dorothy, você vai limpar os pratos. Preste muita atenção onde cada coisa deve ser guardada. A melhor maneira de aprender como são as coisas nesta casa é observar de perto, e aprender por si mesma. Onde guardamos as colheres de pau? Os copos de suco? Deve ser um jogo divertido para você. — Começa a se virar para ir embora. — E não deve perturbar nem o sr. Byrne nem a mim depois do jantar. Você vai sozinha para a cama no momento apropriado e apagar a sua luz. — Com um curto sorriso, ela diz: — Esperamos ter um resultado positivo dessa experiência com você. Não faça nada para abalar nossa confiança.

Olho em volta para os pratos empilhados na pia, as tiras de casca de beterraba manchando uma tábua de corte de madeira, meia panela cheia de repolho translúcido, uma assadeira meio queimada e grossa de óleo. Observando a porta para garantir que os Byrne se foram, espeto um pedaço de repolho insípido com um garfo e engulo avidamente, quase sem mastigar. Como o resto do repolho desse jeito, ouvindo os passos da sra. Byrne na escada.

Enquanto lavo os pratos, olho pela janela sobre a pia para o quintal atrás da casa, sombrio agora na claridade da tarde, que vai desaparecendo; há algumas poucas árvores no fundo, e seus troncos finos terminam em galhos. No momento em que termino de esfregar a assadeira, o céu está escuro e o quintal desapareceu de vista. O relógio acima do fogão anuncia sete e meia.

Sirvo-me de um copo de água da torneira da cozinha e me sento à mesa. Parece muito cedo para ir para a cama, mas não sei mais o que fazer. Não tenho um livro para ler, e não vi nenhum na casa. Não tínhamos muitos livros no apartamento da Elizabeth Street, também, mas os gêmeos sempre traziam os jornais velhos dos jornaleiros. Na escola, havia poemas que eu gostava mais, Wordsworth, Keats e Shelley. Nosso professor nos fez memorizar o texto de “Ode a uma urna grega”, e sozinha na cozinha agora, fecho os olhos e sussurro: “*Tu, ainda intacta noiva da quietude. Tu, filha adotada do silêncio e da demora...*” Mas é só disso que consigo me lembrar.

Preciso ver as coisas pelo lado positivo, como vovó sempre me dizia. Não é tão ruim aqui. A casa é austera, mas não desconfortável. A luz acima da mesa da cozinha é quente e alegre. Os Byrne não querem me tratar como uma criança, mas não tenho tanta certeza de que gostaria de ser tratada assim. Um trabalho que me mantenha as mãos e a mente ocupadas desse jeito é, provavelmente, exatamente do que preciso. E logo irei para a escola.

Penso em minha própria casa na Elizabeth Street, tão diferente, mas sinceramente não melhor do que esta. Mamãe na cama no meio da tarde, no sufocante calor, deitada no escuro de seu quarto, com os meninos reclamando que estavam com fome, e Maisie chorando; e eu pensando que iria enlouquecer com o calor, a fome e o barulho. Papai já acordado e indo para o trabalho – era o que dizia ele –, mas o dinheiro que trazia para casa a cada semana era sempre menos do que o esperado, e ele entrava tropeçando depois da meia-noite, cheirando à bebida. Nós o ouvíamos se arrastar pela escada, cantando o Hino Nacional irlandês:

— *We're children of a fighting race, / That never yet has known disgrace, / And as we march, the foe to face, / We'll chant a soldier's song.*

E então irrompia no apartamento, e mamãe o xingava, mandando-o ficar quieto. Ele ficava de pé, a silhueta sob a luz do quarto, e embora todos nós já devêssemos estar dormindo, ou fingíssemos estar, ficávamos extasiados, admirados com sua alegria e ousadia.

No armário do corredor, encontro minha mala e uma pilha de roupas de cama. Desenrolo um colchonete de crina de cavalo e coloco um travesseiro fino e amarelado em cima. Há um lençol branco, que espalho sobre o colchão e prendo nas bordas, e uma colcha comida pelas traças.

Antes de ir para a cama, abro a porta dos fundos e vou ao banheiro. A luz da janela da cozinha lança um brilho opaco por cerca de dois metros, e o restante então fica escuro.

A grama é frágil sob meus pés. Sei o caminho, mas é diferente à noite, já que o contorno da casinha é pouco visível à frente. Olho para o céu sem estrelas. Meu coração bate. Essa escuridão silenciosa me assusta mais do que na noite da cidade, com seu ruído e suas luzes.

Abro o trinco e entro. Depois, tremendo, puxo a calcinha para cima e saio correndo,

batendo a porta atrás de mim, enquanto corro pelo quintal e subo os três degraus que levam à cozinha. Tranco a porta conforme as instruções e inclino-me contra ela, ofegante. E então percebo o cadeado na porta da geladeira. Quando isso aconteceu? O sr. ou a sra. Byrne deve ter descido enquanto eu estava lá fora.

Em algum momento, na segunda semana, torna-se claro para Molly que “limpar o sótão” significa pegar as coisas, se inquietar com elas por alguns minutos e colocá-las de volta onde estavam, em uma pilha ligeiramente mais limpa e organizada. Fora as duas dezenas de caixas que ela e Vivian examinaram até agora, apenas uma pequena pilha de livros mofados e algumas roupas amareladas foram consideradas estragadas demais para manter.

— Acho que não estou ajudando muito você — diz Molly.

— Bem, é verdade — responde Vivian. — Mas eu estou ajudando você, certo?

— Então, quer dizer que você inventou esse projeto falso para me favorecer? Ou pelo menos é o que suponho, ou foi a Terry? — diz Molly, entrando no jogo.

— Cumprindo meu dever cívico.

— Você é muito nobre.

Sentada no chão do sótão, Molly tira as peças para fora da caixa de cedro uma por uma, e Vivian senta-se numa cadeira de madeira ao lado dela. Luvas de lã marrom. Um vestido de veludo verde com uma faixa de fita larga. Um cardigã branco-amarelado. *Anne de Green Gables*.^[1]

— Dê-me aquele livro — diz Vivian.

Ela pega o livro de capa dura, verde com letras douradas, ilustrado com o desenho de uma menina de abundante cabelo ruivo com um coque, e o abre.

— Ah, sim, eu me lembro — comenta Vivian. — Eu tinha quase exatamente a mesma idade da heroína quando o li pela primeira vez. Uma professora me deu... minha professora favorita, a srta. Larsen. — Folheia o livro devagar, parando em uma página aqui e ali. — Anne fala muito, não acha? Eu era muito mais tímida do que ela — diz, e olha para cima. — E você?

— Desculpe-me, não li esse livro — responde Molly.

— Não, não. O que eu gostaria de saber é se você era tímida quando menina! O que eu estou dizendo? Você é uma menina ainda. Mas o que quero saber é se você era tímida quando mais jovem.

— Não exatamente tímida. Eu era... quieta.

— Circumspecta — diz Vivian. — Vigilante.

Molly vira e revira essas palavras em sua mente. Circumspecta? Vigilante? Ela é assim? Houve um tempo, depois que seu pai morreu, depois que foi levada embora, ou depois que sua mãe se foi – é difícil de saber o que veio primeiro, ou se aconteceu tudo ao mesmo tempo –, que ela parou de falar completamente. Todo mundo falava dela e sobre ela, mas ninguém pedia sua opinião nem lhe dava ouvidos quando ela dizia o que pensava. Então ela parou de tentar. Foi durante esse período que ela acordava no meio da noite e saía da cama para ir ao quarto dos pais, e logo percebia, de pé no corredor, que não tinha mais pais.

— Bem, você não é exatamente do tipo efervescente agora, é? — pergunta Vivian. — Mas vi você mais cedo, lá fora, quando Jack a deixou aqui, e seu rosto estava — Vivian levanta as mãos nodosas, esticando os dedos — todo iluminado. Você estava... muito intensa!

— Quer dizer que estava me espionando?

— Claro! De que outra forma posso descobrir alguma coisa sobre você?

Molly vinha puxando as coisas para fora do baú e as colocava em pilhas — roupas, livros,

bugigangas embrulhadas em jornal velho. Mas então se senta sobre os calcanhares e olha para Vivian.

— Você é engraçada — diz Molly.

— Já fui chamada de muitas coisas na vida, querida, mas não tenho certeza se alguém alguma vez me chamou de engraçada.

— Eu poderia apostar que sim.

— Talvez pelas minhas costas — diz Vivian, enquanto fecha o livro. — Você afirmou que é uma leitora ávida. Estou certa?

Molly dá de ombros. Essa parte da leitura é uma coisa muito particular, entre ela e os personagens do livro.

— Então, qual é o seu romance preferido?

— Não sei. Não tenho nenhum.

— Ah, acho que tem, sim. Você é do tipo.

— O que quer dizer com isso?

Vivian espalha a mão sobre o baú, e suas unhas estão pintadas de um rosa tão delicado que parecem de bebê.

— Posso dizer que você sente as coisas. Profundamente.

Molly fez uma careta.

Vivian pressiona o livro na mão de Molly.

— Não há dúvida de que você pode achá-lo antiquado e sentimental, mas quero que você fique com ele.

— Você está dando este livro para mim?

— Por que não?

Para sua surpresa, Molly sente um nó na garganta. Engole em seco. Que ridículo, uma velhinha lhe dá um livro mofado, que para ela não tem mais nenhum uso, e ela engasga de emoção. Deve estar de TPM...

Molly luta para manter a expressão neutra.

— Está bem, obrigada — diz ela, com indiferença. — Mas significa que tenho que ler?

— Com certeza. Haverá um questionário — diz Vivian.

Por um tempo, eles trabalham quase em silêncio, Molly segura um item – um cardigã azul-celeste com manchas e flores amarelas, ou um vestido marrom com muitos botões faltando, ou um cachecol azul-lilás e um par de luvas combinando – e Vivian suspira.

— Acho que não há nenhuma razão para manter isso. — E então inevitavelmente acrescenta: — Deixe isso na pilha do “talvez”.

Em certo momento, do nada, Vivian pergunta:

— Então, onde é que está sua mãe, afinal?

Molly tinha se acostumado com esse tipo de abordagem que “vinha do nada”. Vivian tende a pegar as discussões que começaram alguns dias antes e encaminhá-las novamente de onde parou, como se fosse perfeitamente natural fazer isso.

— Ah, quem sabe? — diz Molly ao abrir uma caixa que, para seu deleite, parece fácil de decisão: jogar tudo fora – dezenas de livros contábeis empoeirados de 1940 e 1950. Certamente não há nenhuma razão para mantê-los. — Eles podem ir embora, não acha? — diz ela, segurando um livro preto e fino.

Vivian o apanha e começa a folhear.

— Bem... — responde a senhora, com a voz um pouco mais baixa. E olha para cima. — Você a procurou?

— Não.

— Por que não?

Molly lança a Vivian um olhar afiado. Não está acostumada com pessoas que fazem perguntas contundentes – aliás, qualquer pergunta, na verdade. A única pessoa que fala sem rodeios assim com ela é Lori, a assistente social, que já conhece os detalhes de sua história. (E, de qualquer maneira, Lori não fica insistindo nos “porquês”. Está interessada apenas em causa, efeito, e um sermão.) Mas Molly não pode ir para cima de Vivian, porque afinal de contas ela lhe deu “um cartão de liberdade”, uma oportunidade para se ver livre do reformatório. Se “liberdade” significa cinquenta horas de perguntas incisivas... Ela empurra os cabelos para longe dos olhos e responde:

— Não procurei por ela porque não me importo.

— Sêrio?

— Sêrio.

— Você não teve curiosidade?

— Não.

— Não tenho muita certeza disso.

Molly dá de ombros.

— Hum... Porque, na verdade, você parece meio... com raiva.

— Não sinto raiva. Somente não me importo. — Molly levanta uma pilha de livros para fora da caixa e bate no chão. — Podemos reciclar esses?

Vivian acaricia a mão dela.

— Acho que ficarei com essa caixa — diz Vivian, como se ela não tivesse dito tudo o que disse até agora.

— ELA SE METE EM TUDO NA MINHA VIDA! — DIZ MOLLY, ENTERRANDO o rosto no pescoço de Jack. Eles estão em seu Saturn, e ela está escarranchada em cima dele, no banco do carro.

Rindo, roçando sua barba áspera, ele pergunta:

— O que quer dizer? — Ele desliza as mãos sob a blusa dela e acaricia suas costelas com os dedos.

— Isso faz cócegas — diz ela, contorcendo-se.

— Gosto quando você se mexe assim.

Ela beija o pescoço dele, a mancha escura no queixo, o canto do lábio, uma das suas sobrancelhas grossas, e ele a puxa mais para perto, passando as mãos ao redor e sobre os seus seios pequenos, colocando-os encaixados em suas mãos.

— Não sei nada sobre a vida dela... E nem quero saber! Mas ela espera que eu fale tudo sobre a minha.

— Ah, e qual é o problema disso? Se ela conhecer um pouco mais sobre você, talvez seja mais legal com você. Talvez as horas passem mais rápido. Provavelmente ela deve ser uma pessoa solitária. Deve estar querendo alguém para conversar.

Molly torce o rosto.

— Experimente ter um pouco de ternura... — canta Jack.

A garota suspira.

— Não preciso entretê-la com histórias sobre a minha vida de merda. Não podemos todos ser ricos desse jeito e viver em uma mansão.

Ele lhe beija o ombro.

— Então vire o jogo. Faça perguntas a ela.

— E que me importa? — diz ela suspirando, e em seguida começa a correr o dedo ao longo da orelha de Jack até que ele vira a cabeça, morde-o e o leva até a boca.

Ele se abaixa e puxa a alavanca, e o banco cai para trás com um solavanco. Molly pousa de forma descuidada em cima dele, e os dois começam a rir. Afastando-se um pouco para dar espaço para Molly, Jack diz:

— Basta fazer o que é preciso para conseguir essas horas, certo? — Virando de lado, ele passa os dedos ao longo da cintura de suas calças pretas. — Se não conseguir se adaptar a isso, terei que descobrir uma maneira de ir para o reformatório com você. E seria péssimo para nós dois.

— Não me parece tão mal assim.

Empurrando a calça dela para baixo do quadril, ele diz:

— Isso que eu estou procurando.

Ele corre os dedos sobre as linhas escuras da tatuagem de tartaruga no quadril da garota. O casco é oval e pontiagudo, dividido em um ângulo como um escudo, com uma margarida em um lado e um floreio tribal do outro, e nadadeiras que se estendem em arcos pontudos.

— Qual o nome desse carinha?

— Não tem nome.

Inclinando-se e beijando-lhe o quadril, ele diz:

— Vou chamá-lo de Carlos.

— Por quê?

— Ele tem cara de Carlos. Certo? Vê a cabeça? Como se a tivesse meneando, do tipo “E aí? Olá, Carlos” — diz ele em fasete dominicano, dando tapinhas na tartaruga com seu dedo indicador. — Ei, cara! O que está acontecendo?

— Não é um Carlos. É um símbolo indígena — diz ela, um pouco irritada, empurrando a mão dele.

— Ah, vamos lá, admita... Você estava bêbada e fez uma tartaruga qualquer. Podia ser um coração com o sangue escorrendo ou algumas palavras em chinês que não é chinês coisa nenhuma.

— Não é verdade! As tartarugas têm um significado muito importante na minha cultura.

— Ah, sim, princesa guerreira — retruca ele. — De que tipo?

— As tartarugas carregam suas casas nas costas — diz ela, percorrendo o dedo sobre a tatuagem, e conta o que seu pai lhe disse: — Elas estão expostas e escondidas ao mesmo tempo. São símbolo de força e perseverança.

— Muito profundo.

— Sabe por quê? Porque sou uma pessoa muito profunda.

— Ah, é mesmo?

— Sim — diz ela, beijando-o na boca. — Na verdade, fiz isso porque, quando vivíamos em Indian Island, tivemos uma tartaruga chamada Shelly.

— Ah, Shelly. Entendi tudo.

— Tudo bem. De qualquer forma, não sei o que aconteceu com ela.

Jack desce a mão ao redor do osso do quadril dela.

— Tenho certeza de que ela está bem — diz ele. — Não são as tartarugas que vivem uns cem anos?

— Não num tanque, quando não há quem as alimente, sem chance.

Ele não diz mais nada, apenas coloca o braço em volta do ombro de Molly e beija seus cabelos.

Ela se instala ao lado dele no banco do carro. O para-brisa está embaçado e a noite, escura, e dentro daquele pequeno Saturn ela se sente como num casulo, protegida. Sim, isso mesmo. Como uma tartaruga em seu casco.

Ninguém vem atender a porta quando Molly toca a campainha. A casa está quieta. Ela olha o celular: são nove e quarenta e cinco. É o Dia do Professor e não há aula, então ela pensou que poderia eliminar algumas horas...

Molly esfrega os braços e tenta decidir o que fazer. Está uma manhã anormalmente fria e nevoada, e ela se esqueceu de trazer uma blusa. Tomou o Island Explorer, o ônibus gratuito que faz um giro contínuo pela ilha, e desceu no ponto mais próximo da casa de Vivian, uma caminhada de cerca de dez minutos. Se não tiver ninguém em casa, ela vai ter que voltar ao ponto e esperar o próximo ônibus, o que pode demorar um pouco. Mas, apesar dos arrepios, Molly sempre gostou de dias como este. O céu cinzento, austero, e os galhos nus das árvores lhe parecem combinar mais com seu estado de espírito do que a simples promessa de um dia ensolarado de primavera.

No caderninho que carrega por aí, Molly registrou cuidadosamente seu tempo: quatro horas num dia, duas horas no outro. Vinte e três até agora. Fez uma planilha no Excel, em seu *laptop*, que mostra tudo isso. Jack riria se soubesse, mas ela está no sistema por tempo suficiente para entender que tudo se resume a documentação. Mantenha seus papéis em ordem, com as assinaturas corretas e todos os registros, e as acusações serão retiradas, o dinheiro liberado, o que for. Se você é desorganizado, corre o risco de perder tudo.

Molly descobre que pode matar pelo menos cinco horas hoje. Vai aumentar o total para vinte e oito, o que representa mais da metade concluída.

Toca a campainha de novo, colocando as mãos em concha contra o vidro para investigar o corredor escuro. Experimentando a maçaneta da porta, descobre que gira, e a porta se abre.

— Olá! — diz já dentro, e como não recebe resposta, tenta de novo, agora um pouco mais alto, enquanto caminha pelo corredor.

Ontem, antes de sair, Molly disse a Vivian que viria mais cedo hoje, mas não tinha precisado o horário. Agora, de pé na sala de estar com as cortinas fechadas, fica se perguntando se não deveria ir embora. A velha casa está cheia de ruídos. Seus assoalhos de pinho rangem, as vidraças chacoalham, moscas zumbem perto do teto, as cortinas batem. Sem a distração de vozes humanas, Molly imagina que pode ouvir os sons nas outras salas: as molas dos colchões gemendo, torneiras pingando, luzes fluorescentes zumbido, correntes se chocando.

Demora-se um momento a olhar em volta, a prateleira ornamentada em cima da lareira, as molduras de carvalho decoradas e o lustre de latão. Além das quatro grandes janelas com vista para o mar, Molly pode ver a curva da linha da costa, os pinheiros serrilhados a distância, o mar brilhante cor de ametista. A sala tem cheiro de livros antigos e do fogo de ontem à noite, e, muito fraco, o cheiro de algo saboroso vindo da cozinha... É sexta-feira. Terry deve estar cozinhando para o fim de semana.

Molly está olhando para os velhos livros de capa dura nas estantes altas quando a porta da cozinha se abre e Terry se agita para dentro.

Molly gira o corpo.

— Oi!

— Ah! — grita Terry, apertando contra o peito o pano que está segurando. — Você me deu um susto dos diabos! O que está fazendo aqui?

— Hã... bem — gagueja Molly, começando a se perguntar a mesma coisa. — Toquei a campainha algumas vezes e, então, entrei...

— Vivian sabia que estava vindo?

Sabia?

— Acho que a gente não marcou um horário exato e...

Terry estreita os olhos e franze a testa.

— Você não pode simplesmente aparecer quando lhe der na telha. Ela não está disponível a todo o momento.

— Eu sei — diz Molly, e o rubor aquece seu rosto. — Sinto muito.

— Vivian nunca teria concordado em começar tão cedo. Ela tem uma rotina. Levantase às oito ou nove, desce a escada às dez.

— Achei que as pessoas de idade se levantassem cedo — murmura Molly.

— Nem todas fazem isso. — Terry coloca as mãos nos quadris. — Mas não é esse o ponto. Você invadiu a casa.

— Bem, eu não...

Suspirando, Terry diz:

— Jack deve ter dito a você que eu não era muito fã dessa ideia. Sobre você cumprir as suas horas dessa maneira.

Molly concorda. Aí vem o sermão.

— Jack está se arriscando muito por você, e não me pergunte por quê.

— Eu sei, e aprecio isso. — Molly está ciente de que é quando fica na defensiva que se mete em encrenca. Mas não pode resistir e diz: — Mas espero estar provando que sou digna dessa confiança.

— Não, aparecendo assim sem avisar, não está.

Tudo bem, mereceu essa. O que foi mesmo que o professor de Questões Jurídicas disse na aula outro dia? Nunca traga um ponto para ser discutido se não tiver resposta para ele.

— E outra coisa — continua Terry. — Eu estava no sótão esta manhã. E não sei dizer o que você está fazendo lá em cima.

Molly salta sobre os pés, chateada por ela estar chamando sua atenção por coisas sobre as quais não tem controle, e ainda mais chateada consigo mesma por não convencer Vivian a se livrar do lixo. Claro que, aos olhos de Terry, Molly está apenas girando os polegares, deixando o tempo passar como um funcionário público olhando o relógio.

— Vivian não quer se livrar de nada — responde. — Estou limpando as caixas e rotulando-as.

— Deixe-me dar-lhe alguns conselhos — diz Terry. — Vivian está dividida entre o coração — e novamente segura o pano amassado contra o coração — e a cabeça — como se Molly não tivesse conseguido fazer a conexão, leva o pano até a cabeça. — Abrir mão de suas coisas é como dizer adeus à vida. E isso é difícil para qualquer um. Assim, seu trabalho é convencê-la disso. Porque lhe prometo o seguinte: não vou ficar feliz se você passar cinquenta horas lá em cima mexendo nas coisas à sua volta sem nada para mostrar. Eu amo Jack, mas... — Terry balança a cabeça. — Honestamente, já chega. — Nesse momento, Terry parece estar falando para si mesma, ou possivelmente para Jack, e não há muita coisa que Molly possa fazer a não ser morder o lábio e concordar com a cabeça para mostrar que entende.

Depois de Terry concordar, a contragosto, que poderia de fato ser uma boa ideia começar mais cedo hoje, e que se Vivian não aparecesse em meia hora talvez ela devesse subir e acordá-la, diz a Molly que se sinta em casa; ela tem trabalho a fazer.

— Você tem alguma coisa com que se ocupar, certo? — pergunta, antes de voltar para a cozinha.

O livro que Vivian deu a Molly está em sua mochila. Ela não se preocupou em abri-lo, ainda, principalmente porque parece lição de casa de um trabalho que já é uma punição, mas também porque ainda está relendo *Jane Eyre* para a aula de inglês (ironicamente, a professora, sra. Tate, distribuiu exemplares editados pela escola uma semana depois que Molly tentou furtá-lo) e esse livro é enorme. É sempre um choque reentrar nele; para ler um capítulo, ela descobre que precisa desacelerar a respiração e entrar em transe, como um urso hibernando. Todos os seus colegas de classe estão reclamando disso, das digressões prolongadas de Brontë sobre a natureza humana, das subtramas sobre os amigos de Jane em Lowood School, do diálogo prolixo, “irrealista”.

— Por que não pode simplesmente contar a maldita história? — resmungou Tyler Baldwin em aula. — Caio no sono toda vez que começo a ler. Como se chama isso, narcolepsia?

Essa reclamação gerou um coro de concordância, mas Molly ficou em silêncio. E a sra. Tate, sempre em estado de alerta, sem dúvida, pelo menor sinal de faíscas na madeira úmida que era sua classe, percebeu.

— Então o que *you* acha, Molly?

Molly deu de ombros, não querendo parecer ansiosa demais.

— Eu gosto do livro.

— Do que você gosta?

— Não sei. Gosto dele.

— Qual é sua parte favorita?

Sentindo os olhos da classe nela, Molly se encolheu um pouco na cadeira.

— Não sei...

— É apenas um romance chato — disse Tyler.

— Não, não é — ela desabafou.

— Por que não? — pressionou a sra. Tate.

— Porque... — Molly pensou por um momento. — Jane é uma espécie de fora da lei. É apaixonada e determinada, e diz exatamente o que pensa.

— Onde você achou isso? Porque não senti nada parecido com isso, muito longe, aliás... — disse Tyler.

— Tudo bem... Como nesta frase — disse Molly. Folheando o livro, encontra a cena que estava procurando. — “Assegurei a ele que eu era naturalmente forte, bastante insensível, e que ele muitas vezes me acharia assim; e que, além disso, estava decidida a mostrar a ele diversos pontos espinhosos de meu caráter... ele deveria saber exatamente em que tipo de negócio estava se metendo enquanto ainda havia tempo para desistir.”

A sra. Tate ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Parece alguém que conheço.

Agora, sentada sozinha em uma poltrona vermelha, à espera de Vivian, que deveria descer a qualquer momento, Molly pega o livro *Anne de Green Gables*.

E abre na primeira página:

A senhora Rachel Lynde morava exatamente onde a estrada principal de Avonlea mergulhava em um pequeno vale, rodeada por amieiros e brincos de princesa, e atravessada por um riacho que se formava bem atrás do bosque do velho Cuthbert...

É claramente um livro destinado a jovens, e à primeira vista Molly não tem certeza de que poderia se interessar por ele. Mas, à medida que começa a ler, ela se vê capturada pela história. O sol está alto no céu; ela tem que inclinar o livro para fora da luz forte e, então, depois de alguns minutos, mudar de lado, para não ter que apertar os olhos ao ler.

Depois de uma hora, ou pouco mais, ela ouve a porta da sala se abrir e olha para cima. Vivian entra, olha em volta, foca os olhos em Molly e sorri, aparentemente sem ficar surpresa de vê-la ali.

— Cedo assim e já tão animada! — diz ela. — Gosto do seu entusiasmo. Talvez eu deixe você esvaziar uma caixa hoje. Ou duas, se tiver sorte.

Segunda-feira pela manhã... Levanto cedo e lavo o rosto na pia da cozinha antes que o sr. e a sra. Byrne despertem, então tranço o cabelo cuidadosamente e o amarro com duas fitas que encontrei na pilha de sobras, na sala de costura. Coloco um vestido limpo e o avental, que pendurei em um galho ao lado da casa para secar depois que fizemos a lavagem no domingo.

No café da manhã, aveia em flocos sem açúcar, quando pergunto como chego à escola e a que horas devo estar lá, a sra. Byrne olha para o marido e depois de novo para mim. Puxa o cachecol escuro estampado e o aperta ao redor dos ombros.

— Dorothy, o sr. Byrne e eu sentimos que você não está pronta para ir à escola.

A aveia adquire um gosto de gordura animal congelada na minha boca. Olho para o sr. Byrne, que está se inclinando para amarrar os cadarços. Seus cachos crespos caídos sobre a testa escondem-lhe o rosto.

— O que a senhora quer dizer? — pergunto. — As pessoas da Sociedade de...

A sra. Byrne aperta as mãos e me dá um sorriso de boca fechada.

— Você não pertence mais a essa sociedade, certo? Nós somos os únicos a determinar o que é melhor para você agora.

Meu coração salta.

— Mas eu tenho que ir...

— Vamos ver como progride ao longo das próximas semanas, mas por enquanto pensamos que é melhor para você despendar um tempo se adaptando ao seu novo lar.

— Eu já estou... adaptada — digo, e o calor começa a subir para as maçãs do meu rosto. — Fiz tudo o que a senhora me pediu. Se estiver preocupada que não vou ter tempo para fazer a costura...

A sra. Byrne me corrige com um olhar firme, e minha voz vacila.

— As aulas na escola já começaram há um mês — diz ela. — Você está incrivelmente atrasada, sem nenhuma chance de acompanhar este ano. E sabe-se Deus que tipo de escolaridade de cortiço você deve ter recebido.

Minha pele se arrepia. Até mesmo o sr. Byrne se assusta com isso.

— Chega, chega, Lois — diz ele em voz baixa.

— Eu não estava num... cortiço — disse eu, sufocando a palavra. E então, como ela não me perguntou, como nenhum dos dois me perguntou mais nada, acrescento: — Eu estava na quarta série. Minha professora foi a sra. Uhrig. Eu estava no coral, e nós apresentamos uma opereta, *Polished Pebbles*.

Ambos olham para mim.

— Eu gosto de ir à escola — disse eu.

A sra. Byrne se levanta e começa a empilhar os pratos. Pega meu prato mesmo sem que eu tenha terminado de comer a torrada. Suas ações são estúpidas e os talheres tilintam contra a porcelana. Ela coloca a água para correr na pia e despeja os pratos e utensílios nela, fazendo um barulho alto. Então se vira, enxugando as mãos no avental.

— Você é uma garota insolente. Espero não ouvir uma só palavra mais. Somos os únicos que decidem o que é melhor para você. Está claro?

E esse foi o fim de tudo. O tema escola não foi mencionado novamente.

VÁRIAS VEZES POR DIA A SRA. BYRNE SE MATERIALIZA NA SALA DE COSTURA como um fantasma, mas nunca pega uma agulha. Seus deveres, até onde posso ver, consistem em checar como estão os pedidos, passando as ordens para Fanny, que depois as distribui para nós, e vai recolhendo as roupas acabadas. Ela pede a Fanny relatórios sobre o progresso, e enquanto isso vai fazendo uma varredura com o olhar na sala para ter certeza de que o resto de nós está trabalhando arduamente.

Estou cheia de perguntas para fazer aos Byrne, mas tenho medo de perguntar. Qual é exatamente o negócio do sr. Byrne? O que ele faz com as roupas que as mulheres costuram? (Eu poderia dizer que *nós* fazemos, mas o trabalho que faço, costurando a bainha, é como descascar batatas e se autointitular cozinheiro.) Aonde a sra. Byrne vai todos os dias e o que faz de seu tempo? Posso ouvi-la lá em cima de vez em quando, mas é impossível saber o que está fazendo.

A sra. Byrne tem muitas regras. E me repreende na frente das outras por pequenas infrações e erros – por não ter feito a cama tão perfeitamente como deveria, ou por ter deixado a porta da cozinha entreaberta. Todas as portas da casa devem ficar fechadas o tempo todo, a não ser que você esteja entrando ou saindo. A maneira como a casa fica, toda trancada – a porta para a sala de costura, as portas para a cozinha e sala de jantar, até a porta no alto da escada –, torna o lugar ameaçador e misterioso. À noite, em minha cama naquela sala escura, ao pé da escada, esfregando e mantendo os pés juntos para aquecê-los, fico assustada. Nunca estive tão sozinha assim. Mesmo na Sociedade de Auxílio às Crianças, em minha cama de ferro no pavilhão, eu estava rodeada de outras garotas.

Não estou autorizada a ajudar na cozinha – acho que a sra. Byrne receia que eu possa roubar comida. E, de fato, assim como Fanny faz, de vez em quando escorrego para dentro do meu bolso um pedaço de pão ou uma maçã. A comida da sra. Byrne é insossa e ruim – ervilhas moles e cinzentas, de lata, batatas cozidas sem gosto, ensopados aguados – e nunca há o suficiente. Não sei dizer se o sr. Byrne realmente não percebe o quanto a comida é terrível, ou se não se importa – ou se sua mente está simplesmente em outro lugar.

Quando a sra. Byrne não está por perto, o sr. Byrne é amigável. Gosta de conversar comigo sobre a Irlanda. Sua própria família, ele me diz, é de Sallybrook, perto da costa leste. Seu tio e os primos eram republicanos, na Guerra da Independência; lutaram com Michael Collins e estavam lá no Four Courts Building, em Dublin, em abril de 1922, quando os britânicos invadiram o prédio e mataram os rebeldes, e estavam lá quando Collins foi assassinado alguns meses mais tarde, perto de Cork. Collins foi o maior herói que a Irlanda já teve, sabia?

Sim, assenti. Eu sei. Mas sou cética e duvido que os primos dele estivessem lá. Meu pai costumava dizer que cada irlandês que você encontra na América jura ter um parente que lutou ao lado de Michael Collins.

Meu pai prezava Michael Collins. Cantava todas as canções revolucionárias, e geralmente bem alto e desafinado, até mamãe pedir que ele ficasse quieto, porque as crianças estavam dormindo. Ele me contou um montão de histórias dramáticas – sobre a Prisão de Kilmainham, em Dublin, por exemplo, onde um dos líderes da revolta de 1916, Joseph Plunkett, casou-se com sua namorada, Grace Gifford, na pequena capela apenas algumas horas antes de ser executado por um pelotão de fuzilamento. Quinze foram executados durante aquele dia, até mesmo James Connolly, que estava doente demais para ficar em pé, e, assim sendo, eles o amarraram a uma cadeira e o levaram para o pátio, e seu corpo ficou cravado de balas. “Perfurem todo seu corpo com balas”, dizia meu pai. Mamãe estava sempre pedindo que ele se calasse, mas ele acenava para ela parar.

— É importante que eles saibam disso — dizia ele. — Essa é a história deles! Podemos estar aqui agora, mas, por Deus, nosso povo está lá.

Mamãe tinha suas razões para querer esquecer. Foi o Tratado de 1922, responsável pela formação do Estado Livre, que nos empurrou para fora de Kinvara, disse ela. As Forças da Coroa, determinadas a esmagar os rebeldes, invadiram as cidades do condado de Galway e explodiram as linhas ferroviárias. A economia estava em ruínas. Sobrou muito pouco trabalho para as pessoas. Meu pai não conseguia encontrar emprego.

Bem, era isso, dizia, e a bebida.

— Você poderia ser minha filha, sabe — me diz o sr. Byrne. — Seu nome... Dorothy... Sempre dizíamos que daríamos esse nome para a nossa própria filha um dia, mas infelizmente isso não aconteceu. E aqui está você, ruiva e tudo mais.

Continuo me esquecendo de responder quando me chamam de Dorothy. Mas de certa forma estou feliz por ter uma nova identidade. Isso torna mais fácil poder abrir mão de tanta coisa. Não sou a mesma Niamh que deixou a avó, tios e tias em Kinvara. E que cruzou o oceano no *Agnes Pauline*, que vivia com a família na Elizabeth Street. Não, sou Dorothy agora.

— DOROTHY, PRECISAMOS CONVERSAR — diz a sra. Byrne no jantar, uma noite. Olho para o sr. Byrne, que está cuidadosamente passando manteiga numa batata cozida.

— Mary diz que você não é... Como poderia dizer isso? Alguém que aprenda rápido. Ela diz que você parece... resistente? Desafiante? Ela não tem certeza.

— Isso não é verdade.

Os olhos da sra. Byrne estão em chamas.

— Ouça com atenção. Se dependesse de mim, eu entraria em contato com a Sociedade imediatamente e a faria retornar e ter que procurar outra casa. Mas o sr. Byrne me convenceu a dar-lhe uma segunda chance. No entanto, se eu ouvir mais uma queixa sobre o seu desempenho ou o seu comportamento, vou devolver você.

Ela faz uma pausa e toma um gole de água.

— Sinto-me tentada a atribuir esse comportamento ao seu sangue irlandês. Sim, é verdade que o sr. Byrne é irlandês – de fato, é por isso que nós lhe demos uma chance –, mas eu também gostaria de salientar que o sr. Byrne não fez a besteira, como poderia ter feito, de se casar com uma garota irlandesa, por uma boa razão.

No dia seguinte, a sra. Byrne vem para a sala de costura e diz que precisa de mim para fazer uma tarefa no centro da cidade, e que a caminhada é de um quilômetro e meio.

— Não é nada complicado — replica ela, quando peço indicações do endereço. — Você não prestou atenção quando dirigimos até aqui?

— Posso ir com ela nesta primeira vez, senhora — diz Fanny.

A sra. Byrne não parece nada feliz com isso.

— Acabei esta pilha — diz Fanny, colocando a mão de veias aparentes em uma pilha de saias para senhoras. — Todas com a bainha feita e passadas. Meus dedos estão doloridos.

— Tudo bem, então. Somente desta vez — diz a sra. Byrne.

Caminhamos lentamente por conta do quadril dolorido de Fanny, através da vizinhança dos Byrne, com suas pequenas casas em apertados lotes. Na esquina da Elm Street, viramos à esquerda em direção ao centro, e cruzamos a Maple, a Birch e a Spruce Street antes de virarmos à direita na Main Street. A maioria das casas parece bem nova, variações dos

mesmos poucos projetos. Estão pintadas com cores diferentes, é uma paisagem perfeita, com pequenos arvoredos e arbustos. Algumas passagens frontais dão direto na porta da rua e outras serpenteiam por um caminho cheio de curvas. À medida que nos aproximamos da cidade, passamos por residências maiores, onde moram muitas famílias, e algumas construções comerciais – um posto de gasolina, uma loja de esquina, um viveiro de flores nas cores das folhas de outono: ferrugem, dourado e carmim.

— Não consigo imaginar por que você não memorizou esta rota quando nos dirigíamos para a casa — diz Fanny. — Ah, céus, garota, você é muito lenta.

Olho para ela de lado e ela me dá um sorriso malicioso.

O armazém geral, na Main Street, é mal-iluminado e muito quente. É preciso alguns instantes para que meus olhos possam se acomodar. Quando olho para cima, vejo presuntos curados pendurados no teto, e prateleiras e mais prateleiras de mercadorias secas. Fanny e eu pegamos vários pacotes de agulhas de costura, alguns papéis de moldes e um rolo de gaze, e, depois de pagar, Fanny pega um dos centavos do troco e o desliza para mim do outro lado do balcão.

— Compre um pedaço de doce para a caminhada de volta.

Os potes de doces em palitos, em uma prateleira suspensa, estavam alinhados em deslumbrantes combinações de cores e sabores. Após ficar em dúvida por um longo momento, escolho um redemoinho nas cores rosa-melancia e maçã-verde.

Desembrulho meu palito de doce e ofereço um pedaço para Fanny, mas ela recusa.

— Não tenho mais vontade de doces.

— Eu não sabia que você podia superar isso.

— Esse doce é para você — diz ela.

No caminho de volta, andamos lentamente. Nenhuma de nós está ansiosa para chegar lá. O duro e sulcado doce é ao mesmo tempo adocicado e azedo. O choque de sabores é tão intenso que quase desmaio. Passo a chupá-lo para que ele se reduza bastante, saboreando cada gosto.

— Você vai ter que se livrar disso antes de chegarmos — diz Fanny. E não precisa explicar.

— Por que Mary me odeia? — pergunto, quando estamos mais perto.

— Não. Ela não odeia você, garota. Ela está apavorada.

— Com quê?

— Com que você acha?

Não sei. Por que Mary estaria com medo de mim?

— Ela tem certeza de que você está querendo pegar o seu trabalho — diz Fanny. — A sra. Byrne segura o dinheiro apertado no bolso. Por que ela iria pagar Mary para fazer o trabalho que você pode ser treinada para fazer de graça?

Eu procuro não trair a mim mesma expressando alguma emoção, mas as palavras de Fanny me atormentam.

— É por isso que eles me escolheram.

Ela sorri gentilmente.

— Você deve saber disso. Qualquer garota que segure uma agulha com linha já seria o suficiente. Trabalho grátis é trabalho grátis. — À medida que subimos os degraus para a casa, ela diz: — Você não deve culpar Mary por estar sentindo medo.

A partir de então, em vez de me preocupar com Mary, eu me concentro no trabalho. E me concentro em fazer meus pontos com idêntica dimensão e espaçamento. Cuidadosamente passo a ferro cada peça de roupa até que fique suave, bem lisa, translúcida.

Cada peça de roupa que sai da minha cesta para a de Mary – ou das outras mulheres – me dá uma sensação de realização.

Mas minha relação com ela não melhora. Pelo contrário, conforme meu trabalho melhora, mais ela se torna dura e exigente. Coloco uma saia na minha cesta e Mary a pega, olha de perto, arrebenta os pontos e a joga de novo para mim.

AS FOLHAS MUDARAM DE UM TOM ROSA PARA UM VERMELHO-MAÇÃ E depois para um marrom apagado, e ando até a casinha sobre um tapete de folhas macias e cheiro adocicado. Um dia a sra. Byrne me olha de cima a baixo e pergunta se tenho outras roupas. Venho alternando entre dois vestidos, um com que vim, azul e branco quadriculado, e o outro riscado.

— Não — respondo.

— Bem, então — diz ela —, você terá que fazer algumas para si mesma.

No final da tarde, ela me leva para a cidade, um pé hesitante no acelerador e o outro, em intervalos irregulares, no freio. Seguindo desse jeito meio errático, finalmente paramos na frente do armazém.

— Você pode escolher três tecidos diferentes — diz ela. — Deixe-me ver... Três metros de cada um?

Eu assenti.

— O pano deve ser resistente e barato... Que é a única coisa que faz sentido para... — diz a sra. Byrne fazendo uma pausa. — Para uma menina de nove anos de idade.

A sra. Byrne leva-me ao longo de uma seção cheia de rolos de tecido, direcionando-me para a prateleira com os mais baratos. Escolho um algodão quadriculado azul e cinza, um delicado estampado verde e um padrão rosa. A sra. Byrne acena para as duas primeiras escolhas e faz careta para a terceira.

— Misericórdia, não com um cabelo vermelho — diz ela, ao mesmo tempo que tira um rolo de cambraia azul. — Um tapete modesto é o que eu estou pensando, com um babado mínimo. Simples e liso. Uma saia até o joelho, discreta. Você pode usar o avental em cima quando estiver trabalhando. Você tem mais de um avental?

Quando eu balanço minha cabeça em negativa, ela diz:

— Temos muito tecido de algodão cru de forro na sala de costura. Você pode fazer um com ele. Você tem casaco? Ou um suéter?

— As freiras me deram um casaco, mas é muito pequeno.

Depois que o tecido é medido, cortado, embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante, sigo a sra. Byrne, descendo uma rua que vai em direção a uma loja de roupas femininas. Ela vai direto para uma prateleira de descontos na parte de trás e encontra um casaco de lã cor de mostarda, vários números maior que o meu, com botões brilhantes, negros. Quando eu o coloco, ela franze a testa.

— Bem, é um bom negócio — diz ela. — Afinal, não há sentido em comprar uma roupa que vá lhe durar apenas um mês. Acho que está ótimo!

Odeio o casaco. Não é nem muito quente. Mas tenho medo de fazer objeções. Felizmente lá há uma grande seção de suéteres em liquidação e encontro um azul-marinho em tricô e um branco sujo com decote em V do meu tamanho. A sra. Byrne acrescenta uma volumosa saia de veludo que está com 70% de desconto.

À noite, no jantar, uso meu novo suéter branco e a saia.

— O que é essa coisa em torno do seu pescoço? — pergunta a sra. Byrne, e percebo que ela está falando do meu colar, que normalmente está escondido pelos vestidos de gola alta. Ela se inclina mais perto para olhar.

— Uma cruz irlandesa — respondo.

— É muito esquisito. O que são essas mãos? E por que o coração tem uma coroa? — pergunta ela, e depois se senta na cadeira. — Para mim isso é um sacrilégio.

Eu lhe conto a história de que minha avó ganhou esse colar em sua Primeira Comunhão e o passou para mim antes de eu vir para a América.

— As mãos juntas simbolizam amizade. O coração é o amor, e a coroa representa a lealdade — expliquei.

Ela funga e redobra o guardanapo no colo.

— Ainda assim acho estranho. Tem metade de mim que quer que você o retire.

— Vamos lá, Lois — diz o sr. Byrne. — É uma bijuteria que ela trouxe de casa. Não há com que se preocupar, não causa nenhum dano.

— Talvez seja a hora de dar um jeito nas coisas antigas do seu país.

— Mas não incomoda ninguém, incomoda?

Olho para ele, surpresa por ele estar me defendendo. Ele pisca para mim como se fosse um jogo.

— Isso está me incomodando — diz ela. — Não há nenhuma razão para que essa menina precise contar por todos os cantos que ela é católica.

O sr. Byrne ri.

— Veja o seu cabelo. Não há como negar que ela é irlandesa, não é?

— Tão impróprio para uma menina — diz a sra. Byrne baixinho.

Mais tarde o sr. Byrne me conta que sua esposa não gosta de católicos em geral, mesmo que tenha casado com um. Ajuda muito o fato de ele nunca ir à igreja.

— Assim as coisas vão bem para nós dois — diz ele.

Quando a sra. Byrne aparece na sala de costura, em uma tarde de terça-feira, no final de outubro, fica claro que algo está errado. Ela parece abatida e desmotivada. Seu cabelo escuro, preso geralmente em ondas apertadas atrás da cabeça, está escapando por todos os lados. Bernice fica de pé, mas a sra. Byrne a dispensa com um gesto de mão.

— Senhoras — diz ela, levando a mão à garganta. — Senhoras! Preciso contar uma coisa a vocês. O mercado de ações caiu hoje. Está em queda livre. E muitas vidas estão... — ela para de falar para recuperar o fôlego.

— Minha senhora, quer se sentar? — pergunta Bernice.

A sra. Byrne a ignora.

— As pessoas perderam tudo — murmura, apertando o encosto da cadeira de Mary. Seus olhos percorrem a sala como se estivesse procurando algo em que se focar. — Se mal podemos alimentar a nós mesmos, dificilmente poderemos pagar para empregar vocês, não é verdade? — Seus olhos se enchem de lágrimas, e ela sai da sala, sacudindo a cabeça.

Ouvimos a porta da frente se abrir e o barulho da sra. Byrne descendo os degraus.

Bernice diz a todas nós para voltarmos ao trabalho, mas Joan, uma das mulheres que está nas Singers, levanta-se abruptamente.

— Tenho que ir para casa ver meu marido. Preciso saber o que está acontecendo. E tem mais, qual o objetivo de continuar trabalhando se não seremos pagas?

— Vá embora, se precisa — diz Fanny.

Joan é a única que sai, mas as restantes de nós ficam nervosas a tarde toda. Não é fácil costurar quando as mãos estão tremendo.

É DIFÍCIL DIZER EXATAMENTE O QUE ESTÁ ACONTECENDO, MAS À MEDIDA que as semanas passam, começamos a captar vislumbres da situação. O sr. Byrne parece que investiu um bocado no mercado de ações, e o dinheiro desapareceu. A demanda por roupas novas diminuiu, e as pessoas têm preferido remendar as próprias peças – essa é uma coisa que você pode facilmente economizar.

A sra. Byrne está ainda mais dispersa e ausente. Paramos de jantar juntas. Ela leva sua comida para o andar de cima, deixando uma coxa de frango ou uma tigela com peito de boi frio e um pedaço de gordura gelatinosa marrom no balcão, com instruções estritas para que eu lave meu prato quando acabar. O dia de Ação de Graças é como qualquer outro. Nunca celebrei essa data com a minha família irlandesa, por isso não me incomodo, mas as meninas ficam murmurando durante o dia todo: isso não é cristão, não é americano mantê-las longe da família num dia como esse.

Talvez porque a alternativa seja tão sombria, passei a gostar da sala de costura. Fico ansiosa para rever essas mulheres todos os dias – a gentil Fanny, a simplória Bernice e as quietas Sally e Joan (todas, exceto Mary, que parece não conseguir me perdoar por estar viva...). E gosto do trabalho. Meus dedos estão ficando fortes e rápidos, uma peça que costumava levar uma hora ou mais agora posso fazer em minutos. Eu antes tinha medo de novos pontos e técnicas, mas agora dou as boas-vindas a cada novo desafio – plissados, paetês, rendas delicadas.

As outras sabem que estou melhorando e começam a me passar mais coisas para fazer.

Sem nunca ter dito isso diretamente, Fanny assumiu o trabalho de supervisionar o meu trabalho no lugar de Mary.

— Tenha cuidado, querida — diz ela, correndo levemente o dedo sobre meus pontos. — Leve o tempo que precisar para fazê-los pequenos e iguais. Lembre-se, alguém vai usar isso, provavelmente até que fique totalmente gasto. Uma dama quer se sentir bonita, não importa quanto dinheiro tenha.

Desde que cheguei a Minnesota, as pessoas têm me avisado sobre o frio extremo que está a caminho. E estou começando a senti-lo. Kinvara é banhada pela chuva durante a maior parte do ano, e os invernos irlandeses são frios e úmidos. Nova York é cinza, lamacenta e triste durante meses. Mas nenhum lugar se compara a este. Já tivemos duas grandes tempestades de neve. Como o clima fica cada dia mais frio, meus dedos ficam tão duros quando estou costurando que tenho que parar e esfregá-los para poder continuar. Percebo que as outras mulheres estão vestindo luvas sem dedos, e quando pergunto de onde vieram me dizem que elas próprias as fizeram.

Não sei fazer tricô. Minha mãe nunca me ensinou. Mas sei que preciso conseguir um par de luvas para minhas mãos duras e geladas.

Alguns dias antes do Natal, a sra. Byrne anuncia que essa data, numa quarta-feira, será um feriado não remunerado. Ela e o sr. Byrne estarão fora nesse dia, visitando parentes em outra cidade. Não me convida para ir junto. No final do nosso dia de trabalho, na véspera de Natal, Fanny desliza um pequeno pacote embrulhado em papel marrom para mim.

— Abra isso mais tarde — sussurra ela. — Diga-lhes que trouxe de casa.

Ponho o pacote no bolso e avanço pela neve, que chega aos joelhos, até o banheiro dos fundos, que abro na penumbra, e o vento cortante passa por entre as rachaduras das paredes e pela fenda da porta. É um par de luvas de malha sem dedos, costurado com um fio azul denso, e um espesso par de meias luvas de lã marrons. Quando visto essas luvas, descubro que Fanny as forrou com lã grossa e reforçou a parte superior do dedo polegar dos outros dedos com uma cobertura extra.

Assim como tinha acontecido com Dutchy e Carmine no trem, esse pequeno grupo de mulheres tornou-se uma espécie de família para mim. Como um potro abandonado que se aninha às vacas no curral, talvez eu só precise sentir o calor de pertencer a alguém ou alguma coisa. E se não o encontro com os Byrne, vou encontrá-lo, mesmo que de forma parcial e ilusória, com as mulheres na sala de costura.

EM JANEIRO, ESTOU PERDENDO TANTO PESO QUE MEUS VESTIDOS NOVOS, aqueles que eu mesma fiz para mim, ficam sobrando nos quadris. O sr. Byrne vai e vem em horários estranhos, e mal consigo vê-lo. Temos cada vez menos trabalho. Fanny está me ensinando a fazer tricô, e às vezes as outras mulheres trazem trabalhos que arrumaram para não ficarem loucas com a ociosidade. O aquecimento é desligado assim que elas vão embora, às cinco, e as luzes se apagam às sete. Passo as noites no meu colchonete, bem acordada e tremendo no escuro, ouvindo o uivo das tempestades aparentemente intermináveis que assolam a cidade lá fora. Gostaria de saber como está Dutchy, se está dormindo em algum celeiro com os animais, comendo apenas lavagem de porco. Espero que ele esteja aquecido.

Um dia, no início de fevereiro, a sra. Byrne entra na sala de costura em silêncio e inesperadamente. Parece ter parado de se arrumar. Usa o mesmo vestido durante toda a semana, e o corpete está sujo. Seu cabelo está escorrido e oleoso, e ela tem uma ferida no

lábio.

Chama uma das garotas das Singer, Sally, e pede que saia para o corredor, e vários minutos depois Sally retorna à sala com os olhos vermelhos. Pega seus pertences em silêncio.

Poucas semanas depois, a sra. Byrne vem até Bernice. Elas saem para o corredor e, em seguida, Bernice retorna e reúne suas coisas.

Depois disso estamos só Fanny, Mary e eu.

É uma tarde de muito vento, no final de março, quando a sra. Byrne desliza para dentro da sala e chama Mary. Sinto muito por Mary então, apesar de sua maldade, apesar de tudo. Lentamente, ela pega seus pertences, coloca o chapéu e o casaco. Olha para mim e Fanny e acena com a cabeça, e nós acenamos de volta.

— Deus a abençoe, filha — diz Fanny.

Quando Mary e a sra. Byrne saem da sala, Fanny e eu ficamos observando a porta, tentando ouvir o murmúrio indistinto no corredor. Fanny diz:

— Senhor, estou velha demais para isso.

Uma semana depois, a campainha toca. Fanny e eu nos entreolhamos, porque isso é estranho. A campainha nunca toca.

Ouvimos o farfalhar da sra. Byrne ao descer as escadas, destravar as pesadas trancas e abrir a porta, que range. Então a ouvimos conversar com um homem no corredor.

A porta do quarto de costura se abre, e dou um pulo de susto. Entra em cena um homem corpulento, vestido com um terno cinza e usando um chapéu de feltro preto. Ele tem bigode preto e papada, como um bassê.

— Essa é a garota? — pergunta ele, apontando um dedo que parece uma salsicha para mim.

A sra. Byrne assente.

O homem tira o chapéu e o pousa em uma pequena mesa perto da porta. Depois, tira um par de óculos do bolso do casaco e o equilibra parcialmente no nariz bulboso. Então, pega um pedaço de papel dobrado do outro bolso e abre-o com uma mão.

— Vejamos. Niamh Power — ele pronuncia “Nem”. Olhando por cima dos óculos para a sra. Byrne, ele diz: — Você mudou seu nome para Dorothy?

— Achamos que a menina devia ter um nome americano. — A sra. Byrne emite um som estrangulado que interpreto como uma risada. — Não oficialmente, é claro.

— E não mudou seu sobrenome.

— Claro que não.

— Você não estava considerando a adoção?

— Misericórdia, não.

Ele olha para mim por cima dos óculos, então olha de novo para o papel. O relógio faz um tique-taque alto acima da lareira. O homem dobra o papel e o coloca de volta no bolso.

— Dorothy, sou o sr. Sorenson. Sou o agente local da Sociedade de Auxílio às Crianças e, como tal, supervisiono a colocação das crianças sem teto que chegam nos trens. Muitas vezes, as colocações funcionam como deveriam, e todo mundo fica contente. Mas, de vez em quando, infelizmente... — ele tira os óculos e os coloca no bolso de novo — ... as coisas não dão certo. — Ele olha para a sra. Byrne, que, noto, está com um fio puxado em uma das meias bege e a maquiagem do olho borrada. — Então precisamos procurar novas acomodações — diz ele, pigarreando para limpar a garganta. — Você entende o que estou dizendo?

Concordo com a cabeça, embora não tenha certeza de que entendi.

— Bom. Há um casal de Hemingford... Bem, eles vivem em uma fazenda fora da

cidade, na verdade, que já solicitou uma menina da sua idade. Uma mãe, pai e quatro filhos. Wilma e Gerald Grote.

Dirijo-me à sra. Byrne. Ela está olhando para algum lugar à distância. Embora nunca tivesse sido particularmente boa para mim, sua vontade de me abandonar me vem como um choque.

— A senhora não me quer mais?

Sorenson olha para trás e para frente, entre nós.

— É uma situação complicada...

Enquanto estamos falando, a sra. Byrne se dirige à janela. Puxa de lado a cortina de renda e olha para a rua, para o céu cor de leite desnatado.

— Tenho certeza de que você ouviu falar que estamos todos vivendo um momento difícil — continua o sr. Sorenson. — Não só para os Byrne, mas para uma porção de gente. E, bem, a empresa deles foi muito afetada.

Com um movimento brusco, a sra. Byrne deixa cair a cortina e gira o corpo.

— Ela come demais! — grita. — Tenho que colocar cadeado na geladeira, nunca é suficiente!

Ela coloca as mãos sobre os olhos e passa por nós, para o corredor, e sobe as escadas, onde bate a porta na parte superior.

Ficamos em silêncio por um momento, então Fanny diz:

— Essa mulher deveria se envergonhar. A menina é pele e osso — e acrescenta: — Eles nunca chegaram a enviá-la para a escola.

Sorenson limpa a garganta.

— Bem — diz ele. — Talvez isso seja o melhor para todos os envolvidos. — E fixa os olhos em mim novamente. — Os Grote são boa gente, pelo que ouvi falar.

— Quatro filhos? — digo. — Por que eles querem outro?

— Pelo que entendi, e posso estar errado, não tive o prazer de conhecê-los ainda, e tudo isso é boato, entende... Mas, pelo que pude entender, a sra. Grote está esperando mais uma criança e procura alguém para ajudá-la.

Penso sobre isso. Penso em Carmine, em Maisie. Nos gêmeos, sentados em nossa mesa bamba na Elizabeth Street, esperando pacientemente seu purê de maçã. E fico imaginando uma casa branca de fazenda com venezianas pretas, um celeiro vermelho na parte de trás, uma cerca e galinhas no galinheiro. Qualquer coisa tinha que ser melhor do que um cadeado na geladeira e um colchonete no corredor.

— Quando eles querem que eu vá para lá?

— Vou levá-la agora.

Sorenson diz que me dá alguns minutos para recolher minhas coisas e vai para o seu carro. No corredor, eu puxo minha mala marrom da parte de trás do armário. Fanny está na porta da sala de costura e me observa embalar minhas coisas. Dobro os três vestidos que fiz, um dos quais, o de cambraia azul, ainda não terminei, mais meu outro vestido da Ajuda às Crianças. Coloco ainda as duas novas blusas e a saia de veludo, e as luvas de Fanny. Teria aproveitado para deixar para trás o horrível casaco mostarda, mas Fanny diz que vou me arrepender se o fizer, que é ainda mais frio nessas fazendas do que aqui na cidade.

Quanto termino, vamos de volta para a sala de costura, e Fanny encontra um pequeno par de tesouras, dois carretéis de linha, preta e branca, uma almofada de alfinetes, alfinetes, e um pacote de celofane de agulhas. Ela acrescenta um papelão liso com botões opalescentes para o meu vestido inacabado. Em seguida, envolve tudo em gaze para que eu coloque por cima, na mala.

— Você não vai ter problemas por me dar isso? — pergunto-lhe.

— Ah — diz ela —, não me importo.

Não digo adeus aos Byrne. Não sabia onde encontrar o sr. Byrne, e a sra. Byrne não desceu do quarto. Mas Fanny me dá um longo abraço. Segura meu rosto em suas pequenas mãos frias.

— Você é uma boa menina, Niamh — diz ela. — Não deixe ninguém lhe dizer algo diferente.

O veículo do sr. Sorenson, estacionado na garagem atrás do Modelo A, é um caminhão Chrysler verde-escuro. Ele abre a porta do passageiro para mim, então dá a volta para o outro lado. O interior tem cheiro de tabaco e maçãs. Ele desce a rampa da garagem e aponta o carro para a esquerda, para longe da cidade, em direção a um caminho a que nunca fui. Seguimos a Elm Street até ela terminar e, depois, viramos à direita em outra rua tranquila, onde as casas estão construídas longe das calçadas, até que chegamos a um cruzamento e, por sua vez, a uma estrada longa, plana, com campos de plantação de ambos os lados.

Olho pela janela, para os campos, uma colcha de retalhos. Um rebanho de vacas de pelagem castanha levanta o pescoço para olhar o caminhão barulhento à medida que passa. Cavalos pastam. Alguns equipamentos agrícolas, a distância, parecem brinquedos abandonados. A linha do horizonte, plana e baixa, está sempre à frente, e o céu exibe uma cor desmaiada. Aves negras perfuram o céu como estrelas invertidas.

Sinto quase pena do sr. Sorenson durante nossa viagem. Devo dizer que essa situação pesa muito nele. Provavelmente não é o que ele pensou quando se inscreveu para ser representante da Sociedade de Auxílio às Crianças. Ele fica perguntando se estou confortável, se estou com muito calor ou muito frio. Quando ele descobre que não sei praticamente nada sobre Minnesota, passa a me contar tudo que sabe: como se tornou um estado pouco mais de setenta anos atrás, e é agora o décimo segundo maior dos Estados Unidos. Explica que seu nome vem de uma palavra indígena dacota que significa “água turva”. Que o estado tem milhares de lagos, cheios de peixes de todos os tipos, como badejo, peixe-gato, truta e perca. O rio Mississípi começa em Minnesota, será que eu sabia disso? E esses campos, diz ele agitando os dedos ao longo do para-brisa do caminhão, esses campos alimentam todo o país. Vejamos, há os grãos, a maior exportação... Um debulhador vai de fazenda em fazenda, e os vizinhos se reúnem para ajudar na colheita. Há beterraba, milho e ervilha. E aquelas construções baixas lá adiante? São fazendas de criação de perus. Minnesota é o maior produtor de perus do país. Não haveria dia de Ação de Graças sem Minnesota, isso é garantido. E nem me fale em caçar... Temos faisões, codornas, perdizes, cervos, pode citar mais um que certamente haverá aqui. É o paraíso dos caçadores.

Escuto o sr. Sorenson e concordo educadamente com a cabeça, mas é difícil me concentrar. Sinto estar sendo levada para um lugar lá no fundo, muito distante. Que infância mais miserável é essa, saber que ninguém a ama ou está tomando conta de você... Estar sempre do lado de fora, olhando para dentro. Eu me sinto uma década mais velha do que a idade que tenho. Sei demais; tenho visto pessoas no seu pior estado, no seu momento mais desesperado e egoísta, e esse conhecimento me faz desconfiar de tudo. Então, estou aprendendo a fingir, a sorrir e assentir, para mostrar uma empatia que não sinto. Estou aprendendo a deixar passar, para me parecer com todos os outros, mesmo que me sinta partida por dentro.

Depois de cerca de meia hora, o sr. Sorenson vira numa estrada de terra estreita. A poeira sobe em volta do caminhão enquanto seguimos em frente, revestindo o para-brisa e as janelas laterais. Passamos por mais campos, e depois por um bosque de árvores sem folhas; atravessamos uma ponte coberta sobre um córrego turvo, ainda coberto de placas de gelo, virando depois por uma estrada de terra esburacada e ladeada por pinheiros. O sr. Sorenson segura um cartão onde parecem estar escritas as instruções para chegar até aqui. Ele diminui a velocidade, freia o caminhão e olha para trás, para a ponte. Então espreita fora do encardido para-brisa em direção as árvores à frente.

— Não há nenhum diabo de sinal — resmunga.

Pisa no acelerador por mais alguns metros à frente.

Lá fora, pela janela do meu lado, aponto para um trapo vermelho desbotado, amarrado a um pau que parece indicar uma passagem, cheia de mato crescido.

— Deve ser isso — diz ele.

Ramos pontudos da vegetação raspam no caminhão dos dois lados enquanto avançamos pela passagem. Depois de cerca de cinquenta metros, chegamos a uma pequena casa de madeira, um barraco na verdade, sem pintura, com um alpendre frágil, lotado de lixo. Na área sem grama à frente da casa, um bebê rasteja em cima de um cão de pelo preto emaranhado, e um menino de cerca de seis anos mexe com uma vareta, enfiando-a na terra. Seu cabelo é tão curto, e ele é tão magro, que mais parece um velho mirrado. Apesar do frio, ele o bebê estão com os pés descalços.

O sr. Sorenson estaciona o caminhão o mais distante possível do menino, na pequena clareira, e sai do caminhão. Eu saio do meu lado.

— Olá, rapaz — diz ele.

A criança olha para ele, sem responder.

— Sua mãe está em casa?

— Quem quer saber? — diz o menino.

Sorenson sorri.

— Será que sua mãe lhe contou que você está recebendo uma nova irmã?

— Não.

— Bem, ela deve estar esperando a gente. Vá lá dentro e diga-lhe que estamos aqui.

O menino cutuca a terra com a vara.

— Ela está dormindo. Não vou incomodar.

— Pode ir acordá-la, sim. Ela deve ter se esquecido de que estávamos vindo.

O menino traça um círculo no chão.

— Diga-lhe que o sr. Sorenson, da Sociedade de Auxílios às Crianças, chegou.

Ele balança a cabeça.

— Não quero levar uma surra.

— Ela não vai dar uma surra, vai ficar feliz em saber que estou aqui.

Quando fica claro que o menino não vai se mover, o sr. Sorenson esfrega as mãos e, fazendo sinal para que eu o siga, avança com cautela, subindo devagar os degraus rangentes da varanda. Posso dizer que ele está preocupado com o que podemos encontrar lá dentro. Também eu estou.

Ele bate com força na porta e ela se abre por causa de suas batidas. Há um buraco onde

deveria estar uma maçaneta. Ele dá um passo adiante na penumbra, acenando para que eu o siga.

A sala da frente está quase nua, e cheira como uma caverna. O piso é feito de tábuas, e há lugares em que posso ver claramente o que há embaixo do chão. Das três janelas imundas, uma tem um buraco irregular no canto superior direito e uma está com os vidros rachados. Um engradado de madeira está colocado entre duas cadeiras estofadas e sujas de terra, com o enchimento saindo pelas costuras, e um sofá dourado puído. Do lado esquerdo há um corredor escuro. Em frente, através de uma porta aberta, vejo a cozinha.

— Sra. Grote? Olá? — o sr. Sorenson inclina a cabeça, mas não há nenhuma resposta. — Pode ter certeza, não vou procurar essa mulher nos quartos — murmura. — Sra. Grote? — chama, mais alto.

Ouvimos passos fracos, e uma menina de cerca de três anos, em um vestido rosa sujo, emerge do corredor.

— Bem... Olá, menina! — diz o sr. Sorenson, agachando-se sobre os calcanhares. — Sua mãe está lá atrás?

— Dormindo...

— Foi o que disse seu irmão. Ela ainda está dormindo?

Uma voz áspera vem do corredor, assustando a nós dois:

— O que você quer?

O sr. Sorenson se levanta lentamente. Uma mulher pálida de longos cabelos castanhos dá alguns passos para fora da escuridão. Seus olhos estão inchados e os lábios rachados, e a camisola é tão fina que posso ver os círculos escuros de seus mamilos através do tecido.

A menina escorrega como um gato e coloca um braço em volta das pernas da mãe.

— Sou Chester Sorenson, da Sociedade de Auxílio às Crianças, e a senhora deve ser a sra. Grote. Sinto muito incomodá-la, minha senhora, mas me disseram que saberia que viríamos hoje. A senhora pediu uma menina, não foi?

A mulher esfrega os olhos.

— Que dia é hoje?

— Sexta-feira, 4 de abril, senhora.

Ela tosse. Então, dobra o corpo e tosse de novo, mais forte dessa vez, com o punho na boca.

— A senhora gostaria de se sentar? — O sr. Sorenson vai até ela e a guia pelo cotovelo até uma cadeira. — E o sr. Grote, está em casa?

A mulher balança a cabeça, negando.

— E ele deve voltar em breve?

Ela levanta os ombros e os encolhe.

— A que horas ele sai do trabalho? — pressiona o sr. Sorenson.

— Não trabalha mais. Perdeu o emprego na loja de ração na semana passada — diz ela, olhando em volta, como se tivesse perdido alguma coisa. Então, diz: — Venha cá, Mabel. — A menina se esgueira até ela, nos observando o tempo todo. — Vá ver se Gerald Júnior está bem lá dentro. E onde está Harold.

— Será que é o menino lá fora? — pergunta o sr. Sorenson.

— Ela tá olhando o bebê? Eu pedi para ele.

— Os dois estão lá fora — diz ele, e, embora sua voz seja neutra, posso dizer que ele não aprova.

A sra. Grote mastiga o lábio. Ainda não disse uma palavra para mim. Aliás, mal olhou na minha direção.

— Estou cansada — diz ela, para ninguém em particular.

— Bem, tenho certeza de que está, minha senhora — É claro que o sr. Sorenson está ansioso para dar o fora daqui. — Suponho que foi por isso que a senhora pediu esta menina órfã. Dorothy. Seus papéis dizem que ela tem experiência com crianças. Então, ela seria de ajuda para a senhora.

Ela acena com a cabeça distraidamente.

— Tenho que dormir quando eles dormem — murmura. — É a única hora do dia que tenho sossego...

— Tenho certeza de que é.

A sra. Grote cobre o rosto com as duas mãos. Em seguida, empurra o cabelo pegajoso de volta atrás das orelhas. E projeta o queixo para mim.

— Essa aí é a menina?

— Sim, senhora, o nome dela é Dorothy. Está aqui para ser parte de sua família e ser cuidada pela senhora, e em troca vai ajudá-la.

Ela se concentra no meu rosto, mas seus olhos são vazios.

— Qual é a idade dela?

— Nove anos de idade.

— Já tenho crianças demais. O que eu preciso é de alguém que possa me ajudar.

— É tudo parte do acordo — diz Sorenson. — Vocês alimentam e vestem Dorothy, e fazem com que ela frequente a escola, e ela vai ganhar seu sustento fazendo algumas tarefas na casa. — Ele tira os óculos e uma folha de papel dos bolsos, depois coloca os óculos e inclina a cabeça para trás para ler. — Vejo que há uma escola a seis quilômetros daqui, e um ônibus que ela pode pegar no posto da estrada, a um quilômetro — diz o homem, tirando os óculos. — É necessário que Dorothy frequente a escola, sra. Grote. A senhora concorda com isso?

Ela cruza os braços, e por um momento parece que vai recusar. Talvez eu não tenha que ficar aqui, afinal!

Então, a porta da frente se abre com um rangido. Voltamo-nos para ver um homem alto, magro, de cabelo escuro, vestindo uma camisa xadrez com mangas arregaçadas e macacão sujo.

— A menina vai para a escola, quer queira quer não — diz ele. — Eu vou me certificar disso.

Sorenson caminha para ele e lhe estende a mão.

— O senhor deve ser Gerald Grote. Sou Chester Sorenson. E esta é a Dorothy.

— Prazer em conhecê-lo. — O sr. Grote aperta sua mão, e acena com a cabeça na minha direção. — Ela vai servir na medida.

— Tudo bem, então — diz Sorenson, claramente aliviado. — Vamos fazer com que fique tudo oficial.

Há papelada, mas não muita. Leva apenas alguns minutos antes que o sr. Sorenson tire a minha mala de seu caminhão e vá embora. Eu o observo através da janela rachada da frente com o bebê, Nettie, choramingando no meu quadril.

— *Onde eu irei dormir?* — pergunto ao sr. Grote quando escurece.

Ele olha para mim com as mãos nos quadris, como se não tivesse considerado essa questão. Aponta para o corredor.

— Há um quarto ali — diz ele. — Se você não quiser dormir com os demais, acho que pode dormir aqui no sofá. Não fazemos cerimônia. Eu mesmo dou um cochilo nele de vez em quando.

No quarto, três colchões velhos sem lençóis estão no chão, um do lado do outro, esqueléticos, com as molas saindo. Mabel, Gerald Jr. e Harold estão espalhados sobre eles, puxando um cobertor de lã estampada e três colchas velhas, uma para cada um. Eu não quero dormir aqui, mas é melhor do que ter que dividir o sofá com o sr. Grote. No meio da noite, um garoto ou outro acaba debaixo do meu braço ou vem grudar nas minhas costas. Eles cheiram a azedo e sujeira, como animais selvagens.

O DESESPERO HABITA NESTA CASA. A sra. Grote não quer todas essas crianças, e nem ela nem o sr. Grote realmente cuidam delas. Ela dorme o tempo todo, e as crianças vão e vêm a toda hora na sua cama. Ali há uma folha de papel pardo presa sobre a janela aberta, por isso é tão escuro quanto um buraco no chão. As crianças se embrenham em meio aos lençóis sujos e vão para perto dela, querendo calor. Algumas vezes ela permite que eles rastejem para dentro; outras, ela os empurra para fora. Quando são rejeitados e não conseguem lugar, seus lamentos penetram na minha pele como se fossem pequenas agulhas.

Não há água corrente, nem eletricidade ou bomba d'água dentro da casa. Os Grote usam lamparinas a gás e velas, e há uma bomba e uma casinha no quintal, e madeira empilhada na varanda. Os pedaços de lenha úmida na lareira fazem com que a casa fique enfumaçada e solte um ar tépido.

A sra. Grote mal olha para mim. Manda uma criança para ser alimentada por mim ou me chama para lhe preparar uma xícara de café. Faz com que eu me sinta nervosa. Faço o que me mandam e me esforço para evitá-la. As crianças ficam me rondando, tentando se acostumar comigo, todas, com exceção de Gerald Jr., um menino de dois anos de idade, que me segue para onde quer que eu vá, como um cachorrinho.

Pergunto para o sr. Grote como eles me encontraram. Ele responde que viu um folheto na cidade: crianças sem teto para distribuição. Wilma não iria sair da cama, e ele não sabia mais o que fazer.

Eu me sinto abandonada e esquecida, jogada numa miséria que é pior do que a minha.

O SR. GROTE DIZ QUE NUNCA IRÁ PROCURAR OUTRO EMPREGO SE conseguir evitar. Planeja viver do que a terra dá. Nasceu e cresceu na floresta; é a única vida que conhece ou se importa em conhecer. Construiu esta casa com suas próprias mãos, diz ele, e seu objetivo é ser totalmente autossuficiente. Tem uma cabra velha no quintal. Uma mula e meia dezena de galinhas; pode alimentar sua família com o que encontrar e caçar na floresta, e com o punhado de sementes que plantar, junto com o leite da cabra e os ovos das

galinhas; e pode vender coisas na cidade, se precisar.

O sr. Grote é magro de tanto caminhar por vários quilômetros todos os dias. Como um índio, diz. Possui um carro, mas está enferrujado e quebrado atrás da casa. Como não tem recursos para consertá-lo, vai para todos os lugares a pé, ou às vezes na velha mula que ele diz ter fugido de um caminhão que quebrou na estrada muitos meses atrás e que levava cavalos para o matadouro, para usar sua carne. Suas unhas são aros de sujeira de graxa, terra do plantio no solo, sangue de animais e sabe-se lá mais o que, uma sujeira tão profunda que nem se lavar sai. Eu o tenho visto somente de macacão.

O sr. Grote não acredita que o governo possa lhe dizer o que fazer. Para falar a verdade, ele não acredita em nenhum governo. Nunca foi à escola um dia sequer de sua vida e não vê necessidade disso. Mas ele me enviará para a escola, se é isso que é preciso fazer para manter as autoridades longe de seus calcanhares.

NA SEGUNDA-FEIRA, TRÊS DIAS DEPOIS QUE CHEGUEI, O SR. GROTE chacoalha meu ombro na escuridão para que eu me apronte para ir à escola. O quarto está tão frio que posso ver minha respiração. Coloco um dos meus vestidos novos com os dois suéteres, um por cima do outro. Visto as luvas de Fanny, as meias grossas que usava em Nova York e os sapatos pretos, resistentes.

Corro para a bomba e encho um jarro com água fria, em seguida trago para dentro até o calor do fogão. Depois de despejar água morna em uma bacia de metal, pego um pano e me esfrego, o rosto, o pescoço e as unhas. Há um espelho velho na cozinha, manchado, com ferrugem e cheio de pintas pretas, tão arruinado que é quase impossível enxergar nele meu reflexo. Divido o cabelo sujo em duas partes, uso os dedos como pente e em seguida faço duas tranças bem apertadas, amarrando as extremidades com a fita do pacote que Fanny fez para mim. Então olho de perto para meu reflexo. Estou tão limpa quanto posso ficar sem tomar banho. Meu rosto está pálido e sério.

Mal como alguma coisa no café da manhã, apenas um pouco de pudim de arroz selvagem feito com leite de cabra e xarope de bordo que o sr. Grote preparou no dia anterior. Estou tão aliviada por estar saindo dessa cabine fétida e escura para o dia, que balanço Harold, brinco com Gerald Jr., compartilho meu pudim de arroz com Mabel, que só agora começa a me olhar nos olhos. O sr. Grote desenha um mapa para mim com uma faca na terra: você sai da passagem, vira à esquerda por onde entrou, caminha até chegar ao entroncamento, em seguida passa por cima daquela ponte lá atrás e segue em frente até a estrada do condado. Meia hora, mais ou menos.

Ele não me oferece nada para levar de almoço e eu não peço. Deslizo os dois ovos que cozinhei na noite anterior, quando estava preparando o jantar, para o bolso do meu casaco. Tenho aquele pedaço de papel do sr. Sorenson que diz que um homem chamado Post leva as crianças para escola em seu caminhão, que estará na esquina às 8h30, e as traz de volta às 16h30. Agora são 7h40, mas já estou pronta para ir. Melhor esperar na esquina do que correr o risco do perder a condução.

Desço a passagem, apresso-me pelo caminho, permaneço na ponte por um momento, olhando para baixo para o reflexo do céu como mercúrio na água escura, a espuma branca perto das rochas. O gelo cintila nos galhos das árvores, teias de geada estão presas sobre ervas secas em uma rede brilhante. Os pinheiros estão polvilhados com a neve que caiu ontem à noite como uma floresta de árvores de Natal. Pela primeira vez, estou impressionada com a

beleza deste lugar.

Ouço o caminhão antes mesmo de poder vê-lo. A cerca de quinze metros de mim, dá uma freada com um grande barulho, e tenho que correr ao longo da estrada para alcançá-lo. Um homem com cara de maçã e boné pardo espreita o lado de fora.

— Vamos lá, querida. Não tenho o dia inteiro.

O caminhão tem uma lona encerada sobre a carroceria. Subo na parte de trás, que tem duas tábuas planas para os passageiros sentarem. Há uma pilha de cobertores de cavalo no canto, e as quatro crianças sentadas estão lá reunidas, embrulhadas nos cobertores colocando-os sobre seus ombros e em torno de suas pernas. A cobertura de lona dá a todos uma tonalidade amarelada. Duas das crianças parecem ser da minha idade. Conforme pulamos nas tábuas por causa dos buracos ao longo do caminho, eu me posiciono firme no banco de madeira usando os dedos que estão de fora das luvas para não cair no chão quando o sacolejo for mais forte. O motorista para mais duas vezes para pegar passageiros. A carroceria só consegue acomodar com conforto seis passageiros, mas oito de nós estão espremidos aqui – apertados no banco, porém nossos corpos emitem o tão necessário calor. Ninguém fala. Quando o caminhão está se movimentando, o vento entra cortante através das brechas na lona.

Depois de vários quilômetros, o caminhão faz uma curva, os freios começam a guinchar, e ele sobe uma calçada íngreme antes de soltar um ruído forte e alto para estacionar. Pulamos para fora da carroceria do caminhão, entramos em fila e caminhamos em direção à escola, uma pequena construção de madeira com um sino na frente. Uma jovem mulher de vestido azul e um cachecol lavanda enrolado ao redor do pescoço está em pé em frente à porta. Seu rosto é bonito e vívido, alegre: grandes olhos castanhos e um sorriso largo. Seu cabelo castanho brilhante está puxado para trás, preso com uma fita branca.

— Crianças, sejam bem-vindas! Procedam de forma ordenada, como sempre.

Sua voz é alta e clara.

— Bom-dia, Michael... Bertha... Darlene... — diz ela, cumprimentando cada criança pelo nome.

Quando chega a minha vez, ela diz:

— Agora... Eu não conheço você, mas ouvi dizer que viria. Sou a srta. Larsen. E você deve ser...

Eu digo “Niamh” no mesmo instante em que ela diz “Dorothy”. Vendo a expressão no meu rosto, ela diz:

— Estou com seu nome errado? Ou você tem um apelido?

— Não senhora. É só que... — Sinto meu rosto corar.

— O que é?

— Eu estava habituada a ser chamada de Niamh. Algumas vezes esqueço o meu verdadeiro nome. Ninguém me chama de nada na minha nova casa.

— Bem, posso chamá-la de Niamh, se você preferir.

— Está tudo bem. Dorothy está ótimo.

Ela sorri, estudando o meu rosto.

— Como desejar. Lucy Green? — diz ela, voltando-se para a garota que está atrás de mim.

— Você se importaria de mostrar à Dorothy a carteira dela?

Sigo Lucy para uma área repleta de ganchos, onde penduramos os nossos casacos. Então entramos em uma grande sala ensolarada com cheiro de fumaça de madeira e giz, que contém um fogão a óleo, a mesa da professora, fileiras de bancos e espaços de trabalho, e

quadros-negros de ardósia ao longo das paredes leste e sul, com cartazes do alfabeto e tábuas de multiplicação acima. As outras paredes são constituídas por grandes janelas. Luzes elétricas brilham em cima, e embaixo as prateleiras estão cheias de livros.

Quando todos estão sentados, a srta. Larsen puxa um laço em uma corda, e um mapa colorido do mundo se desenrola na parede. A seu pedido, vou até o mapa para identificar a Irlanda. Olhando para ele de perto, consigo encontrar o condado de Galway e até mesmo o centro da cidade. A aldeia de Kinvara não está marcada, mas esfrego o lugar ao qual ela pertence, bem debaixo de Galway, na linha irregular e angular da costa oeste. Ali é Nova York, e aqui é Chicago. E aqui é Minneapolis. Hemingford também não está no mapa.

Contando comigo, há vinte e três alunos, com idades de seis a dezesseis anos. A maioria das crianças, de todas as idades, vem das fazendas ou de casas rurais e está aprendendo a ler e a escrever. Exalamos um cheiro de falta de banho – o pior é o dos mais velhos, que estão atingindo a puberdade. Há um monte de panos, algumas barras de sabão e uma caixa de bicarbonato de sódio no banheiro interno, informa a srta. Larsen, caso alguém queira se refrescar.

Quando a srta. Larsen fala comigo, ela se abaixa e olha nos meus olhos. Quando faz perguntas, espera as minhas respostas. Ela exala um cheiro de limão e baunilha. E me trata como se eu fosse inteligente. Depois de fazer um teste para determinar o meu nível de leitura, ela me entrega um livro da prateleira de sua mesa, com capa dura e escrito em tipos pequenos e pretos, chamado *Anne de Green Gables*, sem ilustrações, e me diz que vai me perguntar o que eu penso sobre ele quando terminar de ler.

Pode-se achar que, com todas essas crianças, a classe é caótica, mas a srta. Larsen raramente levanta a voz. O motorista, sr. Post, corta a lenha, cuida do fogão, varre as folhas da passagem da frente e faz reparos mecânicos no caminhão. Ele também ensina matemática e até geometria, que diz nunca ter aprendido porque naquele ano houve uma praga de gafanhotos e ele foi requisitado na fazenda.

No recreio, Lucy me convida para brincar com um grupo de meninas, e brincamos de roda e outros jogos.

Quando desço do caminhão, às 16h30, e tenho que andar o longo caminho de volta para a cabana, meus passos estão lentos.

ESSA FAMÍLIA VIVE DE COMIDAS QUE NUNCA COMI ANTES. O SR. GROTE parte de madrugada com seu rifle e sua vara de pescar e traz para casa esquilos e perus selvagens, peixe-gato de rio, e de vez em quando até um veado-de-cauda-branca. Retorna no final da tarde, coberto de resina das árvores. Normalmente traz para casa esquilos-vermelhos, mas eles não são tão bons quanto os maiores e os esquilos-cinzentos, que ele chama de esquilos-decauda-espessa. Os esquilos maiores são tão grandes que alguns se parecem com gatos selvagens. Eles chilreiam e assobiam, e o sr. Grote os engana fazendo com que apareçam ao bater duas moedas juntas, pois o som se parece com o que eles fazem. Os esquilos-cinzentos têm mais carne, ele diz, mas são mais difíceis de ver na floresta. Eles fazem um barulho forte quando estão com raiva ou com medo. É assim que ele os encontra.

O sr. Grote tira a pele e as vísceras dos animais em movimentos fluidos, então dá para mim pequenos corações e fígados, e pedaços de carne vermelha. Tudo o que sei fazer é cozido de repolho e carne de carneiro, eu digo isso a ele, mas ele diz que não é tão diferente assim. O sr. Grote me mostra como fazer um *gallimaufry*, tipo de guisado de carne em cubos,

cebola e legumes, com mostarda, gengibre e vinagre. Basta cozinhar a carne em gordura animal, em fogo alto, para fritar e tostar, em seguida é só adicionar as batatas, outros legumes e o restante dos ingredientes.

— É um ensopado misturado, só isso — diz ele. — Misture tudo o que tiver em casa.

No começo, eu fico horrorizada com os macabros esquilos escarpados, vermelhos e cheios de músculos como os corpos humanos sem pele que vi no livro de ciências da srta. Larsen. Mas a fome cura meus escrúpulos. Pouco tempo depois, o esquilo ensopado tem um gosto normal.

Na parte de trás, há um canteiro acolhedor que, mesmo agora, em meados de abril, tem legumes de raiz que esperam ser colhidos: batata arruinada pelos insetos, batata-doce, abóbora de casca dura, cenoura e nabo. O sr. Grote me leva lá fora, com uma pá, e me ensina a erguê-los da terra, e depois lavá-los sob a bomba de água. Mas a terra ainda está parcialmente congelada, e os legumes são difíceis de extrair. Nós dois gastamos cerca de quatro horas escavando aqueles velhos legumes, que foram plantados no verão passado, até conseguirmos uma pilha retorcida e feia. As crianças andam para lá e para cá, dentro e fora da casa, sentam-se e ficam assistindo da janela da cozinha. Sou grata por minhas luvas sem dedos.

O sr. Grote me mostra como plantar o arroz-selvagem no córrego e fazer a colheita das sementes. O arroz é de cor castanha. Ele planta as sementes após a colheita, no final do verão, para a safra do ano seguinte. É uma plantação anual, explica ele, o que significa que morrerá no outono. As sementes que caem no outono enraízam na primavera debaixo d'água, e, em seguida, o broto cresce acima da superfície. Os caules parecem oscilar como grama alta na água.

No verão, ele cultiva algumas ervas em uma área na parte de trás da casa – hortelã, alecrim e tomilho – e as pendura para secar no galpão. Agora mesmo, há um pote de lavanda na cozinha. É uma visão estranha naquele ambiente miserável, é como uma rosa num ferro-velho.

Na escola, em um dia no final do mês de abril, a srta. Larsen me encarrega de ir até a varanda para pegar um pouco de lenha e, quando volto, toda a classe, liderada por Lucy Green, está de pé, cantando parabéns para mim.

Lágrimas saltam dos meus olhos.

— Como você sabia?

— A data está no formulário que foi preenchido — sorri a srta. Larsen, entregando-me uma fatia de pão de groselhas. — Minha senhoria foi que preparou.

Eu olho para ela, não tendo certeza se estou entendendo ou não.

— Para mim?

— Eu mencionei que temos uma nova garota e que seu aniversário estava chegando. Ela gosta de cozinhar.

O pão, denso e úmido, tem gosto de Irlanda. Uma mordida, e estou de volta à casa da minha avó, na frente dela, com seu cálido fogão a lenha.

— Passar dos nove para os dez é um grande salto — diz o sr. Post. — De um dígito para dois. Você terá dois dígitos desde agora até os próximos noventa anos.

Desempacotando o pão de passas que sobrou para os Grote naquela noite, conto para eles sobre minha festa de aniversário. O sr. Grote bufa.

— Que ridículo celebrar o aniversário. Eu nem sei o dia em que nasci, e tenho certeza de que não me lembro o de nenhum deles — diz, balançando sua mão em direção aos filhos. — Mas me dê esse bolo.

Olhando de perto o arquivo de Molly, Lori, a assistente social, se instala em um banquinho.

— Então, você em breve vai ter idade para sair do orfanato, em... Vejamos... fez dezessete em janeiro, então quer dizer... nove meses. Já pensou no que vai fazer então?

Molly dá de ombros.

— Na verdade, não.

Lori rabisca algo na pasta de arquivo à sua frente. Com seus brilhantes olhos de botão e nariz pontudo xeretando os assuntos de Molly, Lori lembra um furão. Elas estão sentadas em volta de uma mesa de laboratório, em uma sala de aula de química, durante o horário de almoço, como fazem todas as quartas-feiras.

— Algum problema com os Thibodeau?

Molly balança a cabeça. Dina mal fala com ela; Ralph é agradável o suficiente, como sempre.

Lori bate no nariz dela com o dedo indicador.

— Você não está mais usando isso.

— Jack achou que poderia assustar a velha viúva.

Molly tirou o *piercing* do nariz a pedido de Jack, mas a verdade é que não sente nenhuma pressa em voltar a usá-lo. Há coisas sobre o enfeite que ela gosta – o jeito como a faz parecer uma rebelde, por exemplo. Vários brincos não têm esse mesmo apelo *punk*; cada divorciada de quarenta e tantos anos na ilha usa meia dúzia de aros nas orelhas. Mas o problema do *piercing* é que requer muita manutenção, tem sempre o perigo de infecção, e ela sempre tem que tomar cuidado com ele quando lava o rosto ou coloca maquiagem. É uma espécie de alívio ter um rosto livre desse metal.

Folheando lentamente o arquivo, Lori diz:

— Você já registrou vinte e oito horas, até aqui. Bom para você. Como é o trabalho?

— Nada mau, melhor até do que pensei que seria.

— O que você quer dizer?

Molly tem ficado surpresa ao descobrir que não vê a hora de voltar ao casarão para fazer o trabalho. Noventa e um anos é muito tempo para viver – há muita história naquelas caixas, e você nunca sabe o que vai encontrar. No outro dia, por exemplo, elas abriram uma caixa de enfeites de Natal dos anos 1930 que Vivian tinha se esquecido de que tinha guardado. Eram estrelas e flocos de neve de papelão cobertos de purpurina dourada e prateada; bolas de vidro ornamentadas, de vermelho e verde e ouro. Vivian contou a Molly histórias sobre decorar a loja da família para as festas, colocando esses ornamentos em um pinheiro de verdade perto da janela.

— Eu gosto dela. Ela é bem legal.

— Você quer dizer a “velha viúva”?

— Isso.

— Ora, que bom — Lori dá um sorriso de furão. — Você tem o que, vinte e duas horas ainda para fazer, certo? Tente aproveitar ao máximo esta experiência. E eu espero que não precise lembrá-la de que você está em liberdade condicional. Se você for pega bebendo ou usando drogas ou outra forma de violar a lei, estamos de volta à estaca zero. Estamos entendidas nisso?

Molly fica tentada a responder: *Porra, quer dizer que vou ter que fechar meu laboratório de*

metanfetamina? E eu tenho que apagar as fotos nuas que postei no Facebook? Mas em vez disso, ela sorri fixamente para Lori e diz:

— Estamos.

Puxando a transcrição de Molly para fora do arquivo, Lori diz:

— Olhe só isto aqui. O seu teste para admissão na universidade está nos 600 pontos. E você teve média 3,8 neste semestre. Isso é muito bom.

— É uma escola fácil.

— Não, não é.

— Mas não é grande coisa...

— É uma grande coisa, sim. Esses exames são para garantir vagas nas universidades. Você já pensou nisso?

— Não.

— Por que não?

No ano passado, quando foi transferida daquele colégio, o Bangor High, ela estava perto de fracassar. Em Bangor, ela não tinha nenhum incentivo para fazer lição de casa – os pais adotivos eram festeiros, e ela voltava para casa da escola só para encontrar uma casa cheia de bêbados. Em Spruce Harbor, não há tantas distrações. Dina e Ralph não bebem nem fumam e são muito rigorosos. Jack toma uma cerveja de vez em quando, e isso é tudo. E Molly descobriu que ela realmente gosta de estudar.

Ninguém jamais conversou com ela sobre a faculdade, exceto a conselheira de educação escolar que candidamente lhe recomendou a faculdade de enfermagem quando Molly tirou um A em biologia no último semestre. Suas notas tinham meio que disparado para cima sem que ninguém percebesse.

— Não acho que eu seja boa para a universidade — responde Molly.

— Bem, aparentemente você é — diz Lori. — E uma vez que você estará oficialmente por conta própria quando fizer dezoito anos, talvez possa querer pensar nisso a partir de agora. Há algumas bolsas bem decentes para os jovens que chegam à idade limite para ficar em casas de acolhimento — ela fecha a pasta. — Ou você pode fazer uma ficha e se candidatar a trabalhar como balconista da Sometown One-Stop. Você decide.

— E AÍ, COMO ESTÁ INDO SEU TRABALHO COMUNITÁRIO COM A VELHINHA? — pergunta Ralph durante o jantar, servindo-se de um grande copo de leite.

— Tudo bem — diz Molly. — A senhora é bem velha. Ela tem um monte de coisas.

— Vale as cinquenta horas? — pergunta Dina.

— Não sei. Mas eu acho que há outras coisas que posso fazer se eu terminar a limpeza de caixas. A casa é enorme.

— Sim, eu fiz alguns trabalhos por lá. Tubulações velhas — diz Ralph. — Você conheceu a Terry? A empregada?

Molly concorda.

— Na verdade, ela é a mãe de Jack.

Dina arregala os olhos.

— Espere um minuto. Terry Gallant? Eu fiz o colegial com ela. Não sabia que Jack era seu filho.

— Sim — diz Molly.

Acenando um pedaço de cachorro-quente preso em seu garfo, Dina diz:

— Veja só como os poderosos caíram...

Molly dá um olhar de *que merda é essa?* para Ralph, mas ele só olha placidamente de volta.

— É triste o que acontece com as pessoas, sabe? — Diz Dina, sacudindo a cabeça. — Terry Gallant costumava ser a senhorita popular, a Rainha do Baile e tudo isso. Então ela engravidou de algum mexicano e... Agora, olhe para ela, virou empregada doméstica.

— Na verdade, ele era dominicano — murmura Molly.

— Tanto faz. Os imigrantes ilegais são todos iguais, não são?

Respire fundo, fique calma, passe pelo jantar.

— Se você diz...

— Sim, é o que digo.

— Ei, meninas, acho que já chega.

Ralph está sorrindo, mas é um sorriso preocupado, porque ele sabe que Molly está irritada. Ele está sempre dando desculpas – “Ela não quis dizer isso”, “Ela está brincando com você” – quando Dina diz coisas do tipo “a tribo falou”, quando Molly expressa uma opinião. “Você precisa parar de se levar tão a sério, menina”, disse Dina quando Molly pediu-lhe para parar com isso. “Se você não é capaz de rir de si mesma, sua vida vai ser muito dura.”

Então Molly move seus músculos da boca em um sorriso, pega seu prato e agradece Dina pelo jantar. Ela diz que tem um monte de lição de casa, e Ralph diz que vai limpar a cozinha. Dina diz que é hora de ver um pouco de lixo na TV.

— “Donas de Casa Desesperadas de Spruce Harbor” — diz Ralph. — Bem que eles podiam fazer uma série assim, não?

— Quem sabe a Terry Gallant poderia estar nela. Mostrando a foto de seu livro do ano com a tiara de Rainha do Baile, e depois a cena corta para ela lavando o chão — Dina tagarela. — Essa eu não perderia, com certeza!

Durante as últimas semanas, na aula de História Americana, a classe de Molly vinha estudando os índios wabanakis, uma confederação de cinco tribos falantes do algonquino, incluindo os penobscot, que vivem perto do Atlântico Norte, na costa. O Maine, conta o sr. Reed, é o único estado do país que exige que as escolas ensinem a cultura e a história dos povos nativos americanos. Os alunos leram narrativas nativas e pontos de vista contrastantes e contemporâneos, e ainda fizeram uma excursão ao The Abbe, o museu do índio em Bar Harbor. Agora, todos os alunos precisam fazer um relatório de pesquisa sobre o assunto que vale um terço de sua nota final.

Para esse trabalho, eles devem se concentrar em um conceito chamado “transporte”. Nos velhos tempos, os wabanakis tinham que carregar suas canoas e tudo o mais que possuíam por terra, de um corpo de água para outro, então eles tinham que pensar cuidadosamente sobre o que manter e o que descartar. Eles aprenderam a viajar com a carga mais leve que podiam. O sr. Reed diz aos alunos que eles têm que entrevistar alguém para esse trabalho, uma mãe ou um pai ou avô, sobre suas próprias cargas, sobre os momentos em suas vidas em que tiveram que fazer uma viagem, literal ou metafórica. Eles vão usar gravadores e realizar o que ele chama de “histórias orais”, fazendo perguntas à pessoa, transcrevendo as respostas e colocando tudo isso em ordem cronológica para montar uma narrativa. As perguntas na folha da tarefa são: *O que você escolheu para levar consigo para seu próximo destino? O que deixou para trás? Que percepções você obteve sobre o que é importante?*

Molly gosta um pouco da ideia do projeto, mas ela não quer entrevistar Ralph ou – Deus me livre – Dina.

Jack? Muito novo.

Terry? Ela nunca concordaria em fazer isso.

A assistente social, Lori? Não.

Sendo assim, só resta Vivian. Molly tem recolhido algumas informações sobre ela: ela é adotada, cresceu no Meio-Oeste e herdou o negócio de família dos pais abastados, ela e seu marido expandiram o negócio com o tipo de lucro que lhes permitiu mudar para uma mansão no Maine. Acima de tudo, Molly sabe que ela é muito, muito velha. Talvez seja meio difícil encontrar algum drama nas mudanças de Vivian, porque uma vida estável e feliz como a dela não cria uma história interessante, certo? Mas mesmo os ricos têm lá os seus problemas, ou pelo menos foi isso que Molly ouviu. Será sua tarefa extraí-los. Se, óbvio, conseguir convencer Vivian a falar com ela.

MESMO AS PRÓPRIAS LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA DE MOLLY SÃO ESCASSAS e parciais. Ela se lembra de que a tevê na sala de estar parecia estar ligada o tempo todo e que o trailer cheirava à fumaça de cigarro, a bolor e xixi de gato na caixa de areia. Ela se lembra de sua mãe deitada no sofá fumando um cigarro atrás do outro antes de ela sair para o seu trabalho no Mini-Mart. Molly se lembra de procurar por comida, cachorro-quente frio e torrada, quando a mãe não estava em casa, e às vezes quando ela estava. Ela se lembra da poça gigante de neve derretida bem do lado de fora da porta do trailer, tão grande que ela precisou saltar através daquilo do degrau mais alto para alcançar a terra seca.

Mas há outras lembranças melhores: fritar ovos com o pai, virando-os com uma grande

espátula de plástico preto. “Não tão rápido, Molly Melaço”, ele diria. “Calma, caso contrário o ovo vai espatifar.” Ir à Igreja de St. Anne na Páscoa e escolher um açafraão fluorescente em um pote de plástico verde coberto de uma camada que era de prata, de um lado, e amarelo-brilhante no outro. Toda Páscoa ela e sua mãe plantavam esses açafraões perto da cerca ao lado da entrada de automóveis, e em breve todo um conjunto deles, brancos e roxos e rosas, brotava anualmente como mágica naquela terra seca de abril.

Molly se lembra da terceira série na escola da Indian Island, onde ela aprendeu que o nome *penobscot* vem de *panawahpskek*, que significa “o lugar onde as rochas se espalham”, na cabeça do rio tribal, bem onde eles estavam. Esse *wabanaki* significa “a terra da alvorada”, porque as tribos vivem na região onde a primeira luz da madrugada toca o continente americano. Aprendeu ainda que o povo *penobscot* viveu no território que se tornou o Maine durante onze mil anos, mudando-se de região para região a cada estação do ano, em busca de alimento. Eles caçavam e prendiam alces, renas, lontras e castores; pescavam peixes e mariscos e mexilhões. A Indian Island, logo acima de uma cachoeira, tornou-se o ponto de encontro deles.

Molly aprendeu sobre as palavras indígenas que foram incorporadas ao inglês americano, como *moose* e *pecan* e *squash*, e aprendeu palavras *penobscots* como *kwai kwai*, uma saudação amigável, e *woliwoni*, obrigado. Ela aprendeu que eles viviam em barracas cobertas de pele de animais, e não em tendas, e que faziam canoas da casca de uma única árvore de bétula branca, removida numa única peça de forma para não matar a árvore. Molly também aprendeu sobre os cestos que os *penobscots* ainda fazem da casca do vidoeiro, erva-doce, e freixo negro, que crescem todos nas regiões úmidas do Maine. E, orientada pela professora, fez ela mesma um cesto pequeno.

Molly sabe que seu nome veio de Molly Melaço, uma índia Penobscot famosa nascida no ano anterior que os Estados Unidos declaram sua independência da Inglaterra. Molly Melaço viveu até seus anos noventa, indo e vindo da Indian Island, e dizia-se que ela possuía o *m'teoulin*, um poder dado pelo Grande Espírito para alguns, para o bem do todo. Aqueles que possuem este poder, disse seu pai, podem interpretar sonhos, repelir doenças ou a morte, informar aos caçadores onde encontrar a caça e enviar um espírito ajudante para prejudicar seus inimigos.

Mas ela não aprendeu até este ano, na aula do sr. Reed, que havia mais de trinta mil *wabanakis* vivendo na Costa Leste em 1600, e que noventa por cento deles tinham morrido em 1620, quase inteiramente como resultado do contato com os colonos, que trouxeram doenças estranhas e álcool, dizimaram os recursos naturais e lutaram contra as tribos pelo controle das terras. Ela não sabia que as mulheres nativas tinham mais poder e autoridade do que as mulheres brancas, fato detalhado em histórias de cativo. Não sabia ainda que os agricultores indígenas tinham maior habilidade e mais sucesso do que a maioria dos europeus que trabalhavam a mesma terra. Não, eles não eram “primitivos” – suas redes sociais foram altamente avançadas. E embora eles fossem chamados de selvagens, mesmo um proeminente general inglês, Philip Sheridan, teve de admitir: “Nós tiramos deles suas terras e seus meios de subsistência. Foi por isso, e contra isso, que eles fizeram guerra. E alguém poderia esperar menos?”.

Molly sempre achou que os índios tivessem se rebelado como guerrilheiros, escalpelando e saqueando. Ao saber que tentaram negociar com os colonos, vestindo ternos de estilo europeu e discursando no Congresso, na suposição de boa-fé, e foram repetidamente enganados e traídos, isso a enfureceu.

Na sala de aula do sr. Reed há uma foto de Molly Melaço tirada perto do fim de sua

vida. Ela está sentada, usando um cocar frisado e pontudo, e dois grandes broches de prata ao redor do pescoço. Seu rosto está sombrio e enrugado, e sua expressão é feroz. Sentada na classe vazia depois de um dia de aula, Molly fica olhando para aquele rosto por um longo tempo, à procura de respostas para perguntas que ela não sabe fazer.

NA NOITE DE SEU OITAVO ANIVERSÁRIO, DEPOIS DE SANDUÍCHES DE sorvete e um bolo Sarah Lee que a mãe trouxe do mercado, após fazer um pedido, de olhos fechados com força, enquanto apagava a pequena vela de aniversário de tiras rosa (tinha pedido uma bicicleta, ela se lembra, rosa com flâmulas brancas e rosas como a garota do outro lado da rua ganhou de aniversário, muitos meses antes), Molly se sentou no sofá à espera do pai. A mãe andava para trás e para a frente, apertando com força a tecla de rediscagem do telefone, murmurando baixinho “como pode esquecer o aniversário da sua única filha?”. Mas ele não atendeu. Depois de um tempo, elas desistiram e foram para a cama.

Uma hora mais tarde, ela foi acordada por um cutucar no ombro. Seu pai estava sentado na cadeira ao lado da cama, balançando um pouco, segurando um saco plástico de supermercado e sussurrando:

— E aí... Molly Melaço, você está acordada?

Ela abriu os olhos. Piscou.

— Está acordada? — perguntou ele novamente, esticando o braço e acendendo o abajur de princesas que ele tinha comprado para ela numa liquidação.

Ela concordou com a cabeça.

— Estenda a mão.

Atrapalhando-se dentro da sacola, ele puxou três cartões de bijuteria, cada um de plástico cinza, coberto de uma penugem cinza de um lado, e com um pequeno pingente preso no lugar.

— Peixe — disse ele, entregando-lhe o pequeno peixe azul-esverdeado. — Corvo — o pássaro de estanho. — Urso — um minúsculo urso de pelúcia marrom. — Isso deveria ser um urso-pardo do Maine, mas era tudo o que eles tinham — diz o pai em tom de desculpa. — Então, olha só: eu estava tentando pensar no que poderia dar a você de aniversário que tivesse algum significado, e não apenas aquela porcaria de sempre da Barbie. E estive pensando... Você e eu somos nativos. Sua mãe não é, mas nós somos. Eu sempre gostei dos símbolos dos índios. Sabe o que é um símbolo?

Molly balança a cabeça. — É assim, merda que significa merda. Então vamos ver se eu me lembro disso direito — sentando-se na cama, ela pegou o cartão do pássaro da mão dela, girando-o em seus dedos. — Esse cara aqui é mágico, o corvo. Ele vai protegê-la de feitiços ruins e de outros tipos de coisas estranhas que você nem vai saber — cuidadosamente, ele destacou o pequeno amuleto do cartão plástico, desenrolando os fios e colocando o pássaro na sua mesa de cabeceira. Então ele pega o ursinho.

— Este animal feroz é um protetor.

Ela riu.

— Não, é sério. Pode não parecer, mas as aparências enganam. Esse cara tem um espírito destemido. E com esse espírito destemido, ele sinaliza bravura para aqueles que necessitam dela — Ele libertou o urso do cartão de plástico e o colocou sobre a mesa ao lado do pássaro.

— Tudo bem. Agora o peixe. Este pode ser o melhor de todos. Ele te dá o poder de resistir à magia de outras pessoas. Não é legal?

Ela pensou por um momento.

— Mas como isso é diferente de magias ruins?

Ele tirou o fio do cartão e colocou o peixe ao lado dos outros dois talismãs, alinhando-os cuidadosamente com o dedo.

— Muito boa pergunta. Você, meio dormindo, é ainda mais afiada do que a maioria das pessoas quando estão bem acordadas. Veja bem, eu entendo que isso possa parecer a mesma coisa, mas a diferença é importante, então preste atenção.

Ela endireitou-se.

— A magia de outra pessoa pode não ser um feitiço ruim. Pode ser uma coisa que pareça muito boa e muito legal. Pode ser... Sei lá, alguém tentando convencê-la a fazer algo que você sabe que não deveria fazer. Como fumar cigarros.

— Eca. Eu nunca faria isso.

— Certo. Mas talvez seja algo não tão nojento, como pegar uma barra de chocolate no mercado e sair sem pagar.

— Mas a mamãe trabalha lá.

— Sim, mas mesmo que ela não trabalhasse você sabe que é errado roubar uma barra de chocolate, certo? Mas talvez essa pessoa tenha um monte de magia e é muito convincente. “Ah, vamos lá, Molly, ninguém vai ver você!”, diz a pessoa num sussurro. “Você não gosta de doces, você não quer um pouco, vamos lá, apenas uma vez!” Pegando o peixe, ele fala com uma voz de peixe honesto: “Não, obrigado, sei o que você está fazendo. Você não está colocando a sua magia em mim, não senhor, eu vou nadar para bem longe. Adeusinho, meu caro!” — ele vira o talismã ao redor e faz um aceno com a mão, para cima e para baixo.

Procurando dentro do saco, ele disse:

— Que merda, eu queria te dar uma correntinha para prender todos eles — e bateu no joelho. — Não se preocupe com isso. Vai ser a parte dois.

Duas semanas mais tarde, voltando para casa tarde da noite, ele perdeu o controle do carro e pronto. Dentro de seis meses, Molly estava morando em outro lugar. E demorou anos até que ela comprasse a correntinha.

— Hum, “transporte”, hein? — Vivian franze o nariz. — Parece-me, hã... não sei, uma coisa do arco-da-velha.

Coisa do arco-da-velha? Certo, bem, isso de repente não vai funcionar.

— Transportar meu barco entre corpos de água? Eu não sou tão boa assim com metáforas, minha querida — diz Vivian. — O que isso quer dizer?

— Bem — diz Molly —, eu acho que o barco representa o que você leva com você, as coisas essenciais, de um lugar para o outro. E a água, bem, acho que é o lugar ao qual você está sempre tentando chegar. Será que isso tem sentido?

— Na verdade, não. Temo estar mais confusa do que antes.

Molly pega uma lista de perguntas.

— Vamos começar e ver o que acontece.

As duas estão sentadas nas poltronas vermelhas, na sala de estar, sob a luz que lentamente diminuía do final da tarde. O trabalho do dia termina, e Terry já foi para casa. Começa a chover mais cedo, grandes gotas de chuva, e agora as nuvens do lado de fora da janela estão com pontas cristalizadas, como se picos de montanhas no céu, os raios de sol emanando delas para baixo como uma ilustração de Bíblia infantil.

Molly aperta o botão no pequeno gravador digital que pegou na biblioteca da escola e verifica se está funcionando. Em seguida, respira fundo e corre um dedo sob a corrente em volta do pescoço.

— Meu pai me deu estes talismãs, e cada um representa uma coisa diferente. O corvo protege contra magia negra. O urso inspira coragem. O peixe significa a recusa em reconhecer a magia de outras pessoas.

— Nunca soube que esses talismãs tivessem algum significado. — Distraída, Vivian ergue a mão e toca o seu próprio colar.

Olhando de perto o pingente de estanho pela primeira vez, Molly pergunta:

— E esse seu colar, tem algum significado?

— Bem, para mim, sim. Mas não tem nenhuma qualidade mágica. — Ela sorri.

— Talvez tenha — diz Molly. — Acho que essas qualidades são metafóricas, entende? Quer dizer, a magia negra é tudo o que leva as pessoas para o lado escuro – sua própria ganância ou insegurança é o que as faz cometer coisas destrutivas. E o espírito guerreiro do urso – ele não só nos protege de outras pessoas que possam querer nos machucar, mas de nossos demônios internos. E acho que a magia de outras pessoas é aquilo que nos torna vulneráveis, como nos permitirmos ser desviados de nosso caminho. Então... Minha primeira pergunta para você pode parecer meio estranha, mas... Acho que você poderia pensar nela de forma metafórica, também. — Olha para o gravador mais uma vez e respira fundo. — Tudo bem, aqui vai. Você acredita em espíritos? Ou fantasmas?

— Meu Deus, isso que é pergunta — diz Vivian, apertando as mãos frágeis no colo e olhando para fora da janela. Por um momento, Molly acha que a senhora não irá responder. E então, tão baixo que ela tem que se inclinar para a frente em sua cadeira para ouvir, Vivian diz: — Sim, acredito. Acredito em fantasmas.

— Você acha que eles estão... presentes em nossa vida?

Vivian fixa os olhos castanhos em Molly e assente com a cabeça.

— São eles que nos assombram... — responde. — Aqueles que nos deixaram para trás.

Difficilmente há comida em casa. O sr. Grote retornou do bosque de mãos vazias nos últimos três dias, de forma que estamos sobrevivendo de ovos e batatas. A situação fica tão desesperadora que ele decide matar uma das galinhas e começa a olhar para a cabra. Ele está quieto nesses dias em que fica em casa, não conversa com as crianças, que clamam por ele, segurando em suas pernas. Ele as afasta como se fossem moscas no mel.

Na noite do terceiro dia, posso senti-lo olhando para mim. Há uma expressão engraçada em seu rosto, como se ele estivesse fazendo contas de cabeça. Finalmente diz:

— Então, o que é essa coisa que você tem em torno de seu pescoço? — e é claro o que ele está pensando.

— Isso não tem valor — respondo.

— Parece que é de prata — diz ele, olhando mais de perto — manchada.

Meu coração bate em meus ouvidos.

— É estanho.

— Deixe-me ver.

O sr. Grote se aproxima, em seguida toca o coração com os dedos sujos.

— O que é isso, algum tipo de símbolo pagão?

Não sei o que é pagão, mas soa mal.

— Provavelmente.

— Quem deu a você?

— Minha avó. — É a primeira vez que menciono a minha família para ele, e eu não gosto da sensação. Gostaria de poder apagar o que disse. — Não tinha valor para ela, ia jogar fora, mesmo.

Ele franze a testa.

— É bem estranho, mesmo. Duvido que consiga vender isso se tentar.

O sr. Grote fala comigo o tempo todo – quando estou depenando o frango, fritando batatas no fogão a lenha, ou sentada perto do fogo na sala, com uma criança no colo. Ele me conta sobre sua família – que havia algum tipo de litígio, e seu irmão matou seu pai quando o sr. Grote tinha dezesseis anos, fugiu de casa e nunca mais voltou. Ele conheceu a sra. Grote mais ou menos nessa época, e Harold nasceu quando eles tinham dezoito anos. Eles nunca realmente se casaram até que a casa deles ficou cheia de crianças. Tudo o que quer fazer é caçar e pescar, diz ele, mas tem que alimentar e vestir todos esses filhos. Para ser bem honesto, ele não queria nenhum deles. E para ser mais honesto ainda, está com medo de ficar louco o bastante para acabar machucando as crianças.

À medida que as semanas passam e o clima fica mais quente, ele começa a talhar madeira na varanda até o final da noite, com uma garrafa de uísque ao lado, e está sempre me pedindo para me juntar a ele. Na escuridão, ele me conta mais do que quero saber. Ele e a sra. Grote mal trocam uma palavra um com o outro. Ela odeia conversar, mas adora sexo. Mas ela não suporta tocar a mulher, porque ela não procura se limpar e sempre tem uma criança pendurada nela. Ele diz:

— Eu devia ter me casado com alguém como você, Dorothy. Você não me manteria preso desse jeito, né? — Ele gosta do meu cabelo ruivo. — Sabe o que eles dizem, não sabe? — continua. — Se você quer ter problemas, arranje uma ruiva.

A primeira garota que ele beijou tinha cabelos ruivos, mas isso foi há muito tempo,

quando ele era jovem e tinha boa aparência.

— Está surpresa que eu já fui bonito? Também fui garoto uma vez, sabia? Só tenho vinte e quatro anos agora.

Ele nunca foi apaixonado pela mulher, diz.

— Me chame de Gerald.

Eu sei que o sr. Grote não deveria estar dizendo tudo isso. Tenho apenas dez anos de idade.

OS FILHOS CHORAMINGAM COMO CÃEZINHOS MACHUCADOS E SE juntam todos para tentar conseguir algum conforto. Essas crianças não brincam como crianças normais, correndo e pulando. O nariz delas está sempre cheio de muco e os olhos, escorrendo. Ando pela casa como se fosse um besouro blindado, impermeável à língua afiada da sra. Grote, às lamúrias de Harold, aos gritos de Gerald Jr., que nunca em sua vida vai satisfazer sua necessidade ansiosa de ser carregado no colo. Vejo Mabel transformando-se em uma menina mal-humorada, muito consciente das maneiras como foi castigada, maltratada, abandonada a esse triste destino. Sei como isso aconteceu às crianças, viver dessa maneira, mas para mim é difícil amá-los. Sua miséria apenas me deixa mais consciente de minha própria vida. E preciso de toda a minha energia para me manter limpa, e levantar todas as manhãs para ir à escola.

Deitada em um colchão à noite, durante uma tempestade, minhas costelas são cutucadas pelas molas de metal sob a fina coberta, a água da chuva escorre no meu rosto, meu estômago está vazio e oco. E me lembro de uma vez no *Agnes Pauline*, quando estava chovendo e todo mundo ficara enjoado, e meu pai tentou distrair as crianças pedindo que fechássemos os olhos e visualizássemos um dia perfeito. Isso foi há três anos, quando eu tinha sete, mas o dia que imaginei continua vivo em minha memória. É uma tarde de domingo, e estou indo visitar a vovó em sua casa confortável, na periferia da cidade. Caminhando até lá, escalando muros de pedra e passando entre campos de relva que se movem com o vento como as ondas do mar, sinto o cheiro da fumaça doce de lareiras de turfa e ouço os tordos e melros praticando suas canções selvagens. Ao longe, vejo a casa com teto de palha e paredes caiadas de branco, vasos de gerânios vermelhos florescendo no peitoril da janela, a bicicleta preta e resistente de vovó apoiada do lado de dentro do portão, perto do arbusto onde amoras e ameixas se penduram em cachos de um denso azul.

Dentro da casa, um ganso está sendo assado no forno e o cachorro preto e branco, Monty, espera pelos restos da assadeira debaixo da mesa. Vovó está fora, foi pescar trutas no rio com uma vara caseira ou caçar perdizes nos campos. Então, somos apenas vovó e eu, sozinhas por algumas horas.

Vovó está rolando a massa para fazer uma torta de ruibarbo, indo e voltando com o grande rolo, polvilhando a massa amarela com punhados de farinha, estendendo-a até cobrir toda a travessa. De vez em quando ela dá uma pitada em seu cigarro, *Sweet Afton*, e os fios de fumaça se elevam acima de sua cabeça. Ela me oferece um doce que escondeu no bolso do avental junto com uma meia-dúzia de pontas de cigarro, uma mistura de sabores que nunca vou esquecer. Na parte dianteira da caixa amarela do cigarro está um poema de Robert Burns que vovó gosta de cantar com a melodia de uma velha canção irlandesa:

Voa suavemente, doce Afton, entre as verdes escarpas.

Voa suavemente, vou te cantar uma canção em teu louvor.

Sento-me no banquinho de três pernas ouvindo o crepitar da pele do assado no forno, enquanto ela apara a faixa de massa em torno da borda do prato, fazendo uma cruz com o que sobrou da massa no centro da torta e polvilhando tudo com ovo batido, terminando com um floreio de picadas de garfo e uma pitada de açúcar. Quando a torta já está em segurança dentro do forno, passamos para a sala da frente, a “boa sala”, como ela gosta de chamar, só nós duas, para o chá da tarde, forte, preto e com bastante açúcar, e fatias de pão quente. Vovó escolhe duas xícaras de sua coleção chinesa de porcelana cheia de estampas que está na cristaleira, junto com os pires e pratos que fazem parte do conjunto, e coloca cada peça cuidadosamente sobre uma toalha de linho engomado. Renda irlandesa, pendurada nas janelas, filtra a luz da tarde, suavizando as linhas do seu rosto.

Do meu poleiro na cadeira almofadada, vejo o apoio para os pés de madeira, com sua capa bordada de estampa floral, na frente de sua cadeira de balanço, a pequena prateleira de livros – de oração e poesia, principalmente, ao lado da escada. Vejo vovó cantando enquanto serve o chá nas xícaras. Suas mãos fortes e o sorriso gentil. Seu amor por mim.

Agora, girando nesse colchão úmido e de cheiro azedo, tento me concentrar naquele meu dia perfeito, mas essas lembranças levam a outras, a pensamentos mais sombrios. A sra. Grote, gemendo lá no quarto dela, não é tão diferente da minha mãe. Ambas sobrecarregadas e mal-preparadas, fracas por natureza ou circunstância, casadas com homens egoístas, de temperamento forte, viciados no ópio do sono. Mamãe esperava que eu cozinhasse e limpasse a casa, e tomasse conta de Maisie e dos meninos, confiava em mim para ouvir seus problemas, me chamava de ingênua quando eu insistia que as coisas iriam melhorar, que tudo ficaria bem.

— Olha — ela dizia —, você não sabe da metade.

Uma vez, não muito tempo antes do incêndio, ela estava enrolada em sua cama no escuro, e eu a ouvi chorando e entrei no quarto para confortá-la. Quando coloquei meus braços em torno dela, ela se ergueu, me jogando para longe.

— Você não se importa comigo! — gritou. — Não finja que se importa. Você só quer o seu jantar!

Encolhi-me, com o rosto em chamas como se tivesse sido atingida por um golpe físico. E foi naquele momento que algo mudou. Eu não confiava mais nela. Quando ela gritou, eu estava entorpecida. Depois disso, ela me chamou de insensível, sem coração. Talvez eu fosse.

NO INÍCIO DE JUNHO, TODOS NÓS FICAMOS INFESTADOS DE PIOLHOS, até mesmo Nettie, que tem apenas quatro fios de cabelo na cabeça. Lembro-me de ter pegado piolho no navio. Mamãe tinha pavor de que nós, as crianças, tivéssemos piolhos, e checava nossa cabeça todos os dias, colocando-nos em quarentena quando ouvíamos falar de surtos em outras cabines. “Isso é a pior coisa do mundo para se livrar depois”, costumava dizer, e nos contou sobre a epidemia na escola das meninas, em Kinvara, quando ela era pensionista. Eles raspam a cabeça de todo mundo. E mamãe era muito vaidosa de seu cabelo negro e volumoso, e disse que nunca mais iria cortá-lo. Mas pegamos isso no barco, do mesmo jeito.

Gerald não para de se coçar, e quando vou inspecionar seu couro cabeludo, está fervilhante. Vou conferir os outros dois, e descubro os insetos neles também. Cada canto da superfície da casa provavelmente está com piolhos, o sofá, as cadeiras, e a sra. Grote. Bem sei

que provação será essa: não ir mais à escola, raspar a cabeça, horas de trabalho, lavar todos os lençóis...

Sinto um impulso irresistível de fugir.

A sra. Grote está deitada na cama com o bebê. Apoiada em dois travesseiros sujos, o cobertor puxado até o queixo, e apenas olha para mim quando entro. Seus olhos estão afundados nas órbitas.

— As crianças estão com piolhos.

Ela franze os lábios.

— E você?

— Provavelmente, uma vez que elas têm.

Ela parece pensar sobre isso por um momento. Então diz:

— Você é que trouxe esses parasitas para esta casa!

Meu rosto fica vermelho.

— Não, senhora, acho que não.

— Eles vieram de algum lugar.

— Acho que... — começo, mas é difícil conseguir encontrar as palavras. — Acho que a senhora precisa verificar a cama. E seu cabelo.

— Você é que trouxe isso! — diz ela, atirando as cobertas. — Chega aqui, agindo que nem uma rainha, se achando melhor do que nós...

Sua camisola está amontoada em torno da barriga. Vejo um triângulo escuro de pelos entre suas pernas e me viro, envergonhada.

— Não se atreva a sair! — grita ela. Tira a pequena Nettie, que reclama, da cama e enfia a menina sob um braço, apontando a cama com o outro. — Tem que ferver as roupas de cama. Depois pode passar o pente nas crianças. Eu disse ao Gerald que era demais, trazer uma vagabunda para esta casa quando só Deus sabe por onde andou!

As cinco horas seguintes foram ainda piores — ferver baldes de água e esvaziar todos em uma grande banheira sem esquentar nenhuma das crianças, puxar cada cobertor, lençol e peça de roupa que encontrar, enfiar na água e esfregar com sabão, e depois passar cada lençol pelo espremedor de roupas manual. Eu não sou forte o bastante para girar a manivela, e então meus braços doem com o esforço.

Quando o sr. Grote chega em casa, fala com a mulher, que está acampada no sofá da sala. Trechos de sua conversa fluem de volta para mim: “lixo”, “verme”, “irlandesa suja dos pântanos”, e em poucos minutos ele atravessa a porta da cozinha e me encontra de joelhos, tentando girar a manivela do espremedor.

— Meu Deus — diz ele, e começa a me ajudar.

O sr. Grote concorda que os colchões estão provavelmente infestados. Ele acha que, se arrastarmos os colchões para a varanda e despejarmos água fervente neles, vamos matar os insetos.

— Me dá vontade de fazer a mesma coisa com as crianças — diz ele, e eu sei que ele não está totalmente brincando.

Ele trabalhou rapidamente para raspar a cabeça de todos os quatro com uma navalha afiada. Apesar de minhas tentativas de manter a cabeça dele parada, eles se contorcebam e se remexeram, e como resultado as cabeças estão todas com pequenos cortes e arranhões. Eles me lembram de fotos de soldados voltando da Grande Guerra, de olhos fundos e carecas. O sr. Grote esfrega líxivia sobre cada cabeça, e as crianças gritam e berram. A sra. Grote fica sentada no sofá, assistindo.

— Wilma, é a sua vez — diz ele, virando-se para ela com a navalha na mão.

— Não.

— Temos que verificar, pelo menos.

— Faça isso com a menina. Foi ela que trouxe os piolhos — a sra. Grote vira o rosto para a parte de trás do sofá.

O sr. Grote faz um gesto para que eu me aproxime. Solto meu cabelo para fora das tranças apertadas e me ajoelho em frente a ele, enquanto ele pega gentilmente meu cabelo e verifica. É estranho sentir a respiração de homem no meu pescoço, os dedos dele no meu couro cabeludo. Ele aperta algo entre os dedos e se senta sobre os calcanhares.

— É. Você tem alguns ovos aí.

Sou a única entre meus irmãos com cabelo ruivo. Quando perguntei a meu pai de onde veio isso, ele brincou dizendo que deve ter sido ferrugem nas tubulações. Seu próprio cabelo era escuro, “curado”, disse ele, por anos de trabalho árduo, mas quando era mais novo seu cabelo era quase ruivo. Nada parecido com o seu, disse ele. Seu cabelo é tão vívido quanto o pôr do sol em Kinvara, quanto as folhas de outono e o peixinho Koi no aquário daquele hotel em Galway.

O sr. Grote não quer raspar minha cabeça. Diz que seria um crime. Em vez disso, ele enrola meu cabelo em torno de seu pulso e corta tudo até a base de minha nuca. Um monte de tranças cai no chão, e ele corta o resto do meu cabelo, deixando cerca de dois centímetros de comprimento.

Passo os próximos quatro dias naquela casa miserável, queimando madeira para ferver água, as crianças mal-humoradas e descalças como sempre, a sra. Grote de volta aos lençóis úmidos sobre o colchão mofado e com seu cabelo infestado de piolhos, e não há nada que eu possa fazer a respeito de nada, absolutamente nada.

— MAS QUE SAUDADES SENTIMOS DE VOCÊ, DOROTHY! — DIZ A SRTA. Larsen quando volto à escola. — E com um novíssimo corte de cabelo!

Toco o alto de minha cabeça, onde o cabelo está apontando para cima. A srta. Larsen sabe por que meu cabelo está curto, está escrito na nota que lhe entreguei assim que desci do caminhão, mas ela não dá nenhuma pista disso.

— Na verdade — diz ela —, você parece uma melindrosa. Sabe o que é isso?

Balanço a cabeça, negando.

— As melindrosas são meninas da cidade grande que cortam o cabelo curto e vão dançar e fazer o que bem entendem. — E me dá um sorriso amigável. — Quem sabe, Dorothy? Talvez seja isso que você vai se tornar.

No final do verão, o sr. Grote parece ter mais sorte. Tudo o que ele consegue caçar traz para casa em um saco e tira a pele imediatamente, depois pendura no barraco que fica nos fundos. Ele construiu um defumador atrás desse barraco e agora o mantém funcionando o tempo todo, enchendo-o de esquilos e peixes, e até guaxinins. A carne exala um cheiro agriçoce que revira meu estômago, mas isso é melhor do que passar fome.

A sra. Grote está grávida novamente. Diz que o bebê deve chegar em março. Estou preocupada que eles esperem que eu a ajude quando chegar a hora. Quando mamãe teve Maisie, havia muitas vizinhas na Elizabeth Street que já tinham passado por isso antes, e tudo que tive que fazer foi tomar conta das crianças mais novas. A sra. Schatzman, que morava no fundo do corredor, e as irmãs Krasnow, no andar de baixo, com sete filhos somados entre elas, entraram em nosso apartamento e assumiram tudo, fechando a porta do quarto. Meu pai saiu. Talvez ele tenha sido mandado embora por elas, não sei. Eu estava brincando de rimas na sala e recitando todas as músicas que ele cantava, quando papai voltou para casa tarde da noite do bar, acordando os vizinhos.

Em meados de setembro, fardos redondos de feno dourado pontilhavam nos campos em minha caminhada para a estrada do condado, dispostos em formas geométricas e empilhados em pirâmides, espalhados ao acaso. Na aula de História, aprendemos sobre os primeiros colonos, os peregrinos da Plymouth Plantation, em 1621, e sobre o que eles comeram: perus selvagens, milho e cinco cervos trazidos para a ceia pelos nativos. Falamos sobre as tradições das famílias, mas assim como os Byrne, os Grote ignoravam as festas. Quando menciono isso ao sr. Grote, ele diz:

— Mas qual é a grande coisa sobre esse peru? Posso botar no saco qualquer um deles, em qualquer dia — mas ele nunca fez isso.

O sr. Grote tornou-se ainda mais distante, acordando ao romper da aurora para ir caçar e depois esfolando e defumando a carne à noite. Quando ele está em casa, grita com os filhos ou os evita. Às vezes, sacode a bebê até que ela choraminga e para de chorar. Nem sei se ele ainda dorme no quarto dos fundos. Muitas vezes eu o encontro dormindo no sofá da sala, e suas formas de baixo de uma colcha são como a raiz exposta de uma árvore velha.

ACORDO EM UMA MANHÃ DE NOVEMBRO COBERTA POR UMA FINA E gelada camada de pó. Deve ter havido uma tempestade durante a noite; a neve se acumula em pequenos montes sobre os colchões, e foi soprada para dentro da casa através das rachaduras e fendas nas paredes e no telhado. Sento e olho em volta. Três das crianças estão no quarto comigo, amontoadas como ovelhas. Levanto-me, sacudindo a neve do cabelo. Dormi com as minhas roupas de ontem, mas não quero que a srta. Larsen e as meninas na escola, Lucy, em particular, me vejam com a mesma roupa dois dias seguidos (embora as outras crianças, venho notando, não tenham vergonha disso). Puxo um vestido e outra blusa da minha mala, que mantenho aberta em um canto, e me troco rapidamente, puxando a roupa pela cabeça. Nenhuma das minhas roupas está particularmente limpa, mas me apegue a esses rituais, ainda assim.

É a promessa da escola quente, do sorriso amigável da srta. Larsen, e a distração de outras vidas, outros mundos que conheço nas páginas dos livros que lemos na sala de aula

que me fazem sair pela porta da casa. A caminhada até a estrada está ficando mais difícil, e a cada nevasca tenho que procurar um novo caminho. O sr. Grote diz que, quando as tempestades de neve mais fortes chegarem, em poucas semanas, posso me esquecer de ir à escola.

Lá, a srta. Larsen me leva para um canto. Ela segura a minha mão e olha diretamente em meus olhos.

— As coisas estão bem em casa, Dorothy?

Concordo com a cabeça.

— Se houver alguma coisa que você queira me contar...

— Não, senhora — respondo. — Está tudo bem.

— Você não tem trazido seu dever de casa.

Não há nem tempo nem lugar para ler ou para fazer a lição de casa nos Grote, e depois que o sol se põe não há luz também. Há apenas dois tocos de vela na casa toda, e a sra. Grote mantém um com ela na parte de trás do seu quarto. Mas não quero que a srta. Larsen sinta pena de mim. Quero ser tratada como todos os outros.

— Vou me esforçar mais — digo.

— Você... — os dedos dela tremulam em seu pescoço, e depois descem. — É difícil para você se manter limpa?

Eu me encolho, sentindo o calor da vergonha. Meu pescoço. Vou ter que me cuidar melhor.

— Você tem água corrente em casa?

— Não, senhora.

Ela morde o lábio.

— Bem, venha me procurar se quiser conversar, entendeu?

— Estou bem, srta. Larsen — respondo. — Está tudo bem.

ESTOU ADORMECIDA EM UMA PILHA DE COBERTORES, E FUI EMPURRADA para fora dos colchões por uma criança agitada, quando sinto uma mão no meu rosto. Abro os olhos. O sr. Grote, curvado sobre mim, coloca um dedo nos lábios e, depois, faz sinal para que eu o siga. Eu me levanto meio grogue, enrolando uma colcha em volta do corpo, e o sigo até a sala. Sob a luz fraca do luar, filtrada através das nuvens e das janelas sujas, vejo-o sentar-se no sofá e dar tapinhas na almofada ao lado dele.

Puxo a colcha mais apertada. Ele dá um tapinha na almofada novamente. Eu vou até ele, mas não me sento.

— Está frio hoje — diz ele em voz baixa. — Seria bom ter companhia.

— O senhor deveria ir lá com ela — respondo.

— Não quero fazer isso.

— Estou cansada — digo a ele. — Vou para a cama.

Ele balança a cabeça.

— Você vai ficar aqui comigo.

Sinto uma vibração no estômago e me viro para sair.

Ele estende a mão e agarra meu braço.

— Quero que você fique, já disse.

Olho para ele na escuridão. O sr. Grote nunca me assustou antes, mas algo na voz dele está diferente, e sei que preciso ter cuidado. A boca dele está curvada nas pontas em um

sorriso engraçado.

Ele puxa a colcha.

— A gente pode se aquecer.

Puxo a colcha, apertando-a mais ao redor dos ombros e das costas, e me viro para ir embora, e então caio. Bato o cotovelo no chão e sinto uma dor aguda quando desabo pesadamente sobre ele, com o nariz no chão. Torcendo-me na colcha, olho para cima para ver o que aconteceu. Sinto uma mão áspera na cabeça. Quero me mexer, mas estou presa em um casulo.

— Você faça o que eu digo. — Sinto seu rosto malbarbeado no meu, sinto a sua respiração raivosa. Tento me contorcer novamente, e ele coloca o pé nas minhas costas. — Mandei ficar quieta.

Sua mão enorme e áspera está dentro da colcha, e logo sob a minha blusa, debaixo do meu vestido. Tento me afastar, mas não consigo. Sua mão se movimenta para cima e para baixo, e sinto um choque enquanto ele explora o lugar entre as minhas pernas, empurrando-as com os dedos. Seu rosto de lixa ainda está apertado contra o meu, esfregando-se contra a minha face, com a respiração entrecortada.

— Isso — sussurra ele em meu ouvido.

Ele está debruçado em cima de mim como um cão, uma mão esfregando forte a minha pele e a outra, desabotoando a calça. Ouvindo o ruído de cada botão se abrindo, eu me dobro e me retorço, mas estou presa na colcha como uma mosca em uma teia. Vejo as calças abertas caindo para baixo dos seus quadris, o pênis inchado entre as pernas, a barriga branca e dura. Tenho visto animais o suficiente no quintal para saber o que ele está tentando fazer. Embora meus braços estejam presos, balanço o corpo para tentar prender a colcha em volta de mim. Ele a puxa depressa, e sinto que ela está cedendo, e enquanto isso acontece ele sussurra em meu ouvido:

— Calma, agora, você gosta disso, não gosta? — E eu começo a choramingar.

Quando ele enfia dois dedos dentro de mim, suas unhas irregulares rasgam a minha pele e eu grito. Ele me dá um tapa com a outra mão sobre a minha boca e força seus dedos mais profundamente, raspando dentro de mim, e faço ruídos como um cavalo, sons frenéticos e guturais que saem do fundo de minha garganta.

E então ele levanta os quadris e tira a mão da minha boca. Eu grito e sinto o choque ofuscante de um tapa no rosto.

Da direção do corredor vem uma voz:

— Gerald? — E ele congela, só por um segundo, antes de deslizar de cima de mim como um lagarto, fechando os botões com pressa, levantando-se do chão.

— O que, em nome de Cristo... — A sra. Grote está encostada na moldura da porta, segurando a barriga arredondada com uma mão.

Puxo a roupa de baixo e o vestido, e desço a blusa; sento-me e procuro ficar de pé, agarrando a colcha em volta de mim.

— *Ela* não! — grita.

— Wilma, não é o que parece...

— Seu animal! — Sua voz é profunda e selvagem. Ela se vira para mim. — E você, você, eu sabia... — Ela aponta para a porta. — Saia! Saia já daqui!

Demorei um momento para entender o que ela quis dizer, que ela queria que eu fosse embora agora, no frio, no meio da noite.

— Calma, Wilma, acalme-se — diz Gerald, o sr. Grote.

— Eu quero essa menina... esse *lixo*... fora da minha casa!

— Vamos falar sobre isso, eu...

— *Quero ela fora daqui!*

— Tá bom, tá bom.

Ele olha para mim com olhos baços, e posso ver que, por mais que essa situação pareça ruim, está prestes a ficar pior. Não quero ficar aqui, mas como posso sobreviver lá fora?

A sra. Grote desaparece no corredor. Ouço uma criança chorando na parte de trás. Ela retorna um momento depois, com a minha mala, e a atira através da sala. A mala bate contra a parede, derramando o seu conteúdo pelo chão.

Minhas botas e o casaco mostarda, com as preciosas luvas revestidas de Fanny no bolso, ficam em um prego na porta da frente, e estou usando o meu único par de meias puídas. Vou até a mala e pego o que consigo, abro a porta e recebo uma explosão de ar gelado. Atiro algumas peças de roupas para a varanda, minha respiração é uma nuvem de vapor na minha frente. Enquanto calço as botas, me atrapalhando com os cordões, ouço o sr. Grote dizer:

— E se acontecer alguma coisa com ela?

E a resposta da sra. Grote:

— Se aquela garota estúpida colocou na cabeça que queria fugir, não há nada que se possa fazer, não é?

E é isso que eu faço, fujo, deixando quase tudo que possuo no mundo atrás de mim – minha mala marrom, os três vestidos que fiz na casa dos Byrne, as luvas sem dedo, uma muda de roupas de baixo e o suéter azul-marinho, meus livros escolares e o lápis, o caderno de composição que a srta. Larsen me deu para que eu escrevesse... Pelo menos o pacote de costura que Fanny me deu está no bolso interno do meu casaco. Deixo quatro crianças que não pude ajudar e que não amava. Deixo um lugar de degradação e miséria, coisa que nunca mais iria viver de novo. E deixo qualquer último resquício da minha infância nas tábuas ásperas daquele chão da sala.

Caminhando penosamente como uma sonâmbula no frio implacável, faço meu trajeto descendo pela passagem, então viro à esquerda e vou me arrastando até a estrada de terra esburacada em direção à ponte, que está prestes a cair. Existem locais em que tenho que cavar a camada superior da neve, que é grossa como casca de torta. As arestas afiadas dilaceram meus tornozelos. Ao levantar os olhos e fitar as estrelas de cristal, cintilantes lá no alto, o frio rouba o fôlego da minha boca.

Uma vez que estou fora do mato e na estrada principal, uma lua cheia banha os campos em volta de mim, em uma cintilante luz perolada. O cascalho parece trincar ruidosamente sob as minhas botas, posso sentir a aspereza do cascalho sob minhas solas finas. Acarício a lâ macia dentro das minhas luvas, tão quente que nem mesmo meus dedos estão frios. Não estou com medo, era mais assustador naquele barraco do que na estrada, com a luz do luar ao meu redor. Meu casaco é fino, mas estou usando por baixo aquela roupa que pude salvar, e ao mesmo tempo que me apresso ao longo do caminho começo a me aquecer. Faço um plano: vou a pé para a escola. Fica a apenas seis quilômetros.

A linha escura do horizonte está longe na distância, o céu acima dela está mais claro, como se fossem camadas de sedimentos em rochas. A escola está fixada na minha mente. Só tenho que chegar lá. Andando em um ritmo constante, minhas botas arrastam o cascalho, conto uma centena de passos e começo de novo. Meu pai costumava dizer que é bom testar os seus limites de vez em quando, aprender do que o corpo é capaz, o que você pode suportar. Ele disse isso quando estávamos no auge das nossas enfermidades a bordo do *Agnes Pauline*, e novamente no primeiro inverno rigoroso em Nova York, quando quatro de nós, inclusive minha mãe, tivemos pneumonia.

Teste seus limites. Saiba o que você pode suportar. Estou fazendo isso.

Enquanto caminho, me sinto leve e insubstancial como um pedaço de papel levado pelo vento e deslizando estrada abaixo. Penso que, de todas as maneiras, ignorei o que estava na minha frente – no quanto fui cega, como fui insensata em não ficar atenta. E penso em Dutchy, que conhecia da vida o suficiente para temer o pior.

À frente no horizonte, a primeira luz da aurora rosa começa a surgir. E, assim, antes disso, o edifício de madeira branca torna-se visível a meio caminho de uma pequena colina. Agora que a escola está à vista, minha energia parece ter sido drenada e tudo o que quero fazer agora é afundar ao lado da estrada. Meus pés pesam como chumbo e estão doloridos. Meu rosto está dormente; meu nariz deve estar congelado. Não sei como vou conseguir chegar até a escola, mas encontrarei algum jeito. Quando chego à porta da frente, descubro que o prédio está trancado. Dou a volta por trás, para a varanda onde eles guardam lenha para o fogão, abro a porta e caio no chão. Vejo um velho cobertor de cavalo dobrado ao lado da pilha de lenha cortada, então me enrolo nele e caio em um sono profundo.

Estou correndo em um campo amarelo, através de um labirinto de fardos de feno, incapaz de encontrar meu caminho...

— DOROTHY?

Sinto uma mão no meu ombro e desperto como uma mola. É o sr. Post.

— O que, em nome de Deus...?

Por um momento não tenho certeza se sou eu mesma. Olho para o sr. Post, as suas redondas faces vermelhas e sua expressão perplexa. E olho em volta, para a áspera pilha de madeira cortada, os grandes troncos caídos das paredes da varanda. A porta para a sala de aula está entreaberta, e é claro que o sr. Post veio até aqui para pegar madeira para acender o fogo, como deve fazer todas as manhãs antes de sair para nos pegar.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça, desejando estar.

— Sua família sabe que você está aqui?

— Não, senhor.

— Como você chegou à escola?

— Vim caminhando.

Ele olha para mim por um momento, e então diz:

— Vamos tirá-la do frio.

O sr. Post me guia até uma cadeira na sala de aula e coloca meus pés em outra cadeira, então tira o cobertor sujo dos meus ombros e o substitui por um xadrez limpo, que encontra no armário. Desamarra cada uma das minhas botas e as coloca ao lado da cadeira, fazendo vista grossa para os buracos de minhas meias. Então eu o vejo acender o fogo. A sala já está ficando quente quando a srta. Larsen chega, alguns minutos depois.

— O que é isso? — pergunta ela. — Dorothy?

Ela desembrolha seu cachecol violeta e tira seu o chapéu e as luvas. Na janela atrás dela, vejo um carro se afastando. O cabelo longo da srta. Larsen está enrolado em um coque na nuca, e seus olhos castanhos estão claros e brilhantes. A saia de lã cor-de-rosa que ela veste tem o tom de suas faces.

Ajoelhada ao lado da minha cadeira, ela diz:

— Meu Deus, menina. Você ficou aqui muito tempo?

O sr. Post, completando sua missão, está colocando o chapéu e casaco para fazer as rondas no caminhão.

— Ela estava dormindo lá fora, na varanda, quando cheguei — diz ele, e em seguida ri. — Ela me deu um susto dos diabos.

— Tenho certeza de que sim — diz a srta. Larsen.

— Ela me falou que veio andando. Seis quilômetros — diz o sr. Post, balançando a cabeça. — Sorte que não congelou até a morte.

— Você parece que a aqueceu bem.

— Ela está descongelando. Bem, estou saindo para apanhar os outros — diz ele, ao mesmo tempo que dá um tapinha na frente de seu casaco. — Vejo você em um instante.

Assim que ele sai, a senhorita Larsen diz:

— Então, agora... diga-me o que aconteceu.

E então eu lhe conto. Não estava planejando fazer isso, mas ela olha para mim com uma preocupação tão genuína que tudo transborda. Conto para ela sobre a sra. Grote, que fica deitada na cama o dia todo, e que o sr. Grote vai para a floresta, e falo da neve no meu rosto pela manhã e dos colchões manchados. Conto para ela sobre o guisado de esquilo frio e as crianças berrando. E digo a ela sobre o sr. Grote no sofá, com as mãos sobre mim, e falo da sra. Grote grávida de novo no corredor, gritando comigo para que eu fosse embora. Digo a ela que estava com medo de parar de andar, medo de cair no sono. E falo para ela das luvas que Fanny tricotou para mim.

A srta. Larsen coloca a mão sobre a minha e a deixa lá, apertando-a de vez em quando:

— Ah, Dorothy.

E então:

— Graças a Deus pelas luvas. Fanny parece ser uma boa amiga.

— Ela era.

A professora ergue o queixo, tocando-o com dois dedos.

— Quem trouxe você para os Grote?

— O sr. Sorenson, da Sociedade de Auxílio às Crianças.

— Tudo bem. Quando o sr. Post regressar, pedirei a ele que encontre esse sr. Sorenson — Abrindo a sua bolsa de lanche, ela tira um biscoito. — Você deve estar com fome.

Normalmente eu recusaria — sei que ele é parte do seu lanche. Mas estou tão faminta que somente ao olhar o biscoito a minha boca se enche de água. E vergonhosamente o aceito e o devoro. Enquanto estou comendo o biscoito, a srta. Larsen aquece a água no fogão para o chá e corta uma maçã em fatias, organizando-as em um prato de porcelana lascado que ela apanha da prateleira. Vejo quando ela coloca as ervas para o chá em uma peneira e derrama água fervente em duas xícaras. Eu nunca a vi oferecer chá para nenhuma criança antes, e certamente não para mim.

— Srta. Larsen — comecei a falar. — A senhorita poderia... A senhorita...

Ela parece saber o que eu estou pedindo.

— Levá-la para casa para viver comigo? — pergunta. Então sorri, mas sua expressão é de dor. — Eu me importo com você, Dorothy. Acho que você sabe disso. Mas não posso... Estou numa posição que não posso cuidar de uma garota. Vivo num quarto, em uma pensão.

Eu assinto, mas com um nó na garganta.

— Eu a ajudarei a encontrar uma casa para você — diz ela gentilmente. — Um lugar seguro e limpo, onde você poderá ser tratada como uma garota de dez anos. Prometo.

Quando as outras crianças fazem fila na frente do caminhão, olham para mim com curiosidade.

— O que ela está fazendo aqui? — pergunta um garoto que se chama Robert.

— Dorothy veio um pouco mais cedo esta manhã — diz a srta. Larsen alisando a frente de sua bonita saia rosa. — Tomem seus assentos e peguem os cadernos de lição, crianças.

Depois que o sr. Post chegou e entrou pela porta de trás com mais madeira e organizou as lenhas no canto ao lado do fogão, a srta. Larsen faz um sinal para ele, que a segue de volta para a área de entrada. Poucos minutos depois, ele se dirige para fora outra vez, ainda de casaco e boné. O motor rugue e os freios guincham quando ele manobra o caminhão pela calçada íngreme.

Mais ou menos uma hora mais tarde, escuto o barulho característico do caminhão e olho pela janela. Vejo que ele sobe lentamente pela ladeira íngreme da entrada de carros, e então para. O sr. Post sai do caminhão e entra pela porta da varanda e a srta. Larsen pede desculpas por interromper a lição e vai para a parte de trás. Alguns momentos depois ela chama o meu nome, e eu me levanto da minha carteira, todos olham para mim, e caminho até a varanda.

A srta. Larsen parece preocupada. Fica tocando o cabelo no coque.

— Dorothy, o sr. Sorenson não está convencido...

Ela para e coloca a mão no pescoço, e solta um olhar de quem pede ajuda para o sr. Post.

— Acho que a srta. Larsen está tentando dizer — diz ele lentamente — que você vai precisar explicar com detalhes o que aconteceu para o sr. Sorenson. Idealmente, como você sabe, eles esperam que essas colocações das crianças funcionem. O sr. Sorenson se pergunta se isso não pode ser simplesmente uma questão de... falha de comunicação?

Eu me sinto tonta quando percebo o que o sr. Post está dizendo.

— Ele não acredita em mim?

Um olhar se cruza entre eles.

— Não é só uma questão de acreditar ou não acreditar. Ele precisa escutar a história vinda de você — diz a srta. Larsen.

Pela primeira vez na vida, sinto uma revolta selvagem. As lágrimas querem saltar dos meus olhos.

— Eu não vou voltar para lá. Não posso.

A srta. Larsen coloca o braço ao redor dos meus ombros.

— Dorothy, não se preocupe. Você irá contar para o sr. Sorenson sua história, e eu irei falar com ele o que eu sei. Não vou deixar que você volte para lá.

As próximas poucas horas são um borrão. Eu imito os movimentos de Lucy, puxando para fora a soletração quando ela escreve, me alinhando atrás dela para escrever no quadro, mas mal registro o que está acontecendo ao meu redor. Quando ela sussurra “Você está bem?”, dou de ombros. Ela aperta minha mão, mas não pergunta mais – e não sei se é porque ela sente que não quero falar sobre isso ou se está com medo do que eu possa dizer.

Depois do almoço, quando voltamos para nossas carteiras, vejo ao longe um veículo. O som do motor enche a minha cabeça; o caminhão escuro, que vinha para a escola, é a única coisa que vejo. E aqui está – subindo vagarosamente a calçada íngreme, guinchando e parando atrás do caminhão do sr. Post.

E vejo o sr. Sorenson no assento do motorista. Ele fica lá por um momento. Tira o chapéu de feltro preto e afaga o bigode preto. Em seguida, abre a porta do carro.

— ORA, VEJAM SÓ — DIZ O SR. SORENSON QUANDO TERMINO MINHA história. Estamos sentados em cadeiras duras na varanda de trás, e está mais quente agora do que no início do dia por causa do sol e do calor do fogão. Ele estende a mão para dar um tapinha em minha perna, então parece pensar melhor e descansa a mão em seu quadril. Com a outra mão, acaricia o bigode. — Uma longa caminhada no frio. Você deve ter sido muito... — sua voz falha. — E, no entanto, no entanto... Eu me pergunto: no meio da noite? Você não poderia talvez ter...?

Eu olho para ele com firmeza, meu coração bate forte no peito.

— ...interpretado mal?

Ele olha para a srta. Larsen.

— Uma garota de dez anos... Você não acha, srta. Larsen, que pode ter havido certa... exaltação? Uma tendência à dramatização?

— Isso depende da garota, sr. Sorenson — diz ela com firmeza, levantando o queixo. — Nunca vi Dorothy mentir.

Soltando um risinho discreto, ele balança a cabeça.

— Ah, srta. Larsen, não é isso o que estou dizendo, é claro que não! Eu apenas quis dizer que, por vezes, especialmente se a pessoa passou por eventos perturbadores em sua jovem vida, pode estar propensa a tirar conclusões precipitadas, a avaliar inadvertidamente certas coisas fora de proporção. Vi com meus próprios olhos que as condições de vida na casa do Grote eram, bem, menos do que o ideal. Mas nem todos nós podemos ter famílias como nos livros de contos de fada, podemos, srta. Larsen? O mundo não é um lugar perfeito, e quando estamos dependentes da caridade dos outros, nem sempre estamos em posição de poder reclamar — ele sorri para mim. — Minha recomendação, Dorothy, é fazer uma nova

tentativa. Posso falar com os Grote e convencê-los da necessidade de melhorar as condições de...

Os olhos de srta. Larsen brilham estranhamente, e uma erupção vermelha sobe desde seu pescoço.

— O senhor ouviu a menina, sr. Sorenson? — diz ela com a voz tensa. — Foi uma tentativa de... abuso sexual. E a sra. Grote, ao chegar e ver essa cena terrível, lança-a para fora de casa. Certamente o senhor não espera que Dorothy possa voltar a essa situação agora, não é? Francamente, eu me pergunto por que não pede à polícia para ir lá e dar uma olhada. Não me parece um lugar saudável para as outras crianças, também.

O sr. Sorenson assente lentamente, como se estivesse dizendo: *Acalme-se, era apenas um pensamento, não vamos ficar exaltados, vamos todos nos acalmar*. Mas o que ele diz é:

— Bem, como você pode ver, estamos em uma crise. Não há famílias que eu conheça neste momento buscando órfãos. Eu poderia perguntar em regiões mais distantes, é claro. Entrar em contato com a Sociedade, em Nova York. Se a questão se resume a isso, Dorothy poderia voltar para lá, suponho, no próximo trem que vier.

— Evidentemente que não precisamos recorrer a isso — diz a professora.

Ele dá de ombros.

— Seria de se esperar que não. Não se sabe.

Ela coloca a mão no meu ombro e lhe dá um aperto.

— Vamos explorar nossas opções, então, sr. Sorenson, por favor? E nesse meio tempo, por um dia ou dois, Dorothy vem para casa comigo.

Eu olho para ela com surpresa.

— Mas eu pensei...

— Isso não é permanente — diz ela rapidamente. — Eu vivo numa pensão, sr. Sorenson, onde não são permitidas crianças. Mas a minha senhoria tem um bom coração, e ela sabe que eu sou uma professora e que nem todas minhas crianças estão — ela parece escolher as palavras cuidadosamente — alojadas de forma vantajosa. Eu acho que ela será simpática à minha ideia, como eu disse, por um dia ou dois.

O sr. Sorenson acaricia o bigode.

— Muito bem, srta. Larsen. Eu verificarei outras possibilidades, e a deixarei a cargo de Dorothy por alguns dias. Mocinha, eu confio que você será devidamente bem educada e bem comportada.

— Sim, senhor — respondo solenemente, mas meu coração está inchado de alegria. A srta. Larsen está me levando para casa com ela! Eu não posso acreditar na minha boa sorte.

O homem que vem buscar a srta. Larsen e a mim depois da aula se surpreende com a minha presença, demonstrando isso ao erguer a sobrancelha, mas não diz nada.

— Sr. Yates, esta é a Dorothy — ela me apresenta, e ele acena com a cabeça pelo espelho retrovisor. — Dorothy, o sr. Yates trabalha para minha senhoria, a sra. Murphy, e é gentil o suficiente para me levar para a escola todos os dias, uma vez que não sei dirigir.

— É um prazer, senhorita — diz ele, e posso ver por suas orelhas cor-de-rosa que é mesmo um prazer.

Hemingford é muito maior do que Albans. O sr. Yates dirige calmamente, descendo a Main Street, e fico extasiada olhando os cartazes e vitrines: o Cine Imperial (cuja marquise trombeteia: AGORA COM FALA, CANTO E DANÇA!); o prédio do jornal local, *Hemingford Ledger*; o Walla's Recreational Parlor, anunciando bilhar, refrigerantes, doces e tabaco em suas vitrines de vidro; o banco Farmer's State; a Schindler's Hardware; Nielsen General Store, “tudo para comer e vestir!”.

Na esquina da Main e da Park, a várias quadras do centro da cidade, o sr. Yates estaciona o carro em frente de uma casa vitoriana de pintura azul-clara com um alpendre em toda a volta. Um cartaz oval na porta da frente anuncia: CASA HEMINGFORD PARA JOVENS SENHORAS.

O sino toca quando a srta. Larsen abre a porta. Ela me conduz para dentro, mas põe um dedo sobre os lábios e sussurra:

— Espere aqui um momento. — Tira as luvas, desembrolha o cachecol em volta do pescoço e desaparece através de uma porta no final do corredor.

O saguão de entrada é formal, com papel de parede vinho, um enorme espelho em uma moldura e um aparador de madeira escura, cheio de gavetas. Depois de olhar um pouco em volta, sento-me em uma cadeira de assento escorregadio. Em um canto, um imponente relógio de pêndulo toca alto, e quando bate as horas, com vários gongos, quase caio da cadeira de surpresa.

Depois de alguns minutos, a srta. Larsen retorna.

— Minha senhoria, a sra. Murphy, gostaria de conhecê-la — diz ela. — Eu contei a ela sobre... sua situação. Senti que precisava explicar por que a trouxe aqui. Espero que esteja tudo bem.

— Sim, é claro.

— Basta ser você mesma, Dorothy — diz ela. — Bem, então, por aqui. Eu a sigo pelo corredor e através da porta para uma sala, onde uma mulher gordinha, de seios grandes, com uma auréola de fartos cabelos grisalhos, está sentada em um sofá de veludo rosa ao lado de um fogo aceso. Ela tem longos vincos ao lado do nariz, como os de uma marionete, e uma expressão alerta e vigilante.

— Bem, minha menina, me parece que você tem passado por momentos difíceis — diz a mulher, indicando que eu me sente em frente a ela em uma das duas poltronas florais.

Sento-me em uma e a srta. Larsen na outra, sorrindo para mim, um pouco ansiosa.

— Sim, senhora — respondo à sra. Murphy.

— Ah, você é irlandesa, não é?

— Sim, senhora.

Ela se ilumina.

— Foi o que pensei! Mas tive uma garota polonesa aqui há alguns anos, de cabelo mais vermelho do que o seu. E, claro, há os escoceses, embora não se veja nenhum por estas bandas com frequência. Bem, sou irlandesa também, se é que ainda não adivinhou — acrescenta. — Vim para cá como você, quando ainda pequenina. Meu pessoal é de Enniscorthy. E o seu?

— Kinvara. No condado de Galway.

— Não diga, conheço o lugar. Meu primo se casou com uma garota de Kinvara. Você conhece o clã Sweeney?

Nunca ouvira falar do clã Sweeney, mas aceno concordando, do mesmo jeito.

— Muito bem — diz ela, parecendo satisfeita. — Qual é o seu nome de família?

— Power.

— E você foi batizada... Dorothy?

— Não, Niamh. Meu nome foi alterado pela primeira família com quem fui viver. — Meu rosto fica vermelho quando percebo que estou confessando ter sido mandada embora de duas casas.

Mas ela não parece perceber, ou se importar.

— Foi o que imaginei. Dorothy não é um nome irlandês — Inclinando-se para mim, ela inspeciona o meu colar. — Um *claddagh*. Não vejo um desses faz um século. É de casa?

Concordo com a cabeça.

— Minha avó que me deu.

— Sim, e veja como ela o protege — comenta com a srta. Larsen.

Eu não tinha percebido, até ela comentar, que estou segurando o pingente entre meus dedos.

— Não quis...

— Ora, mocinha, está tudo bem — diz ela, dando um tapinha no meu joelho. — É a única coisa que você tem para lembrá-la de sua gente, agora, não é?

Quando a sra. Murphy volta sua atenção para o jogo de chá na mesa em frente a ela, a srta. Larsen me dá uma piscadela. Acho que estamos as duas surpresas com o fato de a sra. Murphy ter simpatizado comigo tão rapidamente.

O QUARTO DA SRTA. LARSEN É ARRUMADO E RELUZENTE, DO TAMANHO de uma despensa. Parece mal caber uma cama de solteiro, uma cômoda de carvalho bem alta e uma mesa de pinho estreita com um abajur de latão. A colcha está dobrada e enfiada nos cantos; a fronha é limpa e branca. Diversas aquarelas de flores estão penduradas em ganchos nas paredes, e uma fotografia em preto-e-branco de um casal de aparência séria fica em cima da cômoda, em uma moldura dourada.

— São seus pais? — pergunto, olhando mais de perto a fotografia.

Um homem barbudo de terno escuro está rigidamente atrás de uma mulher magra, sentada em uma cadeira. A mulher, com um vestido preto liso, parece uma versão mais dura da srta. Larsen.

— Sim. — Ela se aproxima e olha para o retrato. — Os dois estão mortos agora, então suponho que isso me deixe órfã também — diz ela, depois de um momento.

— Eu não sou realmente órfã — respondo.

— Ah é?

— Quer dizer, não sei. Houve um incêndio, minha mãe foi para o hospital. E nunca mais

a vi.

— Mas você acha que ela pode estar viva?

Aquiesço com a cabeça.

— E você ainda espera encontrá-la?

Penso sobre o que os Schatzman disseram sobre minha mãe depois do incêndio – que ela havia enlouquecido depois de perder todos os filhos.

— Foi para um hospital psiquiátrico. Ela já não estava... bem. Mesmo antes do incêndio.

— Esta é a primeira vez que admito isso para alguém, e é um alívio poder dizer essas palavras.

— Ah, Dorothy — suspira a srta. Larsen. — Você já passou por muita coisa na sua jovem vida, não é?

Quando vamos para a sala de jantar, mais formal, às seis horas da tarde, fico surpresa com a fartura: um presunto no meio da mesa, batatas assadas, couves-de-bruxelas brilhando com manteiga, uma cesta de pães. Os pratos são de porcelana chinesa de verdade, em uma estampa de miosótis roxos com borda prateada. Nem mesmo na Irlanda eu vira uma mesa como essa, a não ser em um feriado, e hoje é uma terça-feira comum. Cinco pensionistas e a sra. Murphy estão de pé atrás das cadeiras. Tomo a cadeira vazia ao lado da srta. Larsen.

— Senhoras — diz a sra. Murphy, de pé, na cabeceira da mesa. — Esta é a srta. Niamh Power, do condado de Galway, vinda de Nova York. Ela veio a Minnesota como uma das passageiras de um trem, e vocês devem ter ouvido falar disso pelos jornais. Ela estará conosco por alguns dias. Vamos fazer o nosso melhor para que ela se sinta bem-vinda.

As outras mulheres estão todas na casa dos vinte anos. Uma delas trabalha na caixa da loja dos Nielsen, uma na padaria, outra no jornal local como recepcionista. Sob o olhar atento da sra. Murphy, todas elas se mostram educadas, mesmo a moça de cara azeda, srta. Grund, funcionária de uma loja de sapatos. (“Ela não está habituada a crianças”, sussurra a srta. Larsen para mim, depois que a srta. Grund me atira um olhar gelado através da mesa de jantar). Posso ver que essas mulheres todas estão com um pouco de medo da sra. Murphy. Durante o transcurso do jantar, posso perceber que ela tem respostas ríspidas e pode ser mal-humorada, além de gostar de ser a chefe. Quando uma delas expressa uma opinião da qual discorda, ela olha em volta para o grupo e reúne aliados para sua posição. Mas é totalmente gentil comigo.

Ontem à noite, mal dormia na varanda gelada da escola, e antes eu estava em um colchão sujo em um quarto fétido, com outras três crianças. Mas hoje tenho meu próprio quarto, a cama bem-arrumada com lençóis brancos e duas colchas limpas. Quando a sra. Murphy me deseja boa-noite, me dá um vestido e roupas íntimas, uma toalha de banho e uma toalha de mão, e uma escova para os dentes. Ela me mostra o banheiro no corredor, com água corrente na pia e um vaso sanitário com descarga e uma enorme banheira de porcelana, e me diz para tomar banho e ficar ali o tempo que eu quiser; as outras podem usar outro banheiro.

Quando ela sai, vou inspecionar meu reflexo no espelho, a primeira vez desde que cheguei a Minnesota em que posso olhar num espelho sem manchas e sem estar rachado. Uma menina que mal reconheço olha para mim. Ela é magra e pálida, de olhos sem brilho, maçãs do rosto acentuadas e cabelo ruivo-escuro emaranhado, faces rachadas pelo vento, e um nariz com aros vermelhos. Seus lábios também estão rachados e o suéter, rasgado e imundo. Eu engulo... Ela engole. A garganta dói. Devo estar ficando doente.

Quando fecho os olhos no banho quente, sinto como se estivesse flutuando dentro de uma nuvem.

De volta ao meu quarto, quente e seco, e vestindo a camisola nova, fecho a porta e viro a chave. Fico com as costas contra ela, saboreando a sensação. Nunca tive um quarto só meu, nem na Irlanda, nem na Elizabeth Street, nem na Sociedade de Auxílio às Crianças, nem no corredor dos Byrne e muito menos com os Grote. Puxo as cobertas, presas firmemente em torno do colchão e escorrego entre os lençóis. Mesmo o travesseiro, com seu cheiro de algodão com sabão, é uma maravilha. Deitada de costas, com a lâmpada ainda acesa, fico olhando para as pequenas flores vermelhas e azuis do papel de parede branco-sujo, o teto branco acima, a cômoda de carvalho e as maçanetas brancas lisas. Olho para baixo, para o tapete enrolado nas pontas e o piso de madeira brilhante por baixo. Apago a luz e fico deitada no escuro. Enquanto meus olhos se acostumam à escuridão, consigo identificar a forma de cada um dos objetos no quarto. O abajur. A cômoda. As bordas da cama. Minhas botas. Pela primeira vez, desde que desci do trem em Minnesota, mais de um ano atrás, eu me sinto segura.

DURANTE A SEMANA SEGUINTE, MAL SAIO DA CAMA. O MÉDICO DE CABELOS brancos que vem me examinar coloca um estetoscópio gelado de metal no meu peito, escuta, fica pensativo por alguns instantes e anuncia que estou com pneumonia. Durante dias fico com uma febre alta, as cobertas puxadas até o pescoço e as cortinas do quarto fechadas, a porta do quarto aberta para que a sra. Murphy possa me ouvir chamar. Ela coloca um pequeno sino de prata sobre a cômoda, e devo agitá-lo se precisar de alguma coisa.

— Estou lá embaixo — diz ela. — Virei em um minuto.

E embora ela saia, agitada, murmurando todas as coisas que precisa fazer, como uma das meninas — ela chama todas de meninas, embora sejam mulheres adultas e trabalhem — não fez a cama ou deixou o prato sujo na pia ou se esqueceu de trazer o jogo de chá para a cozinha, a sra. Murphy larga tudo quando toco o sino.

Nos primeiros dias, entro e saio do sono, abrindo os olhos para a luz suave do sol que se infiltra através da janela do quarto, coberta com as cortinas, e de repente todo o quarto fica escuro; a sra. Murphy se inclina sobre mim com um copo de água, sua respiração efervescente no meu rosto, o cálido volume de seu busto apertando o meu ombro. A srta. Larsen, horas depois, está colocando um pano dobrado e frio na minha testa com dedos cuidadosos. A sra. Murphy vem depois me nutrir com sopa de galinha cheia de cenouras, aipo e batatas.

Nos meus momentos de consciência febril, acho que estou sonhando. Será que estou mesmo nesta cama quente, neste quarto limpo? Será que existe mesmo gente cuidando de mim?

E então abro os olhos à luz de um novo dia, e estou me sentindo diferente. A sra. Murphy tira a minha temperatura, e ela está abaixo dos trinta e sete graus. Puxando a cortina, ela exclama:

— Veja só o que você está perdendo!

Eu me sento na cama e olho para fora, a neve cobre o chão como uma manta de algodão, e ainda cai, o céu está branco e tudo o mais está branco, os carros, as árvores, as calçadas, a casa vizinha, tudo transformado. Meu próprio despertar parece muito importante. Também eu estou coberta, obscurecida, meus membros, duros e doloridos, agora transformados.

Quando a sra. Murphy descobre que não tenho quase nada, ela se organiza para

recolher roupas. No saguão, há um grande baú cheio de roupas de pensionistas que tinham ido embora, largando-as para trás, camisas, meias, vestidos, conjuntos de camisola e saias, e até mesmo alguns pares de sapatos; ela coloca tudo na cama de casal de seu enorme quarto, para eu experimentar.

Quase tudo é muito grande para mim, mas algumas peças irão servir, um casaquinho azul-claro bordado com flores brancas, um vestido marrom com botões de pérola, vários conjuntos de meias, um par de sapatos.

— Jenny Early — suspira a sra. Murphy, passando os dedos por um vestido floral amarelo particularmente bonito. — Era uma menina bem pequeninha, e adorável também. Mas quando descobriu que estava grávida... — Ela olha para a senhorita Larsen, que balança a cabeça. — Mas são águas passadas. Ouvi dizer que Jenny fez um bom casamento e teve um menino saudável, então tudo está bem quando acaba bem.

Quando a minha saúde começou a melhorar, passei a me preocupar, porque isso não duraria muito... Vão me mandar embora. Fiquei aqui nesse ano porque tive que ficar, porque eu não tinha opções. Mas agora, que experimentei o conforto e a segurança, como posso ir para trás de novo? Esses pensamentos me levam à beira do desespero, então eu me obrigo, me forço, a não tê-los.

Vivian está esperando na porta da frente quando Molly chega.

— Pronto? — pergunta ela, voltando-se para subir as escadas assim que Molly cruza a entrada.

— Espere! — Molly tira a jaqueta do exército que está vestindo e a pendura no cabide preto de ferro que há no canto. — E aquela xícara de chá?

— Não há tempo — diz a senhora por cima do ombro. — Eu sou velha, como sabe, e posso cair morta a qualquer minuto. Temos de começar!

— Sério? Sem chá? — resmunga Molly, seguindo atrás dela.

Uma coisa curiosa está acontecendo. As histórias que Vivian começou a contar só com insistência, em respostas obedientes a questões específicas, estão se derramando agora espontaneamente, uma após a outra, tantas que até mesmo Vivian parece surpresa.

— Quem teria pensado que o velho tinha tanto sangue? — disse ela após uma sessão. — *Macbeth*, querida. Procure.

Vivian nunca realmente falou com ninguém sobre sua experiência no trem. Foi vergonhoso, diz ela. É muita coisa para explicar, e muito difícil de acreditar. Todas essas crianças enviadas em trens para o Meio-Oeste, recolhidas nas ruas de Nova York como lixo, aquele lixo que eles colocam nas barcas, e enviadas para o mais longe possível, fora da vista de todos.

E, de qualquer maneira, como se pode falar sobre o fato de perder tudo?

— Mas e seu marido? — pergunta Molly. — Você deve ter contado a ele...

— Sim, algumas coisas eu contei — responde a anciã. — Mas tive tanta coisa dolorosa em minha experiência que não quis sobrecarregá-lo. Às vezes, é mais fácil tentar esquecer.

Certos aspectos das lembranças de Vivian são disparados a cada caixa que elas abrem. O kit de costura envolto em gaze evoca a casa sombria dos Byrne. O casaco cor de mostarda com botões militares, as luvas de lã forradas de feltro, o vestido marrom com botões de pérola, um conjunto de porcelana rosa cuidadosamente embalado... Logo Molly é capaz de manter o elenco de personagens de uma vez em sua mente... Niamh, vovó, Maisie, a sra. Scatcherd, Dorothy, o sr. Sorenson, a srta. Larsen... Uma história circula e volta para outra. *Agindo certo e honestamente, tudo dá certo.* Como se estivesse juntando retalhos de tecido para fazer uma colcha, Molly coloca todas elas numa sequência correta e as costura junto, criando um padrão que tinha sido impossível de enxergar quando cada peça estava separada.

Quando Vivian descreve como se sentia ao estar à mercê de estranhos, Molly concorda. Ela sabe muito bem como é ser obrigada a sufocar as suas predisposições naturais, o que é ter que forçar um sorriso quando você se sente dormente. Depois de um tempo você nem sabe mais quais são as suas próprias necessidades. Você se sente grato pela menor pitada de bondade que lhe oferecem e, depois, quando vai ficando mais velho, fica desconfiado. Por que alguém faria alguma coisa por você se não quisesse alguma coisa em troca? E, de qualquer maneira, na maioria das vezes, as pessoas não têm bondade. E, mais frequentemente do que o contrário, você vê o pior das pessoas. Você aprende que a maioria dos adultos mente. Que a maioria das pessoas só se importa consigo mesmas. Que você só é interessante enquanto for de utilidade para alguém.

Então, sua personalidade vai sendo moldada. Você aprende mais, e esse conhecimento

faz de você uma pessoa cautelosa. Você se torna alguém desconfiado e com medo. A expressão de suas emoções não vem naturalmente, e então você aprende a fingir. A exibir uma empatia que realmente não sente. E é assim que você aprende a avançar, se tiver sorte, a se parecer com todos os outros, mesmo que esteja partido por dentro.

— EU, NÃO SEI... — DISSE TYLER BALDWIN UM DIA, DURANTE UMA AULA de história americana, depois que a classe assistiu a um filme sobre os *wabanakis*. — Como é aquela frase, mesmo? “Ao vencedor, os despojos”? Quero dizer, isso acontece o tempo todo, no mundo inteiro, certo? Um grupo ganha, outro perde.

— Bem, é verdade que os homens vêm dominando e oprimindo outros seres humanos desde o início dos tempos — diz o sr. Reed. — Você acha que os oprimidos devem parar de reclamar?

— É. Você perdeu. Eu meio que sinto vontade de dizer “Lide com isso e cale-se” — responde Tyler.

A raiva que Molly sente é tão avassaladora que ela vê pontos diante de seus olhos. Por mais de quatrocentos anos, os índios foram enganados, encurralados, forçados a viver em pequenos pedaços de terra e discriminados, chamados de sujos, *injuns*, peles-vermelhas, selvagens. Não conseguiam arranjar emprego nem comprar casa. Será que comprometeria a sua liberdade condicional se ela estrangulasse esse imbecil? Ela respira fundo e tenta se acalmar. Em seguida, levanta a mão.

O sr. Reed olha para ela com surpresa. Molly raramente levanta a mão.

— Sim?

— Eu sou índia — ela nunca disse isso a ninguém, exceto a Jack. Para Tyler, ela era apenas uma... gótica, se é que ele prestava atenção nela, é claro. —, *penobscot*. Nasci em Indian Island. E só queria dizer que o que aconteceu com os índios foi exatamente como o que aconteceu com os irlandeses sob o domínio britânico. Não foi uma luta justa. Sua terra foi roubada, sua religião foi proibida, eles foram forçados a se dobrar à dominação estrangeira. Não foi bom para os irlandeses, e não é bom para os índios.

— Putz, mais desses discursos... — murmura Tyler.

Megan McDonald, sentada um assento na frente de Molly, levanta a mão, e o sr. Reed concorda.

— Ela está certa — diz a jovem. — Meu avô é de Dublin. Ele está sempre falando sobre o que os ingleses fizeram.

— Bem, meus avós perderam tudo que tinham na Grande Depressão. Você não me vê chorando por esmolas. A merda acontece, desculpe o meu francês — diz Tyler.

— Deixando de lado o francês de Tyler — diz o sr. Reed, erguendo as sobrancelhas para a classe como se dissesse que não aprova, mas vai lidar com isso mais tarde —, é isso que eles estão fazendo, pedindo esmolas?

— Eles só querem ser tratados de forma justa — diz um rapaz no fundo.

— Mas o que isso significa? E onde isso vai parar? — pergunta outro.

Enquanto outros se juntam à discussão, Megan se vira em seu assento e aperta os olhos para Molly, como se a notasse pela primeira vez.

— Uma índia, hein? Legal! — ela sussurra. — Que nem a Molly Melaço, certo?

AGORA, NOS DIAS DE SEMANA, MOLLY NÃO ESPERA MAIS POR JACK PARA levá-la à casa de Vivian. Fora da escola, ela pega o ônibus circular.

— Você tem outras coisas para fazer — diz ela. — Sei que é um saco ficar lá fora esperando por mim.

Mas, na verdade, tomar o ônibus dá a ela a liberdade de permanecer por quanto tempo Vivian permitir sem ter que se justificar com Jack.

Molly não contou a Jack sobre o projeto da escola. Sabe que ele diria que é uma má ideia, que ela ficaria envolvida demais na vida de Vivian, pedindo demais a ela. Mesmo assim, Jack tinha um tom de crítica na voz recentemente.

— Quer dizer que você já está quase terminando suas horas, hein? — comenta ele. — E está fazendo algum progresso lá em cima?

Nesses últimos dias, Molly desliza para dentro da casa de Vivian, abaixa a cabeça depois de um rápido olá para Terry e sobe correndo os degraus. Parece muito difícil para ela explicar a ambos seu crescente relacionamento, além do ponto, com Vivian. E o que importa o que os outros pensam?

— Escute só a minha teoria — diz Jack um dia, quando eles estão sentados do lado de fora do gramado, na escola, durante o horário de almoço.

É uma bela manhã, o ar está fresco e suave. Dentes-de-leão dançam como estrelinhas na grama.

— Vivian é como uma figura materna para você. Avó, bisavó — o que quiser. Ela a escuta, ela lhe conta histórias, permite que a ajude. Ela faz você se sentir necessária.

— Não — diz Molly com irritação. — Não é assim. Tenho horas para cumprir; ela tem um trabalho que precisa ser feito. Simples assim.

— Não é realmente tão simples, Moll — diz o rapaz com razoabilidade exagerada. — Minha mãe me diz que não tem acontecido nada lá em cima. — Ele abre uma lata enorme de chá gelado e toma um longo gole.

— Estamos fazendo progressos. É difícil de ver.

— Difícil de ver? — Ele ri, desembulhando um sanduíche Subway italiano. — Pensei que todo o lance seria se livrar das caixas. Parece bastante simples. Não?

Molly pega um palito de cenoura e o parte ao meio.

— Estamos organizando as coisas. Então vão ficar mais fáceis de encontrar.

— Fácil pra quem? Para o pessoal que for vender a casa, fazer o inventário? Porque é isso que vai acontecer. Vivian provavelmente nunca mais vai pôr os pés lá em cima de novo.

Mas isso era mesmo da conta dele?

— Então estamos deixando as coisas mais fáceis pra quem for vender a propriedade ou fazer o inventário.

Na verdade, embora não tenha admitido isso em voz alta até agora, Molly tinha praticamente desistido da ideia de descartar alguma coisa. Afinal de contas, o que isso importa? Por que o sótão de Vivian não deveria ser preenchido com as coisas que são significativas para ela? A dura realidade é que ela vai morrer, mais cedo do que mais tarde. E, em seguida, os profissionais vão chegar à casa, para separar ordenada e eficientemente as coisas valiosas das sentimentais, demorando-se apenas sobre os itens de origem indeterminada ou valor indeterminado. Então, sim, Molly tem começado a enxergar seu trabalho na casa de Vivian sob uma luz diferente. Talvez não importe o quanto será feito, quem sabe o valor desse processo esteja nele em si — no valor em tocar cada item, em nomear e identificar, em reconhecer a importância de um casaco de lã e de um par de botas infantis.

— São as coisas dela — diz Molly. — Ela não quer se livrar. Eu não posso forçá-la, posso?

Dando uma mordida em seu sanduíche, o recheio derramando sobre o papel encerado abaixo do queixo, Jack dá de ombros.

— Não sei... Acho que é mais... — ele mastiga e engole, e Molly olha para longe, irritada com aquela agressão passiva. — Sabe o que isso está parecendo?

— O que você quer dizer?

— Para a minha mãe, parece mais que você está tirando proveito da situação.

Molly olha para o seu próprio sanduíche.

“Só sei que você vai gostar se experimentar”, disse Dina, indiferente, quando Molly lhe pediu que parasse de colocar sanduíches de mortadela em seu almoço, “ou pode fazer seu próprio maldito almoço”. Portanto, agora Molly faz isso, engoliu seu orgulho, pediu dinheiro a Ralph e comprou manteiga de amêndoa, mel orgânico e pão de nozes na loja de alimentos saudáveis, em Bar Harbor. E isso é bom, apesar de seu pequeno estoque ser tão bem-vindo na despensa quanto um rato morto trazido pelo gato, ou como a comida vegetariana de alguém... E está em quarentena no armário da entrada, “assim ninguém se confunde”, como Dina costuma dizer.

Molly sente uma raiva crescente no peito... A falta de vontade de Dina para aceitá-la como ela é, os julgamentos de Terry e a necessidade de Jack de acalmá-la. Raiva de todos eles.

— O fato é que isso não é da conta de sua mãe, é?

No momento em que diz isso, ela se arrepende.

Jack lhe lança um olhar penetrante.

— Você está brincando comigo?

Ele faz uma bola com o que restou do sanduíche e enfia no saco plástico de onde veio. Molly nunca tinha visto Jack assim, com a mandíbula apertada, os olhos duros e com raiva.

— Minha mãe correu um risco por você — diz ele. — Levou você para aquela casa. E preciso lembrá-la que ela mentiu para Vivian? Se acontecer alguma coisa, ela pode perder o emprego. Assim! — Ele estala os dedos.

— Jack, você está certo. Sinto muito — diz ela, mas ele já está de pé, indo embora.

— *Primavera, finalmente!* — festeja Ralph, colocando as luvas de trabalho na cozinha, enquanto Molly se serve de uma tigela de cereais. Realmente, hoje tem jeito de primavera, daquelas de verdade, com as árvores frondosas e os narcisos brotando, o clima tão quente que nem é preciso usar blusa. — Lá vou eu! — diz ele, indo para fora limpar a grama.

Trabalhar no quintal é a atividade favorita de Ralph; ele gosta de regar, plantar, limpar o mato, cultivar. Durante todo o inverno, parece um cachorro arranhando a porta, implorando para sair.

Dina, entretanto, está assistindo à HGTV e pintando as unhas dos pés no sofá da sala. Quando Molly entra com a tigela de cereais, Dina olha para cima e franze a testa.

— Tem algo que eu possa fazer por você? — Enfia o pequeno pincel no frasco coral, enxuga o excesso sob a borda e habilmente acaricia o dedão do pé com ele, corrigindo a linha com o polegar. — Nada de comida na sala, lembre-se.

Bom-dia para você também. Sem dizer uma palavra, Molly se vira e segue de volta para a cozinha, onde disca para Jack.

— E aí? — A voz dele é fria.

— O que você está fazendo?

— Vivian está me pagando para fazer uma limpeza de primavera em sua propriedade, limpar as folhas, livrar o jardim de galhos secos, essas coisas. E você?

— Estou indo para Bar Harbor, para a biblioteca. Tenho uma pesquisa para um projeto que preciso entregar em poucos dias. Estava esperando que fosse comigo.

— Desculpe, não posso — diz ele.

Desde aquela conversa na hora do almoço, na semana passada, Jack tem estado assim. Molly sabe que isso está exigindo um grande esforço de sua parte, para manter este rancor, porque vai contra a sua personalidade. E embora ela queira se desculpar, para acertar as coisas entre eles, está com medo de que qualquer coisa que venha a dizer agora seja vazia. Se Jack souber que ela vem entrevistando Vivian, e que aquela limpeza no sótão se transformou numa conversa contínua, vai ficar ainda mais chateado.

Ela ouve um sussurro em sua cabeça: “Deixe as coisas assim. Termine as suas horas e acabe com isso”. Mas ela não quer deixar as coisas assim. Não quer fazer isso.

O ônibus circular está quase vazio. Os poucos passageiros se cumprimentam com um aceno de cabeça quando entram. Colocando os fones de ouvido, Molly sabe que ela parece uma típica adolescente, mas o que ela está realmente ouvindo é a voz de Vivian. Na fita, Molly consegue ouvir coisas que não percebeu quando Vivian estava sentada diante dela...

O tempo se contrai e se aplaina, sabia? Ele não é uniformemente pesado. Certos momentos perduram na mente e outros desaparecem. Os primeiros vinte e três anos da minha vida são os que me moldaram, e o fato de que vivi quase sete décadas desde então é irrelevante. Aqueles anos não têm nada a ver com as perguntas que você faz.

Molly abre seu caderno, corre o dedo pelos nomes e pelas datas que ela já gravou. Toca a fita para frente e para trás, para e recomeça, rabisca sob os identificadores que deixou passar. Kinvara, condado de Galway, Irlanda. *Agnes Pauline*. Ellis Island, The Irish Rose, Delancey

Street. Elizabeth Street, Dominick, James, Maisie Power. Sociedade de Auxílio às Crianças, sra. Scatterd, sr. Curran...

O que você escolheu para levar? O que você deixou para trás? Que percepções você ganhou?

A vida de Vivian foi tranquila e normal. Com o passar dos anos, suas perdas se acumularam uma sobre a outra, como camadas de xisto: mesmo que sua mãe tivesse sobrevivido, estaria morta agora, as pessoas que a adotaram estão mortas; o marido morreu e eles não tiveram filhos. Exceto pela companhia da mulher que ela paga para tomar conta dela e da casa, é tão só quanto uma pessoa pode ser.

Nunca tentou descobrir o que aconteceu com sua família, nem com sua mãe nem com seus parentes na Irlanda. E mais e mais, Molly começa a compreender enquanto ouve a gravação, Vivian tem voltado à ideia de que as pessoas que são importantes em nossa vida ficam com a gente, assombrando os nossos momentos mais comuns. Essas pessoas estão com a gente no supermercado, ao virarmos uma esquina, quando conversamos com alguém. Elas sobem pela calçada, e nós as absorvemos através das solas de nossos sapatos.

Vivian deu um significado à frase prestar serviços à comunidade. Agora Molly quer dar algo de volta. Ninguém mais conhece a história de Vivian. Não há ninguém para ler os documentos de adoção, ninguém para reconhecer o significado das coisas que ela valoriza, coisas que fariam sentido apenas para alguém que se preocupe com ela. Mas Molly se importa. As lacunas nas histórias de Vivian parecem mistérios que ela pode ajudar a resolver. Na TV, uma vez, ela ouviu um especialista em relacionamentos dizer que não se pode encontrar a paz até que se encaixem todas as peças. Ela quer ajudar Vivian a encontrar algum tipo de paz, por mais ilusória e fugaz que seja.

Depois de descer no gramado de Bar Harbor, Molly caminha até a biblioteca, uma estrutura modular na Mount Desert Street. Na sala de leitura principal, conversa com o bibliotecário de referências, que a ajuda a encontrar uma seção de livros sobre a história da Irlanda e da imigração na década de 1920. Ela passa algumas horas debruçada sobre eles, fazendo anotações. Em seguida, pega seu *laptop* e abre o Google. Diferentes palavras juntas produzem resultados diferentes, por isso Molly tenta dezenas de combinações: “1929 incêndio NYC”, “Lower East Side Elizabeth St. Incêndio de 1929” “Agnes Pauline”, “Ellis Island 1927”. No site da Ellis Island, ela clica nos registros de passageiros e na busca. *Pesquisar por navio. Agora clique no nome de um navio na lista abaixo...* E aqui está, *Agnes Pauline*.

Ela encontra os nomes completos dos pais de Vivian nos registros de passageiros – Patrick e Mary Power, do condado de Galway, Irlanda – e sente uma emoção vertiginosa, como se personagens de ficção, de repente, criassem vida. Pesquisando os nomes, separadamente e em conjunto, ela encontra uma pequena notícia sobre o incêndio e sobre a morte de Patrick Power e seus filhos, Dominick e James. Não há nenhuma menção a Maisie.

Ela digita “Mary Power” e depois “Maisie Power”. Nada. Tem uma ideia. Os Schatzman. “Schatzman Elizabeth Street.” “Schatzman Elizabeth Street Nova York.” “Schatzman Elizabeth Street NYC 1930.” Aparece um blog sobre uma reunião de família. Uma certa Liza Schatzman organizou uma reunião de família em 2010, no norte do estado de Nova York. Na aba “História da Família”, Molly encontra uma foto em tons de sépia de Agneta e Bernard Schatzman, casal que emigrou da Alemanha em 1915 e residiu no número 26 da Elizabeth Street. Ele trabalhou como vendedor e ela, como costureira. Bernard Schatzman nasceu em 1894 e Agneta, em 1897. Eles não tiveram filhos até 1929, quando ele tinha

trinta e cinco anos e ela, trinta e dois anos.

Então, adotaram um bebê, Margaret.

Maisie. Molly se ajeita mais para trás em sua cadeira. Então Maisie não morreu no incêndio.

Menos de dez minutos após o início de sua pesquisa, Molly está olhando para uma fotografia do ano passado, em que aparece uma mulher que deve ser a irmã de Vivian, de cabelos brancos, Margaret Reynolds, *née* Schatzman, de oitenta e dois anos de idade, cercada por seus filhos, netos e bisnetos, em sua casa em Rhinebeck, Nova York. A duas horas e meia de Nova York e apenas um pouco mais de oito horas de Spruce Harbor.

Ela digita “Margaret Reynolds, Rhinebeck, Nova York”. Aparece um obituário, do *Poughkeepsie Journal*. Publicado há cinco meses.

A sra. Margaret Reynolds, 83 anos, morreu tranquilamente enquanto dormia, no sábado, após um curto período doente. Ela estava cercada por sua amorosa família...

Perdida e encontrada... E perdida novamente. Como ela vai contar a Vivian?

Quando eu ficar melhor, vou para a escola com a srta. Larsen no carro preto. A sra. Murphy me dá alguma coisa quase todos os dias – uma saia que ela diz ter encontrado no armário, um chapéu de lã, um casaco cor de camelo, um cachecol lilás e luvas combinando. Algumas das roupas estão sem botões ou com pequenos rasgos e furos, e outras precisam ser apertadas, ou então, de bainha. Quando a sra. Murphy me encontra remendando um vestido com a agulha e linha que Fanny me deu, exclama:

— Ora, mas você é tão útil quanto um bolso de camisa!

A comida que ela faz, familiar para mim, da Irlanda, evoca uma enxurrada de lembranças: salsichas com batatas assando no forno, as folhas de chá no bule da vovó de manhã, roupa secando no varal atrás da casa e batendo por causa do vento, o ecoar fraco do sino da igreja a distância. Vovó dizendo: “Comi como uma rainha”, depois de um belo jantar. E mais outras coisas: as brigas entre mamãe e vovó, papai desmaiado de bêbado no chão. O grito de mamãe: “Você o mimou demais e agora ele nunca vai ser um homem” – e vovó ao retrucar: “Você o atormenta tanto que logo ele não virá mais para casa”. Às vezes, quando eu dormia na casa de vovó, ouvia meus avós sussurrando na mesa da cozinha. “O que devemos fazer com relação a isso, então? Será que temos que alimentar aquela família para sempre?” Eu sabia que eles estavam exasperados com papai, mas também tinham pouca paciência com mamãe, cuja família era de Limerick, e nunca levantou um dedo para ajudar.

No dia em que me vovó deu o *claddagh*, eu estava sentada em sua cama, traçando as costuras da colcha branca sob meus dedos como se fosse Braille, observando-a se preparar para ir à igreja. Ela se sentou a uma pequena mesa de cabeceira com um espelho oval, afofando o cabelo levemente com uma escova que ela adorava, o mais fino osso de baleia e crina de cavalo, disse ela, deixando-me tocar o cabo suave e esbranquiçado, as cerdas eriçadas, e depois fechando a escova num estojo. Ela havia economizado para comprar essa escova remendando roupas; levou quatro meses, contou, para juntar o dinheiro.

Depois de fechar a escova no estojo, vovó abriu sua caixa de joias, de falso couro branco-sujo com acabamento dourado e um fecho de ouro, de veludo vermelho e pelúcia por dentro, revelando um baú de tesouros – brincos reluzentes, pesados colares de ônix e pérolas, pulseiras de ouro. (Minha mãe disse, mais tarde, maldosamente, que eram bijuterias baratas compradas em uma loja de ofertas em Galway por cinco ou dez centavos, mas no momento elas pareciam incrivelmente luxuosas para mim.) Ela escolheu um par de brincos de pérola com fecho nas costas, prendendo primeiro um e depois o outro nas orelhas.

No fundo da caixa, estava o crucifixo, *claddagh*. Eu nunca tinha visto minha avó usá-lo. Ela me contou que seu pai, morto há muito tempo, tinha dado a ela por ocasião de sua Primeira Comunhão, quando estava fazendo treze anos. Havia planejado dar à sua filha, minha tia Brigid, mas Brigid preferiu um anel dourado da pedra da sorte.

— Você é minha única neta, e quero que fique com ele — declarou minha avó, fechando a corrente em volta do meu pescoço. — Veja os fios entrelaçados — e tocou o relevo com um dedo nodoso. — Eles fazem um caminho sem fim, levando para longe de casa e circulando de volta. Quando você usar isso, nunca vai se sentir longe do lugar de onde veio.

Várias semanas depois de ela me dar o *claddagh*, mamãe e vovó tiveram mais uma de suas discussões. Quando suas vozes se elevaram, levei os gêmeos para um quarto no fim do

corredor.

— Você o enganou, ele não estava pronto — ouvi vovó gritar.

E então veio a réplica de mamãe, clara como o dia:

— Um homem cuja mãe não deixa que levante um dedo está arruinado para uma esposa.

A porta da frente bateu, era o vovô, eu sabia, indo para fora de tanto desgosto. E então eu escutei um estrondo, um grito, um choro e corri para a sala de estar, para encontrar a escova de osso de baleia de vovó partida em pedaços contra a lareira, e mamãe com um olhar de triunfo no rosto.

Nem um mês depois, nós nos vimos embarcando no *Agnes Pauline* com destino à Ellis Island.

FICO SABENDO QUE O MARIDO DA SRA. MURPHY FALECEU UMA DÉCADA atrás, deixando-a com esta enorme casa antiga e com pouco dinheiro. Tirando o máximo que pôde da situação, ela começou a aceitar pensionistas. As mulheres têm uma agenda que roda uma vez por semana: cozinhar, lavar, limpar, lavar o chão. Logo, eu também estou ajudando: arrumo a mesa para o café da manhã, limpo os pratos, varro a sala, lavo os pratos depois do jantar. A sra. Murphy é quem trabalha mais do que todo mundo, acordando cedo para fazer os biscoitos e o mingau, e é a última a ir dormir, quando apaga todas as luzes.

À noite, na sala de estar, as mulheres se reúnem para falar sobre as meias que usam, se as melhores são aquelas com uma costura atrás ou se são as lisas, quais as marcas que duram mais, quais arranham; o mais desejável tom de batom (por consenso, Ritz Vermelho Fogo) e qual o pó facial favorito. Sento-me em silêncio em frente à lareira, ouvindo. A srta. Larsen raramente participa, porque fica ocupada à noite, preparando as aulas e estudando. Ela usa pequenos óculos de aro dourado quando lê, o que parece acontecer sempre que não está fazendo suas tarefas. Ela sempre tem um livro ou um pano de prato na mão, às vezes ambos.

Estou começando a me sentir em casa. Mas, por mais que eu tenha esperanças de que a sra. Murphy se esqueça de que não pertença a este lugar, é claro que ela não se esquece. Uma tarde, quando volto da escola para casa de carro com a srta. Larsen, o sr. Sorenson está de pé no saguão, segurando o chapéu de feltro preto nas mãos, como um volante de automóvel. Meu estômago se revira.

— Ah, aqui está ela! — exclama a sra. Murphy. — Venha, Niamh, para a sala de estar. Junte-se a nós, por favor, srta. Larsen. Feche a porta, senão vamos congelar de frio. Chá, sr. Sorenson?

— Seria ótimo, sra. Murphy — diz Sorenson, passando depois dela pela porta dupla.

A sra. Murphy aponta para o sofá de veludo rosa e ele se senta pesadamente, como um elefante que vi uma vez em um livro de imagens, o seu grande estômago se salientando sobre as coxas arredondadas. A srta. Larsen e eu nos sentamos nas cadeiras laterais. Quando a sra. Murphy desaparece na cozinha, ele se inclina para a frente e sorri.

— Niamh de novo, não é?

— Não sei.

Olho lá fora pela janela, para a rua polvilhada de neve e o caminho verde-escuro do sr. Sorenson, que por algum motivo eu não tinha notado antes, estacionado na frente da casa. O veículo, mais do que a presença dele, me faz tremer. Foi o mesmo que me levou para os Grote, com o sr. Sorenson tagarelando alegremente o caminho todo.

— Vamos voltar para Dorothy, vamos? — diz. — Mais fácil.

A srta. Larsen olha para mim, e eu dou de ombros.

— Tudo bem.

Ele limpa a garganta.

— Acho melhor seguirmos com isso. — Puxa seus pequenos óculos do bolso do colete, equilibra-os sobre o nariz e segura um papel longe dos olhos, com o braço esticado. — Houve duas tentativas fracassadas de colocar você. Os Byrne e os Grote. Problemas com a mulher da casa nos dois casos. — Ele olha para mim por cima de seus aros de prata. — Devo dizer-lhe, Dorothy, que está começando a parecer que há algum tipo de... problema com você.

— Mas eu não...

Ele acena os dedos de salsicha para mim.

— A situação, tem que entender, é que você é uma órfã, e, qualquer que seja a realidade, aparentemente deve existir um problema de... insubordinação. Agora, existem várias maneiras de proceder. A primeira, é claro, podemos enviá-la de volta a Nova York. Ou podemos tentar encontrar outra casa — diz ele, suspirando pesadamente. — O que, para ser franco, pode revelar-se difícil.

A sra. Murphy, que até então estava entrando e saindo da sala com seu jogo de chá de porcelana verde-alface, e agora estava despejando o chá nas delicadas xícaras de borda fina, coloca o bule de chá em um tripé no meio da mesa polida. Ela entrega a Sorenson uma xícara e lhe oferece o açucareiro.

— Maravilhoso, sra. Murphy — diz ele, e despeja quatro colheres de açúcar em sua xícara. Adiciona o leite, mexe ruidosamente, pousa a pequena colher de prata na borda de seu pires e toma um longo gole.

— Sr. Sorenson — diz a sra. Murphy quando ele deposita a xícara de volta na mesa. — Um pensamento me ocorre. Posso falar com o senhor no saguão de entrada?

— Mas certamente. — Ele limpa a boca com um guardanapo rosa e se levanta para segui-la até o corredor.

Quando a porta se fecha atrás deles, a srta. Larsen toma um gole de chá e coloca a xícara de volta no pires com um pouco de tremor. O abajur de bronze, na mesa redonda entre nós, emite um brilho âmbar.

— Sinto muito que você tenha que passar por isso. Mas tenho certeza de que você compreende que a sra. Murphy, por mais que tenha um coração generoso, não pode ficar com você indefinidamente. Você entende, não é?

— Sim.

Tenho como que um nó na garganta. Não confio em mim mesma para dizer mais nada.

Quando a sra. Murphy e o sr. Sorenson voltam para a sala, ela fixa o olhar firme sobre ele e sorri.

— Você é uma menina muito afortunada — ele me diz. — Esta mulher extraordinária! — Ele sorri para a sra. Murphy, e ela abaixa os olhos. — A sra. Murphy acaba de me dizer que um casal chamado Nielsen, amigos dela, são os donos do armazém-geral na Center Street. Cinco anos atrás, eles perderam sua única filha.

— Difieria, creio que foi, coitada — acrescenta a sra. Murphy.

— Sim, sim, que tragédia — diz Sorenson. — Bem, aparentemente eles estão procurando ajuda com a loja. A sra. Nielsen contactou a sra. Murphy várias semanas atrás, perguntando se alguma jovem na residência estava procurando emprego. E então, quando você apareceu na porta da casa dela... — Talvez percebendo que essa caracterização de como cheguei aqui pode ser parecer insensível, ele ri. — Perdoe-me, sra. Murphy! Uma

figura de linguagem!

— Muito bem, sr. Sorenson, entendemos que não quis ofender com isso. — A sra. Murphy coloca mais chá na xícara e entrega a ele, em seguida se vira para mim. — Depois de falar com a srta. Larsen sobre a sua situação, conversei com a sra. Nielsen sobre você. Eu lhe disse que você é uma menina sóbria e madura, de quase onze anos, que tem me impressionado com a sua capacidade de costurar e limpar, e que não tenho nenhuma dúvida de que pode ser útil a ela. Expliquei ainda que a adoção é o mais desejado dos resultados, embora não seja esperado — diz, apertando as mãos. — E, assim, o sr. e a sra. Nielsen concordaram em se encontrar com você.

Sei que eles esperam que eu responda, que expresse a minha gratidão, mas é preciso um esforço consciente para sorrir, e vários momentos para formar as palavras. Não estou grata; estou muito desapontada. Não entendo por que preciso ir embora, por que a sra. Murphy não pode ficar comigo se ela acha que eu sou tão bem-educada. Não quero ir para outra casa para ser tratada como uma serva e tolerada apenas pelo trabalho que possa oferecer.

— Muito gentil de sua parte, sra. Murphy! — exclama a srta. Larsen, mergulhando no silêncio. — Essa é uma notícia maravilhosa, não é, Dorothy?

— Sim. Obrigada, sra. Murphy — digo, sufocando as palavras.

— Você é muito bem-vinda, filha. Muito bem-vinda — ela sorri, orgulhosa. — Agora, sr. Sorenson, um detalhe. Talvez o senhor e eu devêssemos estar presentes a esse encontro também, não acha?

Sorenson esvazia sua xícara e a coloca no pires.

— De fato, sra. Murphy. Estou também pensando que nós dois deveríamos nos reunir separadamente para discutir os... pontos mais delicados dessa transação. O que a senhora diz sobre isso?

A sra. Murphy fica corada e pisca; ela se mexe na cadeira, pega sua xícara e a devolve em seguida, sem tomar um gole.

— Sim, é provavelmente o mais sábio a fazer — diz ela, e a srta. Larsen me olha e me dá um sorriso.

Durante os dias seguintes, toda vez que vejo a sra. Murphy, ela tem outra sugestão de como eu deveria me comportar para atender os Nielsen.

— Um firme aperto de mão, mas sem comprimir demais — diz ela, passando por mim nas escadas. — Você deve agir de forma elegante. Eles precisam saber que você pode ser confiável atrás do balcão — discursa durante o jantar.

As outras mulheres entram na conversa.

— Não faça perguntas — uma aconselha.

— Mas responda a tudo sem hesitar — acrescenta outra.

— Certifique-se de que as unhas de suas mãos estejam cortadas e bem-cuidadas.

— Limpe os dentes pouco antes com bicarbonato de sódio.

— Seu cabelo deve estar... — diz a srta. Grund, quando faz uma careta e estica a mão para a própria cabeça, como se estivesse dando uns tapinhas em bolhas de sabão — ... eu diria, domado. Nunca se sabe como as pessoas podem se sentir com uma ruiva. Especialmente com esse tom metálico de vermelho.

— Ora, ora — diz a srta. Larsen. — Estamos deixando a pobre garota tão assustada que ela não vai saber como agir.

Na manhã da reunião, um sábado de meados de dezembro, ouço uma batida de leve na porta do meu quarto. É a sra. Murphy, segurando um vestido de veludo azul-marinho num cabide.

— Vamos ver se isto lhe cai bem — diz ela, entregando-o para mim.

Não tenho certeza se eu a convido a entrar ou se fecho a porta enquanto troco de roupa, mas ela resolve esse dilema e, toda animada, se senta na cama.

A situação é tão prosaica para a sra. Murphy que não tenho vergonha de tirar a camisola e ficar lá de pé, somente de roupa de baixo, na frente dela. Ela tira o vestido do cabide, abre uma costura na parte lateral que eu não tinha percebido que era um zíper, e o passa pela minha cabeça, me ajudando com as mangas compridas, puxando para baixo a saia, fechando novamente o zíper. Dá um passo atrás no pequeno espaço para me inspecionar, puxa de um lado e depois do outro. Dá um puxão nas mangas.

— Agora vamos ver o que fazer com esse cabelo — diz ela, instruindo-me a virar o corpo para que ela possa dar uma olhada.

Pescando no bolso do seu avental, ela puxa para fora alguns grampos de cabelo e umas fivelas. Nos minutos seguintes, cutuca e pinica, puxando o cabelo da frente e alisando-o até que ele se torne obediente. Quando termina e se sente satisfeita com o resultado, ela me faz girar para que eu veja meu reflexo no espelho.

Apesar dos meus temores e da ansiedade de me encontrar com os Nielsen, não posso deixar de sorrir. Desde a primeira vez que o sr. Grote trucidou meu cabelo meses atrás, pareço quase bonita. Nunca tinha usado um vestido de veludo antes. É pesado e um pouco rígido, com uma saia bem-rodada em um exuberante drapeado que vai até o meio da panturrilha. O vestido solta um leve cheiro de naftalina sempre que me movimento. Acho que está lindo, mas a sra. Murphy não está satisfeita. Estreitando os olhos sobre mim e estalando a língua, ela dá alguns tapinhas no tecido.

— Espere um minuto, em breve estarei de volta — diz ela, apressando-se para sair e retornando momentos depois com uma larga fita preta. — Vire-se — ela instrui, e eu lhe

obedeço, e então ela coloca a faixa em volta da minha cintura e a amarra na parte de trás com um grande laço. Nós duas inspecionamos sua obra no espelho.

— Agora, sim. Você parece uma princesa, minha querida — declara a sra. Murphy. — Suas meias pretas estão limpas?

Balanço a cabeça afirmativamente.

— Coloque-as, então. Com seus sapatos pretos, ficará ótimo — diz ela rindo, com as mãos na minha cintura. — Uma princesa irlandesa, ruiva como você, bem aqui em Minnesota.

Às três da tarde daquele dia, nas primeiras horas da primeira pesada tempestade de neve da estação, cumprimento o sr. e a sra. Nielsen no saguão da casa da sra. Murphy, com o sr. Sorenson e srta. Larsen a postos.

O sr. Nielsen se assemelha a um grande rato-cinzentos, completamente, com o bigode desalinhado, orelhas cor-de-rosa e uma boca pequena. Está usando um terno cinza de três peças e uma gravata borboleta listrada, e anda com uma bengala preta. A sra. Nielsen é fina, quase frágil. Tem cabelos escuros, com mechas prateadas, e puxados para trás, presos em um coque. Ela tem sobrancelhas e cílios escuros, profundos olhos castanhos, e seus lábios estão pintados de vermelho-escuro. Não usa pó nem *rouge* na pele morena.

A sra. Murphy deixa os Nielsen à vontade, se ocupa em oferecer-lhes chá e biscoitos, pergunta sobre sua curta viagem através da cidade naquela neve toda e em seguida fala de generalidades sobre o clima: como a temperatura caiu nos últimos dias e as nuvens de neve que se acumulam lentamente vão para o oeste, e que a tempestade finalmente começou hoje, como todos sabiam que aconteceria. Eles especulam sobre o quanto vai nevar e se estamos preparados para isso esta noite, por quanto tempo a neve vai ficar no chão, quando podemos esperar por mais neve, e que tipo de inverno será. Certamente não vai rivalizar com o inverno de 1922, quando as tempestades de neve foram seguidas por nevascas constantes e ninguém conseguia ter nenhum alívio. Ou a nevasca de 1923 – lembram-se dessa? –, quando a neve veio soprada da Dakota do Norte, e montes de neves de dois metros de altura cobriram bairros inteiros da cidade e as pessoas não podiam sair de suas casas por semanas? Por outro lado, há pouca chance de que o próximo inverno seja como o de 1921, o mais quente mês de dezembro já registrado até então.

Os Nielsen se mostram educadamente curiosos sobre mim, e faço o meu melhor para responder às suas perguntas, sem soar desesperada ou apática. Os outros três adultos nos olham com uma intensidade palpante. Percebo que eles estão instando para que eu faça as coisas certas, que eu me sente na cadeira ereta e responda a tudo com frases completas.

Finalmente, depois de um tema de conversa após o outro seguir seu curso, o sr. Sorenson diz:

— Tudo bem, então. Acredito que todos sabemos o motivo pelo qual estamos aqui, para determinar se os Nielsen estão dispostos a oferecer a Dorothy uma casa onde morar, e se Dorothy se encaixa nas suas necessidades. Para esse fim, Dorothy, você pode dizer aos Nielsen por que deseja fazer parte de sua família e o que pode oferecer a eles?

Se eu for honesta – claro que não é o momento, nem o que o sr. Sorenson está me pedindo –, vou dizer que simplesmente preciso de um lugar quente e seco para viver. Quero comida suficiente para comer, roupas e sapatos que me protejam do frio. E quero calma e ordem. Mais do que tudo, quero me sentir segura na minha cama.

— Sei costurar e sou muito limpa e organizada. E sou boa com números também — respondo.

O sr. Nielsen se volta para a sra. Murphy e pergunta:

— E a jovem sabe cozinhar e limpar? Ela é trabalhadora?

— Ela é protestante? — acrescenta a sra. Nielsen.

— Ele é uma garota trabalhadora, isso posso assegurar — diz a sra. Murphy.

— E sei cozinhar algumas coisas — digo —, embora, na minha residência anterior, esperassem de mim que preparasse guisado de esquilos e guaxinins, e prefiro não ter que fazer isso de novo.

— Por misericórdia, não — diz sra. Nielsen. — E sobre a outra questão?

— A outra questão? — digo, tentando acompanhar.

— Você vai à igreja, querida? — pergunta a sra. Murphy.

— Ah, certo. A família com quem eu vivia, eles não eram pessoas de ir à igreja.

Respondo honestamente, mas na verdade não vou à igreja desde que ia à capela na Sociedade de Auxílio às Crianças, e antes disso somente com a minha avó. Eu me lembro de que segurava a mão dela enquanto caminhávamos para a St. Joseph, no centro de Kinvara, uma pequena igreja de pedra com vitrais em tons de pedras preciosas e bancos de carvalho escuro. Do cheiro de incenso e lírios, das velas acesas para entes queridos falecidos, das entonações guturais do sacerdote e do majestoso trombetear do órgão. Meu pai disse que tinha alergia à religião, que religião nunca fez nenhum bem a ninguém; e quando mamãe ficou chateada com os vizinhos da Elizabeth Street pelo fato de ninguém em casa ir à missa no domingo, ela disse: “Tente você arrumar um exame de crianças em uma manhã de domingo, quando um deles está com febre, o outro com cólica e seu marido desmaiado na cama”. E me lembro de observar outros católicos, garotas com seus vestidos de Primeira Comunhão, os meninos com sapatos reluzentes, caminhando pelas ruas, passando pelo nosso apartamento, as mães empurrando carrinhos de bebê e os pais caminhando ao lado.

— Ela é uma menina irlandesa, Viola, então suspeito que seja católica — diz o sr. Nielsen para a esposa.

Concordo com a cabeça.

— Você pode ser católica, criança — diz o sr. Nielsen, a primeira coisa que ele me diz diretamente —, mas nós somos protestantes. E esperamos que vá aos serviços luteranos conosco aos domingos.

Faz anos que já não assisto a serviços religiosos de qualquer tipo, então o que importa?

— Sim, claro.

— E deve saber que a enviaremos para uma escola aqui na cidade, que fica a uma curta caminhada da nossa casa, o que significa que não terá mais aulas com a srta. Larsen.

A srta. Larsen diz:

— Acredito que Dorothy esteja prestes a ter que mudar de escola mesmo, afinal é uma menina tão inteligente.

— E depois da escola — diz o sr. Nielsen —, você vai ter que ajudar na loja. Vamos pagar-lhe um salário por hora, é claro. Você sabe da nossa loja, não sabe, Dorothy?

— É um armazém-geral, um lugar de venda de produtos para todos os fins — diz a sra. Nielsen.

Eu assinto, assinto e assinto. Até agora eles não me disseram nada que ativasse o meu alarme interno. Mas, também, não sinto uma centelha sequer de conexão com eles. Não parecem ansiosos por me conhecer mais profundamente, mas, novamente, poucas pessoas são assim. Tenho a sensação de que o meu abandono, e as circunstâncias que me levaram até eles, pouco importa a esse casal em comparação com as necessidades que eu poderia preencher em sua vida.

Na manhã seguinte, às nove, o sr. Nielsen vem me buscar em um Studebaker azul e branco com remates prateados e bate na porta da frente. A sra. Murphy é tão generosa que

agora tenho duas malas e uma mochila cheia de roupas, livros e sapatos. Enquanto estou fechando minhas malas, a srta. Larsen entra em meu quarto e coloca *Anne de Green Gables* em minhas mãos.

— Este livro é meu, não da escola, e quero que fique com ele — diz ela, abraçando-me e despedindo-se de mim.

E então, pela quarta vez desde que coloquei os pés em Minnesota, mais de um ano atrás, tudo o que possuo é carregado em um veículo, e estou a caminho de algum lugar novo.

A casa dos Nielsen é de dois andares, em estilo colonial, pintada de amarelo com acabamentos negros, e uma longa passarela de ardósia que leva à porta da frente. Ela se situa numa tranquila rua a vários quarteirões do centro da cidade. No interior, o projeto do térreo é circular: a sala de estar fica à direita e é ensolarada, e leva para a cozinha na parte de trás, com conexões para a sala de jantar e de volta ao saguão de entrada.

Lá em cima, tenho meu próprio quarto, grande, pintado de rosa, janela com vista para a rua, e até mesmo meu próprio banheiro, com uma grande pia de porcelana, azulejos cor-de-rosa e uma alegre cortina branca com suporte tubular rosa.

O sr. e a sra. Nielsen têm certas coisas, para eles normais, que nunca ousei sonhar. Todos os quartos têm grades de ventilação de aço, decoradas com arabescos pintados de preto. Quando não há ninguém em casa, o aquecedor de água fica ligado para que, quando chegarem, depois do trabalho, não tenham que esperar a água aquecer. Uma mulher chamada Bess limpa a casa e lava os banheiros uma vez por semana. O refrigerador é abastecido com leite, ovos, queijo e suco, e a sra. Nielsen percebe o que gosto de comer e compra mais quantidade do mesmo alimento – aveia no café da manhã, por exemplo, e frutas, mesmo as mais exóticas, como laranjas e bananas. Encontro aspirina e creme dental no armário de remédios e toalhas limpas no armário do corredor. A cada dois anos, o sr. Nielsen me diz, ele troca seu carro por um modelo mais novo.

No domingo pela manhã, vamos à igreja. O templo luterano é diferente de qualquer lugar de adoração que já vi: um edifício branco, simples, com um campanário, janelas arqueadas ao estilo gótico, bancos de madeira de carvalho e um altar sobressalente. Acho os rituais reconfortantes, aqueles hinos já experimentados e comprovados, sermões proferidos por gente bem-educada, um reverendo de ombros inclinados que enfatiza a decência e as boas maneiras. O sr. Nielsen e outros paroquianos reclamam do organista, que toca tão rápido que eles misturam as palavras, ou tão lento que as músicas se tornam quase um canto fúnebre, e parece que não consegue tirar o pé do pedal. Mas ninguém realmente protesta – apenas levantam as sobrancelhas uns para os outros no meio da música e encolhem de ombros.

Parto do pressuposto de que todo mundo está tentando fazer o seu melhor, e que todos devemos ser gentis uns com os outros. Gosto da hora do café, com bolo de amêndoa e bolinhos na sacristia. Gosto de estar na companhia dos Nielsen, que geralmente parecem ser considerados boas pessoas, cidadãos decentes. Pela primeira vez na vida, o brilho da aprovação de outras pessoas se estende a mim e me envolve.

A VIDA COM OS NIELSEN É CALMA E ORDENADA. A CADA MANHÃ, ÀS cinco e meia, seis dias por semana, a sra. Nielsen prepara o café da manhã para seu marido, frequentemente ovos fritos e torradas, e ele sai de casa para abrir a loja para os agricultores às seis. Estou pronta e saio de casa às quinze para as oito, para uma caminhada de dez minutos até a escola, um prédio de tijolos que atende a sessenta crianças, separadas por séries.

Em meu primeiro dia na nova escola, a professora que ensina na quinta série, a srta. Buschkowsky, pede que nós, as doze alunas de sua classe, nos apresentemos e comentemos

um ou dois de nossos passatempos.

Nunca ouvi falar de um passatempo. Mas o menino antes de mim diz que gosta de jogar bola e a garota antes dele diz que coleciona selos; por isso, quando a pergunta chega a mim, respondo que é costura.

— Ah, que adorável, Dorothy! — diz a sra. Buschkowsky. — O que você gosta de costurar?

— Roupas, na maioria das vezes — respondo para a classe.

A srta. Buschkowsky sorri, me encorajando.

— Para as suas bonecas?

— Não, para senhoras.

— Bem, não é incrível? — diz ela com uma voz brilhante, e, dessa forma, torna-se claro para mim que a maioria das crianças de dez anos provavelmente não costura roupas para senhoras.

E assim começo a me ajustar. As crianças sabem que vim de outro lugar, mas conforme o tempo passa, e com esforço cuidadoso, vou perdendo os traços do sotaque. Noto o que as meninas da minha idade estão usando, o estilo de seus cabelos e o tema das conversas, e trabalho duro para banir minha estranheza, meu estrangeirismo, fazer novas amizades e me ambientar.

Depois da escola, por volta das três da tarde, vou caminhando diretamente para a loja. A loja dos Nielsen é um grande espaço aberto, dividido em alas, com uma farmácia na parte de trás, uma seção de doces na frente, roupas, livros e revistas, xampus, leite e outros produtos. Meu trabalho é ajudar com o inventário e empilhar produtos nas prateleiras. Quando alguém está muito ocupado, ajudo na caixa registradora.

Do meu lugar no balcão, vejo o desejo nos rostos de certas crianças – umas que andam devagar pela loja e se demoram na seção de doces, olhando para os palitos que contêm os doces listrados duros, com uma fome voraz. E me lembro muito bem de como é isso. Pergunto ao sr. Nielsen se posso, de vez em quando, usar meu próprio salário para dar a uma dessas crianças um desses doces, que custa apenas centavos, e ele olha para mim e ri.

— Use seu discernimento, Dorothy. Não vou descontar do seu salário.

A sra. Nielsen sai da loja às cinco da tarde para começar a fazer o jantar; às vezes vou para casa com ela, e às vezes fico para ajudar o sr. Nielsen a fechar a loja. Ele sempre sai às seis. No jantar, conversamos sobre tempo, sobre minha lição de casa e a loja. O sr. Nielsen é membro da Câmara de Comércio, e as conversas muitas vezes incluem discussões de iniciativas e planos para estimular negócios nesta economia “difícil de dominar”, como ele a chama. Tarde da noite, o sr. Nielsen se senta na sala de estar, em sua escrivaninha, revisando os livros contábeis da loja, enquanto a sra. Nielsen prepara nosso almoço para o dia seguinte, arruma a cozinha, cuida das tarefas da casa. Eu a ajudo a lavar a louça e varrer o chão. Quando as tarefas estão terminadas, vamos jogar damas ou cartas e ouvimos rádio. A sra. Nielsen me ensina a bordar; enquanto ela está fazendo almofadas cheias de detalhes para o sofá, trabalho na capa floral para um banquinho.

Uma das minhas primeiras tarefas na loja é ajudar a decorar para o Natal. A sra. Nielsen e eu trazemos caixas cheias de bolas de vidro e ornamentos de porcelana, fitas e contas peroladas vindas da despensa no porão. O sr. Nielsen manda seus dois meninos de entrega, Adam e Thomas, aos arredores da cidade para cortar uma árvore para a vitrine, e passamos uma tarde colocando guirlandas com laços de veludo vermelho sobre a entrada da loja e decorando a árvore, envolvendo caixas vazias em papel metálico e amarrando-as com fitas, e em seguida em cordões de seda.

À medida que trabalhamos juntas, a sra. Nielsen me conta detalhes de sua vida. Ela é sueca, embora não dê para adivinhar – sua família tinha olhos escuros por causa dos ciganos que vieram de Gothamberg, na Europa central. Seus pais estão mortos; seus irmãos, espalhados pelo mundo. Ela e o sr. Nielsen estão casados há dezoito anos, desde que ela estava com vinte e cinco anos e ele na casa dos trinta. Eles achavam que não podiam ter filhos, mas onze anos atrás ela ficou grávida. Em 7 de julho de 1920, sua filha, Vivian, nasceu.

— Qual é a sua data de nascimento, Dorothy? — pergunta a sra. Nielsen.

— Dia 21 de abril.

Cuidadosamente, ela enfia a fita prateada através dos galhos da árvore, na parte de trás, abaixando a cabeça, e então não consigo ver seu rosto. E ela diz:

— Vocês, meninas, são quase da mesma idade.

— O que aconteceu com ela? — arrisco-me a perguntar.

A sra. Nielsen nunca havia mencionado sua filha antes, e sinto que, se não perguntar agora, não terei outra chance.

Ela amarra a fita a um ramo e se abaixa para encontrar outro. Prende a extremidade da fita no mesmo galho para dar uma aparência de continuidade, e recomeça o processo até completar tudo.

— Quando tinha seis anos, ela começou a sentir uma febre. Pensamos que fosse um resfriado, levamos a menina para cama e chamamos o médico. Ele disse que deveríamos deixá-la descansar, dar-lhe líquidos em abundância, o conselho habitual. Mas ela não melhorou. Então, nos demos conta, no meio da noite, de que ela estava delirando, realmente fora de si, e chamamos o médico novamente. Ele olhou sua garganta e viu as manchas denunciantes. Não sabíamos o que era, mas ele sabia.

“Nós a levamos para o Hospital St. Mary, em Rochester, e eles a deixaram em quarentena. Quando disseram que não havia nada a ser feito, não acreditamos neles. Mas era apenas uma questão de tempo” — diz ela, enquanto balança a cabeça, como se estivesse tentando limpar o pensamento.

Penso no quanto deve ter sido difícil para ela perder uma filha. E penso nos meus irmãos e em Maisie. Temos uma porção de tristeza dentro de nós, a sra. Nielsen e eu; sinto pena de nós duas.

NA VÉSPERA DE NATAL, PISANDO NA NEVE FOFA, NÓS TRÊS VAMOS caminhando para a igreja. Acendemos velas numa árvore de seis metros de altura que está do lado direito do altar; todas as crianças luteranas, loirinhas, e seus pais e avós cantam com o livro de canções aberto, o reverendo prega um sermão tão elementar quanto uma história ilustrada para crianças, uma lição sobre caridade e empatia.

— As pessoas estão em extrema necessidade — diz ele à congregação. — Se você tem algo para dar, dê. Isso celebra o que há de melhor em vocês mesmos.

Ele fala sobre algumas famílias em crise: um suinicultor, John Slattery, que perdeu o braço direito em um acidente em uma debulhadora; eles precisam de produtos enlatados e qualquer mão de obra livre para ajudar enquanto eles tentam salvar a fazenda... A sra. Abel, com oitenta e sete anos, agora está cega de ambos os olhos e totalmente sozinha; se você puder, de coração, dedicar a ela algumas horas por semana, isso será muito apreciado... A família de sete pessoas, os Grote, está em apuros, o pai não tem trabalho, quatro filhos e uma

recém-nascida prematura de um mês atrás, agora, doente, a mãe incapaz de sair da cama...

— Que tristeza! — murmura a sra. Nielsen. — Vamos montar um pacote para aquela pobre família.

Ela não sabe da minha história com eles. São apenas uma calamidade que ficou para trás, distante.

Depois das atividades religiosas, caminhamos de volta para casa por ruas tranquilas. A nevasca parou, e está uma noite clara e fria, as lâmpadas a gás lançam para a rua seus círculos de luz. Conforme nós três nos aproximamos da casa, eu a vejo como se fosse a primeira vez – o brilho de luz na varanda, uma guirlanda verde na porta, o gradil negro e a passagem cuidadosamente limpa de neve. Lá dentro, atrás de uma cortina, uma lâmpada irradia luz na sala. É um lugar agradável para onde voltar. Um lar.

EM QUINTAS-FEIRAS ALTERNADAS, DEPOIS DO JANTAR, A SRA. NIELSEN e eu nos juntamos à sra. Murphy e mais seis outras mulheres em um grupo para fazer colchas. Nós nos reunimos no espaçoso salão da casa da senhora mais rica do grupo, que vive em uma mansão de estilo vitoriano nos arredores da cidade. Sou a única garota em uma sala cheia de mulheres, e imediatamente fico à vontade. Trabalhamos juntas em uma colcha, em um padrão de tecido que uma delas trouxe; tão logo está terminada, passamos para a próxima. Cada colcha leva cerca de quatro meses para terminar. Este grupo, fico sabendo, fez a colcha da minha cama no quarto rosa. É chamada de Grinalda Irlandesa, quatro íris purpuras com hastes verdes reunidas em um fundo negro.

— Um dia, faremos uma colcha para você também, Dorothy — diz a sra. Nielsen para mim. Ela começa a guardar cortes de tecido da estação na loja; cada pedaço vai com o meu nome para um baú.

Falamos sobre isso no jantar:

— Uma senhora comprou dez metros e meio de uma bela chita azul, e guardei meio metro extra para você — diz ela.

Já decidi a estampa: um duplo anel de casamento, que é uma série de círculos interligados feitos de pequenos retângulos no tecido.

Uma vez por mês, nos sábados pela manhã, a sra. Nielsen e eu polimos a prataria. De uma gaveta no fundo do armário da sala de jantar, ela pega uma pesada caixa de mogno que contém os talheres dados por sua mãe como presente de casamento – sua única herança, ela diz. Removendo as peças uma por uma, ela as alinha sobre um pano de prato na mesa, enquanto pego duas conchas de prata da lareira da sala de estar, quatro castiçais e uma bandeja que está no aparador, e uma caixa articulada com o nome dela, Viola, escrito na tampa, que está em seu quarto. Usamos uma pesada pasta cor de lama que está em um frasco, algumas pequenas escovas duras, água e um monte de trapos.

Um dia, enquanto estou polindo uma colher de servir ricamente decorada, a sra. Nielsen aponta para sua clavícula e diz, sem olhar para mim:

— Poderíamos limpar isso para você, se quiser.

Toco a corrente em volta do meu pescoço, seguindo-a com o dedo até o *claddagh*. Aproximando as duas mãos, desaperto o fecho.

— Use a escova. Sem aplicar força — diz ela.

— Foi a minha avó que me deu — conto.

Ela olha para mim e sorri.

— Água quente também.

Trabalho com a escova na corrente, e ela se transforma de um cinza-fosco em um belo cinza-cililante. O *daddagh*, seus detalhes escurecidos pelas manchas, torna-se tridimensional novamente.

— Ah, aí está! — diz a sra. Nielsen quando enxaguo e seco o colar e o coloco de novo. — Muito melhor — complementa ela. E embora ela não pergunte nada sobre isso, sei que essa é sua forma de reconhecer que ela sabe o que significa para mim.

UMA NOITE NO JANTAR, DEPOIS DE EU ESTAR VIVENDO NA CASA DELES por vários meses, o sr. Nielsen diz:

— Dorothy, a sra. Nielsen e eu precisamos conversar algo com você.

Acho que o sr. Nielsen vai comentar algo sobre a viagem que eles estão planejando até o monte Rushmore, mas ele olha para a mulher e ela sorri para mim, e percebo que é algo mais, algo maior.

— Quando você chegou a Minnesota, recebeu o nome de Dorothy — diz ela. — Está particularmente satisfeita com esse nome?

— Não particularmente — respondo, sem saber para onde a conversa está indo.

— Você sabe o quanto a nossa Vivian significou para nós, não é? — pergunta o sr. Nielsen.

Eu assinto.

— Bem — segue o sr. Nielsen, com as mãos sobre a mesa. — Significaria muito para nós se você levasse o nome de Vivian. Consideramos você como nossa filha — não ainda legalmente, mas já estamos começando a pensar em você dessa forma. E esperamos que esteja começando a pensar em nós como seus pais.

Eles olham para mim com expectativa. Não sei o que pensar. O que sinto com relação aos Nielsen — gratidão, respeito, apreço — não é o mesmo amor de uma criança para com seus pais, não mesmo; embora eu não tenha certeza se consigo falar a respeito disso. Estou feliz por estar vivendo com esse tipo de casal, cuja quietude e a maneira discreta de ser estou começando a entender. Sou grata por eles terem me acolhido. Mas estou também consciente, todos os dias, do quanto sou diferente deles. Eles não são a minha gente, e nunca serão.

E não sei como me sinto, também, com relação a receber o nome da filha deles. Não sei se posso suportar o peso desse fardo.

— Não devemos pressioná-la, Hank — diz a sra. Nielsen, virando-se para mim. Depois acrescenta: — Leve o tempo que precisar e nos diga. Você tem um lugar na nossa casa, qualquer que seja a sua decisão.

Muitos dias depois, estou na loja no setor do estoque de produtos enlatados e escuto a voz de um homem que imagino reconhecer, mas não localizo de onde. Sigo empilhando as latas de milho e ervilhas na prateleira à minha frente, pego a caixa de papelão vazia e levanto-me devagar, esperando, sem ser vista, determinar a quem pertence aquela voz.

— Tenho algumas peças muito boas para permutar, se estiver interessado — ouço um homem dizer para o sr. Nielsen, em pé atrás do balcão.

Todos os dias as pessoas vêm à loja explicando por que elas não podem pagar, pedindo crédito ou oferecendo alguns bens para trocar. Todas as noites, ao que parece, o sr. Nielsen traz algo de um cliente para casa: uma dúzia de ovos, um pão norueguês macio chamado

lefe, um cachecol longo tricotado. A sra. Nielsen revira os olhos e diz:

— Misericórdia! — Mas não se queixa. Penso que ela está orgulhosa dele, por ser tão bondoso e por ter os meios que tem.

— Dorothy?

Eu me viro e, um pouco chocada, percebo que é o sr. Byrne. Seu cabelo ruivo está sebo e despenteado, e seus olhos estão vermelhos. E me pergunto se ele não está bebendo. O que estaria fazendo aqui, no armazém geral de uma cidade que fica a cinquenta quilômetros da sua?

— Bem, que surpresa! — diz ele. — Você trabalha aqui?

Balanço a cabeça positivamente.

— Os donos, os Nielsen, me acolheram.

Apesar do frio de fevereiro, o suor está escorrendo pelas têmporas do sr. Byrne. Ele o enxuga com as costas da mão.

— E então, está feliz com eles?

— Sim, senhor — respondo, contudo me pergunto por que será que ele está agindo de um modo estranho. — Como está a sra. Byrne? — pergunto, tentando guiar a conversa para o campo das amabilidades.

Ele pisca várias vezes.

— Você não soube?

— Desculpe?

Balançando a cabeça, ele diz:

— Ela não era uma mulher forte, Dorothy. Não conseguiu lidar com a humilhação. E não conseguia pedir favores. Mas poderia ter sido diferente? Penso sobre isso todos os dias — diz, enquanto seu rosto se contorce. — Quando Fanny foi embora, era...

— Fanny foi embora? — Não sei por que fiquei surpresa, mas fiquei.

— Poucas semanas depois que você saiu. Ela veio uma manhã e disse que sua filha em Park Rapids queria que ela fosse viver com eles, e então decidiu ir. Tínhamos perdido todos os outros, você sabe, e acho que Lois não pôde suportar a ideia... — Ele passa a mão por todo o rosto, como se estivesse tentando apagar seus traços. — Você se lembra da estranha tempestade de neve que soprou na última primavera? Foi no final de abril. Bem, Lois saiu na tempestade e seguiu andando... E continuou andando... Bem, eles a encontraram — ela congelou até a morte a quatro quilômetros de casa.

Procuo sentir simpatia pelo sr. Byrne. Quero sentir alguma coisa. Mas não posso, não consigo.

— Sinto muito — disse, e suponho que *sinto muito por ele* — por sua vida tão esfarrapada. Mas não consigo reunir qualquer pesar com relação à sra. Byrne. Penso nela com seus olhos frios e sua cara carrancuda perpétua, sua falta de vontade de me ver como algo mais do que um par de dedos segurando agulha e linha. Não estou feliz por que ela morreu, mas também não sinto pesar por isso.

No jantar daquela noite, digo aos Nielsen que irei assumir o nome de sua filha. E nesse momento minha antiga vida termina, e uma nova começa. Apesar de eu achar difícil que minha boa sorte continue, estou menos predisposta a ilusões sobre o que deixei para trás. Então, quando, depois de vários anos, os Nielsen resolvem me dizer que querem me adotar, concordo prontamente. Vou me tornar filha deles, embora talvez nunca seja capaz de chamá-los de pai e mãe — nossa associação parece muito formal para isso. Mesmo assim, a partir desse momento, é claro que pertenço a eles, pois eles são responsáveis por mim e vão cuidar de mim.

CONFORME O TEMPO PASSA, MINHA FAMÍLIA DE VERDADE TORNA-SE cada vez mais difícil de lembrar. Não tenho fotografias nem cartas, nem mesmo livros em que esteja registrado algo da minha vida anterior, apenas o crucifixo irlandês, o *claddagh*, que ganhei da minha avó. E apesar de raramente deixar de usar meu *claddagh*, conforme vou ficando mais velha não posso deixar de perceber que essa reminiscência que resta da minha família de sangue vem de uma mulher, minha avó, que mandou seu único filho e sua família para o mar em um navio, sabendo muito bem que provavelmente nunca os veria de novo.

Estou com quinze anos quando a sra. Nielsen encontra um maço de cigarros na minha bolsa.

Fica claro, quando entro na cozinha, que fiz algo que a desagradou. Ela está mais silenciosa do que o habitual, com um ar de um crime grave. Fico me perguntando se estou imaginando coisas; tento lembrar se eu disse ou fiz alguma coisa que a perturbasse antes de sair para a escola. O maço de cigarros, que o namorado de minha amiga Judy Smith comprou para ela no posto Esso fora da cidade, e que ela me passou, nem sequer ficou registrado em minha mente.

Depois que o sr. Nielsen chega e nos sentamos para o jantar, a sra. Nielsen desliza o maço de Lucky Strike em direção a mim por toda a mesa.

— Eu estava procurando as minhas luvas verdes e achei que você pudesse tê-las pegado emprestadas — diz ela. — E encontrei isso no lugar.

Olho para ela, depois para o sr. Nielsen, que levanta o garfo e a faca e começa a cortar a sua costeleta de porco em pedaços pequenos.

— Só fumei um, para experimentar — digo, embora possam ver claramente que o maço está meio vazio.

— Onde você conseguiu isso? — pergunta a sra. Nielsen.

Estou tentada a dizer a eles que foi o namorado de Judy, Douglas, mas percebo que arrastar outras pessoas para isso só vai piorar.

— Foi uma... Uma experiência. E não gostei. Isso me faz tossir.

Ela levanta as sobancelhas para o sr. Nielsen, e posso dizer que os dois já haviam decidido por uma punição. A única coisa que eles podem de fato tirar de mim é minha viagem semanal nos finais de semana para ir ao cinema com Judy, então, durante as duas semanas seguintes, fico em casa. E suporto em silêncio a reprovação deles.

Depois disso, decido que o custo de perturbá-los é muito alto. Não subo a minha janela do quarto e desço pela canaleta da chuva como Judy faz; vou para a escola e trabalho na loja, ajudo com o jantar, faço o meu dever de casa e vou para a cama. Saio com os rapazes de vez em quando, sempre em dois casais ou em grupos. Um deles em particular, Ronnie King, está encantado comigo e me deu um anel de compromisso. Mas estou tão preocupada de poder fazer algo que decepcione os Nielsen que evito qualquer situação que possa levar a impropriedades. Uma vez, depois de um encontro, Ronnie tenta me dar um beijo de boa-noite. Seus lábios se encostam aos meus, e me afasto rapidamente. Logo depois, devolvo seu anel.

Nunca perdi o medo de que qualquer dia o sr. Sorenson pudesse aparecer na porta da frente, dizendo que os Nielsen decidiram que custa muito me manter, dá muito trabalho ou simplesmente sou uma decepção, e eles abriram mão de mim. Em meus pesadelos, estou sozinha em um trem, indo para o deserto. Ou em um labirinto de fardos de feno. Ou andando pelas ruas de uma grande cidade, olhando para as luzes em cada janela, vendo as famílias dentro de suas casas, e nenhuma delas é a minha.

UM DIA ESCUTO UMA CONVERSA DE UM HOMEM NO BALCÃO, CONVERSANDO com a sra. Nielsen.

— Minha mulher me mandou aqui pegar algumas coisas para uma cesta que a nossa

igreja está montando para um menino que veio no trem dos órfãos — diz ele. — Lembra-se desses trens? Costumavam vir um tempo atrás, com todos aqueles meninos de rua, sem-teto. Fui para a Grange Hall, em Albans, uma vez para vê-los. Uma dó dos diabos. Mas, seja como for, esse garoto passou uma desgraça atrás da outra, apanhou muito daquele agricultor que o levou, e agora o senhor idoso para onde ele foi depois morreu, e ele está por conta própria de novo. É um escândalo enviar essas crianças aqui por conta própria, esperando que as pessoas possam tomar conta delas, como se a gente não carregasse o nosso próprio fardo...

— Hummm — diz a sra. Nielsen, sem se comprometer.

Eu me aproximo mais, perguntando-me se ele poderia estar falando sobre Dutchy. Mas então percebo que Dutchy está com dezoito anos agora. Com idade suficiente para andar por conta própria.

ESTOU COM QUASE DEZESSEIS ANOS E, QUANDO OLHO AO REDOR DA LOJA, percebo que quase nada mudou desde o dia em que cheguei aqui. Existem algumas coisas que poderíamos fazer para deixar a loja mais bonita. Uma porção de coisas. Em primeiro lugar, depois de consultar o sr. Nielsen, passo as revistas para a frente, perto da caixa registradora. Os xampus, loções e bálsamos, que costumavam ficar na parte de trás, transfiro para as prateleiras perto dos remédios, para que as pessoas que estiverem comprando medicamentos possam também comprar emplastos e pomadas. A seção das mulheres é lamentavelmente composta de pouco estoque, o que é compreensível, dada a ignorância do sr. Nielsen sobre o assunto e a falta de interesse da sra. Nielsen (ela apenas de vez em quando passa uma camada de batom, embora este sempre pareça ter sido escolhido ao acaso e aplicado às pressas). Lembrando-me das longas discussões sobre meias e ligas, e rituais de maquiagem, na casa da sra. Murphy, sugiro que aumentemos e ampliemos essa seção, com a compra, por exemplo, de um carrossel com meias com e sem costura de um dos vendedores, e que passemos a anunciar no jornal. Os Nielsen são céticos, mas na primeira semana vendemos nosso estoque inteiro. Na semana seguinte, o sr. Nielsen dobra o pedido.

Recordando o que Fanny disse sobre as senhoras que querem se sentir bonitas mesmo quando não têm muito dinheiro, convenço o sr. Nielsen a encomendar pequenas quantidades de itens de baixo custo, bijuterias brilhantes e luvas de algodão, pulseiras de baquelite e lenços coloridos. Há muitas garotas que observo avidamente na escola, que estão uma ou duas séries adiante da minha, cujos pais prósperos as levam até as cidades gêmeas de Minneapolis-St. Paul para comprar roupas. Tomo nota do que elas vestem e do que comem, que músicas ouvem, com quais carros sonham e quais as estrelas de cinema que seguem. E, como um pega, trago esses fragmentos de volta para a loja. Uma dessas meninas vai usar uma nova cor ou estilo de cinto ou chapéu inclinado para um lado, e naquela tarde irei me debruçar nos catálogos de nossos fornecedores para encontrar produtos similares. Escolho manequins nesses catálogos que se pareçam com essas meninas, com sobrancelhas finas como se desenhadas a lápis, e lábios rosa, e cabelos com penteados suaves e ondulados, e visto esses manequins nos estilos e cores mais recentes. Descubro quais são os perfumes de que as meninas mais gostam, como Blue Grass de Elizabeth Arden, e fazemos um estoque dele, assim como os favoritos das senhoras, Joy de Jean Patou e Vol de Nuit de Guerlain.

À MEDIDA QUE O NEGÓCIO CRESCE, EMPURRAMOS AS PRATELEIRAS PARA ficarem mais juntas, erguemos mostradores especiais nas extremidades dos corredores e os enchemos com mais loções. Quando a loja vizinha, um joalheiro chamado Rich, sai do negócio, convenço o sr. Nielsen a remodelar e expandir. O estoque passará agora a ser no subsolo, em vez de nos fundos, e a loja será organizada por departamentos.

Mantemos os preços baixos, e baixamos ainda mais com liquidações todas as semanas e cupons de desconto impressos no jornal. Instituímos um plano de financiamento, de forma que as pessoas possam comprar itens mais caros e pagar em parcelas. E colocamos um local para vender bebidas gasosas onde as pessoas possam relaxar. Em pouco tempo a loja está prosperando. Parece que somos a única empresa a ir bem nessa economia terrível.

— VOCÊ SABIA QUE SEUS OLHOS SÃO A SUA MELHOR CARACTERÍSTICA?

Isso é o que me diz Tom Price na aula de matemática, no último ano, inclinando-se sobre a minha carteira para olhar para eles, primeiro um e depois o outro.

— Castanhos, verdes, tem até um pouco de dourado lá dentro. Nunca vi tantas cores em um par de olhos.

Eu me encolho sob seu olhar, mas quando volto para casa, à tarde, me inclino para perto do espelho do banheiro e fico olhando os meus olhos por um longo tempo.

Meu cabelo já não é tão gritante como antes. Ao longo dos anos ele se transformou em um castanho-avermelhado profundo, a cor das folhas secas. Eu os cortei num estilo da moda, pelo menos da moda na nossa cidade, um pouco acima dos ombros. E, quando começo a usar maquiagem, tenho uma revelação. Vejo minha vida até agora como uma série de adaptações não relacionadas, a partir da irlandesa Niamh para a americana Dorothy, e de lá para a Vivian reencarnada. Cada identidade é projetada em mim e se encaixa estranhamente num primeiro momento, como um par de sapatos que você tem que amaciar antes de ficarem confortáveis. Mas com o batom vermelho eu posso formar toda uma nova – e temporária – persona. Posso determinar eu mesma a minha próxima encarnação.

Vou ao baile de formatura do colégio com Tom. Ele aparece na porta de casa com um buquê de mão, um enorme cravo branco e duas pequenas rosas; eu mesma tinha costurado meu vestido, uma versão em *chiffon* rosa de um que Ginger Rogers vestiu em *Ritmo louco*, filme com Fred Astaire; a sra. Nielsen me emprestou seu conjunto de colar de pérolas e brincos combinando. Tom está afável e bem-humorado até o momento em que o uísque que está bebendo de uma garrafa no bolso do terno grande demais de seu pai o deixa bêbado. Então, entra em uma briga com outro formando na pista de dança e consegue com isso fazer que ele e eu sejamos expulsos do baile.

Na segunda-feira seguinte, minha professora de inglês me chama de lado depois da aula.

— Por que você está perdendo tempo com um garoto como esse? — ela me repreende.

Ela me pede que eu me inscreva em universidades fora do estado, como o Smith College, em Massachusetts, por exemplo, sua *alma mater*.

— Você vai ter uma vida melhor do que essa — diz ela. — Não é isso que você quer, Vivian?

Mas, embora me sinta lisonjeada pelo seu interesse, sei que nunca irei tão longe. Não posso deixar os Nielsen, que passaram a depender tanto de mim. Além disso, apesar de Tom Price, a vida que estou vivendo é boa o suficiente para mim.

ASSIM QUE ME FORMO NO COLÉGIO, COMEÇO A GERENCIAR A LOJA. Descubro que sou bem adequada para essa tarefa e que gosto de fazer isso (estou estudando Contabilidade e Administração de Empresas no St. Olaf College, mas minhas aulas são noturnas). Sou eu quem contrato os empregados, nove ao todo, e faço a maioria dos pedidos de mercadoria. À noite, com o sr. Nielsen, passamos juntos pelos livros. E juntos também cuidamos dos problemas com os funcionários, aplacamos os clientes, atendemos os vendedores. Estou sempre procurando manter os melhores preços, o mais atraente conjunto de mercadorias, as mais novas opções. Nossa loja foi a primeira no condado a ter os primeiros e modernos aspiradores de pó verticais, liquidificadores, café liofilizado. E nunca tivemos mais movimento.

As garotas da minha turma entram na loja exibindo diamantes solitários como se fossem medalhas da Legião de Honra, como se elas tivessem realizado algo significativo, que acho realmente que elas acreditam ter feito, embora tudo o que eu possa ver é um futuro lavando roupas de algum homem, e esse futuro está diante delas. Não quero nem sequer pensar em casamento. E a sra. Nielsen concorda:

— Você é muito nova. Haverá tempo para isso — diz ela.

— *Comprar esses legumes todos está acabando com o meu salário* — resmunga Dina. — Não sei se podemos continuar fazendo isso.

Dina está falando sobre um prato salteado que ela fez para eles três dias depois que voltou da biblioteca, em Bar Harbor: tofu, pimentões verdes e vermelhos, feijão-preto e abobrinha. Molly tem cozinhado bastante ultimamente, argumentando que, se Dina experimentar alguns pratos sem proteína animal, vai ver quantas opções existem disponíveis. Assim, na semana passada Molly fez *quesadillas* com queijo e cogumelos, *chili* vegetariano e lasanha de berinjela. Ainda assim, Dina reclama: “Não alimenta o suficiente, é esquisito” (ela nunca havia experimentado berinjela na vida antes de Molly assar uma no forno). E agora reclama que são muito caros.

— Não acho que seja assim tão mais caro — diz Ralph.

— E o custo extra de um modo geral? — diz Dina baixinho.

Deixa para lá, diz Molly a si mesma, mas... Dane-se.

— Espere um minuto. Você recebe para me manter aqui, não recebe?

Dina olha para cima surpresa, o garfo no meio do caminho. Ralph ergue as sobrancelhas.

— Eu não sei o que isso tem a ver com o resto — retruca Dina.

— Esse dinheiro não cobre as despesas de ter uma pessoa a mais? — pergunta Molly. — Mais do que cobre, certo? Falando honestamente, não é esse o motivo pelo qual você pega as crianças para cuidar?

Dina fica de pé abruptamente.

— Você está falando sério? — E se vira para Ralph. — Ela está mesmo falando comigo desse jeito?

— Agora, vocês duas... — começa Ralph com um sorriso trêmulo.

— Não tem nada de nós duas... Não se atreva a me colocar no mesmo nível que ela — diz Dina.

— Tudo bem, vamos então...

— Não, Ralph. Já me enchi. Serviço comunitário uma ova. Se você me perguntar, essa menina devia estar no reformatório agora. Ela é uma ladra, pura e simples. Ela rouba da biblioteca, quem sabe o que ela rouba de nós. Ou daquela velhinha. — Dina marcha até o quarto de Molly, abre a porta e desaparece no interior.

— Ei! — diz Molly, levantando-se.

Um momento depois, Dina surge com um livro na mão. Ela mantém o livro no ar como se fosse um daqueles cartazes de protesto. *Anne de Green Gables*.

— Onde você conseguiu isso? — pergunta.

— Você não pode simplesmente...

— Onde você conseguiu este livro?

Molly se encosta atrás em sua cadeira.

— Vivian me deu.

— Mentira! — Dina abre a capa, e enfia o dedo na parte interna. — Aqui diz que o livro pertence à Dorothy Power. Quem é essa?

Molly vira-se para Ralph e diz lentamente:

— Eu não roubei esse livro.

— Sim, eu tenho certeza de que ela só pegou “emprestado”. — Dina aponta uma longa

garra rosa para ela. — Escute aqui, mocinha. Nós só tivemos problemas desde que você veio para esta casa, e já estou cansada. Isso mesmo. Já me enchi. — Ela está com as pernas abertas, respirando superficialmente, sacudindo a cabeleira loura como a crina de um pônei nervoso.

— Tudo bem Dina, olhe só. — Ralph estica as mãos, batendo no ar como um regente de orquestra. — Acho que isso já foi um pouco longe demais. Podemos tomar fôlego e nos acalmar?

— Você está brincando comigo? — Dina praticamente cospe nele.

Ralph olha para Molly, e em sua expressão ela vê algo novo. Ele parece cansado. Parece cansado disso.

— Eu quero ela fora daqui — diz Dina.

— Dina...

— FORA!

Mais tarde, naquela noite, Ralph bate na porta do quarto de Molly.

— Ei, o que você está fazendo? — pergunta ele, olhando em volta. As mochilas estão abertas e a pequena coleção de livros de Molly, inclusive *Anne de Green Gables*, está empilhada no chão.

Enchendo um saco de plástico do mercado com meias, Molly responde:

— O que acha que estou fazendo?

Ela não é geralmente rude com Ralph, mas agora pensa: e daí? Ele não a esteve exatamente apoiando naquela hora.

— Você ainda não pode ir embora. Temos que contatar o Serviço Social e tudo isso. Ainda deve demorar alguns dias, provavelmente.

Molly abarrotava as meias no saco na extremidade de uma mochila, arredondando-o bem. Então começa alinhando os sapatos: o Doc Martins que ela pegou em uma loja do Exército de Salvação, sandálias pretas, um par de chinelos mastigados pelo cachorro que uma mãe adotiva anterior tinha jogado no lixo e Molly resgatou, e os tênis pretos do Walmart.

— Eles vão encontrar um lugar mais adequado para você — diz Ralph.

Molly olha para ele, afastando a franja dos olhos.

— Ah, é? Não vou apostar nisso...

— Vamos lá, Moll, dê um tempo.

— *Você* me dê um tempo. E não me chame de Moll.

É tudo o que ela pode fazer para conter-se e não voar em seu rosto com as garras para fora, como um gato selvagem. Foda-se ele. Foda-se ele e a cadela em que ele monta.

Ela já está muito crescida para isso, velha demais para ficar esperando ser colocada junto com outra dessas famílias de acolhimento. Velha demais para mudar de escola, mudar-se para uma nova cidade, velha demais para se submeter de novo aos caprichos de outros pais adotivos. Ela está tão fervida de raiva que mal consegue enxergar. E fica alimentando esse ódio, lançando nele pedacinhos de raiva da idiota e preconceituosa Dina e do covarde e frouxo Ralph, porque sabe que por trás da raiva está uma tristeza tão enervante que poderia torná-la apática. Ela precisa se manter em movimento, andando ao redor do quarto. Precisa encher as malas e dar o fora dali.

Ralph paira por cima, incerto. Como sempre. Ela sabe que ele está preso entre ela e Dina, e totalmente despreparado para lidar com qualquer uma delas. Molly quase sente pena dele, o miserável medroso.

— Eu tenho um lugar para onde ir, por isso não se preocupe — diz ela.

— Você vai para a casa de Jack?

— Talvez.

Na verdade, não. Ela não poderia ir para lá tanto quanto não poderia pagar por um quarto no Bar Harbor Inn. (Sim, prefiro com vista para o mar. E me envie um *smoothie* de manga, obrigada!). As coisas entre eles ainda estão tensas. Mas, mesmo que estivesse tudo bem, Terry nunca permitiria que ela ficasse durante a noite.

Ralph suspira.

— Bem, eu entendo por que você não quer ficar aqui.

Ela dá uma olhada nele. Não brinque, Sherlock.

— Me fale se eu puder levá-la a algum lugar.

— Eu vou ficar bem — responde ela, jogando uma pilha de camisetas pretas na mochila e ficando de pé ali, com os braços cruzados, até que ele vai embora.

Então, para onde diabos ela pode ir?

Ainda tem 213 dólares de um trabalho feito no verão passado, do qual recebeu salário-mínimo por servir sorvetes em Bar Harbor. Poderia pegar um ônibus para Bangor ou Portland, quem sabe até para Boston. Mas, chegando lá, o que faria?

Ela se pergunta, e não pela primeira vez, como estaria sua mãe. Talvez ela esteja melhor. Talvez esteja limpa e sóbria agora, com algum tipo de emprego estável. Molly sempre resistiu ao impulso de procurá-la, temendo o que poderia encontrar. Mas são tempos difíceis e... Quem sabe? O governo adora quando os pais biológicos recolhem a sua merda espalhada. Essa poderia ser uma boa oportunidade para as duas.

Antes que pudesse mudar de ideia, Molly se arrasta até seu *laptop* em modo de espera, coloca-o aberto na cama e dá um toque no teclado para que a tela se abra. E dá uma busca no Google por “Donna Ayer Maine”.

A primeira resposta é um convite para ver o perfil profissional de Donna Ayer no LinkedIn (pouco provável). Depois vem um PDF do conselho da cidade de Yarmouth apresentando seus membros, e lá tem uma Donna Ayer. (ainda mais improvável). O terceiro link leva para um anúncio de casamento: uma Donna Halsey se casou com um Rob Ayer, piloto da Força Aérea, em março em Mattawamkeag (Hum, não). E finalmente, sim, aqui está ela... A mãe de Molly, citada numa pequena nota no *Bangor Daily News*. Ao clicar no artigo, Molly então se vê olhando para o retrato tirado pela polícia de sua mãe. Não há dúvida de que é ela, embora esteja lívida, vesga e decididamente mais do que envelhecida. Presa três meses atrás por roubar OxyContin de uma farmácia na Cidade Velha, com um cara chamado Dwayne Bordick, vinte e três anos, Ayer está sendo mantida sob custódia sem direito a fiança, diz o artigo, na Prisão de Penobscot County, em Bangor.

Bem, isso foi fácil.

Não dá para ir lá.

E agora? Procurando na internet por abrigos para os sem-teto, Molly descobre que existe um em Ellsworth, mas lá diz que os abrigados precisam ter dezoito anos ou mais, “a menos que estejam acompanhados pelos pais”. A missão Sea Coast em Bar Harbor oferece alimentação, mas não pernoite.

Mas e Vivian? Aquela casa tem catorze quartos. Vivian usa cerca de três deles. Ela deve estar em casa, quase certamente, afinal nunca vai a lugar algum. Molly olha para a hora no celular: 18h45. Não é muito tarde para telefonar para ela, ou é? Mas... Agora que fica pensando nisso, nunca viu de fato Vivian falando ao telefone. Talvez fosse melhor pegar o ônibus circular e conversar com ela em pessoa. E se ela disser que não, bem, Molly poderia simplesmente dormir em sua garagem nessa noite. E amanhã, com a cabeça fresca, pensar no que fazer.

Molly tropeça pela rua até a casa de Vivian, vindo do ponto de ônibus, o laptop na mochila, a mochila vermelha atirada sobre um ombro e a mochila havaiana jogada no outro. As duas estão batendo uma na outra como se fossem dois caras briguentos em um bar, e Molly presa entre eles. É uma caminhada lenta.

Antes da explosão com Diana, Molly tinha planejado ir até a casa de Vivian amanhã para contar a ela sobre o que havia descoberto na biblioteca. Bem, os planos mudam.

E sua partida foi anticlimática. Dina ficou no quarto com a porta fechada e a TV ligada no último volume, enquanto Ralph, meio sem jeito, se ofereceu para ajudar Molly com as mochilas, emprestar uma nota de vinte, levá-la de carro para algum lugar. Molly quase lhe agradeceu, quase deu um abraço nele, mas no fim só latiu:

— Não, estou bem, a gente se vê por aí...

E saiu porta afora pensando: isso já acabou, já estou indo embora...

De vez em quando passa um carro desajeitadamente, e como agora era o período fora de temporada, a maioria dos carros na rua eram Subarus, caminhões de dez toneladas ou máquinas velhas. Molly está vestindo seu pesado casaco de inverno, porque, embora seja maio, aqui é o Maine, afinal (e, quem sabe, ela pode acabar sendo obrigada a dormir na rua mesmo). Deixou para trás montes de coisas para Ralph e Dina distribuírem, inclusive alguns suéteres sintéticos hediondos que Dina tinha deixado para ela no Natal. Bom proveito.

Molly conta os passos: esquerda, direita, esquerda, direita. Esquerda direita. Esquerda direita. Seu ombro esquerdo dói, a alça da mochila cavando a pele até o osso. Ela pula no lugar, deslocando as alças. Agora, está deslizando para baixo. Merda. Pula de novo. Ela é como uma tartaruga transportando sua casca. Jane Eyre cambaleando pelo matagal. Uma índia penobscot sob o peso de uma canoa. Claro que sua carga é pesada, estas mochilas contêm tudo que ela possui no mundo.

O que carrega com você? O que você deixa para trás?

Olhando à frente, para o céu azul-escuro estriado com nuvens, Molly ergue a mão e toca os talismãs em torno do pescoço. Corvo. Urso. Peixe.

A tartaruga no quadril.

Ela não precisa de muito.

E mesmo que venha a perder os talismãs, pensa Molly, eles sempre vão ser parte dela. As coisas que importam ficam com você, infiltram-se em sua pele. As pessoas fazem tatuagens para possuir um lembrete permanente de coisas que amam, ou acreditam, ou temem. Embora nunca vá se arrepender de ter tatuado a tartaruga, Molly não precisa marcar sua pele com tinta de novo para se lembrar do passado.

Ela não sabia que as marcas ficariam gravadas tão profundamente.

APROXIMANDO-SE DA CASA, MOLLY OLHA PARA O CELULAR. É BEM mais tarde do que pensava, quase nove da noite.

A lâmpada fluorescente na varanda reluz em um tom rosado. O resto da casa está no escuro. Molly solta as mochilas na varanda, esfrega os ombros por um minuto e então caminha para os fundos da casa, olhando para as janelas para ver se nota alguma sinal de vida. E lá está: no segundo andar do lado direito, duas janelas estão iluminadas. É o quarto

de Vivian.

Molly não sabe ao certo o que vai fazer. Ela não quer assustar Vivian e, agora que está aqui, percebe que, mesmo tocando a campainha, iria assustá-la a esta hora da noite.

Então, ela decide telefonar. Olhando para a janela de Vivian, ela liga para seu número.

— Alô! Quem é? — responde Vivian após quatro toques, numa voz tensa e um pouco alta demais, como se estivesse se comunicando com alguém que estivesse distante no mar.

— Oi, Vivian, é Molly.

— Molly? É você?

— Sim — responde ela, com a voz embargada. Ela respira fundo. Devagar, mantenha a calma. — Sinto muito incomodá-la.

Vivian aparece na janela, puxando um robe cor de vinho sobre a camisola.

— Qual é o problema? Você está bem?

— Sim, eu...

— Meu Deus, você sabe que horas são? — diz Vivian, se atrapalhando com o cordão do robe.

— Eu... Sinto muito por ligar assim tão tarde. É que eu... Eu não sabia mais o que fazer.

Faz-se um silêncio do outro lado, enquanto Vivian assimila isso.

— Onde você está? — diz ela, finalmente, empoleirando-se no braço de uma cadeira.

— Estou aqui embaixo. Quer dizer, aqui fora. Eu estava com medo de que fosse assustá-la se tocasse a campainha.

— Você está onde?

— Aqui. Eu estou aqui. Na sua casa.

— Aqui? Agora? — Vivian se levanta.

— Sinto muito.

E então Molly não consegue mais evitar e começa a chorar. Está frio no gramado e seus ombros estão doendo, e Vivian está assustada e o ônibus circular já parou de correr por hoje, e a garagem está escura e assustadora, e não há mais nenhum lugar no mundo aonde ela possa pensar em ir.

— Não chore, querida, não precisa chorar. Já vou descer.

— Tudo bem — Molly solta um suspiro. Controle-se!

— Vou desligar agora.

— Tudo bem.

Através de suas lágrimas, Molly observa Vivian recolocar o receptor no gancho, apertar o robe mais perto do corpo e amarrá-lo, bater o cabelo prateado na nuca. Enquanto Vivian sai do quarto, Molly corre de volta para a varanda da frente. Ela balança a cabeça para limpá-la, puxa as mochilas numa pilha arrumada, enxuga os olhos e o nariz com um canto da camiseta.

Um momento depois, Vivian abre a porta. Olha alarmada para Molly (que percebe depois que, apesar de ter enxugado os olhos, deve ter espalhado o rímel por todo o rosto), para as mochilas volumosas no chão.

— Pelo amor de Deus, venha! — diz ela, segurando a porta larga. — Entre neste minuto e me diga o que aconteceu.

APESAR DOS PROTESTOS DE MOLLY, VIVIAN INSISTE EM FAZER CHÁ. Ela pega um bule de chá e xícaras verdes cor de alface, um presente de casamento da sra. Murphy que

esteve em uma caixa fechada durante décadas, juntamente com algumas colheres de prata recentemente recuperadas e que eram da baixela de prata da sra. Nielsen. Elas esperam na cozinha até a água ferver, e então Molly despeja a água no bule e leva essa bandeja para a sala de estar, com um pouco de queijo e biscoitos que Vivian descobriu na despensa.

Vivian acende dois abajures e instala Molly numa poltrona vermelha. Então, vai até o armário e pega uma colcha.

— O anel de casamento! — Diz Molly.

Vivian segura a colcha por duas pontas e a sacode, depois a leva até Molly e a coloca no colo da menina. Está manchada e rasgada em alguns lugares, desgastada pelo uso. Muitos dos pequenos retângulos de tecido costurados à mão em círculos interligados acabaram se dissolvendo por completo, e os restos fantasmagóricos de pontos seguram fiapos de pano colorido.

— Se não posso suportar a ideia de dar isso a alguém, então é melhor usá-lo.

Enquanto Vivian enfia a colcha em torno de suas pernas, Molly diz:

— Desculpe por aparecer aqui assim de repente...

Vivian acena com a mão, como se afastasse o comentário.

— Não seja boba, eu gosto de emoção. Faz o coração bater mais forte.

— Não tenho certeza se isso é uma coisa boa.

As notícias sobre Maisie pesam no estômago de Molly como uma pedra. Ela não quer contar isso agora, são muitas surpresas para Vivian ao mesmo tempo.

Depois que Vivian serve o chá, em duas xícaras, entrega uma a Molly, pega a outra para si mesma, servindo-se de dois torrões de açúcar e arrumando o queijo e os biscoitos no prato, ela se instala em outra poltrona e dobra as mãos no colo.

— Tudo bem — diz ela. — Agora me conte.

Então Molly fala. Conta a Vivian sobre o tempo em que viveu no trailer em Indian Island, sobre o acidente de carro que matou seu pai, a luta de sua mãe contra as drogas. Mostra sua tatuagem, Shelly, a tartaruga. Conta sobre a dúzia de casas de pais adotivos, sobre o anel no nariz e sobre a discussão com Dina e como descobriu na internet que a mãe está na cadeia.

O chá fica morno, depois frio, nas xícaras.

E então, porque está determinada a ser completamente honesta, Molly respira fundo e diz:

— Há algo que eu deveria ter contado a você há muito tempo. O serviço comunitário que tenho que fazer não foi uma coisa feita para a escola, foi porque roubei um livro da biblioteca de Spruce Harbor.

Vivian puxa o robe cor de vinho e o aperta mais contra o corpo.

— Entendo...

— Foi uma coisa estúpida.

— O livro era...?

— *Jane Eyre*.

— Por que você roubou isso?

Molly pensa naquele momento de novo: puxa cada exemplar do romance para fora da prateleira, vira cada um com as mãos, recoloca o de capa dura e o mais recente de volta, coloca o outro debaixo da camisa.

— Bem, é meu livro favorito. E havia três exemplares. Achei que ninguém fosse dar por falta do mais estragado — e encolhe os ombros. — Eu só queria... tê-lo.

Vivian bate no lábio inferior com o polegar.

— Terry sabia?

Molly dá de ombros. Ela não quer deixar Terry em apuros.

— Jack atestou por mim, e você sabe como ela se sente com relação a Jack.

— Isso eu sei.

A noite está silenciosa, tranquila, exceto pelas vozes das duas mulheres. As cortinas estão fechadas contra a escuridão.

— Desculpe ter entrado em sua casa dessa forma, sob falso pretexto — diz Molly.

— Ah, bem — responde Vivian. — Suponho que todos nós fazemos coisas sob falsos pretextos de uma forma ou de outra, não é? E foi melhor não me contar. Eu provavelmente não teria deixado você entrar. — Juntando as mãos, ela diz: — Se você for roubar um livro, no entanto, deve pelo menos levar o mais bonito, caso contrário, a troco de que fazer isso?

Molly está tão nervosa que mal sorri.

Mas Vivian sim.

— Roubar *Jane Eyre* — ela ri. — Eles deveriam ter lhe dado uma estrela de ouro. Deveriam fazer você pular uma série!

— Você não está desapontada comigo?

Vivian levanta os ombros.

— Ah.

— Sério? — Ondas de alívio invadem seu corpo.

— Você certamente já pagou suas dívidas, em todo caso, trabalhando todas essas horas comigo.

— Mas não senti como se fosse uma punição.

Houve um tempo, para falar a verdade bem recentemente, que Molly teria se engasgado ao dizer essas palavras, tanto por serem flagrantemente bajuladoras como lacrimosamente sentimentais. Mas hoje não. Por um lado, porque ela de fato sente isso. E por outro, porque está tão focada na próxima parte da história que mal consegue pensar em outra coisa. Ela se inclina para frente.

— Ouça, Vivian — diz ela. — Há mais uma coisa que preciso lhe dizer.

— Ah, Senhor... — Vivian toma um gole de chá frio e deposita a xícara no pires. — O que você fez agora?

Molly respira fundo.

— Não é sobre mim. Trata-se de Maisie.

Vivian olha para ela fixamente, seus olhos castanhos claros se mantêm sem piscar.

— Fui pesquisar pela internet, só queria ver se poderia encontrar alguma coisa, e tudo foi surpreendentemente fácil. Encontrei os registros da Ellis Island e...

— Do *Agnes Pauline*?

— Sim, exatamente. Encontrei os nomes de seus pais na lista de passageiros, e de lá encontrei a notícia sobre a morte de seu pai e de seus irmãos. Mas nada sobre ela, nada sobre Maisie. Então tive a ideia de tentar encontrar os Schatzman. Bem, acontece que havia um blog sobre uma reunião de família e... bem, lá dizia que eles adotaram um bebê, Margaret, em 1929.

Vivian está perfeitamente imóvel.

— Margaret.

Molly concorda.

— Maisie.

— Tem que ser, né?

— Mas ele me disse que ela não conseguiu...

— Eu sei.

Vivian parece se recompor, parece ficar mais alta em sua cadeira.

— Ele mentiu para mim — por um momento, ela fica olhando a meia distância, em algum lugar acima da estante de livros. Então, diz: — E eles a adotaram?

— Aparentemente, sim. Não sei mais nada sobre eles, embora tenha certeza de que há maneiras de descobrir. Mas ela viveu por um longo tempo. No interior de Nova York. Ela só morreu há seis meses. Há uma foto... Ela parecia realmente feliz, com filhos e netos, e tudo o mais.

Deus, como sou idiota, pensa Molly. Por que eu disse isso?

— Como você sabe que ela morreu?

— Vi um obituário. Vou mostrar. E... você quer ver a foto?

Sem esperar a resposta, Molly se levanta e retira o *laptop* da mochila. Liga o aparelho e o leva até onde Vivian está sentada. A garota abre as fotos da reunião de família e o obituário, que salvou no *desktop*, e coloca o *laptop* no colo da senhora.

Vivian avalia a imagem na tela.

— Essa é ela. — E olhando para Molly, diz: — Posso dizer pelos olhos. São exatamente os mesmos.

— Ela se parece com você — diz Molly.

E ambas ficam olhando silenciosamente, durante um tempo, para aquela mulher idosa sorrindo, de olhos azuis penetrantes, rodeada por sua família.

Vivian estende a mão e toca a tela.

— Olha como o cabelo dela estava branco. Ela era loira. Cachos. — Ela gira o dedo indicador ao lado de sua própria cabeça prateada. — Durante todos esses anos... ela estava viva — murmura. — Maisie estava viva. Durante todos esses anos, havia duas delas...

É final de setembro do meu décimo nono ano, e duas novas amigas, Lillian Bart e Emily Reece, querem que eu vá com elas assistir a um novo filme que está passando no Orpheum Theatre, em Minneapolis, *O Mágico de Oz*. Ele é tão comprido que tem um intervalo, e fizemos planos para passar a noite. O noivo de Lillian mora lá, e ela viaja quase todo fim de semana, ficando em um hotel para mulheres. É um lugar seguro e limpo, ela nos assegura, que não custa muito, então reservou três quartos individuais. Eu só estive na cidade com os Nielsen em passeios de um dia, para um jantar especial de aniversário, uma expedição de compras, uma tarde no museu de arte, mas nunca com amigas, e nunca durante a noite.

Não tenho certeza se quero ir. Por um lado, não conheço essas meninas há muito tempo, as duas estão na minha classe no St. Olaf. Elas vivem juntas em um apartamento perto da faculdade. Quando falam de coquetéis, nem mesmo sei o que isso significa. Seria uma festa em que eles só servem bebidas? A única festa que os Nielsen promovem é um bufê anual de Ano-Novo que dão para seus fornecedores.

Lillian, com sua expressão amigável e cabelo loiro-dourado, é mais fácil de gostar do que a circunspecta e maliciosa Emily, que tem um meio sorriso engraçado, fala alguns palavrões e está sempre fazendo piadas que não entendo. Seu humor atrevido, suas gargalhadas e a intimidade alegre comigo me deixam um pouco nervosa.

Por outro lado, um grande carregamento de roupas de outono está chegando à loja entre hoje e amanhã, e não quero voltar para encontrar tudo isso em lugares errados. O sr. Nielsen tem artrite e, embora ainda venha no início de todas as manhãs, geralmente vai embora em torno das duas horas da tarde para tirar seu cochilo. A sra. Nielsen está meio dentro e meio fora, e boa parte do seu tempo nestes dias é ocupada com o clube de bridge e o voluntariado na igreja.

Mas ela me encoraja a ir com Lillian e Emily, dizendo:

— Uma garota da sua idade deve sair de vez em quando. Há mais coisas na vida do que a loja e seus estudos, Vivian. Às vezes eu me preocupo que você se esqueça disso.

Quando me formei no ensino médio, o sr. Nielsen me comprou um carro, um Buick branco conversível, que dirijo principalmente até a loja e até a faculdade, de noite. E o sr. Nielsen diz que vai ser bom para o carro correr um pouco.

— Eu pago o estacionamento — diz ele.

Enquanto saímos da cidade, o céu tem um azul suave de cobertor de bebê, repleto de nuvens infladas como bolas de algodão. E fica claro, antes de rodarmos vinte quilômetros na estrada, que os planos de Emily e Lillian são mais ambiciosos do que as duas deixavam transparecer. Sim, vamos assistir *O Mágico de Oz*, mas não na sessão noturna que foi a desculpa para ficarmos na cidade. Há uma matinê às três da tarde que vai nos deixar muito tempo para voltarmos a nossos quartos e nos arrumarmos para sair.

— Esperem um minuto — digo. — O que quer dizer “sair”?

Lillian, sentada ao meu lado no banco do passageiro, dá um apertão no meu joelho.

— Ah, você não achava que iríamos fazer toda essa viagem de carro só para ir assistir a um filme bobo, não é?

Do banco de trás, onde está folheando a revista *Silver Screen*, Emily diz:

— Então, Viv, sério. Você precisa relaxar. Ei, vocês sabiam que a Judy Garland nasceu em Grand Rapids? Batizada como Frances Ethel Gumm. Acho que isso não era muito

hollywoodiano...

Lillian sorri para mim.

— Você nunca foi a uma boate, certo?

Não respondo, mas é claro que ela está certa.

Ela gira o espelho retrovisor para longe de mim e começa a passar batom.

— Foi o que pensei. Vamos nos divertir de verdade, para variar — então ela sorri, emoldurando com seus lábios rosados e brilhantes os pequenos dentes brancos. — Começando com alguns coquetéis.

O hotel para mulheres, em uma rua lateral de Minneapolis, é bem como Lillian tinha descrito, com um saguão de entrada limpo, mas escassamente mobiliado, e um funcionário entediado que mal olha para cima quando nos entrega as chaves. Em pé no elevador com nossas malas, combinamos de nos reunir para o cinema em quinze minutos.

— Não se atrase — adverte Emily. — Temos que comprar pipoca, e sempre tem fila.

Depois de deixar a minha mala no armário do meu quarto estreito, no quarto andar, eu me sento na cama e salto algumas vezes. O colchão é fino, com molas rangentes. Mas sinto um arrepio de prazer. Minhas viagens com os Nielsen são sempre controladas e pouco ambiciosas, uma viagem de carro em silêncio, um destino específico, a volta para casa sonolenta no escuro, o sr. Nielsen sentado ereto no banco da frente, a sra. Nielsen junto a ele mantendo um olhar atento sobre a linha central pintada no asfalto.

Emily está de pé sozinha no saguão quando eu desço. Ao perguntar onde está Lillian, ela me dá uma piscadela.

— Ela não está se sentindo muito bem. Vai nos encontrar depois.

Quando caminhamos para o cinema, que fica a cinco quarteirões de distância, ocorre-me que Lillian nunca teve qualquer intenção de ir assistir ao filme com a gente.

O Mágico de Oz é mesmo mágico e estranho. As terras das fazendas em preto e branco dão lugar às cenas oníricas coloridas, tão vívidas e imprevisíveis quanto a vida de Dorothy Gale é comum e familiar. Quando ela volta para o Kansas – seu desejo sincero concedido –, o mundo é preto e branco novamente. “É bom estar em casa”, diz ela. De volta à fazenda, sua vida se estende à frente até a linha do horizonte plano, já preenchida com os únicos personagens que ela irá conhecer.

Quando Emily e eu saímos do cinema, já é o início da noite. Fiquei tão absorta no filme que a vida real parece um pouco irreal; tenho a estranha sensação de ter saído da tela diretamente para a rua. A luz da noite é suave e rosada, o ar tão tépido quanto a água da banheira.

Emily boceja.

— Bem, esse foi longo...

Eu não quero perguntar, mas as boas maneiras me obrigam.

— O que você achou?

Ela dá de ombros.

— Aqueles macacos voadores eram assustadores. Mas, além disso, não sei, achei meio chato.

Caminhamos em silêncio, passando pelas vitrines apagadas das lojas de departamento.

— E você? — diz ela, depois de alguns minutos. — Você gostou?

Eu amei tanto esse filme que não confio que vá responder sem parecer uma tola.

— Gostei — respondo, incapaz de traduzir em discurso as emoções que estão rodopiando através de mim.

De volta ao meu quarto, troco de roupa e visto uma saia de *chiffon* e blusa floral com

mangas borboleta. Escovo o cabelo todo para trás, e então dou forma com os dedos e borriço um pouco de laquê. De pé na ponta dos dedos, avalio meu reflexo no espelho pequeno que está acima da cama. Naquela luz de fim da tarde, pareço apagada e séria. Cada sarda no nariz está visível. Tirando uma pequena bolsa com zíper da mala, espalho um pouco de hidratante no rosto e depois a base. Um toque de *rouge*, uma pitada de pó. Deslizo um lápis marrom ao longo das pálpebras superiores e espalho os cílios, aplico batom coral e pressiono os lábios, depois aplico novamente e guardo o frasco dourado na bolsa. Mais uma vez me examino no espelho. Ainda sou eu, porém me sinto mais corajosa, de alguma forma.

Lá embaixo, no átrio do hotel, Lillian está de mãos dadas com um rapaz que reconheço como o noivo dela, Richard, pela fotografia que ela mantém na bolsa. Ele é mais baixo do que eu esperava, mais baixo do que Lillian. Marcas da acne cobrem todo o seu rosto. Lillian está usando um vestido esmeralda sem mangas, com a barra logo acima do joelho (três centímetros mais curta do que qualquer uma usa em Hemingford), e saltos altos pretos.

Richard puxa-a para perto, sussurra no ouvido dela, e seus olhos se arregalam. Ela cobre a boca e dá risada, e então me vê.

— Vivie! — exclama, exagerada. — Olhe para você! Acho que nunca a vi com maquiagem. Você ficou linda!

— Você também — respondo, embora nunca a tenha visto sem...

— E como foi o filme?

— Foi bom. E você, onde esteve?

Ela olha para Richard.

— Eu me deixei levar. — Os dois começam a rir novamente.

— Essa é uma maneira de explicar — diz ele.

— E você deve ser Richard — digo.

— Como adivinhou? — Ele me dá um tapinha no ombro como para mostrar que está brincando. — Pronta para se divertir hoje à noite, Vivie?

— Bem, sei que eu estou! — A voz de Emily vem de cima do meu ombro, e sinto o perfume de jasmim e rosas — Joy, reconheço do balcão de perfumes na loja. Virando-me para cumprimentá-la, fico surpresa com a blusa branca decotada e a saia listrada bem apertada, a oscilação dos saltos altos e o esmalte carmesim das unhas.

— Olá, Em — sorri Richard. — Os caras com certeza ficarão muito felizes em ver você.

Fico de repente bem consciente de minha blusa puritana e minha saia modesta, meus sapatos confortáveis e os brincos de ir à igreja. Fico me sentindo exatamente o que sou: uma garota de cidade pequena do interior numa cidade grande.

Richard está com os braços em volta de ambas as garotas agora, apertando-as na cintura e rindo enquanto elas se contorcem. Eu olho para o funcionário da recepção, o mesmo que estava aqui quando chegamos, mais cedo. Tem sido um longo dia para ele, penso. Está folheando um jornal e só olha para cima quando há uma estridente gargalhada. Posso ver a manchete a partir de onde estou: "Alemães e soviéticos desfilam na Polônia".

— Meninas, estou ficando com sede, vamos achar um bebedouro... — diz Richard.

Meu estômago está roncando.

— E se a gente jantasse primeiro?

— Se você insiste... Apesar de que uma barra de nozes seria o suficiente para mim. E vocês, meninas? — pergunta ele às outras duas.

— Não, Richard, esta é a primeira vez de Viv na cidade. Ela não está acostumada com seu jeito decadente de ser. Vamos comer alguma coisa — diz Lillian. — Além disso, pode ser arriscado para nós, peso-levos, começar a beber com o estômago vazio.

— Arriscado como? — ele puxa Lillian para mais perto e ela sorri, então o empurra para longe, enfatizando o que disse. — Tudo bem, tudo bem — diz o rapaz, mostrando a sua aquiescência. — No Grande Hotel há um piano-bar que serve rango. Eu me lembro de que lá eles têm um ótimo bife. E sei que servem um belo Martini.

Seguimos pela rua, agora sussurrando com as pessoas. É uma noite perfeita: está quente, as árvores na avenida estão envoltas numa camada profunda de folhas verdes. As flores se espalham nos vasos, crescidas e meio selvagens agora, nesta altura do verão. Conforme caminhamos, meu humor melhora. Misturar-me a essa multidão de pessoas estranhas tira a atenção de mim, esse assunto tão tedioso, e a leva para o mundo que me cerca. Eu poderia muito bem estar em um país estrangeiro, com todas as suas similaridades com a minha vida sóbria, com suas rotinas previsíveis e seus ritmos normais: um dia na loja, jantar às seis, uma noite tranquila estudando, ou tricotando, ou jogando bridge. Richard, com sua esperteza carnavalesca, parece ter mesmo desistido de me incluir. Mas não me importo. É maravilhoso ser jovem em uma rua da cidade grande.

CONFORME NOS APROXIMAMOS DAS PESADAS PORTAS DE VIDRO E BRONZE do Grand Hotel, um porteiro de uniforme as abre para nós. Richard entra com Lil e Em envoltas por seus braços, e eu corro atrás no vácuo. O porteiro toca seu boné e eu lhe agradeço.

— O bar fica do lado esquerdo, logo após o saguão — diz ele, deixando claro que sabe que não somos hóspedes do hotel.

Eu nunca estive em um espaço assim majestoso, talvez apenas na estação de trem de Chicago, muitos anos atrás, e procuro não ficar olhando de boca aberta para o cintilante lustre sobre a nossa cabeça, a mesa de mogno brilhante com uma urna de cerâmica de grandes dimensões cheia de flores exóticas no centro da sala.

As pessoas no *foyer* são igualmente impressionantes. Uma mulher usando um chapéu preto raso com uma rede que cobre metade de seu rosto, no balcão da recepção, com uma pilha de malas de couro vermelho, tira uma longa luva de cetim preto e, em seguida, a outra. Uma senhora de cabelos brancos carrega um cão branco de pelos macios com olhos de botão preto. Um homem de fraque fala ao telefone na recepção; um senhor mais velho, usando um monóculo, sentado sozinho numa poltrona, tem um pequeno livro marrom aberto na frente de seu nariz. Essas pessoas parecem entediadas, alegres, impacientes, satisfeitas, mas, acima de tudo, parecem pessoas ricas. Agora estou feliz por não estar vestindo roupas provocativas e berrantes como as de Lil e Em, que estão atraindo todas as atenções e suspiros para elas.

À minha frente, os três passeiam pelo saguão, rindo e gritando, um dos braços de Richard sobre o ombro de Lil e o outro apertando a cintura de Em.

— Ei, Viv! — chama Lil, olhando para trás, como se de repente se lembrasse de que estou aqui. — Por aqui!

Richard empurra a porta dupla do bar, joga as mãos para o ar com um floreio e empurra as duas garotas, rindo e cochichando, para dentro. Ele segue, e as portas se fecham lentamente atrás.

Para na frente de sofás verdes. Não estou com pressa para ser tratada como se estivesse irremediavelmente por fora de tudo, uma mulher à moda antiga e sem senso de humor, pelo descompromissado Richard. Talvez, penso, eu devesse dar uma volta por aqui e depois retornar ao hotel onde estamos hospedadas. Desde a *matinê*, nada de fato parece ter

sentido, de qualquer maneira. Esse dia já foi suficiente para mim, muito mais, certamente, do que estou acostumada.

Eu me acomodo em um dos sofás, observando as pessoas indo e vindo. Perto da porta, agora, está uma mulher em um vestido de cetim roxo, com uma cascata de cabelos castanhos caindo sobre os ombros, elegantemente indiferente, acenando para o porteiro com uma mão cheia de joias enquanto desliza para o saguão. Absorta em observar a mulher, enquanto ela flutua passando por mim em direção ao balcão da recepção, demoro em notar o homem alto e magro, de cabelos loiros, até que ele fica à minha frente.

Seus olhos são de um azul penetrante.

— Desculpe-me, senhorita — diz ele. Eu me pergunto se talvez ele vai dizer algo sobre o fato de eu estar tão obviamente fora de lugar aqui, ou perguntar se preciso de ajuda. — Eu a conheço de algum lugar?

Eu olho para o seu cabelo loiro-dourado, curto na parte de trás, porém comprido na frente, nada como o corte dos meninos de cidade pequena a que estou acostumada, com cabelos raspados como se fossem carneiros. Ele está vestindo calça cinza, uma camisa branca e uma gravata preta e carregando uma maleta pequena. Seus dedos são longos e cônicos.

— Não acho...

— Alguma coisa em você é... Muito familiar. — Ele está me olhando tão atentamente que me faz corar.

— Eu... — gaguejo. — Realmente não sei...

E então, com um sorriso brincando em seus lábios, ele diz:

— Perdoe-me se estiver errado. Mas você é... Você veio em um trem de Nova York há dez anos, mais ou menos?

O quê? Meu coração pula. Como ele sabe disso?

— Você é... Niamh? — pergunta o rapaz.

E então eu me lembro.

— Ah, meu Deus, Dutchy, é você.

Dutchy deixa cair a maleta enquanto eu me levanto e me arrebatava num abraço. Sinto aquela rigidez em seus braços, o calor do seu peito ligeiramente côncavo, enquanto ele me segura mais apertado do que alguém já me segurou. Um longo abraço no meio desse saguão luxuoso é provavelmente inapropriado; as pessoas estão olhando. Mas, por uma vez na minha vida, não me importo. Ele me empurra um pouco para trás para olhar para o meu rosto, toca a maçã do meu rosto e me puxa para olhar mais de perto novamente. Através de sua camisa de cambraia, sinto seu coração acelerado, tão rápido quanto o meu.

— Quando você corou, eu soube. Você parece a mesma de sempre. — Ele passa a mão pelo meu cabelo, acariciando-o como se fosse pele. — Seu cabelo... Está mais escuro. Não posso dizer quantas vezes procurei por você no meio da multidão, ou pensei ter visto você de costas andando na rua.

— Você disse que ia me encontrar — digo. — Lembra-se? Foi a última coisa que me disse.

— Eu queria... tentei. Mas nem sabia por onde começar a procurar. E então, muita coisa aconteceu... — diz ele balançando a cabeça em descrença. — É você mesmo, Niamh?

— Bem, sim... Mas não sou mais Niamh — respondo. — Agora sou Vivian.

— E eu não sou Dutchy também... Ou Hans, seja lá o que for... Sou Luke.

Nós dois começamos a rir – do absurdo da nossa experiência compartilhada, do alívio do reconhecimento e do reencontro. Nós nos apegamos um ao outro como sobreviventes de um naufrágio, e estamos surpresos porque nenhum de nós se afogou.

Tenho muitas perguntas a fazer, mas me calo. Antes mesmo que eu possa formular palavras, Dutchy... Hans... Luke diz:

— Isso é loucura, mas tenho que ir. Tenho um show.

— Um show?

— Eu toco piano no bar daqui. Não é tão horrível assim, esse trabalho, pelo menos até alguém ficar muito bêbado.

— Eu estava indo para lá — explico. — Minhas amigas estão me esperando. Elas provavelmente já estão bêbadas enquanto conversamos aqui.

Ele pega sua maleta.

— Eu gostaria que nós pudéssemos simplesmente sumir daqui — diz ele. — Vamos para algum lugar para conversar.

Eu também, mas não quero que ele arrisque o seu trabalho por minha causa.

— Vou ficar até você terminar. Podemos conversar mais tarde — digo.

— Isso irá me matar... Por ter que esperar tanto tempo.

Quando entro no bar com ele, Lil e Em olham para nós, com a curiosidade estampada no rosto. O ambiente está cheio de pessoas, é escuro e enfumaçado, com carpete roxo estampado com flores e algumas banquetas de couro roxo, quase todas ocupadas.

— É assim que se faz, menina! — diz Richard. — Com certeza você não perde tempo.

Eu me sento à mesa deles, peço um gim por sugestão do garçom e me concentro nos dedos de Dutchy, porque de onde estou sentada posso vê-lo habilmente deslizar seus dedos sobre as teclas do piano. Abaixando a cabeça e fechando os olhos, ele canta em voz baixa e clara. Ele toca Glenn Miller, Artie Shaw e Glen Gray, músicas que todos conhecem – canções como “Little Brown Jug” e “Heaven Can Wait,” com outros arranjos – e algumas

mais antigas para os homens de cabelos grisalhos que estão nas banquetas do bar. De vez em quando ele folheia partituras, mas na maior parte parece tocar de memória ou de ouvido. Um pequeno grupo de mulheres mais velhas, segurando as carteiras, com o cabelo cuidadosamente penteado, provavelmente visitando a cidade em uma expedição de compras vindas de alguma cidadezinha ou subúrbio, sorriem e cantarolam quando tilinta a abertura de “Moonlight Serenade”.

Uma enxurrada de conversas cai sobre mim, deslizando em torno de mim, agarrando-me de tempos em tempos, e quando se espera que eu responda a uma pergunta ou ria de uma piada, não estou prestando atenção. Como poderia? Dutchy está falando comigo através do piano, e, como em um sonho, entendo o seu significado. Estive muito sozinha nesta jornada, separada de todo o meu passado. Por mais que eu tente arduamente, sempre me sentirei uma forasteira. E agora tropecei num companheiro forasteiro como eu, aquele que fala a minha língua sem dizer uma palavra.

Quanto mais as pessoas bebem, mais pedem músicas, e mais cheio fica o recipiente onde as pessoas colocam as gorjetas de Dutchy. A cabeça de Richard está enfiada no pescoço de Lil, e Em está praticamente sentada no colo de um homem de cabelo grisalho que estava vagando pelo bar.

— “Over the Rainbow”! — pede ela, com vários *gin fizz* na cabeça. — Você conhece? Daquele filme?

Dutchy acena, sorri, espalha os dedos pelas teclas. Pela maneira como ele toca os acordes, posso afirmar que esse pedido já lhe foi feito antes.

Ele ainda tem meia hora de exibição quando Richard olha para o relógio:

— Puta merda, desculpem o meu francês — diz ele. — É tarde e tenho que ir para a igreja amanhã.

Todos riem.

— Eu também estou pronta — diz Lil.

Em sorri afetada.

— Pronta para quê?

— Vamos embora. Tenho que pegar aquela coisa que deixei em seu quarto — diz Richard para Lil, ficando de pé.

— Que coisa? — pergunta ela.

— Você sabe. A *coisa* — diz ele, piscando para Em.

— Ele tem que pegar a coisa, Lil — diz Em, bêbada. — A *coisa*.

— Eu não sabia que era permitido deixar homens entrar nos quartos — digo eu.

Richard esfrega o polegar e o indicador juntos.

— Um pouco de graxa para a roda mantém o carro andando, se você entende o que eu quero dizer.

— O funcionário da recepção é fácil de subornar — traduz Lil. — Só para você saber, caso você queira passar algum tempo se divertindo com seu príncipe encantado por lá. — Ela e Em explodem em risadas.

Combinamos de nos encontrar no saguão do hotel das mulheres amanhã ao meio-dia, e os quatro se levantam para sair. Depois há uma mudança de planos: Richard conhece um bar que fica aberto até as duas, e eles saem em busca dele, as duas meninas cambaleantes nos calcanhares e balançando contra os homens, que parecem muito felizes em segurá-las.

LOGO APÓS A MEIA-NOITE, A RUA EM FRENTE AO HOTEL ESTÁ ILUMINADA, mas vazia, como um palco montado antes de os atores aparecerem. Não importa que eu mal conheça o homem que Dutchy se tornou, que eu não saiba nada sobre sua família, sua adolescência. Não me importo sobre o que pode parecer se eu o levar para o meu quarto. Eu só quero passar mais tempo com ele.

— Você tem certeza?

— Mais do que certeza.

Ele desliza algumas cédulas na minha mão.

— Aqui está, para o funcionário da recepção. São das gorjetas.

É bem bacana como Dutchy coloca o casaco de volta nos meus ombros; sua mão segura na minha enquanto caminhamos, sentimentos que é a coisa mais natural do mundo. Caminhando em frente aos prédios baixos, as estrelas brilham num céu de veludo.

Na recepção, o funcionário – um homem mais velho, agora, com um boné de *tweed* equilibrado sobre o rosto – diz:

— O que posso fazer por vocês?

Estranhamente, não estou nada nervosa.

— Meu primo vive na cidade. Tudo certo se eu levá-lo para uma visita?

O recepcionista olha através da porta de vidro para Dutchy na calçada.

— Primo, hein?

Deslizo duas notas de um dólar sobre a mesa.

— Gosto disso.

Com as pontas dos dedos, o funcionário puxa o dinheiro para si.

Aceno para Dutchy e ele abre a porta, cumprimenta o homem, e me segue para dentro do elevador.

NA ESTRANHA ILUMINAÇÃO INDIRETA DO MEU PEQUENO QUARTO, Dutchy tira seu cinto e a camisa que está vestindo e os pendura sobre a única cadeira. Ele se estende na cama de camiseta e calça, com as costas contra a parede, e eu me inclino contra ele, sentindo a curva de seu corpo ao redor do meu. Seu hálito quente está no meu pescoço, seu braço alcança minha cintura. Pergunto-me por um momento se ele vai me beijar. Quero que ele faça isso.

— Como pode ser isso? — murmura ele. — Não é possível. Eu sempre sonhei com isso. E você?

Não sei o que dizer. Nunca ousei imaginar que iria vê-lo novamente. Na minha experiência, quando você perde alguém com quem se preocupa e de quem gosta, esse alguém nunca mais volta.

— Qual foi a melhor coisa que aconteceu com você nos últimos dez anos? — pergunto.

— Ver você novamente.

Sorrindo, eu empurro o seu peito.

— Além disso.

— Encontrar você pela primeira vez.

Nós dois rimos.

— Depois disso.

— Hummm, depois disso — ele começa a refletir com seus lábios no meu ombro. — Existe alguma coisa além disso? — Ele me puxa para mais perto, cobrindo o osso do meu

quadril com a mão. E embora nunca tenha feito nada parecido com isso antes – mal estive sozinha com um homem, e certamente não com um homem somente de camiseta –, não estou nervosa. Quando ele me beija, meu corpo inteiro se anima.

Minutos mais tarde, ele diz:

— Acho que a melhor coisa foi descobrir que eu era bom em alguma coisa – tocar piano. Eu era uma pessoa vazia. Não tinha confiança. Tocar piano me deu um lugar no mundo. E... era algo que eu poderia fazer quando estivesse com raiva ou chateado, ou até mesmo feliz. Era uma maneira de expressar meus sentimentos, quando eu nem sabia o que eram — diz ele. Em seguida, ri um pouco. — Parece ridículo, não é?

— Não, não parece, não...

— E você? Qual foi a sua melhor coisa?

Não sei por que fiz essa pergunta, já que não tenho uma resposta. Deslizo e então estou sentada na cabeceira da estreita cama com os pés debaixo de mim. Conforme Dutchy se acomoda, com as costas contra a parede do outro lado, as palavras saltam da minha boca. Conto para ele sobre minha solidão e a fome na casa dos Byrne, a escancarada miséria dos Grote. E conto sobre o quanto sou e estou grata aos Nielsen e também o quanto às vezes me sinto sufocada por eles.

Dutchy me conta o que aconteceu com ele depois que saiu do Grange Hall. A vida com o fazendeiro e sua mulher era tão ruim quanto ele temia. Eles o faziam dormir sobre os fardos de feno no celeiro e batiam nele quando reclamava. Suas costelas foram fraturadas em um acidente quando estava trabalhando com uma pilha de feno pesada, e eles nunca chamaram um médico. Ele viveu com eles por três meses, até que fugiu quando o fazendeiro o acordou com uma surra numa manhã porque um guaxinim entrou no galinheiro. Com dor, fome, com uma solitária e um dos olhos infeccionado, ele desmaiou na estrada para a cidade e foi levado gentilmente por uma viúva para a enfermaria.

Mas o fazendeiro convenceu as autoridades de que Dutchy era um delinquente juvenil que precisava de uma mão firme, e Dutchy foi devolvido a ele. Fugiu duas vezes mais – na segunda vez durante uma nevasca, quando por um milagre não congelou até a morte. Correndo em direção ao varal de roupas de um vizinho, este salvou sua vida. O vizinho o encontrou em seu celeiro na manhã seguinte e fez um acordo com o fazendeiro, trocando Dutchy por um porco.

— Um porco? — perguntei.

— Tenho certeza de que ele pensou que era um negócio valioso. Aquele porco era enorme.

Esse agricultor, um homem viúvo chamado Karl Maynard cujo filho e filha estavam já crescidos, deu-lhe muitas tarefas para fazer, mas também o mandou para a escola. E quando Dutchy mostrou interesse no piano empoeirado do viúvo, que sua mulher costumava tocar, ele mandou afiná-lo e encontrou um professor para vir até a fazenda para dar aulas a ele.

Quando fez dezoito anos, Dutchy mudou-se para Minneapolis, onde pegou qualquer trabalho que pudesse encontrar para tocar piano em bandas e bares.

— Maynard queria que eu assumisse a fazenda, mas eu sabia que esse tipo de trabalho não era para mim — diz ele. — Honestamente, estava grato por ter uma habilidade que podia usar. E viver por conta própria. É um alívio ser adulto.

Eu não tinha pensado nisso assim, mas ele está certo, é um alívio.

Ele se estica e toca o meu colar.

— Você ainda tem isso. Isso me dá fé.

— Fé em quê?

— Em Deus, suponho. Não, eu não sei. Na sobrevivência.

Conforme a luz começa a se infiltrar através da escuridão do lado de fora da janela, por volta das cinco da manhã, ele me diz que está tocando órgão na Igreja Episcopal da Banner Street, na missa das oito.

— Você quer ficar até chegar a hora? — pergunto.

— Você quer que eu fique?

— O que você acha?

Ele se estende ao lado da parede e me puxa para ele, curvando-se em torno do meu corpo novamente, prendendo a minha cintura com o braço. Enquanto estou deitada lá, sincronizando minha respiração com a dele, acompanho o momento em que ele cai no sono. Sinto o cheio almiscarado de sua loção pós-barba, um cheiro de óleo de cabelo. Procuro sua mão e agarro seus dedos longos e os enrolo por entre os meus, pensando nos passos fatídicos que me levaram a ele. Se eu não tivesse vindo nesta viagem. Se eu tivesse procurado um lugar para comer. E se Richard tivesse nos levado para um bar diferente... Há tantas maneiras de jogar este jogo. Ainda assim, não posso evitar o pensamento de que tudo que passei me levou a isso. Se eu não tivesse sido escolhida pelos Byrne, eu não teria terminado com os Grote e não teria conhecido a srta. Larsen. E se a srta. Larsen não tivesse me levado para a sra. Murphy, eu jamais encontraria os Nielsen. E se eu não estivesse vivendo com os Nielsen e não estivesse estudando com Lil e Em, jamais viria a Minneapolis esta noite... E provavelmente nunca teria visto Dutchy novamente.

Minha vida inteira foi levada pelo acaso. Momentos aleatórios de perda e conexão. Esta é a primeira vez, porém, que ela encontra o destino.

— E ENTÃO? — QUER SABER LIL. — O QUE ACONTECEU?

Estamos em nosso caminho de volta para Hemingford, com Em esticada e gemendo no banco de trás, usando óculos escuros. Seu rosto tem uma tonalidade esverdeada.

Estou determinada a não dizer nada, nem dar uma pista.

— Não aconteceu nada. E com você, o que aconteceu?

— Não mude de assunto, mocinha — diz Lil. — Como você conhecia aquele cara, afinal?

Eu estava pronta para uma resposta, porque já tinha pensado nela antes.

— Ele foi algumas vezes na loja.

Lil está cética.

— O que ele poderia fazer em Hemingford?

— Ele vende pianos.

— Hunf... — diz ela, claramente ainda não convencida. — Bem, vocês dois parecem se dar muito bem.

Eu dou os ombros.

— Ele é um sujeito simpático.

— Quanto dinheiro um cara que toca piano pode ganhar, afinal? — pergunta Em do banco de trás.

Quero dizer a ela para calar a boca. Em vez disso, respiro profundamente e respondo com despreocupação:

— Quem sabe? Não vou me casar com ele ou qualquer coisa parecida.

Dez meses mais tarde, depois de narrar essa conversa para duas dezenas de convidados do casamento, no piso inferior da igreja luterana, Lil levanta a taça para um brinde.

— À Vivian e ao Luke Maynard — diz ela. — Que eles sempre façam lindas músicas juntos.

Na frente de outras pessoas eu posso chamá-lo de Luke, mas ele vai ser sempre Dutchy para mim. Ele me chama Viv – soa um pouco como a pronúncia correta de Niamh (Ni-iv), diz ele.

Decidimos que vamos viver em Hemingford para que eu possa administrar a loja. Vamos alugar um pequeno bangalô em uma rua próxima aos Nielsen – quatro quartos no térreo e um em cima. Enquanto isso, talvez com uma pequena ajuda do sr. Nielsen, que pode ter mencionado algo ao superintendente em uma reunião do Rotary, a escola de Hemingford anuncia que está à procura de um professor de música. Dutchy também mantém seu show no fim de semana no Grand, em Minneapolis, e vou com ele nas noites de sexta e de sábado para jantarmos e eu ouvi-lo tocar. Aos domingos, ele toca órgão no templo luterano, substituindo o organista pé de chumbo, que foi convencido a se aposentar.

Quando eu disse à sra. Nielsen que Dutchy me pediu em casamento, ela franziu o cenho.

— Pensei que você tivesse dito que não queria nada com o casamento — replicou ela. — Você só tem vinte anos. E como vai ficar o seu curso na faculdade?

— O que tem isso? — perguntei. — É apenas um anel no dedo e não um par de algemas.

— A maioria dos homens quer que as mulheres fiquem em casa.

Quando contei essa conversa a Dutchy, ele ri:

— Mas é claro que você vai se formar. Essas leis fiscais são complicadas!

Dutchy e eu somos tão opostos quanto duas pessoas podem ser. Sou prática e circunspecta, ele é direto e impulsivo. Estou acostumada a acordar antes de o sol nascer, e ele me puxa de volta para cama. Ele não tem cabeça para a matemática, portanto, além de manter os livros contábeis na loja, eu equilíbrio as nossas contas em casa e cuido de pagar nossos impostos. Antes de encontrá-lo, eu poderia contar nos dedos de uma só mão quantas vezes eu tinha tomado um drinque; ele gosta de beber alguma coisa todas as noites, diz que isso o relaxa e vai me relaxar também. Ele é habilidoso com pregos e martelos por conta de sua experiência nas fazendas, mas quase sempre deixa projetos pela metade; janelas de proteção contra as tempestades encostadas num canto, enquanto a neve se enfurece lá fora, uma torneira pingando sem peças, todas elas espalhadas pelo chão.

— Não consigo acreditar que eu a encontrei — ele me diz, vezes sem conta, e eu também mal consigo acreditar. É como se um pedaço de meu passado voltasse à vida, e com isso todos os sentimentos que eu lutei para manter escondidos... A minha dor por ter perdido tanto, por não ter ninguém com quem contar, por manter tanta coisa oculta. Dutchy estava lá. Ele sabe quem eu era. Não tenho que fingir.

Ficamos deitados na cama aos domingos por muito mais tempo do que eu estava acostumada, porque a loja só abre depois das dez, e não há nenhum lugar onde Dutchy tenha que estar. Faço café na cozinha e trago duas canecas fumegantes de volta para a cama, e passamos horas juntos naquela luz suave da manhã. Estou delirando de desejo e com a realização desse desejo, o desejo de tocar sua pele quente, acompanhar os músculos logo abaixo da pele com a ponta de meus dedos, pulsando de vida. Eu me aninho em seus braços, nas dobras dos joelhos, seu corpo se curva sobre o meu, a respiração dele na minha nuca, os dedos traçando os meus contornos. Nunca me senti assim, de raciocínio lento e me sentindo lânguida, sonhadora, distraída, esquecida, focada nos momentos apenas quando eles aparecem.

Quando Dutchy vivia nas ruas, nunca se sentiu tão sozinho, ele me conta, como quando crescia, em Minnesota. Em Nova York, os meninos estavam sempre pregando peças uns nos outros e partilhando a sua comida e suas roupas. Ele sente falta das pessoas passando com pressa, sente falta do barulho e do caos, dos Modelos T pretos chacoalhando sobre os paralelepípedos, do cheiro melado dos amendoins doces dos vendedores de rua.

— E você, já desejou alguma vez voltar? — perguntou ele.

Balanço a cabeça, negando.

— Nossa vida era tão difícil! Não tenho muitas lembranças felizes daquele lugar.

Ele me puxa para perto, passa os dedos na pele macia debaixo do meu braço.

— Você acha que seus pais eram felizes?

— Pode ser, não sei.

Puxando o cabelo para trás de meu rosto e traçando o contorno de meu queixo com o dedo, ele diz:

— Com você eu ficaria feliz em qualquer lugar.

Apesar de ser apenas o tipo de coisa que ele diz, acredito que é verdade. E sei, com a clareza recente de estar em um relacionamento, que meus próprios pais nunca foram muito felizes juntos, e provavelmente nunca teriam sido, qualquer que tivesse sido a circunstância.

EM UMA TARDE AMENA, NO INÍCIO DE DEZEMBRO, ESTOU NA LOJA repassando os pedidos de estoque com Margaret, nossa aguçada gerente de contas. Os recibos e os formulários estão espalhados pelo chão; tento decidir se encomendo mais calças femininas do que no ano passado e estudo os estilos mais populares no catálogo, bem como na *Vogue* e na *Harpers Bazaar*. O rádio está baixo, tocando um *swing*, quando Margaret ergue a mão e diz:

— Espere, você ouviu isso? — Ela corre para o rádio e aumenta o volume.

“Repetimos: este é um anúncio especial. O presidente Roosevelt disse em um comunicado hoje que os japoneses atacaram Pearl Harbor, no Havaí, pelo ar. O ataque dos japoneses também foi realizado em todas as atividades navais e militares na ilha de Oahu. O número de vítimas é desconhecido.”

E assim, do nada, tudo muda.

Algumas poucas semanas mais tarde, Lil vem me ver na loja, com os olhos vermelhos e as lágrimas molhando suas faces.

— Richard embarcou ontem, e eu nem sei para onde ele está indo. Eles apenas deram a ele um endereço de correspondência com números que não me dizem nada. — Soluçando num lenço branco amassado, ela diz: — Achei que essa guerra estúpida estaria acabada a esta altura. Por que meu noivo tem que ser convocado? — E quando eu a abraço, ela se agarra ao meu ombro.

Para onde quer que você olhe, há cartazes incentivando o sacrifício e o apoio para o esforço da guerra. Muitos artigos passam a ser racionados – carne, queijo, manteiga, banha, café, açúcar, seda, náilon, sapatos, toda a nossa maneira de fazer negócios muda quando trabalhamos com esses frágeis folhetos azuis. Aprendemos a ter troco para os selos de racionamento, dando fichas de pontos vermelhos como troco para os selos vermelhos (para carne e manteiga) e fichas de pontos azuis para os selos azuis (para alimentos processados). As fichas são feitas de fibra de madeira compensada, do tamanho de moedas.

Na loja, passamos a coletar as meias de seda pouco usadas pelas senhoras para usar em

cordas e paraquedas, e latas e aço, para sucata e esteiras de tanques e caminhões. “Boogie Woogie Bugle Boy” fica tocando constantemente no rádio. Eu altero as nossas compras para refletir o clima, encomendando cartões de presente e envelopes azuis do correio aéreo às centenas, dezenas de bandeiras americanas em todos os tamanhos, carne seca, meias quentes, baralhos de cartas para jogar que vão em pacotes de ajuda para os soldados no exterior. Nossos rapazes do estoque limpam as calçadas de neve e entregam pacotes e mantimentos.

Os rapazes de minha classe estão se alistando e sendo enviados embora, e toda semana temos um jantar de despedida no porão da igreja, no saguão do Roxy ou na casa de alguém. O namorado de Judy Smith, Douglas, é um dos primeiros. No dia em que ele completa dezoito anos, vai até o escritório de recrutamento e se apresenta para o serviço militar. O cabeça-quente do Tom Price foi o seguinte. Quando me encontro com ele na rua antes de ele embarcar, Tom me diz que não há nenhuma desvantagem, a guerra é uma porta aberta para viagens e aventura, com um bom grupo de rapazes com quem ficar e um salário. Não conversamos sobre os perigos, mas o que imagino é uma versão animada, balas voando e cada rapaz desses é um super-herói, correndo, invencível, passando no meio de uma chuva de balas.

Praticamente um quarto dos rapazes de minha classe são voluntários. E quando o alistamento começa, um número cada vez maior deles faz as malas e vai embora. Sinto pena dos meninos com pé chato ou asma, ou surdez parcial, que vejo na loja depois que seus amigos se foram, sem rumo, vagando pelos corredores. Eles parecem perdidos em suas roupas civis comuns.

Mas Dutchy não pretende aderir ao movimento.

— Deixe que venham me buscar — diz.

Não quero acreditar que ele vá ser convocado, afinal é um professor, é necessário na sala de aula. Mas logo fica claro que isso é apenas uma questão de tempo.

NO DIA EM QUE DUTCHY VAI EMBORA PARA O TREINAMENTO BÁSICO, em Fort Snelling, no condado de Hennepin, tiro o *claddagh* da corrente em volta de meu pescoço e o envolvo em um pedaço de feltro. Colocando-o no bolso do peito, digo a ele:

— Agora, uma parte de mim vai estar com você.

— Vou guardá-lo com a minha vida — diz ele.

As cartas que trocamos são repletas de esperança e saudade, e uma vaga ideia da importância da missão das tropas americanas. E dos marcos de seu treinamento: Dutchy passa no teste físico e faz alta pontuação na prova de aptidão mecânica. Com base nesses resultados, é alistado pela Marinha para ajudar a substituir os que foram perdidos em Pearl Harbor. Logo, ele é colocado em um trem para ir a San Diego e receber a formação técnica.

E quando, seis semanas depois de ele ir embora, eu escrevo para dizer-lhe que estou grávida, Dutchy diz que está se sentindo na lua.

— O pensamento de meu filho crescendo dentro de você irá me fazer sobreviver aos dias mais difíceis — escreve ele. — Só de saber que finalmente tenho uma família esperando por mim, fico mais determinado do que nunca a cumprir meu dever e encontrar o caminho de casa.

Eu me sinto cansada o tempo todo e doente do estômago. Minha vontade é ficar na cama, mas sei que é melhor me manter ocupada. A sra. Nielsen sugere que eu volte a morar

com eles. Ela diz que vai cuidar de mim e me alimentar, eles estão preocupados porque estou ficando muito magra. Mas prefiro cuidar de mim mesma. Tenho vinte e dois anos agora, e me acostumei a viver como adulta.

À medida que as semanas passam, estou mais ocupada do que nunca, trabalhando longos dias na loja e como voluntária à noite, coletando metal para reciclagem e organizando os envios para a Cruz Vermelha. Mas, por trás de tudo o que eu faço, sinto que existe uma sensação de medo. *Onde ele está agora, o que estará fazendo?*

Nas cartas que escrevo para Dutchy, tento não me debruçar sobre o fato de estar passando mal, aquela sensação constante de enjoo que o médico me diz significar que o bebê está crescendo dentro de mim. Em vez disso, escrevo a ele falando sobre a colcha que estou fazendo para o bebê, como recorto pedaços do jornal e depois colo em papel vegetal, que adere ao material. Escolhi uma estampa com um tecido nos cantos que se assemelha à trama de um cesto, com cinco tiras de tecido em volta da borda. É bem alegre, amarelo com azul, pêssego e chita cor-de-rosa, com triângulos esbranquiçados no meio de cada quadrado. As mulheres do grupo de costura da sra. Murphy, do qual sou o membro mais jovem e filha honorária, aplaudindo cada etapa que realizo, estão tomando um cuidado extra com ela, costurando à mão precisos pontos de uma estampa em cima do desenho.

Dutchy completa seu treinamento técnico e sua formação no convés de um porta-aviões, e, depois de ficar um mês em San Diego, é informado de que em breve será enviado ao exterior. Tendo em vista sua formação e a situação desesperadora com os japoneses, ele acha que será designado para o Pacífico central para ajudar as Forças Aliadas na região, mas ninguém sabe com certeza.

Surpresa, habilidade e poder, esta é a fórmula, segundo a Marinha diz a eles, que vai ajudar a vencer a guerra.

Pacífico central. Birmânia. China. Estes são apenas alguns nomes num globo terrestre. Peguei um dos mapas-múndi que vendemos na loja, enrolei firmemente e o coloquei em um recipiente vertical, depois o abri sobre o balcão. Meu dedo desliza sobre as cidades de Yangon, perto da costa, e Mandalay, a escura região montanhosa mais ao norte. Eu estava preparada para a Europa, até mesmo seus confins, a Rússia ou a Sibéria, mas o Pacífico central? É tão longe – do outro lado do mundo – que tenho dificuldade em imaginar. Vou para a biblioteca e empilho diversos livros sobre a mesa: estudos geográficos, histórias do Extremo Oriente, diários de viajantes. Aprendo que a Birmânia é o maior país do Sudeste Asiático, que faz fronteira com a Índia, a China e Sião. Fica na região das monções; o índice de chuvas anual nas áreas costeiras é de cerca de 500 milímetros, e a temperatura média passa dos 35 graus. Um terço de seu perímetro é de litoral. O escritor George Orwell publicou um romance, *Dias na Birmânia*, e vários ensaios sobre a vida lá. O que concluo dessa leitura é que a Birmânia é tão longe de Minnesota quanto possível.

Ao longo das próximas semanas, quando um dia segue ao outro, a vida é tensa e silenciosa. Ouço o rádio, vasculho o jornal, espero ansiosamente pelo correio e devoro as cartas de Dutchy quando elas chegam, verificando rapidamente as novidades... Ele está bem? Comendo bem, saudável? E analisando cada palavra, avaliando as nuances e os tons, como se as frases fossem um código que eu devesse decifrar. Levanto cada papel de carta na altura do nariz e sinto seu cheiro, o cheiro da tinta. Ele também segurou esse papel. Corro meus dedos pelas palavras escritas. Foi ele que formou cada uma delas.

Dutchy e seus companheiros estão à espera de ordens. Treinos de última hora no convés do porta-aviões à noite, a preparação das mochilas, cada canto cheio e cada peça no lugar, das rações às munições. Está quente em San Diego, mas todos foram avisados de que estará

muito pior no lugar para onde irão, quase insuportável.

“Eu nunca vou me acostumar com o calor”, escreve ele. “Eu sinto falta das noites frias, de andar ao longo da rua segurando a sua mão. Sinto até falta da maldita neve, e nunca pensei que diria isso, mas acima de tudo”, diz ele, sente falta de mim. Meu cabelo ruivo ao sol. As sardas no nariz. Meus olhos castanhos. A criança que cresce dentro de mim. “Você deve estar ficando grande”, completa. “Só posso imaginar a visão...”

Agora eles estão no porta-aviões, na Virgínia. Esta é a última carta que ele vai mandar antes de embarcar; ele a entregou a um capelão que veio a bordo para vê-los antes de partirem.

“O convés de voo tem quase trezentos metros”, escreve, “e usamos sete cores diferentes para designar nossas funções. Como sou técnico de manutenção, minha jaqueta de convés, a boia e o capacete são todos de um verde horroroso, da cor de ervilhas cozidas”.

Eu o imagino de pé naquela pista de pouso flutuante, seu lindo cabelo loiro escondido naquele capacete sem graça.

Ao longo dos próximos três meses, recebo dezenas de cartas, semanas depois que ele as escreveu, algumas vezes duas de cada vez no mesmo dia, dependendo de onde elas foram enviadas. Dutchy me fala sobre o tédio da vida a bordo – como o seu melhor amigo dos dias de treinamento básico, outro rapaz de Minnesota chamado Jim Daly, o ensinou a jogar pôquer, e ele passa longas horas abaixo do convés principal com um elenco rotativo de homens num jogo sem fim. Ele fala sobre o seu trabalho, sobre o quanto é importante seguir o protocolo e como é pesado e desconfortável o capacete, e como ele está começando a ficar acostumado com o rugido dos motores de avião conforme decolam e pousam. Fala de ter ficado enjoado e do calor. Mas não menciona nada sobre os combates ou sobre os aviões abatidos. Não sei se ele não está autorizado a falar sobre isso ou se não quer me assustar.

“Eu amo você”, escreve de novo e de novo. “Não posso suportar viver sem você. Estou contando os minutos até voltar.”

As palavras que ele usa são as expressões idiomáticas usadas nas canções populares e poemas que estão no jornal. E as que uso para ele não são menos clichê. Eu me debato sobre a folha de papel de carta, tentando derramar meu coração em cada página. Mas só consigo vir com as mesmas palavras, na mesma ordem, esperando que a profundidade do sentimento que existe por trás delas transmita peso e substância: *Eu te amo. Estou com saudades. Tenha cuidado. Fique em segurança.*

São dez horas de uma manhã de quarta-feira, e estou na loja agora por uma hora, primeiro vendo as contas na sala dos fundos, e depois andando em cada um dos corredores, como faço todos os dias, para garantir que as prateleiras fiquem arrumadas e os cartazes das vendas sejam exibidos corretamente. Estou no corredor de trás, refazendo uma pequena pirâmide de um creme para o rosto que escorregou sobre uma pilha de sabonetes, quando ouço o sr. Nielsen dizer: “Posso ajudá-lo?”, com uma voz dura e estranha.

Então ele diz, fortemente:

— Viola.

Eu não paro o que estou fazendo, embora meu coração dispare em meu peito. O sr. Nielsen raramente chama a mulher pelo nome. Continuo a construir a pirâmide de potes de creme, cinco na base, depois quatro, três, dois, e um pote no alto. Empilho os frascos que sobraram na prateleira atrás da vitrine. Recoloco o sabonete que tinha sido derrubado da pilha. Quando termino, estou no corredor, esperando. Ouço alguém sussurrando. Depois de um momento, a sra. Nielsen me chama:

— Vivian! Você está aí?

Um homem da Western Union está de pé junto à caixa registradora, em seu uniforme azul e boné preto de abas largas. O telegrama é curto.

A Secretaria da Guerra lamenta informar que Luke Maynard foi morto em ação em 16 de fevereiro de 1943. Mais detalhes serão encaminhados assim que se tornarem disponíveis.

Não ouço o que o homem da Western Union diz. A sra. Nielsen tinha começado a chorar. Toco minha barriga... O bebê. Nosso bebê.

Nos próximos meses, vou receber mais informações. Dutchy e três outros homens foram mortos quando um avião caiu sobre o porta-aviões. Não havia nada que se pudesse fazer; o avião partiu-se em cima deles.

“Espero que encontre conforto no fato de que Luke morreu instantaneamente. Ele não sentiu nada...”, foi o que escreveu seu colega de bordo, Jim Daly.

Mais tarde, recebi uma caixa com seus pertences pessoais, o relógio de pulso, as cartas que escrevi, algumas roupas. O *claddagh*. Abro a caixa e toco cada um desses itens, então a fecho e a coloco longe. Vai demorar anos até que eu use aquele colar de novo.

Dutchy não queria contar a ninguém na base que sua mulher estava grávida. Ele era supersticioso, dizia, e achava que se contasse daria azar. Fico feliz por isso, que a carta de condolências que Jim Daly trouxe era para uma mulher, não para a mãe.

Nas semanas seguintes eu me levanto cedo, antes de amanhecer, e vou trabalhar. Reorganizo toda a seção de mercadorias. Mando fazer um novo e enorme letreiro na porta de entrada e contrato um estudante de *design* para trabalhar nas nossas vitrines. Apesar da barriga enorme, dirijo até Minneapolis e caminho pelas grandes lojas de departamento, tomando notas sobre a maneira como eles criam as suas vitrines, as tendências de cores e estilos que não foram filtradas ainda para nós. Encomendo boias, óculos de sol e toalhas de praia para o verão.

Lil e Em me levam ao cinema, ao teatro, para jantar fora. A sra. Murphy me convida regularmente para um chá. E uma noite acordo com uma dor lancinante e sei na hora que preciso ir para o hospital. Telefono para a sra. Nielsen, conforme tínhamos combinado, e faço

uma mala pequena; ela me pega e me leva para lá. Fico em trabalho de parto durante sete horas, a agonia tão grande no último trecho que me pergunto se não seria possível me dividir no meio. Começo a chorar de dor, e todas as lágrimas que não derramei por Dutchy vêm à tona. Estou esmagada pela dor, pela perda, pela tristeza gritante de estar sozinha.

Aprendi há muito tempo que a perda não é apenas provável, mas inevitável. Sei o que significa perder tudo, sei o que é abrir mão de uma vida e encontrar outra. E agora sinto, com uma estranha e profunda certeza, que deve ser o meu destino na vida aprender essa lição vezes e vezes sem conta.

Deitada na cama do hospital, sinto tudo isso: o peso terrível da tristeza e o desmoronamento dos meus sonhos. Começo a soluçar incontrolavelmente por tudo o que perdi: o amor da minha vida, a minha família, um futuro que me atrevi a imaginar. E, naquele momento, tomo uma decisão: não posso passar por tudo isso de novo. Não posso mais me entregar a alguém tão completamente e perdê-lo logo adiante. Não quero, nunca mais, experimentar a perda de alguém que eu ame além da razão.

— Ora, ora — diz a sra. Nielsen, aumentando a voz em alarme. — Se você continuar assim, pode... — ela diz “sofrer”, mas eu escuto “morrer”.

— Eu quero morrer — digo a ela. — Não tenho mais nada.

— Você tem o bebê — diz ela. — Você vai continuar por esse bebê.

Eu me viro. Empurro, e depois de um tempo o bebê nasce.

A menina é tão leve quanto um passarinho em meus braços. Seu cabelo é fino e ela é loira. Seus olhos são tão brilhantes como pedras submersas. Tonta devido à fadiga, eu a abraço, e fecho os olhos.

Não conto a ninguém, nem à própria sra. Nielsen, o que estou prestes a fazer. Sussurro um nome no ouvido de minha bebê: May. Maisie. Assim como eu, ela é a reencarnação de uma menina morta.

E então eu faço isso. Eu a entrego.

— Ah, Vivian, você deu a menina... — diz Molly, inclinando-se em sua cadeira.

As duas estavam ali sentadas por horas naquela sala de estar. O abajur antigo entre elas lança um brilho planetário. No chão, uma pilha de papéis de carta azuis está amarrada com um barbante, e há também um relógio de ouro masculino, um capacete de aço e um par de meias se derramando de um baú preto estampado com as palavras “Marinha dos Estados Unidos”.

Vivian alisa o cobertor sobre o colo e balança a cabeça como se estivesse mergulhada em profundos pensamentos.

— Sinto muito...

Molly passa o dedo no cobertor de bebê que nunca foi usado, os desenhos da estampa ainda bastante vivos, os intrincados pontos intocados. Então Vivian deu à luz um bebê e o entregou... E depois se casou com Jim Daly, o melhor amigo de Dutchy. Ela estava apaixonada por ele, ou era apenas por consolo? Será que ela contou a ele sobre o bebê?

Vivian se inclina e desliga o gravador.

— Bem, aqui é realmente o fim da minha história.

Molly olha para ela, intrigada.

— Mas esses foram apenas os primeiros vinte anos!

Vivian dá de ombros levemente.

— O resto foi relativamente tranquilo. Casei-me com Jim e acabei aqui.

— Mas todos esses anos...

— Foram bons anos, em sua maior parte. Mas nada particularmente dramático.

— Você... — Molly hesita. — Você estava apaixonada por ele?

Vivian olha pela janela da varanda. Molly segue o olhar dela até as formas das macieiras, pouco visíveis à luz da casa.

— Devo dizer honestamente que nunca me arrependi de me casar com ele. Mas você sabe o resto, por isso vou lhe dizer uma coisa. Eu o amava. Mas não como amei Dutchy, além da razão. Talvez você só tenha um amor desses uma vez na vida, não sei. Mas foi tudo bem. Foi o suficiente.

Foi tudo bem. Foi o suficiente. O coração de Molly se apertou como se tivesse sido esmagado por um punho. A profundidade da emoção sob essas palavras! É difícil para ela entender. Sentindo uma dor na garganta, ela engole em seco. Aquela postura resoluta e não sentimental de Vivian é algo que Molly entende muito bem. Então, ela apenas balança a cabeça e pergunta:

— Então, como você e Jim acabaram juntos?

Vivian franze os lábios, pensando.

— Cerca de um ano depois que Dutchy morreu, Jim voltou da guerra e entrou em contato comigo, porque tinha algumas pequenas coisas de Dutchy. Como sua gaita e um baralho, coisas que a Marinha ainda não tinha enviado. E assim começou, você sabe como é. Foi um conforto ter alguém para conversar, acho que para nós dois, era outra pessoa que também conhecia Dutchy.

— Ele sabia que você tinha tido um bebê?

— Não, acho que não. Nós nunca conversamos sobre isso. Parecia demais sobrecarregá-lo com isso. A guerra tinha cobrado um preço alto; havia uma porção de coisas sobre as quais

ele também não queria conversar.

“Ele era bom com números — continuou Vivian. — Muito organizado e disciplinado, muito mais do que Dutchy. Honestamente, duvido que a loja tivesse crescido metade do que cresceu se Dutchy tivesse ficado vivo. Isso é uma coisa terrível de dizer? Bem, mesmo assim. Ele não se importava um pingo com a loja, não queria tomar a frente disso. Ele era músico, entende? Não tinha cabeça para negócios. Mas Jim e eu fomos bons parceiros. Trabalhávamos bem juntos. Eu fazia os pedidos e ele atualizava o estoque, e atualizou o sistema de contabilidade, trouxe novas caixas registradoras elétricas, simplificou o sistema com os fornecedores, modernizou tudo.

“E vou lhe dizer uma coisa: casar com Jim foi como entrar na água com a mesma temperatura do ar. Eu mal tive que me adaptar à mudança. Ele era um sujeito decente, um homem trabalhador, calmo, um bom homem. Nós não éramos daqueles casais que terminam as frases um do outro, nem sei se eu poderia dizer o que estava acontecendo em sua cabeça na maior parte do tempo. Mas sempre fomos respeitosos um com o outro. Gentis um com o outro. Quando ele ficava nervoso, eu o evitava, e quando eu estava no que ele chamava ‘meus dias de mau humor’ — às vezes passava dias sem dizer mais do que umas poucas palavras —, ele me deixava sozinha. O único problema entre nós era que ele queria um filho, e eu não pude dar isso a ele. Simplesmente não poderia fazê-lo. Disse a ele como eu me sentia desde o começo, mas acho que ele esperava que eu mudasse de ideia.”

Vivian se levanta de sua cadeira e vai para as janelas altas da varanda. Molly se sente chocada ao notar o quanto aquela senhora idosa é frágil, como sua silhueta é estreita e pequena. Vivian desata os laços de seda dos ganchos de cada lado, deixando a pesada cortina cair por sobre o vidro da janela.

— Eu me pergunto se... — Molly se aventura com cautela. — Alguma vez você já se perguntou o que aconteceu com a sua filha?

— Penso nisso, às vezes.

— Você talvez possa encontrá-la. Ela estaria... — Molly calcula de cabeça. — No fim dos sessenta anos, não é? Pode muito bem estar viva e...

Ajustando o caimento das cortinas, Vivian a interrompe:

— É tarde demais para isso.

— Mas por quê?

A pergunta se parece mais como um desafio. Molly prende a respiração, seu coração bate forte, consciente de que ela está sendo presunçosa, se não francamente rude. Mas esta pode ser sua única chance de perguntar.

— Eu tomei uma decisão. E tenho que viver com isso.

— Você estava em uma situação desesperadora.

Vivian ainda está na sombra, de pé ao lado das cortinas pesadas.

— Isso não é bem verdade. Eu poderia ter mantido o bebê. A sra. Nielsen teria ajudado. A verdade é que eu era uma covarde. Eu era egoísta e estava com medo.

— O seu marido tinha acabado de morrer. Eu posso entender isso.

— Sério? Eu não sei se posso. E agora, sabendo que Maisie estava viva todos esses anos...

— Ah, Vivian — diz Molly.

Vivian balança a cabeça. Olha para o relógio sobre a lareira.

— Meu Deus, olhe a hora, já passa da meia-noite! Você deve estar exausta. Vamos arrumar uma cama para você.

Molly está em uma canoa, remando com força contra a corrente. Seus ombros doem quando ela mergulha o remo na água de um lado e depois do outro. Seus pés estão encharcados, a canoa está afundando, se enchendo de água. Olhando para baixo, percebe seu telefone celular estragado, a mochila ensopada com seu *laptop*. A mochila vermelha está pendurada para fora da canoa. Observa quando ela se move para cima e para baixo nas ondas e, depois, lentamente, desce abaixo da superfície. Os ruídos da água preenchem seu ouvido, como os sons de uma torneira distante. Mas por que isso parece tão longe?

Ela abre os olhos. Pisca. Está brilhante. Tão brilhante. O som da água... Ela vira a cabeça e lá, através do batente da janela, está a baía. A maré está alta.

A casa está quieta. Vivian deve estar dormindo.

Na cozinha, o relógio marca oito horas. Molly separa a chaleira para o chá e vasculha os armários, encontra aveia e cranberries secos, nozes e mel. Seguindo as instruções do recipiente cilíndrico, ela prepara a aveia em cozimento lento (tão diferente daqueles pacotes cheios de açúcar que Dina compra), cortando e adicionando os frutos e as nozes, molhando tudo com um pouco de mel. Apaga o fogo do mingau de aveia, lava o bule de chá que usaram na noite anterior e as xícaras e pires. Em seguida, ela se senta em uma banqueta ao lado da mesa e aguarda Vivian.

É uma bela manhã no Maine, digna de cartão-postal, como Jack chama os dias como este. A baía brilha ao sol como as escamas de uma truta. À distância, perto do porto, Molly pode ver uma frota de pequenos veleiros.

O celular de Molly vibra. Uma mensagem de Jack.

E aí?

Este é o primeiro fim de semana, em meses, para o qual eles não fizeram planos. O telefone faz *brrr* de novo.

Posso ver você depois?

Toneladas de lição de casa, ela digita.

Estudamos junto?

Talvez. Chamo mais tarde.

Quando?

Ela muda de assunto:

Dia cartão-postal.

Vamos caminhar pela montanha Flying. Foda-se a lição.

A montanha Flying é um dos passeios favoritos de Molly, uma escalada íngreme de duzentos metros ao longo de uma trilha com pinheiros, uma vista panorâmica de Somes Sound, com uma descida sinuosa que termina em Valley Cove, praia de cascalho onde se pode deitar sobre grandes rochas planas, olhando para o mar, antes de voltar para o carro ou bicicleta, e pegar uma trilha atapetada de agulhas de pinheiros.

Tudo bem. Ela pressiona “enviar” e imediatamente se arrepende. Merda.

Em segundos, seu telefone toca.

— *Hola, chica* — diz Jack. — A que horas posso buscá-la?

— Humm, posso ligar depois?

— Vamos falar agora. Ralph e Dina estão à toda, certo? Sinto sua falta, gata. Aquela discussão idiota, o que foi mesmo? Já esqueci.

Molly se levanta, mexe um pouco a aveia sem nenhum motivo, coloca a palma da mão sobre a chaleira. Morna. Presta atenção para ver se escuta passos, mas a casa está tranquila.

— Ei — diz ela. — Eu não sei como lhe dizer isso.

— Me dizer o quê? — E, em seguida: — Espere um minuto, você está terminando comigo?

— O quê? Não. Não é nada disso. Dina me colocou para fora de casa...

— Você está brincando.

— Não.

— Ela fez isso... Quando?

— Ontem à noite.

— Ontem à noite? Mas... — Molly praticamente pode ouvir o giro das engrenagens. — Onde você está agora?

Respirando fundo, ela diz:

— Estou na Vivian.

Silêncio. Ele desligou?

Molly morde o lábio.

— Jack?

— Você foi para a casa de Vivian ontem à noite? Você dormiu na casa dela?

— Sim, eu...

— Por que não me ligou? — A voz dele está ríspida e acusatória.

— Não queria incomodar você.

— Não queria me incomodar?

— Acho que já contei demais com você. E depois da nossa briga, eu...

— Então você pensou assim: “Vou incomodar aquela velhinha de noventa anos, muito melhor do que incomodar o meu namorado”.

— Honestamente, eu não estava pensando direito — diz Molly. — Não sabia o que estava fazendo...

— Então foi andando até aí? Alguém lhe deu carona?

— Peguei o ônibus circular.

— A que horas foi isso?

— Por volta das sete.

— Por volta das sete. E você foi até a porta da frente e simplesmente tocou a campainha? Ou ligou antes?

Tudo bem, isso é o suficiente.

— Não estou gostando do seu tom de voz, Jack — diz Molly.

Jack suspira.

— Olhe — diz a garota. — Sei que é difícil para você acreditar, mas Vivian e eu somos amigas.

Faz-se uma pausa, e então Jack diz:

— A-hã.

— Temos muito em comum, na verdade.

Ele ri um pouco.

— Para com isso, Moll.

— Você pode perguntar a ela.

— Ouça. Você sabe o quanto eu me preocupo com você. Mas vamos cair na real. Você é uma criança adotiva de dezessete anos de idade que está em liberdade condicional. Acabou de ser expulsa de outra casa. E agora foi morar com uma rica senhora de idade que vive em

uma mansão. Muito em comum? E minha mãe...

— Eu sei, sua mãe...

Molly suspira alto. Por quanto tempo ela vai ficar em dívida com Terry, pelo amor de Deus?

— É complicado para mim — diz ele.

— Bem — diz Molly. Aqui vai... — Eu não acho que seja tão complicado agora. Já contei a Vivian que roubei o livro.

Faz-se uma pausa.

— E você contou que minha mãe estava sabendo?

— Conte... E disse que você atestou por mim. E que sua mãe confiou no filho.

— E o que ela falou?

— Entendeu perfeitamente.

Ele não disse nada, mas ela sente uma mudança, um abrandamento na postura do rapaz.

— Olha, Jack... Eu sinto muito. Sinto muito por colocá-lo nessa posição, em primeiro lugar. Foi por isso que não telefonei ontem à noite, não quero que você sinta que tem que me salvar mais uma vez. É chato para você, sempre me fazendo um favor, e isso é uma merda para mim, sempre sentindo que tenho que ser agradecida. Não quero ter esse tipo de relacionamento com você. Não é justo esperar que você cuide de mim. E acho honestamente que sua mãe e eu poderíamos nos dar melhor se ela deixasse de pensar que estou sempre tentando tirar vantagem e me aproveitar de todos.

— Ela não acha isso.

— Acha, sim, Jack. E não a culpo. — Molly olha, por cima, o chá que está esfriando na mesa. — E tenho que dizer mais uma coisa. Vivian disse que queria limpar o sótão. Mas acho que o que ela realmente queria era ver o que estava naquelas caixas pela última vez. E recordar essas partes de sua vida. Por isso estou feliz, de verdade, por ter sido capaz de ajudá-la a encontrar essas coisas. Sinto que fiz algo importante.

Molly ouve passos no andar de cima – Vivian deve estar a caminho do andar de baixo.

— Ei, tenho que ir. Estou fazendo o café da manhã. — Acende rapidamente o fogão para aquecer a aveia, derramando um pouco de leite desnatado e mexendo.

Jack suspira.

— Você é um grande pé no saco, sabia?

— Eu vivo lhe dizendo isso, mas você não quer acreditar em mim.

— Agora eu acredito — responde ele.

ALGUNS DIAS DEPOIS DE MOLLY SE INSTALAR NA CASA DE VIVIAN, MANDA uma mensagem de texto para Ralph, informando onde está.

Ele responde: *Me liga.*

E ela faz isso.

— E aí?

— Você precisa voltar para que possamos lidar com isso.

— Não, está tudo bem.

— Você não pode simplesmente fugir — diz ele. — Vai cair um monte de merda na cabeça de todo mundo.

— Eu não fugi. Vocês me chutaram para fora.

— Não, nós não. — Ele suspira. — Existem protocolos. Todo o Serviço Social vai querer me ver morto. A polícia também, se isso vazar. As coisas precisam seguir de acordo com o sistema.

— Acho que esse sistema já me encheu o saco.

— Você tem dezessete anos. Não fica de saco cheio do sistema antes que ele fique de saco cheio de você.

— Então, não diga nada a eles.

— Quer dizer, mentir pra eles?

— Não. É só... não contar.

Ele fica em silêncio por um momento. Então diz:

— Você está bem?

— Estou.

— E aquela senhora, tudo bem para ela você ficar lá?

— A-hã.

Ele resmunga:

— Aposto que ela não está certificada pela assistência social pra dar esse tipo de acolhimento...

— Não... tecnicamente.

— Não tecnicamente — ele ri secamente. — Merda... Bem, talvez você tenha razão. Não é preciso fazer nada drástico. Quando mesmo você faz dezoito anos?

— Em breve.

— Então, se isso não está nos prejudicando... E nem prejudicando você...

— Esse dinheiro vem a calhar, né?

Ele está em silêncio outra vez, e por um momento Molly acha que ele desligou o telefone na cara dela. Então, ele diz:

— Uma velha rica. Um casarão. Você se deu muito bem sozinha... Provavelmente não quer que a gente denuncie que sumiu...

— Então... Ainda vivo com vocês, certo?

— Tecnicamente — responde Ralph.

— Tudo bem com você?

— Tudo bem comigo. Minhas lembranças para Dina.

— Pode ter certeza de que enviarei.

TERRY NÃO FICA PARTICULARMENTE FELIZ EM ENCONTRAR MOLLY na casa, na segunda-feira.

— O que é isso? — exclama ela, com a voz aguda de indignação. Jack não contou a ela sobre as novas condições de vida de Molly; aparentemente, ele estava esperando que a situação fosse magicamente resolvida antes de sua mãe descobrir.

— Eu convidei Molly para ficar — anuncia Vivian. — E ela aceitou, muito graciosamente.

— Então ela não... — começa Terry, olhando para trás e para a frente entre as duas. — Por que você não está com os Thibodeau? — pergunta para Molly.

— Está um pouco complicado por lá no momento — responde a garota.

— O que significa isso?

— As coisas estão... inquietas — diz Vivian. — E estou perfeitamente feliz em deixar

que ela se acomode em um dos quartos vagos no momento.

— E a escola?

— É claro que ela vai para a escola. Por que não iria?

— Isso é muito... caridoso de sua parte, Vivi, mas imagino que as autoridades...

— Está tudo certo. Ela vai ficar comigo — diz Vivian com firmeza. — Que outra coisa eu faria com todos esses quartos? Abrir uma pousada?

O quarto de Molly fica no segundo andar, de frente para o oceano, no fim de um longo corredor, no lado oposto do quarto de Vivian. Na janela do banheiro de Vivian, também virado para o mar, uma leve cortina de algodão dança constantemente na brisa, sugada em direção à tela, e outra vez, ondulando na direção da pia, uma amável presença fantasmagórica.

Quanto tempo se passou desde que alguém dormiu neste quarto? Molly se pergunta. Anos e anos e anos...

Seus pertences, tudo o que trouxe com ela da casa dos Thibodeau, ocupam escassas três prateleiras no armário. Vivian insiste em que ela leve uma antiga escrivaninha que está na sala e a coloque no quarto, do outro lado do dela, para que possa estudar para as provas finais. Não há sentido em ficar confinada num só aposento quando há todas essas opções, não é?

OPÇÕES. ELA PODE DORMIR COM A PORTA ABERTA, PASSEAR LIVREMENTE, ir e vir sem ter alguém observando cada movimento seu. Ela não tinha percebido o quanto esses anos de críticas e de preconceitos, implícitos e expressos, tinham lhe custado. É como se estivesse andando em um fio, tentando manter o equilíbrio, e agora pela primeira vez se sente em terra firme.

— *Você está parecendo notavelmente normal*— diz Lori, a assistente social, quando Molly aparece no Laboratório de Química para o encontro quinzenal de costume. — Primeiro o anel de nariz desaparece. Agora você se livrou da listra branca do cabelo. Qual será a próxima novidade, um moletom com capuz da Abercrombie?

— Argh! Eu me mataria primeiro.

Lori sorri com seu sorriso de furão.

— Não fique muito animada — diz Molly. — Você não viu a minha nova tatuagem de vagabunda.

— Você não fez isso.

É uma espécie de diversão para Molly tentar fazer Lori adivinhar, então Molly apenas encolhe os ombros.

— Talvez sim, talvez não.

Lori balança a cabeça.

— Vamos ter que dar uma olhada naqueles papéis.

Molly entrega o formulário do serviço comunitário, devidamente preenchido e datado, juntamente com a planilha com o registro de suas horas trabalhadas e as assinaturas requeridas.

Lori analisa o formulário e diz:

— Impressionante. Quem fez a planilha?

— Quem você acha?

— Hummm — balbucia Lori, projetando o lábio inferior e rabiscando algo no topo do formulário. — E então, você terminou?

— Terminou o quê?

Lori lhe dá um sorriso zombeteiro.

— De limpar o sótão. Não é o que você deveria estar fazendo?

Certo. Limpar o sótão.

O sótão, finalmente, está limpo. Todos os itens das caixas foram removidos e discutidos. Algumas coisas foram levadas para baixo e algumas peças, irrecuperáveis, foram jogadas fora. É verdade, a maioria das coisas foi colocada de volta nas caixas e ainda está no sótão. Mas agora os lençóis estão cuidadosamente dobrados; os objetos mais frágeis estão cuidadosamente embalados. Molly se livrou das caixas que eram grandes demais ou disformes, ou que estavam em mau estado e as substituiu por novas caixas de papelão grosso, uniformemente retangulares. Tudo está bem identificado pelo local e pela data, e ordenadamente empilhado em sequência cronológica, sob o beiral do telhado. Você pode até dar uma volta lá em cima.

— Sim, está terminado!

— Pode-se fazer muita coisa em cinquenta horas, não é?

Molly assente. Você não tem ideia, ela pensa.

Lori abre a pasta sobre a mesa na frente dela.

— Então, veja só isso... Um professor colocou um bilhete aqui.

De repente, em estado de alerta, Molly se inclina para a frente. Que merda, o que foi agora?

Lori levanta um pouco o papel e o lê.

— O sr. Reed, Estudos Sociais. Diz que você fez um trabalho para a sua classe... Um projeto que tem a ver com “transporte”. O que é isso?

— É somente um trabalho de escola — diz ela cautelosamente.

— Hum... Você entrevistou uma viúva de noventa e um anos... É aquela senhora com quem trabalhou para cumprir as suas horas, certo?

— Ela só me contou algumas histórias. Não foi grande coisa.

— Bem, o sr. Reed não acha isso, para ele é uma grande coisa, sim. Diz que você foi acima da média e além. Ele a está indicando para algum tipo de prêmio.

— O quê?

— Um prêmio nacional de História. Não sabia disso?

Não, ela não sabia nada sobre isso. O sr. Reed não havia nem devolvido o trabalho ainda. Ela balança a cabeça.

— Bem, agora sabe. — Lori cruza os braços e se inclina para trás em seu banquinho. — Muito emocionante, hein?

Molly sente como se sua pele estivesse incandescendo, como se tivesse sido besuntada com uma substância quente feita a partir do mel. Sente um sorriso crescendo no rosto, mas tem que lutar para ficar “fria”.

E faz um esforço para dar de ombros.

— Provavelmente não vou ganhar nada.

— Pode ser que não — concorda Lori. — Mas, como dizem no Oscar, é uma honra ser indicado.

— Bela merda...

Lori sorri, e Molly não consegue segurar, sorrindo de volta.

— Estou orgulhosa de você, Molly. Está indo muito bem.

— Você só está feliz porque não estou no reformatório. Isso contaria como uma falha para você, certo?

— Certo. Eu perderia o meu subsídio de férias.

— Você teria que vender seu Lexus.

— Exatamente. Portanto, fique longe de problemas, combinado?

— Vou tentar — diz Molly. — Mas sem promessas. Você não quer que seu trabalho fique tão chato, não é mesmo?

— Não há perigo de isso acontecer — diz Lori.

A CASA ESTÁ EM PLENA ATIVIDADE. TERRY MANTÉM SUA ROTINA, E MOLLY se ocupa naquilo que pode – lavando um lote de roupa e pendurando no varal, preparando legumes salteados e outros jantares vegetarianos para Vivian, que não parece se importar com o custo extra e a falta de seres vivos no cardápio.

Depois de alguns ajustes, Jack acaba aceitando a ideia de Molly viver aqui. Por um lado, ele pode visitá-la sem o olhar de desaprovação de Dina. Por outro lado, é um lugar agradável para ficar. À noite, eles se sentam na varanda, em velhas cadeiras de vime de Vivian, quando o céu fica rosa, lavanda e vermelho, e as cores escoam em direção a eles e em toda a baía, uma magnífica aquarela viva.

Um dia, para espanto de todos, exceto para Molly, Vivian anuncia que quer ter um computador. Jack pede à companhia telefônica que instale um serviço wi-fi na casa e em seguida define onde instalar um modem e o roteador sem fio. Depois de estudar as várias

opções, Vivian – que, pelo menos ao que todos saibam, jamais tocou em um teclado eletrônico – decide pedir o mesmo *laptop* prata fosco de Molly. Ela realmente não sabe em que vai usá-lo, diz – só para olhar as coisas na internet e talvez ler o *New York Times*.

Com Vivian rondando em seu ombro, Molly vai para o site e se conecta em sua própria conta: clique, clique, o número do cartão de crédito, endereço, clique em... Ok, frete grátis?

— Quanto tempo vai demorar para chegar?

— Deixe-me ver... De cinco a dez dias úteis. Ou talvez um pouco mais.

— Será que tem como fazer com que chegue antes?

— Com certeza. Só que custa um pouco mais.

— Quanto mais?

— Bem, por vinte e três dólares a mais, o produto pode chegar aqui em um dia ou dois.

— Acho que, na minha idade, já não tem muito sentido ficar esperando, não é?

Assim que o *laptop* chega, uma elegante nave espacial retangular com uma tela brilhante, Molly ajuda Vivian a configurá-lo. Ela adiciona aos favoritos o *New York Times* (por que não?) e configura uma conta de e-mail (DalyViv@gmail.com), mas ela acha difícil que Vivian venha a usá-la. Ela mostra para Vivian como acessar o tutorial, o que ela obedientemente segue, exclamando para si mesma enquanto diz:

— Ah, é assim que funciona. Basta você apertar o botão... Oh! Ah, entendi. *Touchpad*... Onde é o *touchpad*? Ah, que boba que eu sou, é claro.

Vivian aprende rápido. E em breve, com algumas tecladas, ela descobre uma comunidade inteira de passageiros do trem e seus descendentes. Quase uma centena das duzentas mil crianças que viajaram naqueles trens ainda está viva. Ali estão os livros de registros e os artigos de jornal, peças de teatro e eventos. Lá está o Complexo Nacional do Trem dos Órfãos, situado em Concordia, Kansas, com um *website* que inclui testemunhas e fotografias dos passageiros, e um *link* para as perguntas mais frequentes (“Perguntas mais frequentes?”), Vivian está maravilhada. “Quem fez essas perguntas?”) Existe um grupo chamado New York Train Riders; os poucos sobreviventes restantes e seus muitos descendentes se reúnem anualmente em um convento em Little Falls, Minnesota. A Sociedade de Auxílio às Crianças e o New York Foundling Hospital têm *sites* com *links* de busca e informação sobre os registros históricos e arquivos. E há todo um lote de antepassados para pesquisar – filhos e filhas voando para Nova York, segurando álbuns de recortes, rastreando cartas, fotografias, certidões de nascimento.

Com a ajuda de Molly, Vivian configura uma conta na Amazon e faz pedidos de livros. Há dezenas de histórias infantis sobre os trens, mas ela está interessada é nos documentos, nos artefatos, nas histórias dos passageiros em livros autopublicados, cada livro um testemunho, uma revelação! Muitas das histórias, ela descobre, tiveram um seguimento parecido com a sua trajetória: *Essa coisa ruim aconteceu, e isso... E me encontrei em um trem... E essa coisa ruim aconteceu, e mais essa, mas cresci e me tornei um cidadão respeitável, cumpridor da lei, e me apaixonei, tive filhos e netos; em suma, tive uma vida feliz, uma vida que só foi possível porque eu era órfão ou abandonado e fui enviado para o Kansas, ou Minnesota, ou Oklahoma em um trem. Eu não trocaria isso por nada no mundo.*

— Então, é apenas a natureza humana que nos faz acreditar que as coisas acontecem por uma razão, para encontrar algum vestígio de significado, mesmo nas piores experiências? — pergunta Molly, quando Vivian lê algumas dessas histórias por alto.

— Isso certamente ajuda — diz Vivian. Ela está sentada numa poltrona com seu *laptop*, percorrendo histórias dos arquivos de Kansas, e Molly na outra, envolvida na leitura de livros de verdade da biblioteca de Vivian. Ela já tinha passado por *Oliver Twist*, e agora sua cabeça

estava enfiada em *David Copperfield*, quando Vivian solta um gritinho.

Molly olha para cima, assustada. Ela nunca ouvira Vivian emitir aquele som.

— O que foi?

— Acho... — murmura Vivian, seu rosto num tom azulado-brilhante pela tela do *laptop*, quando ela move dois dedos para baixo no *trackpad*. — Acho que acabo de encontrar Carmine. O bebê que estava no trem comigo. — Levanta o computador do seu colo e o entrega nas mãos de Molly.

A página é intitulada *Carmine Luten-Minnesota-1929*.

— Eles não trocaram o seu nome?

— Apparently não — diz Vivian. — Veja... Aqui está a mulher que o tirou dos meus braços naquele dia — ela aponta para a tela com o dedo encurvado, pedindo a Molly que role para baixo. — Uma infância idílica, diz o texto. Eles o chamavam de Carm.

Molly continua a leitura: Carm, ao que parece, teve sorte. Cresceu em Park Rapids. Casou-se com sua namorada de escola, tornou-se vendedor como seu pai. Ela se demora sobre a fotografia — uma tirada dele com seus novos pais, assim como Vivian os descreveu: sua mãe, magra e bonita, seu pai alto e magro, Carmine gordinho, com seu escuro cabelo encaracolado e os olhos cruzados, aninhado entre eles. Há uma foto dele no dia de seu casamento, com os olhos corrigidos, usando óculos agora, radiante ao lado de uma garota de bochechas redondas e cabelo castanho, ambos cortando um bolo branco de muitas camadas — e, em seguida, uma foto dele careca e sorridente, um braço em torno da mulher, mais gorda, mas ainda reconhecível, com uma legenda marcando o seu quinquagésimo aniversário de casamento.

A história de Carmine foi escrita por seu filho, que fez claramente muita pesquisa, e até uma peregrinação a Nova York para vasculhar o livro de registros da Sociedade de Auxílios às Crianças. O filho descobriu que a mãe biológica de Carmine, uma moça recém-chegada da Itália, morrera no parto, e seu pai, desamparado, o entregou para adoção. Carmine, consta em um *post-scriptum*, morreu em paz, com a idade de setenta e quatro anos, em Park Rapids.

— Gostei de saber que Carmine teve uma vida boa — diz Vivian. — Isso me deixa feliz.

Molly entra no Facebook e digita o nome do filho de Carmine, Carmine Luten Jr. Há apenas um. Ela clica na aba de fotos e entrega o *laptop* de volta para Vivian.

— Se você quiser, posso abrir uma conta para você por aqui. Você poderia enviar para o filho dele um pedido de amizade ou enviar uma mensagem pelo próprio Facebook.

Vivian vê a foto do filho de Carmine com sua mulher e os netos numa recente viagem de férias — para o castelo de Harry Potter, em uma montanha-russa ao lado de Mickey Mouse.

— Meu bom Deus. Não estou pronta para isso. Mas... — diz ela olhando para Molly. — Você é boa nisso, não é?

— No quê?

— Em encontrar pessoas. Você encontrou sua mãe. E Maisie. E agora isso.

— Ah. Não é bem assim. Eu somente digitei algumas palavras...

— Estive pensando sobre o que você disse outro dia — interrompe ela. — Sobre procurar a criança que dei para adoção. Nunca falei com ninguém sobre isso, mas, por todos esses anos que vivi em Hemingford, a todo instante que eu via uma menina de cabelos loiros com mais ou menos a idade dela, meu coração pulava. Estava desesperada para saber o que aconteceu com ela. Mas achei que não tinha esse direito. Agora me pergunto... me pergunto se não devemos tentar encontrá-la. — Vivian olha diretamente nos olhos de Molly. Sua face está com a expressão de alguém desprotegida, cheia de ansiedade. — Se eu decidir que

estou pronta, você vai me ajudar?

O telefone toca e toca na casa cavernosa, vários receptores em diferentes quartos tocando em diferentes tons.

— Terry? — A voz de Vivian sobe, estridente. — Você pode atender isso?

Molly, sentada em frente a Vivian na sala de estar, deposita o livro na cadeira e começa a se levantar.

— Parece que é aqui.

— Estou procurando por ele — chama Terry de outra sala. — Tem um telefone aí?

— Pode ser — responde Vivian, esticando o pescoço para olhar em volta. — Não sei dizer...

Vivian está sentada em sua cadeira favorita, aquela poltrona vermelha desbotada mais perto da janela, com o *laptop* aberto e bebericando uma xícara de chá. É outro dia de reunião dos professores na escola, e Molly está estudando para os exames finais. Embora seja o meio da manhã, elas ainda não abriram as cortinas; Vivian acha que o brilho do sol é muito forte na tela até mais ou menos as onze da manhã.

Terry entra agitada, meio resmungando para si mesma e para a sala.

— Diabos, é por isso que eu gosto de telefones fixos. Nunca deveria ter deixado Jack nos convencer a arrumar telefones sem fio. Juro que... Aqui está — ela puxa o aparelho de trás de uma almofada do sofá. — Alô? — Ela faz uma pausa, com a mão no quadril. — Sim, esta é a residência da sra. Daly. Posso perguntar quem é?

Ela apoia o aparelho no peito.

— Do registro de adoções — sussurra.

Vivian gesticula, chamando-a, e pega o telefone.

— Aqui é Vivian Daly.

Molly e Terry se inclinam, chegando mais perto.

— Sim, fui eu. A-hã. Sim. Ah, sério? — Ela cobre o receptor com a mão.

— Alguém que bate com os detalhes que eu informei preencheu um formulário. — Molly pode ouvir a voz da mulher do outro lado da linha, uma melodia metálica. — O que você disse? — Vivian coloca o telefone na orelha novamente e ergue a cabeça, ouvindo a resposta. — Catorze anos atrás... — diz a Molly e Terry.

— Catorze anos atrás! — Terry exclama.

A apenas dez dias, depois de fuçar um pouco na internet, Molly localizou um serviço de registros de adoções, estreitando sua busca para a classificação mais alta entre os usuários. O site, descrito como um sistema para as pessoas que querem estabelecer contato com seus parentes de sangue, parecia respeitável e honesto, sem fins lucrativos, não exigia pagamento. Molly mandou para seu e-mail o *link* do formulário de inscrição e o abriu na escola, onde o imprimiu e o levou para que Vivian preenchesse, apenas duas páginas, com os nomes da cidade, o hospital, a agência de adoção. Nos correios, Molly fez uma fotocópia da certidão de nascimento, que Vivian manteve em uma pequena caixa debaixo de sua cama por todos esses anos, com o nome original – May – que deu à sua filha. Então, colocou o formulário e a fotocópia em um envelope pardo endereçado à agência e o enviou, esperando não ouvir nenhuma notícia deles por semanas ou meses ou, possivelmente, nunca...

— Se eu tenho uma caneta? — murmura Vivian, olhando ao redor. — Se eu tenho uma caneta?

Molly corre para a cozinha e vasculha a gaveta de tralhas, puxando para fora um punhado de objetos para escrever, escrevendo depois no papel mais próximo à mão, o jornal diário, e rabiscando até encontrar uma caneta que tenha tinta. Ela leva uma caneta esferográfica azul e o jornal para Vivian.

— Sim, sim. Tudo bem. Sim, isso é bom — diz Vivian. — Agora, como se escreve isso? D-u-n-n... — esticando o jornal na mesa redonda que fica ao lado da cadeira, ela escreve um nome, um número de telefone e o endereço de e-mail acima da manchete, caprichando no “@”.

— Obrigada. Sim, muito obrigada.

Observando o receptor, ela clica no botão de desligar.

Terry vai até as altas janelas e puxa as cortinas, prendendo os laços de cada lado. A luz que inunda a sala é forte e brilhante.

— Pelo amor de Deus, agora eu não posso ver coisa alguma — repreende Vivian, protegendo a tela com a mão.

— Ah, desculpe! Você quer que eu feche novam...

— Não, está tudo bem — diz Vivian, fechando o *laptop*.

Ela olha para o jornal, como se o que ela escreveu sobre ele fosse alguma espécie de código.

— E então, o que você descobriu? — pergunta Molly.

— O nome dela é Sarah Dunnell. — Vivian olha para cima. — Ela mora em Fargo, Dakota do Norte.

— Dakota do Norte? Eles têm certeza de que vocês são parentes?

— Disseram que têm certeza. Eles checaram e cruzaram os registros de nascimento. Ela nasceu no mesmo dia, no mesmo hospital — a voz de Vivian estremece. — O nome original dela é May.

— Ah, meu Deus — Molly toca o joelho de Vivian. — É ela.

Vivian aperta as mãos no colo.

— É ela.

— Isso é realmente emocionante!

— É assustador — diz Vivian.

— Então, o que acontece a seguir?

— Bem, um telefonema, suponho. Ou um e-mail. Eu tenho seu endereço de e-mail.

Ela segura o jornal.

Molly se inclina para a frente.

— O que você quer fazer?

— Não... não tenho certeza.

— O telefonema seria mais imediato.

— Mas isso pode assustá-la.

— Ela está esperando por isso há um longo tempo.

— Isso é verdade. — Vivian parece hesitar. — Eu não sei. Tudo está andando tão depressa que eu...

— Depois de setenta anos — Molly sorri. — Tenho uma ideia. Vamos dar uma busca sobre ela no Google e ver o que se pode encontrar.

Vivian faz um gesto de “abracadabra” com a mão sobre o *laptop* prateado.

— Isso é rápido.

SARAH DUNNELL, AO QUE PARECE, É MUSICISTA. TOCAVA VIOLINO NA Orquestra Sinfônica de Fargo e lecionou na North Dakota State University até sua aposentadoria, há vários anos. É membro do Rotary Club e foi casada duas vezes, durante muitos anos com um advogado, e agora com um dentista que faz parte do conselho da orquestra. Tem um filho e uma filha que parecem estar com quarenta e poucos anos, e pelo menos três netos.

Nas dúzias de fotos que estão no Google, principalmente fotos de Sarah com seu violino em cerimônias de grupos do Rotary, ela é magra como Vivian, com uma expressão alerta. E tem cabelos loiros.

— Acho que ela deve tingir — diz Vivian.

— Assim com todas nós — responde Molly.

— Eu nunca fiz isso.

— Lógico. Nem todo mundo pode ter esses lindos cabelos prateados como os seus — completa Molly.

As coisas acontecem rapidamente agora. Vivian envia um e-mail a Sarah. Sarah telefona. Em poucos dias, ela e seu marido dentista reservam um voo para o Maine, no início de junho. Eles vão trazer sua neta de onze anos, Becca, que cresceu lendo *Blueberries for Sal* e está, segundo Sarah, sempre pronta para uma aventura.

Vivian lê alguns dos e-mails em voz alta para Molly.

Eu sempre me perguntei sobre você. Tinha perdido as esperanças de descobrir quem você é e por que me deu para adoção.

É emocionante, esse negócio de deixar tudo pronto. Um exército de trabalhadores marcha pela casa, pintando as guarnições, consertando os balaústres quebrados na varanda que dá frente para a baía, limpando os tapetes orientais e remendando as fissuras nas paredes, que aparecem a cada primavera, quando o solo descongela e a casa se reinstala no solo.

— É hora de abrir todos os quartos, você não acha? — Vivian diz uma manhã, durante o café da manhã. — Deixar o ar entrar.

Para que as portas dos quartos não ficassem batendo por causa das correntes de vento vindas do mar, elas foram presas com velhos ferros de mão que Molly tinha encontrado em uma das caixas no sótão. Abrir todas as portas e janelas dos quartos no segundo andar acabou criando uma brisa que sopra por toda a casa. Tudo parece mais leve, de alguma forma. Tudo parece aberto aos elementos.

Sem pedir a ajuda de Molly, Vivian faz um pedido de roupas novas para si mesma no *laptop* em seu colo, usando seu cartão de crédito.

— Vivian comprou roupas. Em seu *laptop* e com cartão de crédito. Você consegue acreditar nessas palavras que acabam de sair da minha boca? — conta Molly a Jack.

— É... E, antes que a gente perceba, vai cair uma chuva de sapos — diz ele.

Outros sinais do apocalipse proliferam. Depois que um anúncio *pop-up* aparece em sua tela, Vivian anuncia que pretende se inscrever no Netflix. Ela compra uma câmera digital na Amazon com um clique. E pergunta a Molly se a garota já tinha visto o vídeo do panda espirrando no YouTube. E até abre uma conta no Facebook.

— Ela enviou um pedido de amizade à sua filha — conta Molly a Jack.

— E a mulher aceitou?

— Imediatamente.

Os dois jovens balançam a cabeça.

Dois conjuntos de lençóis de algodão são retirados do armário de roupas e lavados, e depois pendurados para secar sobre o longo varal ao lado da casa. Quando Molly os retira, os lençóis estão secos e cheirosos. Ela ajuda Terry a arrumar as camas, esticando os lençóis brancos e limpos sobre colchões que nunca tinham sido utilizados.

Quando foi a última vez que alguma delas sentiu esse tipo de ansiedade? Até mesmo Terry entrou no clima.

— Estou pensando que tipo de cereal eu devia comprar para Becca... — murmura Terry, enquanto arruma a colcha de grinalda irlandesa sobre a cama da menina, que fica no corredor ao lado da suíte dos avós.

— Honey Nut Cheerios é sempre uma aposta segura — diz Molly.

— Pode ser que ela prefira panquecas. Você acha que ela gostaria de panquecas de mirtilo?

— Quem não gosta de panquecas de mirtilo?

Na cozinha, enquanto Molly limpa os armários e Jack aperta as travas da porta de tela, eles discutem o que Sarah e sua família podem querer fazer na ilha. Passear por Bar Harbor, tomar sorvete no Ben & Bill, comer lagosta no vapor em Thurston, talvez experimentar a Nonna, o novo restaurante italiano em Spruce Harbor...

— Ela não está aqui para fazer turismo. Está aqui para conhecer sua mãe de sangue — relembra Terry.

Eles se olham e começam a rir.

— Ah, sim, isso mesmo — diz Jack.

Molly está seguindo o filho de Sarah, Stephen, no Twitter. No dia do voo, ele escreve:

“Lá vai mamãe conhecer a sua mãe biológica de noventa e um anos. Vá entender. Uma vida totalmente nova aos sessenta e oito!”

Uma vida totalmente nova.

É um dia de cartão-postal no Maine. Todos os cômodos da casa estão prontos. Uma panela grande de sopa de peixe, a especialidade de Terry, está fervendo no fogão (com uma panela menor de sopa de milho, um aceno para Molly, ao lado). O pão de milho esfria no balcão. Molly fez uma grande salada e molho balsâmico.

Molly e Vivian ficaram perambulando durante toda a tarde, fingindo não olhar para o relógio. Jack ligou às duas da tarde para informar que o voo de Minnesota tinha pousado em Boston com algum atraso, mas que a conexão para Bar Harbor já tinha decolado, o avião estava programado para pousar em meia hora, e que ele estava indo para lá. Tinha levado o carro de Vivian, uma van azul Subaru (depois de dar uma boa lavada e aspirar tudo por dentro).

Sentada na cadeira de balanço na cozinha, olhando para o mar, Molly se sente estranhamente em paz. Pela primeira vez desde que se lembra, sua vida está começando a fazer sentido. O que até este momento parecia uma série de infelizes eventos, ao acaso e desconectados entre si, ela passa a ver como sendo os passos necessários numa jornada rumo... À *iluminação*, talvez seja uma palavra muito forte, mas há outras, menos nobres do que essa, como à *autoaceitação*. Ou como passou a ter uma *perspectiva* de sua vida. Ela nunca acreditou em destino, já que teria sido desanimador para ela aceitar que sua vida tinha se desenrolado de acordo com um plano predeterminado. Mas, agora, ela tem dúvidas. Se não tivesse saltado de um lar adotivo para outro, ela não teria terminado aqui nesta ilha e conhecido Jack e, através dele, Vivian. E nunca teria ouvido a história de vida de Vivian, com toda a ressonância em sua própria história.

Quando o carro estaciona na entrada, Molly ouve o barulho de cascalho lá da cozinha,

na extremidade oposta da casa. Ela estava prestando atenção nisso.

— Vivian, eles chegaram! — grita ela.

— Eu ouvi! — responde a senhora.

Encontrando-a no saguão de entrada, Molly pega a mão de Vivian. Então é isso, o culminar de tudo. Mas tudo o que ela diz é:

— Pronta?

— Pronta — responde Vivian.

Assim que Jack desliga o motor do carro, uma menina salta do banco traseiro usando um vestido azul listrado e tênis brancos. Becca – deve ser ela. Tem o cabelo ruivo. Longo e ondulado, e um punhado de sardas no rosto.

Vivian, agarrando-se à grade da varanda com uma mão, coloca a outra sobre a boca:

— Ah...

— Ah... — sussurra Molly atrás dela.

A menina acena.

— Vivian, chegamos!

A mulher loira saindo do carro, Sarah, olha para elas com uma expressão no rosto que Molly nunca tinha visto antes. Seus olhos estão bem abertos, procurando, e quando seu olhar pousa no rosto de Vivian, é surpreendente em sua intensidade, despojado de qualquer dissimulação ou convenção. Anseio, cautela, esperança e amor... Molly realmente enxerga tudo isso no rosto de Sarah, ou está se projetando? Ela vira os olhos para Jack, que está tirando as malas do carro, e ele assente e dá uma piscadela. *Eu vi. Eu sinto isso também.*

Molly toca o ombro de Vivian, frágil e ossudo sob seu cardigã de seda. Ela meio que se vira, meio que sorri, os olhos cheios de lágrimas. Sua mão treme em sua clavícula, na corrente de prata de seu pescoço, no *claddagh*... Aquelas mãozinhas segurando um coração corado: amor, lealdade, amizade, um caminho sem fim que leva para longe de casa e depois volta num círculo. Que viagem Vivian e esse colar fizeram, pensa Molly: saindo de uma aldeia de casas de pedra na costa da Irlanda para um cortiço em Nova York, de lá para um trem cheio de crianças, fumegando para o oeste através dos campos, para uma vida em Minnesota. E agora, para este momento, quase cem anos depois que tudo começou, na varanda de uma velha casa no Maine.

Vivian coloca o pé no primeiro degrau e tropeça um pouco, e cada uma das pessoas se move em direção a ela, como se estivessem em câmera lenta – Molly, bem atrás dela, Becca, chegando ao último degrau, Jack no carro, Sarah cruzando o cascalho, Terry vindo da lateral da casa.

— Eu estou bem — diz Vivian, segurando o corrimão.

Molly desliza um braço ao redor da cintura dela.

— Claro que está — sussurra. A voz dela é firme, embora seu coração esteja tão repleto que até dói. — E eu estou bem aqui atrás de você.

Vivian sorri. Ela se vira para Becca, que está olhando para ela com grandes olhos cor de avelã.

— E então? Por onde devemos começar?

Os fios deste romance – Minnesota, Maine, e Irlanda – foram tecidos em conjunto com a ajuda de um grande número de pessoas. Visitando a mãe do meu marido, Carole Kline, em sua casa em Fargo, Dakota do Norte, alguns anos atrás, li uma história sobre seu pai, Frank Robertson, que apareceu em um livro chamado *Century of Stories: Jamestown, Dakota do Norte, 1883-1983*, editado por James Smorada e Lois Forrest. O trecho “Eles o chamavam de ‘Trem dos Órfãos’, e ele provou que havia um lar para muitas crianças no campo” destacava Frank e seus quatro irmãos órfãos, que estavam instalados no orfanato em Jamestown, todos por fim adotados pela mesma família. Embora, como se viu, eles não estivessem “no trem dos órfãos”, a minha curiosidade foi aguçada. Fiquei espantada ao conhecer a amplitude e o âmbito da circulação dos comboios de órfãos, que transportaram, segundo os relatos, cem mil crianças da Costa Leste para o Meio-Oeste entre 1854 e 1929.

No decorrer de minha pesquisa, falei com Jill Smolowe, escritora e repórter da *People*, que achou que poderia existir um bom material sobre os sobreviventes “passageiros do trem”, como eles se autodenominavam, para uma reportagem da *People*. Embora a história nunca tenha se materializado, a pasta de material e contatos que Jill tinha compilado provou ser tremendamente útil. O mais significativo é que Jill me apresentou a Renee Wendinger, presidente do Midwest Orphan Train Riders, de New York, cuja mãe, Sophia Hillesheim, era uma passageira. Na 49ª reunião de 2009 em Little Falls, Minnesota, Renee me apresentou a meia dúzia de passageiros do trem, todos agora com seus noventa anos, incluindo Pat Thiessen, uma passageira do trem que veio da Irlanda e cuja experiência estranhamente se assemelhava ao que eu tinha esboçado para minha personagem. Durante a escrita deste romance, Renee paciente e generosamente ofereceu seus sábios conselhos na forma de grandes e pequenas correções de erros e também oferecendo a nuance histórica que faltava. Seu livro, *Extra! Extra! The Orphan Trains and Newsboys of New York*, tem sido um recurso inestimável. O romance não teria sido o mesmo sem ele.

Outros recursos que utilizei durante minha pesquisa sobre o trem dos órfãos foram as informações da Sociedade de Auxílio às Crianças; o New York Foundling (eu assisti a sua 140ª reunião em 2009 e conheci um bom número de passageiros do trem lá); o New York Tenement Museum; o Ellis Island Immigration Museum; e o National Orphan Train Complex em Concordia, Kansas, um museu e centro de pesquisa com uma presença *on-line* vibrante que inclui muitas histórias de passageiros do trem. Na Irma e Paul Milstein Division dos U. S. History, Local History and Genealogy e na New York Public Library, encontrei mais listas de crianças órfãs e indigentes da Sociedade de Auxílio às Crianças e do New York Foundling, depoimentos em primeira pessoa de passageiros do trem e de suas famílias, registros manuscritos, bilhetes de mães desesperadas que explicam por que elas haviam abandonado seus filhos, relatórios sobre imigrantes irlandeses, e muitos outros documentos que não estão disponíveis em nenhum outro lugar. Livros que eu achei particularmente úteis foram: *Orphan Train Rider: One Boy's True Story* por Andrea Warren; *Children of the Orphan Trains, 1854-1929* por Holly Littlefield; e *Rachel Calof's Story: Jewish Homesteader on the Northern Plains* editado por J. Sanford Rikoon (que eu encontrei em Bonanzaville, uma vila no estilo dos pioneiros e que tem um museu em West Fargo).

Durante meus anos como escritora-residente na Fordham University, eu tive o privilégio de receber uma bolsa de estudos da Faculty Fellowship e uma verba da Fordham Research,

que me permitiu realizar pesquisas em Minnesota e na Irlanda. Outra bolsa do Virginia Center for the Creative Art me deu espaço e tempo para escrever. O irlandês Brian Nolan me levou em turnê pelo condado de Galway. Suas histórias sobre sua governanta de infância Birdie Sheridan forneceram a inspiração para a vida da avó de Vivian. Na aldeia de Kinvara, Robyn Richardson me transportou para os pubs da Phantom Street e me deu um importante recurso: *Kinvara: A Seaport Town on Galway Bay* por Caoilte Breatnach e Anne Korff. Entre outros livros, *An Irish Country Childhood*, de Marrie Walsh, me ajudou com as épocas e os detalhes dos lugares.

Ao mesmo tempo que eu estava escrevendo este livro, a minha mãe, Tina Baker, começou a ministrar um curso sobre Mount Desert Island, no Maine chamado “Native American Women in Literature and Myth”. No final do curso, ela pediu que os alunos utilizassem o conceito do povo índio nativo-americano do “transporte” para descrever “as suas viagens ao longo de águas desconhecidas e o que eles escolheram para levar adiante quando as novas necessidades de transporte viessem”, como ela escreve na compilação de suas narrativas *Voices Yearning to be Heard: Acadia Senior College Students Pay Tribute to the Missing Voices of History*. Esse conceito de “transportar”, percebi, era a vertente faltando de que eu precisava para tecer o meu livro. Alguns livros adicionais moldaram a minha perspectiva: *Women of the Dawn* de Bunny McBride, *In the Shadow of the Eagle: A Tribal Representative in Maine* de Donna Loring (membro da Nação indiana Penobscot e ex-deputada estadual) e *Wabanakis of Maine and the Maritimes* pelo Wabanaki Program of the American Friends Services Committee. Os sites do Abbe Museum em Bar Harbor, Maine, e da nação indígena Penobscot forneceram material bem valioso também.

Eu confiei em bons amigos e na família pelo apoio e pelos conselhos: Cynthia Baker, William Baker, Catherine Baker-Pitts, Marina Budhos, Anne Burt, Deb Ellis, Alice Elliott Dark, Louise DeSalvo, Bonnie Friedman, Clara Baker Lester, Pamela Redmond Satran e John Veague. Meu marido, David, leu o manuscrito com um olho afiado e um coração generoso. Penny Windle Kline me informou sobre os protocolos de adoção e forneceu recursos cruciais. O sargento Jeffrey Bingham e seu tio Bruce Bingham, um general de brigada reformado do Exército dos EUA, ofereceram seu trabalho de checagem das seções que falam da Segunda Guerra Mundial. Bunny McBride, Donna Loring, Robyn Richardson e Brian Nolan leram os capítulos que eram ligados às suas especializações. Hayden, Will e Eli, meus filhos, corrigiram gentilmente qualquer fala adolescente que parecesse tosca demais. Minha agente, Beth Vesel, agiu como sempre e sua maneira notável tanto como mentora quanto como amiga. E minha editora na Morrow, Katherine Nintzel – além de seu bom senso habitual e aconselhamento inteligente – sugeriu uma mudança estrutural na última hora que transformou a narrativa.

Este livro não existiria sem os próprios passageiros dos trens. Tendo tido o privilégio de conhecer seis deles (todos entre as idades de noventa e cem anos) e de ler centenas de suas narrativas em primeira pessoa, eu tenho muita admiração pela sua coragem, fortaleza e perspectiva sobre esse episódio estranho e pouco conhecido na história da nação.

Roxana Robinson é a autora de *Cost*, indicada pelo *Washington Post* como um dos cinco melhores livros de ficção de 2008 – bem como de três romances anteriores, três coleções de contos e a biografia *Georgia O'Keeffe: A Life*. Quatro destas obras estavam entre as indicações do *New York Times*. Os trabalhos de Robinson apareceram em *The New Yorker*, *The Atlantic*, *Harper*, *Best American Short Stories*, *New York Times* e em outros lugares. Ela foi nomeada como Literary Lion pela New York Public Library e recebeu bolsas de estudo da National Endowment for the Arts, MacDowell Colony e John Simon Guggenheim Foundation. Seu romance *Sparta* está em desenvolvimento.

RR: Você poderia falar sobre como este livro começou? O que lhe deu a ideia para escrevê-lo?

CBK: Cerca de uma década atrás, ao visitar meus sogros na Dakota do Norte, acabei tomando conhecimento de um livro de não ficção que foi lançado pela Fort Seward Historical Society intitulado *Century of Stories: Jamestown and Stutsman County, 1883-1983*. Nesse livro havia um artigo chamado “Eles o chamavam de ‘Trem dos Órfãos’ e ele provou que havia um lar para muitas crianças no campo”. O avô de meu marido, Frank Robertson e seus irmãos tinham grande destaque nessa história. Isso tudo era novidade para mim, eu nunca tinha ouvido falar nesses trens de órfãos. No decorrer da pesquisa sobre a história dessa família, descobri que, apesar do trem dos órfãos ter de fato feito uma parada em Jamestown, na Dakota do Norte, e que órfãos daquele trem foram adotados por famílias locais, o clã Robertson veio do Missouri. Mas o meu interesse foi despertado, e eu sabia que desejava aprender mais sobre esse período pouco conhecido da história americana.

RR: O que foi mais atraente para você sobre a ideia de um trem de órfãos?

CBK: Eu acho que fui atraída por essa história em parte porque dois de meus próprios avós eram órfãos e pouco falavam sobre suas vidas quando crianças. Como romancista, eu sempre fui fascinada com a forma como as pessoas contam as histórias de suas vidas e o que essas histórias revelam – intencionalmente ou não –, sobre quem eles são. Sempre fico intrigada pelos espaços entre as palavras, os silêncios que ocultam segredos há muito guardados, as elisões que desmentem a aparência da superfície.

Minha própria descendência é parte irlandesa, e assim decidi que queria escrever sobre uma menina irlandesa que se mantém em silêncio sobre as circunstâncias que a levaram para o trem dos órfãos. Eu queria escrever sobre como os eventos traumáticos que estão além do nosso controle podem moldar e definir as nossas vidas. “As pessoas que cruzam a fronteira entre o mundo conhecido e aquele lugar onde o impossível acontece descobrem o problema de como transmitir essa experiência”, escreve Kathryn Harrison. Ao longo deste romance, meu personagem central, Vivian, vai da vergonha sobre seu passado para aceitação, e finalmente aceita tudo aquilo que ela passou. No processo, ela aprende sobre o poder regenerativo de reivindicar, e contar, sua própria história de vida.

Assim como meus quatro romances anteriores, *O Trem dos Órfãos* lida com as questões

de identidade cultural e de histórico familiar. Mas eu sabia imediatamente que se tratava de uma história maior e que precisaria de muita pesquisa. Esse enorme painel de possibilidades me atraiu imensamente. Eu estava ansiosa para ampliar meu alcance.

RR: Você foi ao Meio-Oeste visitar alguns dos lugares que descreve no livro?

CBK: Eu tenho ido a Minnesota e à Dakota do Norte há décadas. Conheço Minneapolis razoavelmente bem e sinto uma grande afinidade pela região. A família do meu marido tem uma casa no lago, perto Park Rapids, Minnesota, e eu passei muito tempo por lá. Várias das cidades pequenas que descrevo neste livro são inventadas, como é o caso de Spruce Harbor, no Maine, o cenário para a história que se passa na época atual. (Spruce Harbor é também o cenário para um dos meus romances, *The Way Life Should Be*). Plantar uma cidade imaginária em uma paisagem real me dá liberdade como escritora de inventar as coisas enquanto estou escrevendo.

RR: Que tipo de pesquisa você fez para o livro, e você entrevistou pessoas que estiveram ligadas a esse trem de alguma forma? Como foi isso?

CBK: Depois de encontrar artigos *on-line* do *New York Times* e outros jornais, eu li centenas de depoimentos em primeira pessoa de passageiros do trem, em reuniões de grupos de órfãos dos trens e em arquivos históricos. Essa pesquisa me levou para a New York Public Library, onde encontrei um tesouro de materiais contemporâneos originais. Devorei histórias de não ficção, romances infantis e livros ilustrados, e ainda realizei uma pesquisa no Tenement Museum de Nova York e na Ellis Island. Também viajei para o condado de Galway na Irlanda para pesquisar as raízes irlandesas de minha personagem.

Durante o processo de criação deste livro, assisti a reuniões dos passageiros dos trens dos órfãos em Nova York e Minnesota e pude entrevistar alguns deles e seus descendentes. Não há muitos deles sobrando, e aqueles que ainda estão vivos estão com mais de noventa anos de idade. Fiquei impressionada pela forma como eles estavam ansiosos para contar suas histórias, uns aos outros e para mim. Ao falar com eles e ler suas histórias, descobri que nenhuma dessas pessoas se debruçava demais sobre as consideráveis dificuldades que tinham enfrentado, em vez disso, todos se concentraram em demonstrar sua gratidão pelos filhos, netos e comunidades, pelas vidas que não teriam existido se não tivessem sido colocados nesses trens. Eu percebi que, na ficção, poderia fazer algo que é difícil de fazer na vida real: poderia me aprofundar nos detalhes rígidos dessa experiência sem a necessidade de criar uma narrativa de redenção.

RR: Qual foi a coisa mais surpreendente que saiu da pesquisa? O que você não esperava?

CBK: Durante décadas, muitos desses passageiros acreditavam que aquele trem onde tinham sido embarcados era o único. Eles não sabiam que faziam parte de um gigantesco experimento social que durou setenta e cinco anos. Não até que seus próprios filhos e netos se envolveram e começaram a fazer perguntas (existem mais de dois milhões de descendentes, segundo algumas estimativas), que conheceram outros passageiros dos trens

e começaram a compartilhar suas histórias.

RR: Você tem duas adolescentes como personagens principais e, apesar de estarem largamente separadas no tempo e pelas circunstâncias, as duas compartilham de algumas coisas. Você poderia falar sobre isso?

CBK: Quando escreve romances, você usa o instinto durante a maior parte do tempo. Quando comecei a escrever sobre Molly, uma *penobscot* de dezessete anos de idade e que havia sido entregue para adoção, acredite ou não, eu não percebi imediatamente os paralelos com Vivian, uma abastada viúva de noventa e um anos de idade. Mas conforme fui escrevendo e avançando na narrativa, pude ver que, além de certos paralelos na biografia – as duas perderam os pais e as mães estão no hospital ou na cadeia, ambas passaram de casa em casa e se depararam com o preconceito por causa de estereótipos culturais, as duas se apegaram a lembranças de talismãs de membros da família –, ainda são psicologicamente semelhantes. Para as duas, mudar de casa tem sido um princípio definidor: desde muito novas, ambas tiveram que aprender a se adaptar, a habitar novas identidades. As duas mulheres passaram boa parte de suas vidas minimizando o risco, evitando problemas complicados e mantendo silêncio sobre o passado. Foi só quando Vivian, em resposta a uma pergunta de Molly, começa a encarar a verdade sobre o que aconteceu há muito tempo é que ambas têm a coragem de fazer mudanças em suas vidas.

RR: Você pode falar sobre seus próprios sentimentos de conexão com o Maine, um lugar que você usa com frequência em sua obra? CBK: Apesar de ambos os meus pais serem do sul, nós nos mudamos para o Maine quando eu tinha seis anos de idade e nunca olhamos para trás. Não sou ingênua para me considerar nativa do estado, embora duas de minhas irmãs mais novas possam se considerar assim, já que nasceram lá. Mas passei meus anos de formação em Bangor, uma cidade de porte médio com trinta e cinco mil habitantes no rio Penobscot. Cerca de uma década atrás, meus pais se retiraram para Bass Harbor, uma pequena aldeia costeira em Mount Desert Island. Minhas três irmãs têm casas que ficam a cerca de cinco quilômetros da casa de meus pais, e uma delas vive lá com a família durante todo o ano. Tenho a sorte de passar os verões e outros feriados na ilha, meus três meninos consideram ali sua terra natal. Para mim, é tão simples quanto isto: o Maine é uma parte de quem eu sou.

RR: Você pode falar sobre a presença do tempo neste livro, a maneira como você o usa para definir e expandir?

CBK: A história que se passa nos dias de hoje se desenrola ao longo de vários meses e a seção histórica abrange vinte e três anos, de 1929 a 1943. Demorou algum tempo para descobrir como equilibrar as duas partes, para que se complementassem e melhorassem entre si.

Muitas vezes, quando estou lendo romances com histórias separadas, descubro que prefiro uma à outra e fico impaciente para voltar para a parte de que gosto mais. Tentei evitar isso neste livro, ao tecer uma história na outra, de forma que contivessem ecos e

referências uma da outra. Por exemplo, a avó de Vivian dá a ela um colar de *claddagh* em uma parte, e depois, nas páginas mais adiante, Molly faz comentários sobre o colar na história que se passa nos dias de hoje. Mas eu não queria que as referências fossem assim tão literais ou evidentes. Foi complicado! Eu também queria que a seção histórica terminasse com uma revelação surpreendente (que não vou contar aqui) e que a história que se passa hoje continuasse onde a outra parou, deixando evidente a mecânica da narrativa: a de que Vivian está contando a Molly sua história nos dias de hoje. Às vezes isso me deu uma dor de cabeça tentando descobrir como tudo se encaixava. Mais de uma vez, minha editora entrou na parada e salvou o dia, graças a Deus!

Uma breve história real do Trem dos Órfãos

O Trem dos Órfãos é especificamente uma história americana de mobilidade e desenraizamento, com um destaque pouco conhecido; é historicamente um momento importante no passado dos Estados Unidos.

Entre 1854 e 1929, o então chamado Trem dos Órfãos transportou mais de duzentos mil órfãos, crianças de rua e crianças abandonadas, muitas das quais, como a personagem deste livro, foram a primeira geração de imigrantes católicos irlandeses, levando-os das cidades costeiras do Leste dos Estados Unidos ao Meio-Oeste para “adoção”, que por muitas vezes terminou sendo um trabalho escravo.

Charles Loring Brace, que fundou o programa, acreditava que o trabalho duro, educação e firmeza, todos acompanhados de uma criação compassiva – sem mencionar os valores familiares cristãos do Meio-Oeste – eram a única maneira de salvar essas crianças de uma vida de depravação e pobreza.



Um grupo de passageiros do trem, do início do século XX, com seus acompanhantes.

Fotografia: Cortesia da Children's Aid Society Archive, Nova York.

Homes Wanted

FOR CHILDREN.

A Company of Orphan Children of different ages
will arrive at

Oakland, Iowa,
Friday, Dec. 9, '04.

The Distribution will take place at the
Opera House at 10:30 a.m. and 1:30 p.m.

The object of the coming of these children is to find homes in your midst, especially among farmers, where they may enjoy a happy and wholesome family life, where kind care, good example and moral training will fit them for a life of self-support and usefulness. They come under the auspices of the New York Children's Aid Society, by whom they have been tested and found to be well-meaning and willing boys and girls.

The conditions are that these children shall be properly clothed, treated as members of the family, given proper school advantages and remain in the family until they are eighteen years of age. At the expiration of the time specified it is hoped that arrangements can be made whereby they may be able to remain in the family indefinitely. The Society retains the right to remove a child at any time for just cause and agrees to remove any found unsatisfactory after being notified.

Applications may be made to any one of the following well known citizens, who have agreed to act as local committee to aid the agent in securing homes.

Committee: S. S. Rust, E. M. Smart, A. C. Vieth, E. C. Read,
W. B. Batler, Dr. R. G. Smith, N. W. Wentz.

Remember the time and place. All are invited.
Come out and hear the address.

Office: 105 East 22d St., New York City.

H. D. CLARK, Iowa Agent,
Dodge Center, Minn.

Avisos como este eram publicados nos dias e semanas antes que um trem chegasse à cidade.

Fotografia: Cortesia da Children's Aid Society Archive, Nova York.

Até a década de 1930 não havia nenhuma rede de segurança social; estima-se que, num determinado momento, mais de dez mil crianças viviam nas ruas de Nova York.

Muitas dessas crianças tinham experimentado grandes traumas em suas curtas vidas e não tinham ideia para onde estavam indo. O trem parava em uma estação e atraía pessoas da cidade local para que se reunissem e inspecionassem as crianças – muitas vezes, literalmente, examinando dentes, olhos e membros para determinar se uma criança era robusta o suficiente para o trabalho de campo, ou inteligente, ou calma o suficiente para cozinhar e limpar a casa. Bebês e meninos mais velhos saudáveis eram, tipicamente, escolhidos primeiro, as meninas mais velhas eram escolhidas por último.



Uma fotografia rara de um trem cheio de crianças a caminho do Kansas. Fotografia: Cortesia da Children's Aid Society Archive, Nova York.

Depois de um breve período de teste, as crianças eram passadas legalmente para as famílias que as acolheram. Se a criança não fosse escolhida, ele ou ela regressaria de volta ao trem para tentar novamente em uma próxima cidade.

Algumas crianças foram calorosamente recebidas por suas novas famílias e cidades. Outras foram espancadas, maltratadas, insultadas ou ignoradas. Todas perderam qualquer sentido de suas identidades e de suas origens culturais; irmãos foram muitas vezes separados, e o contato entre eles foi desencorajado. Esperava-se que crianças da cidade realizassem difíceis trabalhos no campo para os quais elas não estavam nem emocionalmente nem fisicamente preparadas.

Muitos dos passageiros dos trens dos órfãos eram imigrantes de primeira geração da

Itália, Polônia e Irlanda e sofriam provocações por seus sotaques estranhos; algumas mal falavam inglês. O ciúme e a competição nas novas famílias criaram brechas profundas, e muitas crianças acabaram sentindo que não pertenciam a lugar nenhum. Alguns desses meninos e meninas vagavam de casa em casa até encontrar alguém que os quisesse. A Sociedade de Auxílio às Crianças tentou acompanhar essas crianças, mas a realidade das grandes distâncias e a manutenção irregular dos registros tornou essa tarefa muito difícil.

Muitos passageiros do trem nunca falaram sobre suas vidas de antes. Mas, com o passar dos anos, eles e seus descendentes começaram a exigir que tivessem autorização para acessar os registros que até o momento estavam fechados para eles. Uma passageira do trem com quem conversei, de noventa e quatro anos de idade, Pat Thiessen, me disse que quando finalmente conseguiu sua certidão de nascimento aos cinquenta anos de idade, e com os nomes de seus pais, ela gritou de alegria. “Eu estava tão feliz por conhecer mais sobre mim mesma, mesmo que fosse só um pouco”, disse ela. “Entretanto, isso (ainda) parece incompleto. Quem foram meus avós, como eles eram? O que eles têm na minha família que eu poderia ter apreciado? Quem eu poderia ter sido? Eu penso em todas essas coisas, sabe? Claro, tive a sorte de ter uma boa casa, não é isso que eu quero dizer. Mas sempre senti que eles não eram a minha gente... E não eram...”



Passageira do trem em 1920, Pat Thiessen, vestida para sua primeira Páscoa com sua nova família, em Minnesota.

Fotografia: Cortesia da família Thiessen.

1 Livro cuja heroína é uma garota ruiva e sardenta. (N. E.)